

# **Fugas urbanas**

**Contributos para o estudo dos lugares das sociabilidades urbanas  
para jovens em contextos de sobrevivências da rua**

**Adelino de Jesus Antunes**

---

**Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos  
necessários à obtenção do grau de Doutor  
em Sociologia Rural e Urbana,  
realizada sob a orientação científica do Professor  
Doutor Luis Vicente Baptista**

**MARÇO DE 2010**



## DECLARAÇÃO

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

---

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apresentada a provas públicas.

O orientador

---

Lisboa, .... de ..... de .....

*Na consciência de que é mais fácil entrar do que sair, dedico carinhosamente este trabalho àqueles que algum dia ousaram reconquistar a sua dignidade pessoal e humana, perdida entre o prazer dos consumos e algumas conflitualidades da vida .*

## Agradecimentos

*Desde os primeiros passos, as primeiras palavras, as primeiras emoções que me foram passadas pelos meus pais;*

*Desde as aprendizagens (porventura as mais difíceis) das letras e das palavras à arte de as utilizar com propriedade e com beleza; Desde os saberes complexos das ciências e das artes até à aprendizagem das coisas simples da vida que nos tornam mais sábios; Desde a passagem desses saberes para novas aprendizagens do saber-fazer e do saber-ser, incluindo este mais recente prazer de descobrir nas coisas os seus porquês; Foram muitos os que, com mestria, me ajudaram a dar sentido às coisas da vida e cujos nomes e rostos recordo com gratidão.*

*De uma forma especial, ao Sr. Professor Doutor Luís Vicente Baptista que, agora, como já antes o fizera, me emprestou saberes e motivações, oferecendo-me a sua orientação científica e a sua cumplicidade na responsabilidade de investigar, estudar e concluir este trabalho e a formular as imensas interrogações que ainda restam.*

*À Dr<sup>a</sup> Madalena Sandeman e outros colegas do IDT pela valiosa e amiga colaboração na triagem dos dados daquele organismo.*

*Mas também os milhares que foram alvos da minha intervenção e pesquisa, nos lugares e circunstâncias mais estranhos, e que generosamente aceitaram confidenciar-me as suas histórias e as suas vidas, tão cheias de infortúnios mas também ricas de outros saberes e de emoções.*

*Aos que, nas ruas e lugares observados me permitiram generosamente invadir as suas vidas e que me ajudaram a compreender os seus sentimentos, emoções, saberes e a sua imagem sobre os lugares e os seus habitantes num olhar diferenciado sobre Lisboa. E também aos técnicos que, na rua, todos os dias acompanham estes ocupantes dos lugares e que aceitaram dividir comigo as suas opiniões e preocupações sobre o fenómeno*

*Ficariam certamente muitos por referenciar, alunos, formandos, colegas, orientadores e alguns chefes que me permitiram esta aventura de ousar todos os dias.*

*Não consigo esquecer também os que me serviram sempre de suporte (de vida e de emoções), os que me amaram e me deixaram amar, oferecendo-me dádivas imensas em cada momento da minha vida: A Paula que aceitou envelhecer comigo no risco e no prazer constante de viver e de amar a vida, O Pedro, a Rita, o Raul, desafios constantes desta necessidade de saber e de fazer. Também a Ana que Alguém, generosamente me encarregou de cuidar e que graciosamente me fez reinventar uma nova forma de viver e de amar.*

**Título:** **Fugas urbanas** - Contributos para o estudo das novas sociabilidades urbanas em contextos de sobrevivências da rua.

**Autor :** **Adelino de Jesus Antunes**

**Palavras Chave:** Sociabilidade, Grupo, Sobrevivência, Lugar.

**Keywords:** Sociability, Group, Survival, Place

**Mots clé :** Sociabilité, Grupe, Survive, Place

#### Resumo

Na noite de alguns lugares da cidade de Lisboa, cruzam-se pessoas à procura dos seus pares, com quem trocam solidariedades, cumplicidades, seringas, cachimbos ou simples metades de limões amarelecidos, à mistura com retalhos de vida confidenciados ao ouvido na partilha de um charro.

Por ali permanecem ou deles partem à procura do resguardo da noite clareada pelas luzes de néon.

O que os traz a estes lugares? Que caminhos percorrem para cá chegarem? Porque se procuram mutuamente na espera do consumo ou no "trabalho" que fazem para encontrar as moedas com que compram o prazer de alguns e o não sofrimentos de outros? E de onde partem, e porque partem dos seus lugares de origem estes utentes da cidade grande? E que relações estabelecem com estes lugares e com as suas gentes?

#### Abstract

At the night of some places of the city, people are crossing, seeking their peers, with whom they exchange solidarity, complicity, syringes, pipes or simple halves of lemons, mixing with remnants of life told in confidence in the ear while sharing a joint .

There they remain or leave, seeking for shelter for the neon light illuminated night.

What brings them to these places? What paths do they cross to arrive here? Why

are they seeking one another in hope of consumption or the "work" they have to find the coins with which they buy the pleasure of some and the non suffering of others? And from where they depart, and why this big city citizens leave their origin places? And which relations do they establish with these places and his people?

### Résumé

Dans la nuit de quelques places de la ville de Lisbonne, se croisent des personnes à la recherche de leurs paires, avec lesquelles ils changent des solidarités, complicités, seringues, pipes ou simples moitiés des citrons, au mélange avec des morceaux de vie confidencés à l'oreille dans le partage d'une "joint"

. À ces places Ils restent là ou d'ils partent à la recherche de la nuit éclairé par la lumière de néon.

Que les apporte à ces places? Quels chemins couvrent pour arriver ici? Pourquoi ils se cherchent mutuellement dans l'attente de la consommation ou dans le » travail » qui font pour trouver les monnaies avec lesquelles ils achètent le plaisir de quelques-uns et le non souffrances d'autres ? Et ils partent d'où, et pourquoi ils partent de leurs places d'origine ces usagers de la grande ville? Et que sortes de relations établissent avec ces lieux et de leurs populations?

**Nota Importante**

Por razões de reserva de vida privada e por me ter sido pedido por quase todos os actores com quem falei, todos os nomes referidos neste trabalho são fictícios

## Índice

<b>I. Introdução.....</b>	<b>1</b>
1.1 A Arrumação do Caos .....	2
1.2. Pertinência do estudo.....	3
1.3 . Conhecimento sociológico e intervenção social, a necessidade de alguma clarificação conceptual .....	5
<b>II. Definição do problema .....</b>	<b>10</b>
2.1 - As circunstâncias .....	11
2.2 - Nota sobre os limites e desafios da investigação.....	12
<b>III - Proposta metodológica para a investigação.....</b>	<b>16</b>
3.1 - Objectivos.....	17
3.2 - Alvos directos da investigação .....	17
3.2.1 - Os Conceitos.....	18
3.2.2 - A escolha dos lugares.....	20
3.3 - Metodologias de investigação.....	21
3.4 - Observação à distância .....	23
3.5 - Observação de proximidade .....	23
<b>IV. Em busca de saberes - Alguma pesquisa bibliográfica .....</b>	<b>28</b>
4.1 - Da cidade de Marx aos vazios urbanos .....	29
4.2 . A cidade dos lugares.....	36
4.3 – Os movimentos demográficos e as novas culturas.....	38
4.4 - Lugares de não-pertença e não-lugares .....	40
4.5- Lisboa, alguns bairros de realojamento.....	42
4.6 - A polifonia de alguns lugares .....	44
4.7 - Percursos de procura; do Bairro ao consumo .....	46
4.7.1 - A cidade e a geografia da invisibilidade .....	46
4.7.2 - Os “bairros perigosos” .....	48
4.7.3 -Um olhar marginal sobre alguns lugares da cidade .....	51
4.8- A relevância do lugar no processo de consumo de drogas ilícitas.....	53
4.9 - Marginalização e construção identitária.....	55
<b>V - Algumas considerações sobre os lugares .....</b>	<b>58</b>
5.1 - Os lugares psicotrópicos.....	59

5.2 - Lugares de consumo, Lugares de Actividade e Lugares de encontro.....	63
5.3 - Paisagens de compromisso .....	67
5.4 - Autóctones e migrantes - Relações dissonantes?.....	69
5.5 - A apropriação dos lugares .....	70
5.6 - A comunicação e Linguagens.....	72
5.7 - Os símbolos de identificação e de pertença.....	73
5.8- Sociabilidades e socialização urbana .....	75
5.9 – Artes. sons e ritmos .....	80
5.10 - Lugares de preconceitos .....	82
<b>VI - Trabalho de campo.....</b>	<b>84</b>
6.1 - Primeiros olhares .....	85
6.1.1 - Sistematização de uma primeira observação .....	85
6.1.2 -Entrevistas exploratórias .....	91
6.1.3 – Resumo dos conteúdos das entrevistas exploratórias.....	103
6.1.4 – Alguns olhares dos residentes dos lugares estudados.....	105
6.2- Os lugares .....	113
6.2.1 -A Relação entre os lugares seleccionados.....	113
6.3- A Rua do Meio no Casalinho da Ajuda. (freguesia da Ajuda, entre o Palácio Nacional da Ajuda e a Faculdade de Belas Artes) .....	116
6.3.1 -O retrato do lugar .....	117
6.3.2 - Dados demográficos e etnográficos .....	121
6.3.3 - Sociabilidades - O Grupo, as relações intergrupais e com o lugar .....	123
6.4 - Intendente (junto ao Chafariz).....	132
6.4.1 - O Retrato do lugar .....	133
6.4.2 - Dados demográficos e etnográficos .....	136
6.4.3 - Sociabilidades - O Grupo, as relações intergrupais e com o lugar .....	140
6.5 - Alcântara (Quinta do Cabrinha).....	148
6.5.1 - O Retrato do lugar .....	152
6.5.2 - <i>Dados demográficos e etnográficos</i> .....	154
6.5.3 - Sociabilidades - O Grupo, as relações intergrupais e com o lugar .....	157
6.6 - Freguesia do Santo Condestável - (Rua Maria Pia e Rua dos Prazeres).....	165
6.6.1 - O retrato do lugar .....	166
6.6.2 - <i>Alguns dados demográficos</i> .....	169
6.6.3 - Pela Primeira vez, um guia .....	171
6.6.4 - Sociabilidades - O Grupo, as relações intergrupais e com o lugar .....	174
6.7 -Freguesia dos Anjos (Igreja, R. Regueirão dos Anjos).....	179

6.7.1 - O retrato do lugar .....	181
6.7.2 –Dados demográficos .....	184
6.7.3 - Sociabilidades - O Grupo, as relações intergrupais e com o lugar .....	184
6.7.4 - A variabilidade estratégica dos lugares .....	193
6.8 - Freguesia de Stª Catarina (Rua Poço dos Negros).....	194
6.8.1 - O retrato do lugar .....	195
6.8.2 - Alguns dados demográficos.....	198
6.8.3 - Sociabilidades - O Grupo, as relações intergrupais e com o lugar .....	200
6.9 -Freguesia de S.Paulo (Miradouro de Santa Catarina e Calçada do Combro).....	206
6.9.1 - O retrato do lugar .....	207
6.9.2 - Alguns dados demográficos.....	211
6.9.2 - O Grupo, as relações intergrupais e com o lugar .....	214
<b>VII - Análise geral dos grupos observados.....</b>	<b>225</b>
7.1 - A constituição dos grupos .....	226
7.2 – as relações familiares X Permanência na rua.....	233
7.3 -As Relações intragrupalis .....	234
7.4 – As relações com os lugares e a construção de sentimentos de pertença .....	236
7.5 -As relações com os residentes .....	239
7.6 – Origens e movimentações.....	241
7.6 – As actividades de subsistência .....	243
<b>VIII - Conclusão.....</b>	<b>246</b>
<b>Epílogo .....</b>	<b>252</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>254</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>I</b>
Anexo 1 - Entrevista com Celestino Cunha – Associação Comunidade Vida e Paz.....	II
Anexo 2 -Entrevista com Carla Fernandes – Médicos do Mundo -.....	X
Anexo 3 - Entrevista com Cristina - Associação Crescer na Maior .....	XVII
Anexo 4 - Entrevistas com residentes .....	XXVI
Anexo 5 - Quadro referencial dos indivíduos observados .....	XLIX

## Índice de Ilustrações

<i>Ilustração 1 - um exemplo de bombing.....</i>	<i>81</i>
<i>Ilustração 2 - Painel de grafiti em constante renovação.....</i>	<i>81</i>
<i>Ilustração 4 Distribuição geográfica dos lugares observados .....</i>	<i>114</i>
<i>Ilustração 5 -Casalinho da Ajuda - Vista aérea.....</i>	<i>117</i>
<i>Ilustração 6 - Casalinho da Ajuda - Zona antiga.....</i>	<i>117</i>
<i>Ilustração 7 - Casalinho da Ajuda - Rua Fonseca Benevides (R. do Meio).....</i>	<i>118</i>
<i>Ilustração 8 - Intendente (junto ao Fontenário).....</i>	<i>133</i>
<i>Ilustração 9 - - Intendente - Fontenário - Vista aérea.....</i>	<i>133</i>
<i>Ilustração 10 - Quinta do Cabrinha - Vista aérea .....</i>	<i>152</i>
<i>Ilustração 11 - Quinta do Cabrinha - Fachada da Av. de Ceuta.....</i>	<i>153</i>
<i>Ilustração 12 - Quinta do Cabrinha - Pátio Interior esquerdo.....</i>	<i>156</i>
<i>Ilustração 13 - Rua Maria Pia - Meia Laranja - Vista aérea .....</i>	<i>166</i>
<i>Ilustração 14 - Rua Maria Pia - Meia-Laranja.....</i>	<i>166</i>
<i>Ilustração 15 - Rua Maria Pia .....</i>	<i>167</i>
<i>Ilustração 16 - Igreja e Rua Regueirão dos Anjos - Vista aérea .....</i>	<i>179</i>
<i>Ilustração 17 - Rua Regueirão dos Anjos .....</i>	<i>179</i>
<i>Ilustração 18 - Jardins António Feijó anexo à Igreja dos Anjos .....</i>	<i>180</i>
<i>Ilustração 19 - Jardins António Feijó, anexo à Igreja dos Anjos .....</i>	<i>181</i>
<i>Ilustração 20 - Centro de Apoio Social dos Anjos .....</i>	<i>181</i>
<i>Ilustração 21 - Rua Regueirão dos Anjos - Local de consumo e de pernoita.....</i>	<i>182</i>
<i>Ilustração 22 - Regueirão dos anjos - edifícios degradados, comércio abandonado .....</i>	<i>183</i>
<i>Ilustração 23 - Rua Poço dos Negros e Rua D. Carlos I - vista aérea.....</i>	<i>195</i>
<i>Ilustração 24 - Travessa dos Pescadores.....</i>	<i>196</i>
<i>Ilustração 25 - Rua Poço dos Negros - Predios devolutos .....</i>	<i>196</i>
<i>Ilustração 26 - Av. D. Carlos I - Local de consumo .....</i>	<i>197</i>
<i>Ilustração 27.....</i>	<i>207</i>
<i>Ilustração 28 - Freguesia de São Paulo (Miradouro e Calçada do Combro .....</i>	<i>207</i>
<i>Ilustração 29 - Miradouro de Santa Catarina .....</i>	<i>208</i>

---

<i>Ilustração 30 - Miradouro de Santa Catarina</i> .....	209
<i>Ilustração 31 - Calçada do Combro</i> .....	211

### Índice de Tabelas

<i>Tabela 1 -Problemas sociais segundo a gravidade</i> .....	83
<i>Tabela 2 - Uma primeira observação à distância</i> .....	87
<i>Tabela 3 - Origem dos elementos dos grupos por lugar de ocupação</i> .....	88
<i>Tabela 4 - Distribuição por género dos grupos nos lugares observados</i> .....	89
<i>Tabela 5 - Distribuição, por grupos etários e freguesias observadas, de indivíduos em tratamento nas ET's do IDT(2008)</i> .....	90
<i>Tabela 6 - gráfico de distribuição por idades</i> .....	121
<i>Tabela 7 - Gráfico da população por habilitação escolar</i> .....	121
<i>Tabela 8 - idades por sexo no grupo do Casalinho da Ajuda</i> .....	123
<i>Tabela 9 Habilitações escolares frequentadas</i> .....	124
<i>Tabela 10 - tempo com práticas de rua * tempo de permanência no grupo</i> .....	125
<i>Tabela 11 - genero * relações dentro do grupo</i> .....	126
<i>Tabela 12 - lugar de habitação * transportes utilizados nas deslocações para o encontro</i> .....	127
<i>Tabela 13 - relações com residentes</i> .....	130
<i>Tabela 14 - genero x actividade de subsistencia</i> .....	131
<i>Tabela 15 - Freguesia dos Anjos - Distribuição da população por grupos etários</i> .....	137
<i>Tabela 16 - Freguesia dos Anjos - Famílias Clássicas</i> .....	137
<i>Tabela 17 - Freguesia dos Anjos - Distribuição dos Residentes por Grau de Instrução</i> ..	138
<i>Tabela 18- Freguesia dos Anjos - Distribuição dos Indivíduos Residentes por Actividade Económica</i> .....	138
<i>Tabela 19 - Problemas identificados na freguesia de Anjos por lugares</i> .....	139
<i>Tabela 20 - Género x idade</i> .....	142
<i>Tabela 22 - Tempo em práticas de rua x Tempo de permanencia no grupo</i> .....	143
<i>Tabela 21 - Género x Grau de ensino frequentado</i> .....	142
<i>Tabela 23 - Identificação com o lugar x objectivos de</i> .....	145
<i>Tabela 24 - Género x lugar de habitação x tipo de habitação</i> .....	146
<i>Tabela 25 - Relações familiares x actividades de subsistencia</i> .....	147

---

<i>Tabela 26- Inquérito à população do Bairro da Quinta do Cabrinha, dados de 1999 - Projecto Alkantara.....</i>	<i>155</i>
<i>Tabela 27 - Género x idade.....</i>	<i>159</i>
<i>Tabela 28 - Tipo de habitação x lugar de habitação.....</i>	<i>160</i>
<i>Tabela 29 - Género x relações interpessoais .....</i>	<i>163</i>
<i>Tabela 30 - Género x Relação com os residentes.....</i>	<i>163</i>
<i>Tabela 31 - Género x Actividade de subsistencia.....</i>	<i>164</i>
<i>Tabela 32 - Género x Idade.....</i>	<i>175</i>
<i>Tabela 33 - Genero x Actividades de subsistencia .....</i>	<i>176</i>
<i>Tabela 34 - Lugar de habitação x tipo de habitação.....</i>	<i>176</i>
<i>Tabela 35 - Género x Relações com residentes.....</i>	<i>177</i>
<i>Tabela 36 - Género x Ocupação de subsistencia .....</i>	<i>178</i>
<i>Tabela 37 - Género x Idade.....</i>	<i>186</i>
<i>Tabela 38 - Tipo de habitação x Lugar de habitação.....</i>	<i>186</i>
<i>Tabela 39 - Lugar de habitação x relação com os residentes.....</i>	<i>191</i>
<i>Tabela 40 - Identificação com o lugar x Objectivos de ocupação .....</i>	<i>192</i>
<i>Tabela 41 - Relações familiares x Actividades de subsistencia .....</i>	<i>192</i>
<i>Tabela 42 - género x idade.....</i>	<i>201</i>
<i>Tabela 43 - Tempo com práticas de rua x Tempo de permanência no grupo.....</i>	<i>201</i>
<i>Tabela 44- idades x graus de escolaridade frequentados.....</i>	<i>202</i>
<i>Tabela 45 - idades x relações familiares .....</i>	<i>202</i>
<i>Tabela 46 - Idades x relações entre pares .....</i>	<i>203</i>
<i>Tabela 47 - Sentimentos de pertença x relação com residentes.....</i>	<i>203</i>
<i>Tabela 48 - idade x actividade de subsistencia .....</i>	<i>205</i>
<i>Tabela 49 - Grupos etários da freguesia de S.Paulo.....</i>	<i>213</i>
<i>Tabela 50- Genero x Idade.....</i>	<i>216</i>
<i>Tabela 51 - Tempo com práticas de rua x tempo de permanência no grupo.....</i>	<i>217</i>
<i>Tabela 52 - Genero x Habilitações escolares frequentadas .....</i>	<i>217</i>
<i>Tabela 53 - Genero x Relações com o grupo .....</i>	<i>218</i>
<i>Tabela 54 - Genero x relações com os residentes .....</i>	<i>219</i>
<i>Tabela 55 - Idade x Relações familiares.....</i>	<i>219</i>
<i>Tabela 56 - Genero x Objectivos de ocupação do lugar .....</i>	<i>222</i>
<i>Tabela 57 - Lugar de habitação x identificação com o lugar ocupado.....</i>	<i>222</i>

---

<i>Tabela 58 - Genero x actividades de subsistencia.....</i>	<i>223</i>
<i>Tabela 59 Composição dos grupos sexo X idade.....</i>	<i>226</i>
<i>Tabela 60- sexo * habilitações escolares frequentadas.....</i>	<i>226</i>
<i>Tabela 61- Habilitações escolares dos indivíduos em tratamento nas ET's do IDT, para as mesmas freguesias .....</i>	<i>228</i>
<i>Tabela 62 - sexo * tempo com práticas de rua.....</i>	<i>228</i>
<i>Tabela 63 - habilitações escolares frequentadas * tempo com práticas de rua .....</i>	<i>229</i>
<i>Tabela 64 - idade * tempo com práticas de rua.....</i>	<i>231</i>
<i>Tabela 65 - sexo * tempo de permanência no grupo.....</i>	<i>231</i>
<i>Tabela 66 - tempo com práticas de rua * relações familiares.....</i>	<i>232</i>
<i>Tabela 67 - sexo* relações familiares .....</i>	<i>233</i>
<i>Tabela 68 - sexo * relações dentro do grupo.....</i>	<i>234</i>
<i>Tabela 69 - Genero x Identificação com o lugar.....</i>	<i>236</i>
<i>Tabela 70 - sexo * sentimentos de pertença ao grupo.....</i>	<i>237</i>
<i>Tabela 71 - sexo * Objectivos de ocupação.....</i>	<i>238</i>
<i>Tabela 72 - sexo * relações com residentes .....</i>	<i>239</i>
<i>Tabela 73 - sexo * lugar de habitação.....</i>	<i>241</i>
<i>A observação desta tabela parece revelar que, não obstante o quadro de relações familiares estar deteriorando, pelo menos na autopercepção dos</i>	
<i>Tabela 74- sexo * tipo de habitação.....</i>	<i>242</i>
<i>Tabela 75 - sexo * transportes utilizados nas deslocações para o encontro.....</i>	<i>243</i>
<i>Tabela 76 - Actividades de subsistência .....</i>	<i>244</i>
<i>Tabela 77 - actividades de subsistência * actividade de subsistência secundária.....</i>	<i>245</i>



## I. Introdução

*"O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis"*

*Fernando Pessoa*

### 1.1 A Arrumação do Caos

O olhar do cidadão anónimo, verifica a presença assídua em alguns lugares de determinado “estilo de indivíduos” e relaciona-os com o consumo ou tráfico de drogas, transformando esses lugares em “*territórios acossados*.”

*“territórios acossados e identificados por um processo de etiquetagem social: a etiqueta, junto com a marginalidade topográfica em relação à cidade dominante, determina o evitamento social...” (Fernandes, L. 1997, 134).*

E afinal porque são alguns desses espaços urbanos transformados em territórios psicotrópicos ou simples lugares de encontro e consumo? Que características urbanas e sociais reúnem para que sejam seleccionados pelos utilizadores de drogas ou para a prática das suas actividades?

Nestes territórios, ouvem-se "estranhos" idiomas que nada têm a ver com a origem étnico-cultural dos seus utilizadores.

*“...o idioma neste caso é em primeiro lugar um meio de expressar alienação para o ajuntamento que está presente..”(Goffman,1966, 231).*

Da mesma forma, se encontram nesses lugares "estranhos" traços e formas de arte que transformam as paredes em telas ou simples *out doors*, talvez portadores de mensagens ou alertas, com base numa comunicação voltada para o interior dos grupos que os utilizam.

Poderiam de alguma forma estas manifestações gráficas ou artísticas ser interpretadas sob o mesmo código que as mensagens publicitárias ou políticas afixadas e habituais na vivência da cidade? Produzem-se mensagens nos portões das garagens, nos velhos muros dos edifícios abandonados, mas também nas fachadas dos prédios mais modernos e habitados por outros habitantes autóctones desses lugares, nos túneis ou viadutos, nas paragens dos autocarros... Mensagens que marcam territórios ou assinalam percursos. Mas também mensagens construídas na esperança de que os analfabetos destas

linguagens os entendam, ou dirigidas a outros companheiros da mesma *tribo* contando que só eles as entendam. E as gravuras interagem com o todo da cidade revestida de mensagens publicitárias, anúncios luminosos chamadores de duvidosas entradas. Na noite da cidade observa-se o conjunto de todas as mensagens, como um todo que ilustra os lugares observados.

E ouvem-se estranhos sons misturados num coro, transformando o lugar num espaço polifónico onde se misturam estilos ou origens diversas, também eles constituindo-se como parte de uma paisagem sonora que se confunde com os ruídos da modernidade urbana.

Poderão estas manifestações de comportamentos distópicos, estas manifestações gráficas ou estas linguagens sonoras caracterizar uma sub cultura que assalta e predomina nestes territórios em horários específicos, aparentemente substituindo ou misturando-se efemeramente com a cultura de origem dos bairros onde se situam?

É neste caos de ideias e imagens não editadas que parece nascer a necessidade de investigação. Com ela, pretendemos analisar a relação aparentemente disfuncional entre os lugares da cidade e estes jovens sobreviventes da rua que os utilizam ou cruzam, numa permanência fugidia ou numa mobilidade cíclica.

### 1.2. Pertinência do estudo

Observações anteriores, no decurso da minha vida profissional, quase sempre vivenciada entre jovens com reconhecidas práticas marginais, permitem-me pensar, por vezes em termos de senso comum, que o crescimento urbano, as novas geometrias das grandes cidades, tal como as políticas de rentabilização do solo urbano, estiveram desligadas das necessidades sociais e culturais dos cidadãos residentes ou daqueles que as procuram para a realização das suas subsistências.

Os estudos e investigação que realizamos, no âmbito do mestrado em Sociologia do Crime e da Violência, deixam muitas dúvidas ainda não esclarecidas sobre a existência de uma relação estatisticamente significativa entre estas duas realidades, a cidade e as sociabilidades que parecem crescer em paralelo evidenciando contrastes profundos caracterizados com temporários e ténues equilíbrios, que as estruturas sociais da primeira vão tentando assegurar relativamente às segundas e onde estas se manifestam por um

afastamento, aparentemente cada vez maior, dos limiares aceitáveis da dignidade humana. Associadas muitas vezes à pobreza

*“Resultante da interiorização de valores associados a uma sub cultura de adaptação à pobreza e à exclusão, como a incapacidade de perspectivar o futuro devido à premência das necessidades imediatas e à adopção de comportamentos consumistas que obedecem a lógicas de compensação” - (Castro, José Luis -1999),*

e a fenómenos sociais como a dependência do álcool e das drogas, estas sociabilidades de conflito manifestam-se através da procura de estratégias de sobrevivência, encontrando na cidade um bom refúgio e o campo fértil para estas actividades, como referiu Milan Kundera descrevendo a necessidade de se *esconder em parte nenhuma, em que cada um está à mercê dos outros.*

Mas esta forma de se servirem da cidade para as suas actividades, parece de algum modo, transmitir à cidade, e a esses lugares em concreto, um sentimento de insegurança, aparentemente crescente nas zonas residenciais periféricas durante a noite e na cidade velha durante todo o dia.

Por outro lado, parece ressaltar que este sentimento de insegurança atinge também estes grupos que acusam a cidade de progressivamente os excluir mais.

Geram-se assim campos em que cada um vê no outro, ou nos outros, a sua ameaça ou coloca neles a origem dos seus medos.

O conhecimento das interações entre estes grupos e os territórios ou lugares que ocupam é, no meu ponto de vista, fulcral para que as políticas de ocupação de solos nas cidades possam contemplar os maiores e primeiros interesses das populações que vierem a convergir para esses lugares.

*“L’Action sociale ne será efficace que si la connaissance sociale se perfectionne”. (Ledrut, 1968, 353).*

Também a compreensão dos estilos de vida e das formas de agir e estar dos grupos que na rua vivem ou que nela desenvolvem as estratégias de sobrevivência, qualquer que seja o significado desta expressão, pode passar por entender a cidade, o seu crescimento, as

suas dinâmicas, e isso passa também por entender as estratégias das suas instituições para minimizar o problema.

No decorrer de observações anteriores, quer no campo acadêmico quer no plano profissional, levantaram-se novas dúvidas ou simplesmente novas necessidades de investigação que ligassem a vivência destes grupos à cidade que os acolhe.

Foi justamente durante o decorrer dessas investigações, e perante as dúvidas levantadas na investigação, que surgiu a necessidade de a continuar de uma forma orientada. E assim, tudo se completa como parte de um todo.

Esta investigação que me proponho fazer é pois determinada, como ponto de partida pela necessidade de responder a dúvidas que outras investigações deixaram. Ora isso, deixa-me com a certeza de que, desta investigação resultarão outras dúvidas e a essas muitas outras. Ainda assim, tudo parece concertar-se de uma forma mais arrumada.

Esta proposta de investigação que aqui apresento, parece ser a forma possível de prosseguir o estudo das situações de sobrevivência de rua, orientando agora esse estudo para os contextos de território urbano em que se movimentam e, sobretudo também, um instrumento teórico e empírico importante para a observação consciente dos fenómenos que estão ligados pelo binómio relacional entre a cidade no seu todo e a rua.

*En fait, ce qui fait culture est bien l'opinion, "la pensée de la place publique", toutes chausées qui constituent le ciment émotionnel de la socialité. Et ce n'est qu'a posteriori que s'élabore la connaissance savante.( Maffesoli, M. –"les temps des tribus" 1988;pp197)*

1.3 . Conhecimento sociológico e intervenção social, a necessidade de alguma clarificação conceptual

Desde há muito que os técnicos de intervenção social vêm levantando problemas e sugerindo metodologias de intervenção no plano da habitação social e realojamento de populações socialmente desfavorecidas ou desenraizadas, das problemáticas que lhe surgem adjacientemente e, em consequência, sobre aqueles que vivem na rua ou que da rua

retiram proveitos relacionados com os consumos de drogas ou com estratégias de sobrevivência.

As ciências sociais parecem, em muitos casos desligadas do contexto da intervenção, pese embora a verificação que nalguns casos a situação parece estar a mudar nas intervenções mais recentes. Mas também se opera a inversa. A minha própria prática de intervenção nos âmbitos mais diversos da exclusão social, tem sofrido alterações a partir dos estudos da sociologia a que me dediquei nos últimos tempos.

O estudo dos ambientes e das relações de causalidade feitos no âmbito da sociologia, oferecem campos de análise mais vastos e permitem uma abstracção mais completa dos fenómenos em que se enquadravam os casos e projectos de intervenção directa.

No caso deste estudo, a sociologia oferece um distanciamento crítico que permite uma compreensão do fenómeno do aparecimento destes grupos e das suas relações com a cidade e os seus habitantes. Ainda assim, pela existência de um único observador, arrasta algumas dificuldades entre o exercício desta observação e as práticas de resolução directa dos problemas da forma a que estava habituado.

Contudo persistem sempre as dificuldades em compatibilizar as técnicas e metodologias de intervenção praticadas durante muitos anos de prática profissional e estes novos conhecimentos adquiridos no âmbito da sociologia.

*"... relação complexa entre a análise de uma realidade multifacetada e dispersa e a necessidade de dar respostas operacionais" (Guerra, in Baptista, L. 2001; pp74)*

Numa tentativa de utilizar os instrumentos e conhecimentos adquiridos, integrados numa só acção, procuro enquadrar os vários olhares do problema e tentar entender *o porquê das coisas* e os contextos em que se desenvolvem.

Desta tentativa resultam múltiplas interrogações.

O que une os elementos destes grupos de jovens sobreviventes da rua, então? A necessidade de protecção? A partilha dos recursos? A solidariedade dos pares? São perguntas que tentarei esclarecer durante as conversas com estes “peregrinos” que, longe de procurarem encontrar-se com os outros ocupantes da cidade se afastam deles num caminhar e encontrar constante, como se se procurassem a si próprios.

A verdade é que estes indivíduos parecem permanecer vinculados ao grupo, pelo menos por algum tempo, e aparentemente estabelecem relações relativamente estáveis entre si, apesar de desenvolverem actividades de subsistência diferentes.

Por outro lado, a permanência destes grupos em cada lugar, é relativamente temporária, o que não facilita as relações com os habitantes autóctones nem interações duradouras com esses lugares. Quem vive na rua enfrenta sempre duas situações de instabilidade distintas: uma deriva directamente do seu anonimato. A rua é de todos os que a utilizam mas é também para estes grupos o lugar de anonimato e, embora para eles decorra um tempo de procura de pertenças, raramente as conseguem relativamente a alguns dos lugares que ocupam, refugiando-se quase sempre e só na pertença ao grupo, sendo que, pela volatilidade destes grupos, também estas são efémeras. A outra situação é provocada pela necessidade de utilizar toda a agilidade para a procura da sobrevivência, o que o obriga a mobilidades constantes entre territórios e muitas vezes de grupo. Assim, alguns destes actores são frequentadores simultaneamente de dois ou mais grupos e /ou lugares e sobrevivem em constante mobilidade.

Seja pela procura de lugares alternativos com maiores possibilidades de angariação de subsistências, seja na procura dos produtos de consumo que alimentem as suas dependências, estes indivíduos tem mobilidades constantes na cidade ou para a cidade, sobretudo quando existem de forma isolada. É uma existência, como já disse, caracterizada frequentemente por não pertenças ou por pertenças efémeras na ânsia de evitar solidão ou de construir solidariedades e seguranças.

É uma busca constante de alguma coisa que minimize o sofrimento e lhes assegure algum *sentimento de si*, como se a procura se centrasse sobre a procura de si próprios, no meio de uma panóplia de lugares a que não pertencem.

São fenómenos de um tempo em que a globalização nos traz a ideia da vivência na Aldeia Global, facilitando a comunicação e a aquisição de saberes mas também a “*desagregação de tudo o que se considerava homogéneo na análise.*” (Beck, Ulrich ; 2000; 14).

É neste novo contexto de vivências que surge a necessidade de defender que nenhuma sociedade pode construir o seu bem-estar se for ela própria geradora do mal estar das camadas sociais menos favorecidas. Neste contexto de mundialização dos fenómenos sociais em que se processa

*“a transformação do longe no perto, do efémero no eterno...de fenómenos contextualizados e locais em aleatórios e globais...”(Fernandez, P. 2001; 40),*

a reprodução de modelos e de sistemas de valores desenquadrados dos seus contextos culturais e antropológicos de origem, instalam-se em pequenas comunidades unidas pela necessidade de sobreviverem, sem que os unam outras razões que não sejam a da satisfação das suas diferenciadas necessidades básicas e de segurança.

As cidades parecem confrontadas com o que Erving Goffman chamou de *“margens do desenvolvimento”*. A associação de uma ideia de exclusão que se adivinha das incertezas e instabilidades de uma vida social diferenciada, dividindo o espaço entre diferentes actores com capacidades e posses diferentes.

*“O risco social associado à globalização é a desigual repartição dos aspectos positivos e negativos pelos diferentes grupos e espaços sociais”.* (Hespanha, P. e Carapineiro, G. 2002; 14).

Para o caso concreto com que lidamos é necessário enquadrá-lo no confronto com efeitos excludentes. Confrontados assim com efeitos excludentes, contrários aos objectivos que norteavam os projectos de realojamento de onde são originários muitos destes jovens com que trabalhamos. As entidades responsáveis vêm-se hoje na necessidade de repensar as políticas futuras de realojamento, mas também com a necessidade de intervir junto dos bairros sociais já existentes, o que obriga a um estudo exaustivo das populações realojadas, mas também da política de integração das novas populações, mormente a das populações migrantes acolhidas e das suas segundas gerações.

Não raras vezes, a política de realojamento social foi norteadada pela concentração destas populações em terrenos das periferias urbanas que cresceram cercado a cidade e constituindo sucessivamente novas coroas urbanas caracterizadas pela desordem social, que flagela da mesma forma as populações realojadas e as que acolhem esses bairros, sem que cada um deles se sinta pertença do todo. Cercado a cidade, as suas relações com ela são meramente funcionais, na maior parte dos casos, sem que com ela se estabeleçam relações identitárias, e com grandes rupturas culturais entre as populações de um e outro

lado. São verdadeiramente “*os lugares onde a cidade se interrompe*” como lhe chamou Luís Fernandes (2002, pp 125)

Como mera introdução ideológica e metodológica diria que a situação parece não se revestir de formas únicas e conceptuais semelhantes em todas as situações e que não será possível uma intervenção homogénea em todos os casos, já que elas envolvem uma diversidade de situações que necessariamente dificulta a intervenção e a concepção de políticas e a intervenção social nesta problemática. Mas

*“os comportamentos humanos são interpretados como explicáveis se se conseguir descobrir as estruturas que lhe são latentes.” (Pereira, O. 1999; 66).*

E é neste contexto que este trabalho pretende desenvolver uma observação que conduza a uma melhor compreensão dos contextos comunitários e espaciais em que se movimentam os grupos de actores que identifiquei.

## II. Definição do problema

*"Com efeito, as condutas humanas são intencionais e inspiradas, conscientemente ou não, por um conjunto de representações mentais, fora das quais não podem ser compreendidas."(Quivy, R. 1992; pp 100)*

### 2.1 - As circunstâncias

O objectivo primeiro desta investigação é tentar entender as motivações de jovens consumidores regulares de drogas ilícitas, que frequentemente vemos referenciados na comunicação social e nas conversas avulsas, como saídos das periferias ou de alguns lugares *pouco recomendáveis* da cidade para os centros urbanos e a forma como desenvolvem relações diferenciadas com os seus pares , constituindo-se em grupos no contexto da cidade, dos seus lugares e residentes. Durante algum tempo, na prática quotidiana da intervenção em que me vi envolvido durante grande parte da minha vida profissional, acreditou-se que a vida destes *nómadas urbanos* se pautava por tempos e espaços de acaso e que as actividades que neles desenvolvem se organizavam casuisticamente num aproveitamento de oportunidades surgidas mas não programadas ou sequer esperadas. Tal teria a ver com uma ideia muito primária, numa lógica de senso comum, de uma associação droga-crime ilustrada frequentemente por cenários de violência ou de medos.

*“ a ocorrência de condutas violentas e de desordem pública era atribuída directamente aos efeitos destes produtos.” (Fernandes, L. 1997; 19).*

Embora não pretenda negar uma eventual existência de preditores que permitam ou facilitem, em alguns casos, uma relação entre estas duas situações, tal não explica a regularidade de determinados percursos ou a escolha de alguns lugares na cidade, como espaços de encontro, de consumo ou de actividade. Nalgumas entrevistas exploratórias efectuadas na preparação deste trabalho ficou visível a associação que as populações destes lugares fazem entre a degradação das relações no seu local de residência ou trabalho que supostamente é provocado por estes jovens ou grupos e os seus lugares de origem que supõem ser dos bairros sociais ou bairros clandestinos e degradados que cercam a cidade.

Na verdade, estes lugares urbanos onde estes grupos se instalam oferecem os seus espaços mais degradados como abrigo para alguns destes indivíduos, como

*“um território de refúgio que possibilita a capacidade de se isolar e agir ao abrigo de olhares indiscretos”. (Fernandes, L. 1997; 95),*

Existiria assim uma população urbana que utiliza estes espaços que campeiam por toda a cidade de Lisboa e cuja existência está ligada á diferenciação social operada nas zonas urbanas. Esta explicação que reduz as causas ao foro do planeamento urbanístico não nos parece exclusiva nem definitivamente comprovada, embora, no meu ponto de vista se possa encontrar alguma razão nas palavras de Robert Cherry, coordenador dos serviços do Instituto de Prevenção Criminal do Texas quando diz que

*“Não há melhor local para diminuir os riscos do crime do que o estirador de um arquitecto na fase de projecto em que é menos dispendioso modificar os planos”. (inserido num texto da Dr<sup>a</sup> Isabel Patrício na revista Olhares nº 2, 1995).*

Sem desprezar esta análise que parece interessante quando aplicada aos lugares de origem destes jovens, sejam eles lugares do centro da cidade ou das periferias, importará também, que os planeadores urbanos não olhem apenas para os espaços a projectar mas também para as suas áreas de envolvências .

### 2.2 - Nota sobre os limites e desafios da investigação

Este trabalho de investigação integrou um plano de observação estendido por um longo período de acompanhamento á distância de jovens distribuídos por dezassete contextos e lugares diferentes e que nos permitiu ter uma primeira visão do universo em análise. Da nossa anterior experiência profissional, pudemos encontrar formas facilitadas de chegar a estes entrevistados. Houve que fazer opções que conduzissem a uma escolha criteriosa dos alvos a abordar e que permitisse, dentro dos limites da investigação,

encontrar alguns circuitos em que fosse possível entrar no ambiente destes grupos. Daí não ser de estranhar um número relativamente pequeno de entrevistas que vale sobretudo pela profundidade da informação que permitem.

Esta observação preliminar viria permitir verificar que em dez destes contextos, os jovens se reuniam manifestando a existência de relações meramente circunstanciais, e apenas sete dos contextos observados preenchiam as características grupais que se enquadravam dentro dos objectivos identificados pela análise.

A amostra final revelou-se pequena, abrangendo 51 indivíduos divididos por sete grupos. Uma grande dificuldade residiu na conjugação de dois conceitos que foram definidos para este trabalho: O Conceito de "grupo" e a condição de consumidores de drogas, conjugado com a definição adoptada para "lugar". Não obstante uma tentativa de observação de maior amplitude (17 lugares), viria a verificar-se que estas duas condições só eram verificáveis simultaneamente em sete grupos e relativamente a sete lugares.

Uma outra dificuldade é sem dúvida o tempo e a dificuldade da abordagem destes grupos, já que, em virtude da sua condição de dependentes ou consumidores de drogas ilícitas, dificultam os contactos pelos receios iniciais que tem dos intrusos. Também, e pelos mesmos motivos, a metodologia e os meios que preparara para este trabalho, não foram permitidos pelos diferentes grupos, ou, sendo permitidos, geravam dificuldades nas entrevistas, limitadoras da recolha de informação. Foi o caso do gravador ou da recolha de imagens.

Por este motivo foi necessário abandonar a ideia das entrevistas gravadas e passar à recolha através de pequenas notas que em seguida reconstitui em texto, o mais exacto que me foi possível e no mais curto espaço de tempo. As informações obtidas resultam, assim, de conversas informais tidas durante os momentos em que acompanhei estes grupos e da observação que me foi possibilitado fazer.

A diversidade da informação recolhida nos diferentes grupos, mostra-nos que não é possível extrapolar estes resultados a outros grupos, podendo apenas servir para uma melhor compreensão sobre os lugares utilizados por grupos com esta tipologia.

Mas o mais difícil obstáculo esteve na minha própria formação e prática profissional. Preparado para intervir, foi-me quase sempre penoso ser um mero observador, consciente de que se interviesse alteraria as situações observadas, prejudicando a investigação.

De facto, registei, em muitas situações, dificuldades em manter distância crítica sobre os observados, mercê da habituação em intervir sobre populações com estas problemáticas. As nossas convicções para além do observado e o entendimento sequencial sobre os percursos do consumidor de drogas ilícitas, impediam, por vezes a objectividade das observações. Da mesma forma a tentativa de intervir nos casos quando a solução me era conhecida criaram-me frequentemente algumas frustrações, já que todo o meu percurso profissional apontavam para a criação de opções favoráveis à recuperação ou tratamento dos indivíduos observados.

Foi assim necessário que me reforçasse no papel de investigador, através de leituras e de pesquisa de outras situações semelhantes levadas a cabo por outros investigadores académicos.

Estas dificuldades sentidas, acabaram por trazer algum saber, transformando a dificuldade em oportunidade de conhecimento e de treino pessoal.

Aprendi com Raymond Quivy que o procedimento em investigação em Ciências Sociais comporta três etapas: A Ruptura, a Construção e a Verificação. Com ele testei as minhas dificuldades na Ruptura, ou seja com a

*"necessidade de romper com os procedimentos, as falsas evidências, que somente nos dão a ilusão de compreender as coisas."*

(Raymond Q.;Campenhoudt, L; 1992; pp25).

Antes de mais, foi preciso desconstruir as imagens pessoais e profissionais que tinha, derivadas da minha prática sobre os casos particulares. O que se me apresentava nesta tentativa de investigação era afinal, mais abrangente que a mera percepção, análise e intervenção sobre casos individuais. Tratava-se da compreensão do uso e apropriação por parte destes grupos de espaços (lugares) definidos na cidade aqui vista como um todo. E isso necessitaria de uma observação e de saberes mais abrangentes. Tornou-se, por isso, necessário perder o individual em favor do colectivo, o particular em favor do geral.

Mas se esta desconstrução teórica teve de ser feita, já a pratica de observação à distancia e o treino da abordagem dos grupos, viria a demonstrar-se fundamental para esta investigação, acabando assim por criar uma nova oportunidade através da simbiose entre os conhecimentos e práticas anteriores em contextos de intervenção e os novos

conhecimentos geradores de novas oportunidades para uma compreensão mais aberta do fenómeno.

Naturalmente que diferentes tipos de abordagem, permitem criar diferentes tipos de necessidades para o investigador. A necessidade de efectuar os registos das observações primeiro, e depois dos dados recolhidos durante os diálogos com os indivíduos, e tendo em atenção a necessidade que eles tem de preservar as suas identidades (quaisquer dados ou registos que possam conduzir à sua identificação), ou de preservarem as questões da sua vida privada, conduziu a novas dificuldades. Uma vez mais ouvi os conselhos de Quivy:

*" como nem sempre é possível, nem desejável, tomar notas no próprio momento, a única solução consiste em transcrever os comportamentos observados imediatamente após a observação"*  
(Quivy, R.; Campenhoudt, L; 1992; pp199).

Por todas estas dificuldades, acabei por entender que elas não englobam apenas inexperiências ou ausências de saberes concretos, mas que exigem a assunção completa de um papel diferenciado que é preciso trabalhar e treinar.

Fica, apesar de tudo, com alguma permanência temporal, o sentimento de frustração por uma "outra tarefa" não cumprida, mas que talvez possa ser encetada depois deste trabalho, revestida agora de uma melhor capacidade de análise. Essa é, pelo menos a esperança com que saio desta observação.

### III - Proposta metodológica para a investigação

*"Uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, os desvios e incertezas que isso implica"*

(Quivy, R.& Van Champenhoudt, L. 1998, pp31)

### 3.1 - Objectivos

Este trabalho pretende estudar como em certos lugares da zona central e histórica da cidade de Lisboa, grupos de consumidores de drogas ilícitas os utilizam como espaços de reunião, consumo ou actividade, e as relações pessoais e grupais que estabelecem com estes lugares e com os seus residentes.

Apesar dos muitos estudos (como o de Miguel Chaves em 1996, ou os efectuados pelo OEDT<sup>1</sup> anualmente) efectuados nos últimos anos no domínio da Sociologia, da Antropologia e da Etnologia cuja atenção recai sobre os toxicodependentes, parece estar em aberto o estudo dos lugares urbanos frequentados por eles e a sua relação com esses lugares e as suas gentes. Verifica-se ainda que a maioria dos estudos têm como alvos preferenciais o indivíduo consumidor, olhado individualmente. Ora, parece existir uma diferenciação nas formas de estar, sentir e agir dos consumidores, quando organizados em grupo.

Assim, tentando preencher um pouco do campo em aberto pretendemos, através da abordagem directa de sete dos grupos que frequentam sete lugares urbanos, seleccionados a partir das preocupações manifestas nos relatórios das equipas de rua que operam na cidade de Lisboa, recolhidos nos arquivos recentes (2007, 2008 e 2008) da Delegação Regional de Lisboa e Vale do Tejo do Instituto da Droga e da Toxicodependência, analisar os laços sociais e territoriais daí decorrentes.

### 3.2 - Alvos directos da investigação

Nesta investigação pretende-se abordar grupos de consumidores de drogas ilícitas, em contexto de rua ou na rua<sup>2</sup>, observando os lugares por eles ocupados e a sua relação com as populações residentes. Completa-se, ainda, recorrendo à visão dos técnicos de diferentes associações a trabalharem nestes territórios e com estas populações.

Nesta abordagem não cabem cidadãos toxicodependentes que não participem em grupos regulares, nem se consideram lugares de mera passagem de consumidores ou de

---

<sup>1</sup> Observatório Europeu das Drogas e Toxicodependências

<sup>2</sup> Ver distinção em Lucchini 2001 "A criança de rua: realidade complexa e discurso redutor" - Infância e Juventude 00.1 ;2001

traficantes. Pretende-se, pois, mergulhar o mais profundamente que fôr possível no mundo e nas rotinas dos grupos e tentar descobrir nessas rotinas as formas de relação com os lugares e as suas populações, e as linhas de conduta características e comuns nos domínios da relação intra-grupal.

Importa clarificar que este estudo se distancia da análise do problema dos jovens sem-abrigo, embora este contexto possa surgir em alguns elementos dos grupos que constroem na rua estratégias de sobrevivência e nela desenvolvam relações intra-grupais.

### 3.2.1 - Os Conceitos

Tomamos como referencia para a utilização do conceito de grupo, o

*“Conjunto de pessoas ligadas por comportamentos comuns, tendo uma certa consciência de pertença, experimentando um conjunto de sentimentos e exprimindo-se através de um sistema de atitudes e valores próprios”(Selosse, J. 1976)*

Ou se considerarmos estes grupos como primários, poderemos utilizar a definição de C.H.Cooley como

*“uma associação relativamente permanente e não especializada de um número restrito de indivíduos unidos por relações directas (frente a frente) e bastante íntimas” (Cooley,1946)*

. De qualquer forma a primeira definição acrescenta a consciência de pertença. Ora, a observação das atitudes reveladoras da existência deste sentimento esteve na base da escolha dos grupos e, conseqüentemente dos lugares por eles utilizados.

Para a definição de Lugar, tomamos por base o pensamento de Marc Augé sobre o não-lugar, partindo da afirmação de que

*“um lugar pode definir-se como identitário, relacional e histórico e é [...] simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa” (Augé, M. 1994; 83),*

complementado com o saber de A. Costa quando afirma serem

*“contextos locais identitários e interaccionais, densos relacional e simbolicamente.” (Costa, A. 2001, pp 215).*

Importa ainda clarificar o conceito de Sociabilidades usado com frequência neste trabalho, e que, no âmbito da Escola de Chicago ajuda a produzir um sentido do lugar (*sense of place*). Neste contexto olharei para este conceito em duas vertentes, seguindo a orientação de Robert Park: As *"interacções entre estranhos e diferentes"*, e a *"relação entre indivíduos que se conhecem ou interagem regularmente"* numa perspectiva etnográfica do uso da rua e que, em lugares circunscritos e de segregação social espacial leva a considera-los como lugares marginais ou guetos.

Deste conceito parecem excluir-se as relações formais o que dá relevo às relações espontâneas que marcam o momento que se vive em comum num determinado espaço em que diferentes pessoas e interesses se aproximam com vista à satisfação desses interesses e na procura de ambientes de relação e comunicacionais menos comprometedores.

A Sociabilidade, na opinião Bauman (Bauman, 1997, p. 138), e diversamente do seu conceito de socialização, deve ser percebida como um elemento emergente da vida em "multidão" em que os indivíduos prosseguem acções conjuntas, baseadas no instante em que vivem e nas condições semelhantes em que se encontram.

Para o objectivo deste trabalho, assumirei aqui o conceito de sociabilidade que associa esta perspectiva de Bauman ao conceito defendido por Simmel:

*"a sociabilidade é uma condição inerente e gerada pelas formas sociais, as quais são resultantes das múltiplas combinações interaccionais, accionadas pelos propósitos, impulsos e desejos dos indivíduos, grupos e classes sociais, sintetizadas na própria formação de uma dada sociedade" (Simmel, 2006 [1917]).*

### 3.2.2 - A escolha dos lugares

A escolha dos lugares, que como já foi dito teve como base as preocupações manifestadas nos relatórios das equipas de rua que operam na cidade de Lisboa, teve também como referencial de selecção a observação da existência de grupos que os utilizam com regularidade como mero ponto de encontro, de local de consumo ou lugar de actividades de angariação de recursos que lhes garantam a sobrevivência ou os consumos.

Assim, e após observação atenta dos dezassete lugares mais referenciados nesses relatórios, observou-se que nalguns deles a população que os frequentava, embora consumidores manifestos de drogas ilícitas, se encontravam nalguns desses lugares para o consumo, mas de uma forma ocasional não mantendo relações entre si nem manifestando qualquer identidade grupal visível, pelo que a observação desses lugares foi abandonada ao fim de algumas semanas de observação, por não se tornar interessante para este estudo. A escolha recaiu, após esta observação sobre sete lugares onde foi possível observar, para além dos consumidores de passagem, alguns outros onde esta identidade grupal foi manifesta.

- Freguesia da Ajuda - Casalinho da Ajuda (Rua Fonseca Benavides)
- Freguesia do Santo Condestável - Rua Maria Pia
- Freguesia dos Anjos - (Igreja e Beco das Índias)
- Freguesia de Alcântara - Quinta do Cabrinha (exterior)
- Freguesia dos Anjos - Av. Almirante Reis, junto ao Fontenário
- Freguesia de Santa Catarina - Rua Poço dos Negros
- Freguesia de São Paulo - Miradouro de Santa Catarina e Calçada do Combro

### 3.3 - Metodologias de investigação

*“Toda a minha actividade científica se inspira, com efeito, na convicção de que não podemos aprender a lógica mais profunda do mundo social a não ser mergulhando na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada...”*

*Bourdieu, P. (1997, pp4)*

Para realizar esta investigação sobre os grupos seleccionados, foram utilizados princípios metodológicos frequentemente utilizados na Antropologia e Etnologia, associados a uma observação e abordagem directas junto dos grupos e dos residentes e de uma observação local dos lugares e das suas rotinas diárias. Não havendo lugar a uma recolha fotográfica desses lugares nos horários frequentados pelos grupos, por razões de respeito pela sua identidade e também para evitar dificuldades óbvias à abordagem destes grupos e à necessária relação de confiança entre observador e observados, a descrição desses lugares faz-se através do relato escrito em estilo livre, tal como se apresentaram ao olhar nos momentos iniciais da observação.

A escolha de uma metodologia que aproxima este trabalho de uma pesquisa etnográfica, prende-se com a exigência de anonimato que os atores reclamam, sujeitos, como estão, a uma crítica social grande e até a uma observação policial intensa, com a qual, estranhamente, parecem lidar melhor do que com a crítica e tentativa de controle social.

*“A etnografia é mais do que um método, um modo de existir e um estilo de habitar as ciências sociais (...) Convoca a capacidade narrativa e o domínio de texto semelhantes aos do novelista (...); exige a análise e extracção de formalismos próprios do ensaísta. Do lado da ciência, não dispensa as aprendizagens standard, próprias da tradição de qualquer comunidade científica; e por muito que se diga ser um modo personalizado de trabalho empírico, chamando o investigador à participação e ao envolvimento, não dispensa o cultivo*

*da imparcialidade nem a procura do rigor. (...)*“ (Fernandes, citado por Carvalho, 2007; pp 36)

Numa perspectiva exploratória, foram registadas entrevistas a três técnicos que operam no terreno no âmbito das equipas de rua na cidade de Lisboa. Procedeu-se, também a entrevistas a residentes.

Sinteticamente podemos assim apresentar a análise do trabalho de pesquisa:

- Recolha de informação específica editada
- Recolha de alguns dados estatísticos oficiais
- Observação distante dos lugares mais referenciados como preocupantes nos relatórios já referidos (dezassete lugares)
  - Selecção dos lugares a observar em proximidade com base na observação da existência ou não de grupos formais constituídos.
  - Aproximação e abordagem aos sete grupos identificados
  - Trabalho de aproximação progressiva e de conquista de confianças técnicas e pessoais
  - Entrevista a três técnicos do terreno. ( Associação Médicos do Mundo, Associação Vida e Paz, Associação Crescer na Maior)
  - Relatos de diálogos mantidos com elementos de cada grupo.
  - Relatos de diálogos mantidos com moradores dos lugares seleccionados
  - Análise do conteúdo das entrevistas e diálogos
  - Conclusões

### 3.4 - Observação à distância

Já o disse antes que a identificação dos percursos efectuados pelos utilizadores regulares de drogas, desde os seus lugares de origem e/ou de pertença, e os lugares de consumo, encontro ou actividade reveste-se de particular importância, já que, frequentemente estes percursos são caracterizados por alguns lugares de interface, quer para a compra do produto, quer para angariação do todo ou parte do custo desses produtos. Por outro lado, alguns dos lugares situados nestes percursos são também lugares de encontro com outros pares, com quem formam pequenos grupos, seguindo depois o mesmo percurso até aos lugares de consumo, como se fossem regatos ou ribeiras desaguando nos rios e engrossando-os.

A identificação destes percursos foi feita para este trabalho segundo três vectores e em duas fases:

#### I Fase

- A observação distante destes grupos e a escuta dos seus comentários;
- A identificação de alguns sinais / símbolos espalhados pelos percursos e que identificam o grupo a que pertencem (Tag's).

#### II Fase

- Relato, pelos próprios da sua história e vida diária.

### 3.5 - Observação de proximidade

A observação e abordagem destes grupos carecem de cuidados especiais, já que, por norma se tratam de grupos muito voltados para o seu interior, e com grandes desconfianças relativamente aos elementos estranhos, derivados da exclusão a que normalmente são votados.

A aproximação a estes grupos poderia ser facilitada com a utilização de guias ou mediadores. Mas este processo conduziria provavelmente a uma selecção pouco natural

destes grupos e lugares, já que seria introduzir artificialmente um novo elemento a cada grupo e, ainda que pudesse ser um elemento com as mesmas características, poderia alterar as relações de grupo existentes, pelo que optei por uma metodologia de aproximação gradual e directa que, embora mais demorada, me oferecia uma maior autenticidade.

Trata-se de um processo de aproximação faseada e lenta, passando gradualmente de uma metodologia de observação à distância para a observação de proximidade e finalmente para um processo de observação-acção.

De uma forma sumariada pode descrever-se o processo utilizado neste trabalho através do seguinte esquema de observação e actuação:

- ▶ Observação à distância
- Estudo dos percursos e hábitos
- Identificação dos grupos
- Identificação das problemáticas
- Frequência dos mesmos locais
- Habituação à presença do estranho
- Aguardar uma oportunidade de contacto não forçada
- ▶ Abordagem
- ▶ Aquisição de confianças
- ▶ Observação participante no grupo
- ▶ Obtenção de informações através dos diálogos mantidos
- ▶ Preparação para o abandono do grupo

Este processo revelou-se eficaz no decorrer deste trabalho mas com alguns inconvenientes determinados quer pela sua morosidade quer pela delicadeza de algumas fases do processo, sobretudo na revelação dos motivos que presidiram à abordagem e que teve que atender à sensibilidade e desconfianças que, pelo seu percurso de vida se habituaram a ter.

Sobretudo nos passos finais da primeira fase até à abordagem, a pressa pode ser inimiga dos resultados que se pretendem obter.

A habituação à presença do observador determina a frequência dos mesmos lugares, cafés, bancos de jardim próximos, salas de jogos etc..., aproveitando todas as oportunidades para se fazer notar a sua presença e tentar pequenos contactos como

participar nos comentários de factos ou notícias exteriores ao grupo, cumprimentar levemente etc...

Como exemplo para melhor se entender esta estratégia, faço aqui o relato de uma tentativa de abordagem:

*Casalinho da Ajuda.*

*Café da esquina da Rua do Sítio ao Casalinho da Ajuda e a Rua Roy Campbell*

*26/06/2008 – 19h e 45m*

*Aproximo-me como que distraído da esquina onde a semana passada e a anterior os vi parar. Sem dúvida que aqui é o lugar de encontro. Distraidamente entro no café e olho tranquilamente à minha volta. Cá estão eles...alguns deles.*

*...Cá dentro do café, a televisão vai começando a desfolhar um rosário de notícias a que ninguém parece ligar. Na mesa ao lado já chegaram dois rapazes do grupo. Um é alto, exageradamente alto e magro. Numa das mãos tem uma cicatriz feia e aparentemente recente que tenta tapar com a outra mão. O outro é verdadeiramente franzino contrastando com o primeiro. Também magriço mas baixo. Tem tiques estranhos. Puxa os lábios para a esquerda e dá estalidos baixos, mesmo a falar. Esperam pelos outros. Enquanto isso vão bebendo cada um a sua mini.*

*Um bulício instala-se na sala. Na TV acabam de anunciar que a FIFA retirou seis pontos ao Benfica no campeonato( parece que por causa de uma transferência de um tal Alcides para o PSV. Pelo menos é o que corre no rodapé da televisão). Não percebi o contexto da notícia, talvez porque não acompanhe muito estas notícias. Alguns protestam vivamente:*

*- É para favorecer o Porto... é uma vergonha...se eu mandasse iam todos para as obras...*

*Na mesa ao lado, os dois rapazes parecem ter centrado a sua atenção na notícia que vai sendo repetida no rodapé, à espera do desenvolvimento.*

*- É triste, pá... que cena é esta?...*

*Arrisco meter-me timidamente dando corpo à indignação:*

*- É o país que temos...*

*Os dois voltam-se para mim.*

*Pois é... São estes ladrões lá de cima que estragam tudo...Ele tem razão (aponta para outro cliente que falara antes). Deviam ir para as obras...nem para serventes prestam...*

*Vou entrar na conversa. Paro aqui o relato. Voltarei mais tarde.*

*.... (meia hora depois)*

*Já chegaram os outros. Bebem também uma mini mas nota-se que têm pressa.*

*Quando parei de escrever, entrei francamente na conversa. As mesas muito próximas do pequeno café facilitaram o dialogo que decorreu à volta da notícia mas rapidamente esbarrou para os dirigentes, governantes, patrões etc... conversa de caserna mas que eu fui alimentando de acordo com as minhas conveniências de aproximação.*

*Paguei mais uma rodada : duas minis e um sumo... entretanto chegaram mais dois. Pediram uma mini e eu disse para porem na minha conta também... bebem a cerveja com alguma ansiedade e alguns olhares para mim, mal disfarçados.*

*Preparam-se para partir. O mais franzino dos dois com quem conversara disse: “obrigado. Fixe, meu.” E saíram. Cá fora, em grupo, contam dinheiro que cada um retirou dos bolsos ou das meias...dizem qualquer coisa uns aos outros e partem de vez.*

*Volto a ficar sem conversa. Mas amanhã talvez seja mais fácil...*

É apenas um exemplo para documentar a entrada em “cena” do observador. São circunstâncias meramente casuais que permitem a aproximação. É a fase crítica. Ou corre bem ou dificilmente se consegue emendar uma entrada em falsete. A abordagem, ou seja o momento de penetração na esfera de relação do grupo, a partir do qual os contactos se tornam rotineiros e progressivamente mais intensos, é sempre uma consequência de circunstâncias ocasionais que vão surgindo, dificilmente se podendo calendarizar uma data ou um momento para que se efectue. É um permanente apelo à paciência e criatividade do observador.

Antes, porém, importa conhecer a cidade, na sua forma, organização e dinâmicas. O recurso às leituras da sociologia urbana e de outros olhares sobre a cidade, cuja síntese se apresenta no capítulo seguinte, constituiu um forte suporte para a compreensão dos lugares seleccionados.

#### IV. Em busca de saberes - Alguma pesquisa bibliográfica

*Desiludam-se pois os que acreditam poder aprender a fazer investigação social contentando-se com o estudo das técnicas de investigação: terão também de explorar as teorias e adquirir o hábito de reflectir antes de se precipitarem sobre o terreno ou sobre os dados, ainda que seja com as técnicas de análise mais sofisticadas. (Raymond Q.; Campenhoudt, L; 1992; pp 48).*

### 4.1 - Da cidade de Marx aos vazios urbanos

O conceito de cidade tem evoluído ao longo dos tempos, sobretudo no que concerne às cidades do mundo ocidental. Desde as teorias sobre a reprodução do capital, em que surge como produto da sociedade capitalista, nas versões de Marx e Engels até Weber que pensa a cidade na sua forma típica ideal que se caracteriza como um mercado com autonomia política.

A escola Alemã, surge assim como dando origem a um dos movimentos precursores dos estudos da cidade na sua nova concepção e evolução.

No contexto da Escola de Chicago, com Park, Burgess e Wirth, surge a ideia de Ecologia Urbana defendida por Robert Park, em que a cidade é compreendida através de um referencial de análise lógico baseado na ecologia animal. É neste contexto de estudo que a cidade aparece como ultrapassando os seus limites físicos. Constrói-se a ideia de "um estilo de vida urbano" que encontra em Louis Wirth o seu principal defensor. Esta escola acaba por ser a principal produtora dos estudos sobre sociologia urbana, merecendo atenção especial dois dos seus conceitos : A *abordagem ecológica*, baseada nos conceitos da ecologia humana defendidos por Ernest Burgess e Roderick McKenzie, e defendida por Robert Park, que afirma que "*as cidades não crescem ao acaso, antes se desenvolvem de acordo com as características do meio ambiente*" como retrata Giddens ao referir-se a esta abordagem, (Giddens,A.2000;pp565).

Assim, os bairros formam-se de acordo com os interesses dos seus habitantes e a partir de configurações que satisfazem as suas necessidades.

Uma outra ideia forte desta Escola de Chicago é o do *Urbanismo como modo de vida*, defendido por Wirth que dá menos relevos às questões da diferenciação interna e coloca relevo no urbanismo como uma forma de existência social, característica que vai determinar o tipo de relações entre os residentes, e categorizando-as como meros encontros passageiros. Esta teoria acaba por fazer escola embora as críticas às suas limitações surjam com frequência por parte de alguns investigadores dos bairros e lugares da cidade, onde encontram relações de proximidade entre as pessoas, contrariando o carácter de impessoalidade das relações que Wirth atribuiu às cidades.

Deste segundo conceito, parece derivar um outro defendido por Harvey e Castells, influenciados também pelas teorias marxistas, que afirma a necessidade de a cidade ser analisada em paralelo com as mudanças políticas e económicas. Esta teoria do Urbanismo e do Meio Ambiente Criado, faz surgir uma ideia de cidade transformada a partir da industrialização, e sobretudo da industrialização dos meios de produção agrários, que gera uma corrente de migrantes do campo para a cidade e que acaba por anular, ou pelo menos reduzir as diferenças da vida social entre populações rurais e populações urbanas. Assim, Harvey (1989) aponta para a reestruturação permanente do espaço urbano, numa tentativa de adaptação às mobilidades e fixação dos meios de produção empresariais que ocupam espaços anteriormente residenciais expulsando uns e atraindo outros, ou na sua localização nos subúrbios das cidades, atraindo para esses lugares os trabalhadores e os que procuram as empresas para negócio. Também Castells (1996) afirma que a distribuição espacial de uma sociedade está intimamente ligada aos mecanismos influenciadores do seu desenvolvimento e a processos de consumo colectivo.

Na sociologia francesa e na “New Urban Sociology” americana defende-se a ideia de cidade como um espaço socialmente produzido e diferenciado de acordo com a sua organização socio-económica. A vertente da politização da questão urbana e a defesa do papel do estado na construção urbana, assente nos movimentos sociais que a própria cidade faz despoletar, é defendida por Lefebvre e Ledrut, embora este se mostre crítico daquele, acusando-o de expulsar o Marxismo da luta de classes, reservando-lhe um papel de influência meramente cultural.

A ideia que preside hoje à construção ou reestruturação da cidade, não rejeitando completamente as premissas anteriores, tem necessariamente de contemplar alterações profundas que ocorreram na vida social, política e económica, a partir da altura em que o fenómeno da globalização ganha força activa e generalizada. Desde logo, sobretudo as grandes cidades, são obrigados a pensar num espaço e em ofertas que satisfaçam as necessidades de, não apenas a sua população residente, mas todos os que a procuram diariamente em migrações mais permanentes ou em migrações pendulares.

Da mesma forma, a cidade, após a globalização tem de oferecer respostas às diferentes necessidades de procura, numa acção simbiótica entre o global e o particular, entre os de fora e os de dentro, entre o pragmatismo e o sonho.

As cidades transformaram-se em lugares de todos, contemplando multiplicidades étnicas, culturais, funcionais e sociais. Da cidade que segue os seus impulsos, passa-se à

cidade planeada segundo a sua diversidade e multiculturalidade, na procura de uma imagem atractiva.

A globalização e a facilitação da comunicação e das movimentações das pessoas, traz à cidade uns *outros* que se transformam rapidamente em preocupações de teor social, económico e político. E, apesar da cidade se preparar para o seu acolhimento, eles trazem-lhe também problemas para as quais parece não estar preparada, desde o acolhimento, aos conflitos sociais, basicamente provocados pela dificuldade de aceitação da diferença. Alguns dos bairros abandonados ou de lugares devolutos acabam por acolher alguns destes actores,

*"ou se vejam investidos por populações com problemas em busca sucessiva e malograda de um lugar de integração. Alguns desses bairros tornam-se então bairros de passagem para populações instáveis: arriscam-se desde logo a ganharem má fama e a serem conotados, numa política de terapia social, como sendo bairros que devem ser tratados, quando não arrasados, e em relação aos quais, em todo o caso, convirá ter uma solicitude particular"* (Remy; Voyé ; 2004, pp 101)

Mas se estas movimentações e migrações trouxeram algumas preocupações, ofereceram-lhe também oportunidades de novas imagens, novos sons, novos odores e sabores e , acima de tudo novas culturas que vem enriquecer a cidade, *"que pode constituir parte importante da construção imagética"* (Sofia, S. 2008) .

Face a uma nova imagem para a cidade, que se inserem também a recuperação e revitalização de espaços degradados, como aconteceu no contexto da Expo 98, e um pouco por todo o mundo, havendo disso exemplos bem conhecidos como a criação de espaços museus a partir da utilização de espaços industriais abandonados mas também a ocupação de grandes espaços como o que serviu de suporte aos jogos olímpicos de Barcelona, à feira de Sevilha, à Expo 98, ou a própria integração de bairros degradados no contexto imagético e cultural da cidade como a Chinatown nos E.U.

Um outro exemplo que já teve desenvolvimento noutras cidades como Roterdão, Marselha, Barcelona, Antuérpia e outras, e que em Portugal atravessa também agora um

tempo de preocupação e de intervenção através do programa Polis<sup>3</sup>, é o arranjo das zonas ribeirinhas e das zonas portuárias, recuperando-as para a cidade e promovendo a aproximação das pessoas aos seus espaços de água.

A recuperação e revitalização urbana, sobretudo dos centros históricos, tem igualmente sido alvo de atenção das políticas que se preocupam com a imagem da cidade. Em Portugal, e nomeadamente em Lisboa, parte desta intervenção, que servirá também para novos acolhimentos e realojamentos, tem sido suportada pelo programa Urban<sup>4</sup>.

Perante esta ideia, a cidade parece ter mudado alguns dos seus fundamentos alicerçantes do trabalho, do mercado e do consumo, para se fundamentar agora em lógicas de acolhimento, olhando permanentemente para a mutação rápida das sociedades.

Surgem assim novas teorias e novos teóricos que tentam centrar o seu estudo em novos paradigmas como a ideia da Imagética urbana, iniciada por Lynch,(1996) ,que apontam para a transformação da cidade em resposta às novas procuras e da necessidade de entrosar uma variedade de dimensões (construtivas, estéticas, decorativas, sociais, culturais, etc.) em termos da sua relação com o espaço, o tempo e a sociedade, sempre na procura da preservação do património urbano.

O envelhecimento e conseqüente desadequação, nalguns casos degradação, de lugares sobretudo situadas nos centros urbanos, tem igualmente motivado estudos e novas contribuições para a readaptação das cidades a uma nova realidade social trazida pela globalização. A procura desses espaços degradados por populações que procuram alojamento económico, muitas vezes através de ocupações ilegais, vem trazer preocupações de regulação e reordenamento aos investigadores e planeadores urbanos.

São exemplo disso as teorias sobre os Vazios Urbanos, ou Terrain Vagues, como lhe chamou Solá-Morales (2002), que motivaram, aliás, em 2007 a Trienal Internacional de Arquitectura de Lisboa, vão à procura dos espaços abandonados, degradados ou obsoletos, apontando a necessidade de se olhar para eles como espaços de congregação e não de ruptura, criando assim um novo impulso para a reforma da cidade.

*“uma área sem limites claros, sem uso actual, vaga, de difícil  
compreensão na percepção colectiva dos cidadãos, constituindo*

---

<sup>3</sup> Programa de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental de Cidades foi criado através da [Resolução do Conselho de Ministros n.º 26/2000, de 15 de Maio](#), que propõe desempenhar um papel mobilizador e potenciador de iniciativas que visassem a qualificação urbanística e ambiental das cidades.

<sup>4</sup> Programa de iniciativa comunitária de revitalização urbana

*normalmente um rompimento no tecido urbano. Mas é também uma área disponível, cheia de expectativas, de forte memória urbana, com potencial original: o espaço do possível, do futuro“ ( Solá Morales, 2002)*

*"São lugares aparentemente esquecidos em que parece predominar a memória do passado sobre o presente. São lugares obsoletos em que apenas certos valores residuais parecem manter-se apesar da completa desafecção da actividade da cidade".( Ignasi de Solà-Morales; 2002, referenciado no relatório da Trienal de Arquitectura de Lisboa 2007)*

Outros autores, como Harvey (1992) tinham também explorado já esta análise a partir de um princípio de racionalidade estética, apontando, através dela para a possibilidade de conjugar estética e vida social, com o objectivo de alcançar a igualdade social. Novas teorias e novos teóricos seguem este caminho, iniciando um percurso harmónico entre a arquitectura e as ciências sociais. Em Portugal, Boaventura Sousa Santos (1995), igualmente defensor desta perspectiva multidisciplinar, vai ao ponto de a considerar necessária e urgente, devido às transformações rápidas que se operam na sociedade portuguesa e mundial. a partir dos finais do séc. XX, mas alerta para uma quase armadilha criada por estas mudanças, e a necessidade de se pensarem estas mudanças numa perspectiva paradigmática.

A necessidade de reconstrução sentida nalgumas cidades e partindo do exemplo de Berlim na sequencia da queda do Muro, vem trazer novos estudos de apoio à reconstrução urbana. O mapeamento de zonas de recuperação em paralelo com definição de zonas para novas construções, vem, de algum modo, trazer novas ideias e renovar as que defendiam a reconstrução das zonas degradadas, de uma forma análoga à que haviam sido construídas inicialmente, valorizando factores históricos e etnográficos, A reconstrução das cidades, das suas zonas degradadas e dos seus vazios, vem aos poucos a ser pensada como uma política urbana sobre a cidade e planeada no seu conjunto.

Portugal segue nesta corrida europeia de reconstrução urbana, aliás largamente protegida pela própria Comunidade Europeia, através de financiamentos específicos<sup>5</sup>. Na

---

<sup>5</sup> Programa URBAN, Programa Polis e outros

década de 90, Lisboa elabora planos de intervenção urbana baseada na renovação de infra-estruturas e o delinear de programas estratégicos globais que envolvem a Capital e as regiões circundantes, com um pendor ambiental forte. A recuperação de áreas degradadas cabe também nestes planos para Lisboa . A reconstrução do Chiado destruído pelo incêndio de 1988, a Construção da nova Ponte sobre o Tejo e a recuperação do espaço ribeirinho ao Sul dos Olivais, para utilização cultural (Expo 98) e posteriormente integrada no reordenamento urbano, e ainda a ampliação e melhoramento da rede de transportes públicos com forte incidência na rede de Metro de Lisboa são disso claros exemplos. Lisboa associa assim as duas tendências centradas sobre a imagem da cidade e nos vazios urbanos sobretudo os dos centros históricos, ampliando ainda a possibilidade de utilização de novas zonas residenciais a construir sobre terrenos equipados das infra-estruturas básicas.

A partir do início do sec. XXI, Lisboa passa a integrar as exigências europeias em matéria de reconstrução e revitalização urbana, e a planear e agir sobre a cidade segundo um modelo de gestão descentralizada que respeita as restantes políticas urbanas, ecológicas e sociais.

Lisboa torna-se assim uma cidade com pretensões de Metrópole, procurando o seu desenvolvimento sustentado e incluindo nos planos os lugares dinâmicos que a envolvem e que consigo interagem e, embora naturalmente, esse caminho se constitua como atractor de novos visitantes, trouxe também *outras procuras*, aumentando significativamente a visibilidade sobre os seus problemas sociais, numa permanente mobilidade espacial e exigindo um acompanhamento multidisciplinar sobre esses fenómenos.

A vivencia das cidades mostra claramente uma mistura de culturas e práticas sociais e também do uso dos lugares para fins diferenciados que são, afinal a consequência das novas relações estabelecidas no espaço urbano. A cidade releva

*“quadros de relacionamento social fervilhantes, de estilos de vida variados, sejam eles consolidados, emergentes ou combinatórios”* (Costa, F. , 2003).

Uma mais recente preocupação na planificação da cidade é a que resulta da banalização das comunicações e das novas tecnologias e que, de alguma forma vem inverter alguns axiomas que estavam presentes nesse planeamento. A preocupação das

distâncias entre as estruturas que a cidade oferece, vem alterar profundamente algumas dinâmicas lógicas procuradas pelos arquitectos e urbanistas, vindo mostrar que "*a distância é uma construção social*" (Bauman, 1999). Ora, as novas formas de comunicação e as novas tecnologias que dão suporte ao fenómeno da globalização, transformando o longe no perto, obrigam a repensar a ideia da cidade enquanto idealização da *cidade virtual*. Uma cidade onde

*“no ciberespaço os corpos não interessam, embora o ciberespaço interesse (...) para a vida dos corpos” (Castells, M. 1974)*

Esta moderna visão sobre o espaço e o tempo das cidades, pode ajudar a compreender os fenómenos de isolamento urbano e também uma nova definição de espaços e grupos, não com base no território que ocupam mas fundamentadas nas novas relações que se estabelecem no urbano virtual através de novas formas e hábitos comunicacionais. É aliás, a partir destas ideias que a cidade pode entender melhor novos espaços e tempos de conflitualidade social.

## 4.2 . A cidade dos lugares

*"quem sobrevoa, vê apenas como a estrada atravessa a paisagem e, para si, ela desenrola-se segundo as mesmas leis que a paisagem envolvente. Só quem caminha pela estrada experimenta o seu poder e o modo como ela, em vez de ser a paisagem que para o aviador se desenrolava como uma planície, a cada curva faz sobressair zonas desconhecidas, clareiras, perspectivas"* (Benjamin<sup>6</sup>, 1992; in Actas dos Ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia. Atelier Cidades, Campos e Territórios)

Dir-se-ia assim que a cidade se divide em *lugares* segundo a sua organização espacial, política, social, cultural, relacional e económica, que interagem no seu meio e entre si, criando uma complexa rede de interações entre a cidade velha e os seus lugares e os novos espaços habitacionais construídos sobre os baldios e os campos agrícolas das periferias, unindo a cidade e as velhas vilas e quintas às cidades envolventes, num mesmo espaço de interesses similares, e fazendo surgir uma certa ideia de pretensão a metrópole a que Fernandes, referindo-se ao Porto-Gaia e arredores, prefere chamar *cidade multimunicipal*. (Fernandes, L. 2003).

Interessa, neste estudo, fazer uma reflexão mais profunda sobre estes lugares, que, numa óptica etnológica, podemos considerar como um espaço *relacional, identitário e histórico*, como o definiu Marc Augé, que o associa também ao lugar de nascimento.

*"Nascer, é nascer num lugar, ter uma residência fixa."* (Augé, M.1994, pp 59).

O mesmo autor refere a "memória dos lugares", associando o conceito à história dos indivíduos que o habitam e dos seus antepassados, onde se localiza a sua residência, talvez herdada de seus pais e onde jazem os seus mortos, e onde residem as suas recordações e referências.

---

<sup>6</sup> BENJAMIN, Walter – (1992) *Rua de Sentido Único e Infância em Berlim por volta de 1900*; Relógio D'Água Editores, Lisboa;

Nesta perspectiva antropológica dos “lugares”, parece não existir lugar para espaços cuja cultura e formas de estar e de se relacionar foram alterados por novos ocupantes, quer nas suas actividades diárias quer mesmo na fixação de residência nesses lugares.

Mas as cidades são dinâmicas. E ainda que persista a necessidade de manutenção da cultura relacional desses lugares, a sua vida vai progressivamente ser transformada por dinâmicas económicas e de subsistência que com elas interferem e as modificam. Ainda assim, a mestiçagem cultural e relacional nesses lugares adquire características que misturam novas e velhas ambivalências criando uma nova identidade social e cultural que resulta diferente de outros lugares.

Assim, a ideia das três características defendidas por Augé, *relacional, identitária e histórica*, parecem manter-se, diferenciando esses territórios, as suas gentes, os seus usos e costumes, das características idênticas de outros lugares.

Os lugares que vamos estudar, e que são transformados em lugares de encontro e de consumo, parecem ser, para os grupos de jovens que os ocupam, espaços ou lugares onde constroem uma identidade grupal e o tomam como sua pertença. Neles desenvolvem relações, cordiais ou agressivas com os seus novos pares ou com os residentes e constituindo-se frequentemente como seu espaço preferencial e de referencia. Nalguns casos figuram já como referenciais para estas espécies de actividades, como por exemplo o extinto Casal Ventoso e mais recentemente a Meia-Laranja. Também eles fazem parte da cidade na sua diversidade e participam na construção de novas identidades e da história dos lugares.

“o habitante do lugar vive na história, não faz a história”. (Augé, M.1994, pp 61)

### 4.3 – Os movimentos demográficos e as novas culturas

A história da cidade de Lisboa revela-nos origens diversas das populações que hoje a utilizam. O seu crescimento urbano está fortemente marcado pelas crises económicas que o país atravessou e as conseqüentes deslocalizações das populações entre o campo e a cidade. Mas outros factos se revelaram marcantes para o crescimento desta cidade e dos concelhos que lhe estão colados: A independência dos territórios que constituíram o Ultramar Português, as lutas pelo poder que se seguiram nalguns destes territórios e as crises económicas que enfrentaram, trouxeram a Portugal um elevado número de emigrantes lusófonos que se instalaram em verdadeiras colónias de alojamentos, com especial relevância para cabo-verdianos, angolanos e guineenses.

Como em todas as outras grandes cidades europeias, Após a cisão da antiga União Soviética e a independência dos novos países que a mesma originou, Lisboa conheceu também grandes migrações dos países de Leste e de outros países africanos, embora esta nova leva de emigrantes se tenha disseminado mais por toda a cidade, concretizando um processo de integração mais naturalmente assumido pela comunidade em que se integraram.

Naturalmente que todos estes movimentos de fixação de pessoas, acrescido das políticas sócio-económicas que revestiram as decisões sobre urbanismo e as pressões especulativas sobre os solos urbanos, obrigaram as populações à constituição de grandes aglomerados que, pouco a pouco se foram construindo como lugares detentores de uma micro cultura própria e de sistemas comunitários de associação que tem por objectivo garantir a sua estabilidade e segurança ou simplesmente a manutenção das suas formas de sentir , de estar e de agir.

Por outro lado, os fenómenos associados à globalização, a multiculturalidade a que se obrigam estes territórios urbanos, parece ter feito diminuir, ou pelo menos dificultou a aquisição de sentimentos de pertença, fazendo de alguns destes lugares verdadeiros refúgios ou dormitórios, frequentemente sem uma vida cultural e social intrinsecamente sua. Para muitos constituem-se apenas como territórios de partida e de chegada. Registam-se por isso frequentes fugas rotineiras e diárias desses lugares, na procura de outros territórios onde a subsistência, às vezes marginal, seja facilitada, ou onde o encontro entre pares seja mais possível. Estes encontros, para além de proporcionarem sentimentos de segurança, trazem a estes grupos novos estilos de vida e novos hábitos que rapidamente se

difundem entre os seus elementos e são adoptados por eles como parte integrante de uma sub-cultura muito própria. Os consumos de drogas ou a procura de reforço para as práticas marginais, afirmam-se como característicos de alguns destes lugares.

Estudos sobre uma certa etnografia dos comportamentos desviantes como o de Becker sobre o desvio na cidade de Nova York , ou os desenvolvidos pelo O Centro de Investigação em Psicologia do Comportamento Desviante e Saúde<sup>7</sup> a funcionar na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, ou ainda os trabalhos desenvolvidos por Luis Fernandes em 1998 têm mostrado a existência e a localização destes lugares.

Neste estudo, procurarei, não apenas localizar alguns desses lugares, sobretudo os que podem ser caracterizados como espaços de consumo ou de partida ou encontro para grupos de consumidores, mas também tentar identificar os percursos desses grupos desde o seu lugar de habitação. O objectivo é identificar alguns padrões caracterizadores de cada grupo e de entender as relações estabelecidas com esses lugares, de passagem ou estadia, e com as suas populações, estudando assim o quanto as suas micro-culturas influenciaram ou foram influenciadas pelas culturas locais, dando lugar a uma nova construção identitária dos lugares. Paralelamente tentarei identificar as mensagens não verbais que cada grupo lança para dentro de si próprio ou para o exterior e que padronizam o comportamento e ligações desses grupos, internamente ou com os habitantes tradicionais dos lugares que percorrem ou onde estacionam.

Barra da Costa num trabalho de investigação centrado numa escola da Margem Sul, e publicado parcialmente no Jornal de Notícias (2001) e referenciado no Relatório da Segurança Interna de 2002 do Observatório de Segurança, intitulado “*Da casa-rua à escola-casa: revolta e divertimento*” afirma existirem em Portugal cerca de 8600 jovens associados em Gangs, a viverem principalmente nas periferias das duas grandes cidades, Lisboa e Porto. Será a partir de estudos como este que procurarei identificar alguns desses territórios de procura ou de reunião e, também identificar as motivações dos encontros.

As actividades destes grupos, em constante movimento, parecem apresentar-se como fortemente perturbadoras da vida quotidiana dos velhos residentes desses lugares,

---

<sup>7</sup> O Centro de Investigação em Psicologia do Comportamento Desviante e Saúde é uma unidade de projectos de investigação nos domínios do comportamento desviante e saúde, criado por decisão do Conselho Científico de 14 de Dezembro de 2001 e aprovado pelo programa de financiamento plurianual da Fundação para a Ciência e Tecnologia a partir de 2004

constituindo-se como o motivo mais forte para a exclusão social dos jovens frequentadores, e dos sentimentos de insegurança manifestados pelos residentes.

Uma questão importante será também identificar donde são provenientes estes grupos ou cada um dos seus membros e se os seus encontros ocorrem ou não nos próprios lugares de origem ou de pertença.

#### 4.4 - Lugares de não-pertença e não-lugares

Alguns dos bairros de realojamento do concelho de Lisboa e concelhos limítrofes, surgiram nas últimas três décadas com objectivos diversos, sendo alguns destes projectos voltados para a reunião de condições habitacionais e de vida com maior dignidade social e humana, proporcionando a famílias desalojadas ou precariamente abrigadas, condições de salubridade e de acesso a condições de habitabilidade consentâneas com a vida actual, permitindo assim criar hábitos de higiene, saúde e condição social mais dignificadas. São, pelo menos estas algumas das questões objectivados em vários planos de realojamento da Câmara Municipal de Lisboa. A ideia, só por si, parece tornar-se numa procura da dignidade pessoal e social, oferecendo melhores condições de habitação e de vida colectiva. Contudo, verificamos, após uns anos desta realidade, que parte desses bairros se encontram vandalizados, se não mesmo destruídos, ao contrário do que tinha acontecido com os bairros da lata onde anteriormente haviam habitado e que, progressivamente, pelo menos no olhar de quem os habitou, foram reunindo melhores condições de vida colectiva, através da iniciativa dos próprios ocupantes. Esta constatação do senso comum, lança alguma preocupação sobre as políticas de realojamento e alguma perplexidade aos agentes municipais e de estado que promovem estas políticas.

*" A análise dos projectos tem vindo a salientar os riscos de uma abordagem demasiado localizada, cuja fundamentação comunitária e de "discriminação positiva" traz, frequentemente consigo os estigmas desse fechamento." (Guerra, I. 2001; pp55)*

Nos bairros da lata construídos à volta das grandes cidades como Lisboa de que são historicamente originários os habitantes de alguns destes bairros foram construídos por cada um, fazendo do seu espaço um lugar de pertença e associando-se em matéria de vizinhança com os que lhe são mais afins. Já no caso de alguns dos bairros de realojamento actuais essa preocupação de manutenção da sua cultura e relações não foram tidas em conta, conhecendo-se casos de separação de famílias alargadas por vários bairros de realojamento. Esta circunstância pode favorecer o sentimento de não pertença, aparecendo nalguns casos uma completa degradação desses bairros de tal forma intensa que obriga a reformulações profundas por parte dos planos municipais e até da eventual destruição de alguns complexos habitacionais como o BNairro da "Argentina" e o Bairro da Malvinas" nos arredores do Funchal.

*“se um lugar pode definir-se como identitário, relacional e histórico, um espaço que não possa definir-se nem como identitário nem relacional nem histórico, definirá um não-lugar.” (Augé, M. 1994; 83).*

No meu ponto de vista inicial, deduzo que para estes grupos alvos deste estudo, os seus bairros de origem surgem como lugares geradores de um sentimento de *não-pertença* mas não como *não-lugares*. É Firmino da Costa que o afirma:

*“Num esboço teórico rápido, importa começar por sublinhar que são lugares e não não-lugares, na acepção que se tornou corrente em algumas análises recentes. Isto é, apesar de todas as dilacerações e dificuldades quotidianas, que boa parte da população neles residente experimenta, são contextos locais “identitários e interaccionais”, densos relacional e simbolicamente.” (Costa, A. 2001, pp 215).*

Ora esta observação parece fundamental para a compreensão da relação destes indivíduos e grupos com a cidade e os lugares de procura e de pertença, e será, por isso alvo preferencial da investigação.

### 4.5- Lisboa, alguns bairros de realojamento

A cidade dos anos 70, está hoje cercada de bairros designados como periféricos constituindo uma nova coroa urbana que se relaciona, e simultaneamente se confronta com a cidade velha.

Situam-se quer nas periferias dentro dos limites urbanos do concelho, quer em algumas zonas históricas da cidade reconvertidas, quer nos concelhos vizinhos em antigas zonas agrícolas que separavam esta cidade de outras zonas urbanas autónomas e que as sucessivas alterações da divisão e classificação administrativas transformaram em novos concelhos ou cidades novas resultantes de um enorme crescimento das antigas vilas.

São espaços variados e sem ligações entre si, com diferentes utilizadores, estilos de vida e arquiteturas. São exemplo disso a Calçada de Carriche, Ameixoeira e Bairro das Galinheiras, situados na zona periférica do norte de Lisboa e que revelam uma grande heterogeneidade de situações ocupacionais, desde núcleos históricos requalificados, bairros de construção ilegal que perduraram no tempo, condomínios fechados ocupados por uma classe económica alta e bairros de realojamento social.

Alguns destes bairros como a Cova da Moura ou Estrela d'Africa, por exemplo, parecem constituir-se como uma *outra cidade* de espaços exteriores desorganizados resultantes de urbanizações particulares das quintas que envolviam a cidade nos anos 70, ou da ocupação abusiva de terrenos baldios, cujas envolvências, ou falta delas, resultaram da necessidade de se construir economicamente e de rentabilizar o solo urbano, optando-se por cérceas de ângulos apertados e por volumetrias verticais, nalguns casos e noutros por pequenas vivendas autodestruidas caracterizadas por uma disfuncional idade e equilíbrio instável das infra-estruturas urbanas. Nos primeiros casos são zonas de elevadíssimas taxas de ocupação, muitos deles carentes de estruturas sociais, económicas e culturais em número e qualidade suficientes e satisfatórias e noutros caracterizadas pela ausência total de um planeamento de conjunto e insuficiência ou ausência de infra-estruturas urbanas.

Em alguns destes bairros, ou simplesmente ruas, observa-se uma vida caracterizada por movimentos de entrada e saída de gente que sai e retorna para e do trabalho em horários desfasados, e em correrias que os ligam desde os prédios até aos pontos de toma dos transportes públicos. Mostram-se ao olhar do observador como verdadeiros bairros dormitório, ou de permanência reduzida.

Noutros, o movimento das ruas aparece apenas preenchido por idosos e poucas crianças, claramente identificados como bairros ocupados por famílias novas que arrastaram consigo as gerações anteriores em escolhas de lugares cujo preço de renda ou de compra, fosse compatível com os recursos económicos do seu trabalho. Durante o dia, o observador pode encontrar nos sítios públicos apenas os que ainda ou já não trabalham. E os movimentos cingem-se à ida ao minimercado, ao café ou simplesmente à permanência nos poucos espaços exteriores colectivos.

Na leitura de alguns trabalhos sobre bairros de Lisboa, parece sentir-se uma evolução do conceito de Bairro surgida nas últimas décadas. Para muitos autores que descreveram ou estudaram os bairros históricos de Lisboa, o conceito de bairro, para além de características urbanísticas e arquitectónicas específicas de cada um, encerra em si mesmo uma ideia de identidade cultural, ou identidade de bairro tal como a definiu Firmino da Costa (1999; 109), caracterizando-os como lugares onde surgem

*“dinâmicas de constituição recíproca de identidades colectivas enquanto bairros”* (Costa, F. ; 1999; 113),

onde são reconhecidas, com visibilidade externa, práticas identitárias e reportes culturais próprios, que se mantiveram no tempo, merecendo quase sempre a designação de “bairros populares”.

Mas este conceito contrasta com um novo significante de Bairro, frequentemente utilizado na gíria popular lisboeta, que, só por si, traz já uma carga segregativa, identificando um território e as suas gentes com um sentido segregador e estanque, seja o bairro de habitação social ou um de condomínio fechado. As *gentes dos bairros*, são, nesta gíria, quase sempre referenciadas como perigosas, ou de condição degradada socialmente.

Alguns destes bairros escapam a referências e olhares estranhos. São bairros residenciais de dormitório, de pouca vida durante o dia e mesmo durante a noite, em que, quando ocupados, se fecham sobre si próprios, prescindindo de relações de vizinhança.

Outros, porém são habitados por desalojados de outros lugares ou ocupados por migrantes que procuram na “cidade grande” as oportunidades e a subsistência. Nestes casos, surge com forte incidência o fenómeno de acolhimento de emigrantes de outras nacionalidades, numa mistura de culturas, hábitos e até línguas, constituindo espaços de heterogenia cultural e polifonias estranhas. São, sobretudo, sobre estes bairros que surgem ideias de excentricidades, marginalidades e anomias, dando lugar a conceitos e imagens diferentes sobre “o bairro”

Na gíria de rua, e no conceito dos antigos e inconformados residentes desses lugares, a designação de Bairro traz uma carga marginal ligada à ideia de lugar excluído onde se fixam grupos fechados e perigosos, trazendo quase sempre associada a ideia de “lugares malditos”.

Nesses lugares misturam-se culturas e formas de vida.

*"zonas de contacto onde se entrecruzam moralidades contraditórias"* (Arantes, A. In Fortuna C. (org.) 2001; pp 260).

Ora, parecem ser essas “*moralidades contraditórias*” que diferenciam os estratos populacionais que se misturam na vida das grandes cidades e que caracterizam as actividades destes grupos na procura do sustento e de consumos.

#### 4.6 - A polifonia de alguns lugares

Numa cidade como Lisboa, são intensos os fluxos de gente de dentro e de fora, em variadas missões de lazer, laborais, comerciais ou comunicacionais. São estas diferenciadas origens de quem procura a cidade ou nela vive, bem como as diferentes missões que os impulsionam que dão origem a uma complicada mistura de signos comunicacionais quer na sua forma escrita quer na sua forma verbal.

Sobretudo nos lugares de maior frequência turística ou nas zonas de serviços e comércio, misturam-se sons originados pelo movimento e actividade da própria estrutura urbana com outros provenientes de múltiplas linguagens.

*A Lisboa da diversidade é apresentada como a cidade onde “paisagem, sons e aromas de África, Brasil e Ásia pairam no ar ao longo das docas (...) e sobem pelas palmeiras alinhadas das avenidas e praças” (Time Out, 2001: 40). É a Lisboa onde a mistura cultural está a tornar-se mais diversa do que nunca, a ponto de se considerar que “o futuro de Lisboa é a mistura” (Agenda LX, Jul. 2005: 3).(Carvalho, F. 2006)*

É um lugar de línguas estrangeiras com diferentes pronúncias de línguas locais ou mesmo de novas expressões comunicacionais, sonoras, gestuais ou gráficas, de grupos diferenciados que adoptam estilos internos para comunicarem para o interior dos grupos, formando como que uma mestiçagem entre as línguas, os idiomas e as pronúncias.

Dir-se-iam lugares onde as identidades se confundem ou se baralham em jogos de interesses ou de costumes.

São lugares, como por exemplo o Rossio ou o Martim Moniz, igualmente caracterizados por múltiplos odores e cores, onde, no meio do anonimato se concentram alguns grupos unidos por nacionalidades ou interesses comuns, deixando dúvidas sobre as definições de Marc Augé entre os lugares e os não-lugares.

Mas são também excelentes campos de comunicação, possibilitando contactos e relações temporais, organizadas no colectivo dos espaços públicos e incentivados pela estimulação visual dos trajes à mistura com as mensagens policromáticas que revestem as paredes e ruas desses lugares. Lugares de informação variada, e de trocas simbólicas e comunicacionais muito procurados por aqueles que tentam participar nos grupos de encontro de uma determinada comunidade, nacionalidade ou característica social.

Também aqui, frequentemente, se encontram, durante o dia, grupos de jovens consumidores. Talvez pela possibilidade de se refugiarem no anonimato ou talvez pela enorme quantidade de actividades ou recursos diferenciados que estes lugares oferecem à sua procura de subsistência.

Nesta perspectiva, a observação destes lugares de polifonia reveste-se de maior interesse, já que, também nestes grupos se criam ou utilizam formas de comunicação diferentes, umas voltadas para o interior dos grupos, outras para o exterior, quer na comunicação oral, falada ou cantada, quer na comunicação gestual, quer ainda na utilização de outras formas relacionadas com as artes, nomeadamente a dança, a música e a pintura, quase sempre integradas dentro do movimento Hip-hop.

#### 4.7 - Percursos de procura; do Bairro ao consumo

*“O mundo das periferias não é redutível nem ao do ghetto, nem ao das comunidades, nem mesmo ao da dependência económica e social, articula lógicas de acção próprias que podem indicar dimensões essenciais de uma cultura popular heterogénea e frágil”.* Dubet, F., Citado por Guerra, P. 2002

##### 4.7.1 - A cidade e a geografia da invisibilidade

*“ Só vemos o que conhecemos” Goethe*

Numa interessante conversa com Jesús Cartelle<sup>8</sup>, e partindo embora da diferenciação cultural entre os lugares trabalhados por este técnico e os lugares que este trabalho pretende observar, ressaltam muitas similitudes centradas mais nas problemáticas das populações estudadas do que nas questões levantadas pelos lugares de partida e de procura. Contudo, uma teoria centrada na “geografia da invisibilidade” parece fazer sentido e ser comum aos dois contextos. Ele parte da permissa de que *“Un individuo desarrolla una dependencia en un contexto socio-ambiental determinado”* diferenciando a abordagem dos problemas específicos do consumo de lugar para lugar e tornando específicas as actuações no campo da prevenção, do tratamento e da sua reinserção. Segundo Guillen (2004), referido por Jesus Cartelle nesta conversa,

---

<sup>8</sup> **Jesús Cartelle Fernández** - Servicio Drogodependencias Riveira (Galicia) - SERGAS  
Acessor de qualidade e supervisão de equipas - DRN-IDT - Consultor de qualidade - DRC-IDT

*“El contexto se convierte en una variable moduladora en la formación de comportamientos sociales ante la interacción de la diversidad intercultural”*

. Por isso ele afirma que cada comunidade tem os seus lugares específicos onde se desenvolve a vida social, distinguindo entre lugares centrais com visibilidade e lugares periféricos onde a invisibilidade social ganha forma.

No primeiro destes casos, segundo esta teoria, assente também nas opiniões de Merton e Simmel, constitui-se como que

*“uma relação social originada no intercâmbio de jogos considerados como valiosos e de algum mérito pelas pessoas integradas numa actividade”* (Merton e Simmel, citado por Cartelle in entrevista exploratória)

e que determina, pela excelência de alguns, a possibilidade de esses lugares serem olhados com respeito e estima social. Já no segundo caso, quando as cidades tendem a ser olhadas como um todo homogéneo, deixam de parte certo tipo de populações onde a excelência não é notada, envolvendo-as num manto de invisibilidade da deterioração social. E são essas zonas precárias que acabam por constituir as *“geografias urbanas de invisibilidade social”*.

No dizer de Joan Nogué e Joan Romero (2006), citados por Jesús Cartelle nesta conversa,

*“son expresiones geográficas de la contemporaneidad poco estudiadas habitualmente por su intrínseca dificultad y accesibilidad, o por un apariencia invisible, intangible, efímera y/o fugaz”*. (Nogué e Romero, 2006, citado pelo mesmo)

Ainda segundo este técnico, em muitos casos, esta vulnerabilidade social favorece o consumo de drogas, de tal forma que se pode falar de uma *“geografia urbana da vulnerabilidade”*, relativamente aos territórios ou lugares psicotrópicos.

Ora estes territórios periféricos, acabam por se tornar frequentemente desconhecidos, quer pelo desinteresse político sobre elas, quer pela reserva da sua privacidade procurada pelos próprios, já que, frequentemente estes indivíduos incorreram em condutas ilegais ou socialmente inaceitáveis que importa esconder, e também porque a sua confiabilidade nos serviços e instituições da cidade é muito reduzida.

Estas geografias da (in)visibilidade assentam, claro, na posição social dos seus cidadãos, mas também nas competências profissionais e culturais e na capacidade ou incapacidade da cidade criar e manter iguais índices de oportunidades e abafar os preconceitos, para além das frases e intenções políticas anunciadas mas raramente conseguidas.

*“O simples reconhecimento da igualdade de direitos entre diferentes grupos sociais não garante, na prática, a igualdade de oportunidades. Da mesma forma, admitir a diferença como constitutiva dos diversos grupos, como característica essencial deles, acaba por justificar hierarquizações e exclusões. A práxis do multiculturalismo crítico e de resistência questiona as relações de poder que produzem, continuamente, as diferenças” (McLaren, 1997, p.133).*

### 4.7.2 - Os “bairros perigosos”

Na perspectiva anterior das *"invisibilidades sociais"*, parecem enquadrar-se alguns bairros, tanto da periferia, como do centro urbano. Associando estas ideias com as linhas do Interaccionismo Simbólico e da Escola de Chicago, podemos observar a cidade numa abordagem do crescimento urbano e concentração populacional nas grandes cidades, como um processo que anula ou dificulta as relações sociais primárias e desmorona as estruturas e procedimentos que garantiam habitualmente a socialização e integração social dos indivíduos. Thrasher, *The Gang (1963)* e BECKER, H. *Outsiders, (1985)*.

Ora esta dificuldade na relação motivada pelas razões já anteriormente referenciadas proporciona o aparecimento de uma tentativa político-social de ocultação dos

problemas e dificuldades destas populações. Naturalmente que esta exclusão é também facilitada pela ocorrência de actos comportamentais desviantes ou delinquentes, que alguns membros destas comunidades residentes nos bairros periféricos praticam e a que já nos referimos. Mas a verificação destes actos não nos permite generalizar para uma identidade delinvente relativamente aos habitantes das margens urbanas. Para os habitantes mais antigos desses lugares, antigamente rurais e hoje ocupados por uma população diversificada, realojada socialmente ou proveniente de outras zonas da cidade velha a cuja pertença não têm possibilidades económicas de se manter ligados, é-lhes fácil direccionar para estes novos ocupantes as culpas pelos seus próprios sentimentos de insegurança, que ocorrem mais frequentemente quando os novos residentes são oriundos de antigos bairros de habitação precária ou de outros países e outras etnias e sobretudo, outras culturas, criando uma espécie de auréola delinvente á sua volta e a fama de “lugares perigosos” e gerando sentimentos de exclusão social e racial.

Como nos relatou António, na Damaia, quando das primeiras buscas para identificar os lugares que viríamos a estudar

*- Não se pode andar por aqui...Esta malandragem apanha tudo o que puder...para a droga, já se vê! E ás vezes para além de roubar fazem mal às pessoas...mais às mulheres...São uns cobardolas. Ainda noutra dia foi a minha neta...ficou sem a carteira e o telemóvel... e se um vizinho não aparece ainda tinha sido pior. Deviam acabar com esta raça (negra)... Antigamente passeava-se por aqui tranquilo, mas agora é preciso ter cuidado com a malta. Alguém devia por esta raça daqui para fora...*

*António (nome fictício), 62 anos antigo residente da Damaia*

Sabemos que essas populações são, sobretudo constituídas por famílias mais novas, e/ou de baixos rendimentos económicos e que ainda não beneficiaram das oportunidades de estabilização económica e emocional mas,

*“... a pobreza, em si, e a conseqüente limitação de oportunidades não bastam para produzir uma proporção alta e conspícua de comportamento criminoso” (Merton, R. 1970 pp220).*

Aliás, a verificação das ocorrências participadas policialmente mostra-nos que, embora existam nalgumas esquadras de jurisdição destes bairros um número socialmente alarmante de casos concentrados nesses bairros, a percentagem relativa à população residente não é alarmante e quase sempre os diferentes desvios ou crimes concentram-se num número pequeno de residentes embora com frequentes desmandos. Em muitos casos se verifica também que existem frequentes participações sobre crimes ou desvios praticados por populações não residente, facilitados talvez pelos ambientes de fechamento em que esses bairros vivem.

*“Um exemplo pleno de actualidade é o da imagem dos subúrbios, definidos como um todo homogéneo e promovidos mediaticamente como o reino dos lugares perigosos”, (Baptista, L. em Etnografias Urbanas, Graça Índias et al, org. 2003; pp 38).*

Esse sentimento de fechamento funciona aliás em dois sentidos: num primeiro momento, o isolamento dessas populações contribuem para o aumento do sentimento de desconfiança por parte dos velhos residentes e das populações que os cercam. Por outro lado, facilita também a construção de uma autopercepção de um certo abandono que esses ocupantes sentem, por um país cuja democracia garante, pelo menos no plano político-normativo, a igualdade de oportunidades. Essa garantia, contudo

*“nada retira da crueldade das competições e das desigualdades reais que, pelo contrário, se desenvolvem.” (Dubet, F. 2006)<sup>9</sup>.*

São sentimentos que provocam frequentemente acusações e agressividades, desta vez em sentido contrário ao referido anteriormente.

*“Nem se pode ouvir música. Chamam logo a polícia, cara. Não é legal... O Brasileiro curte a música, cê sabe... Se você está em*

---

<sup>9</sup> In “Conceitos e Dimensões da Pobreza e da Exclusão Social” – Balsa, C.; Boneti, L.; Soulet, M. (org.), Rio Grande do Sul, Edições Unijuí, 2006

*casa, não era pra estar... Se você sai à noite, vai prá vida... è o inferno, cara... Não fiz mal a ninguém, só quero curtir a minha vidinha sossegada, pomba..."*

*Vânia (nome fictício), 27 anos, cidadã brasileira, legalizada, a viver em Portugal, no Alto da Ajuda, há 4 anos*

É um sentimento de exclusão que acaba por vitimizar os dois lados. De facto, de um lado existe a percepção de uma certa invasão conseguida de culturas e hábitos estranhos. Do outro a percepção de uma ausência de possibilidades de socialização ou de uma socialização enclausurante que apenas lhes permite receber a cultura dominante e nunca oferecer a sua própria cultura, sentindo-se nela também enclausurados. Parece ser uma ausência de oportunidades de troca, em que cada um poderia receber do outro sem perder o que é identitariamente seu. Naturalmente que este sentir vai minando outros sentimentos fundamentais para o ser humano, como a própria necessidade de pertença, que, não podendo consubstanciar-se nos seus lugares de origem, promove a procura dessas pertenças a outros lugares e outros grupos humanos de fora.

#### 4.7.3 -Um olhar marginal sobre alguns lugares da cidade

*...Os atributos dos mais pobres parecem constituir um todo indissociável e o seu bairro um recipiente de culturas de desviância”  
( Gervaise, citado por Luís Fernandes em Etnografias Urbanas, Graça Índias et all, org. 2003; pp 55)*

Alguns dos lugares observados na cidade de Lisboa parecem descaracterizados da sua cultura tradicional e histórica, para assumirem uma cultura formada por pequenos extractos de outras culturas, diversas na sua origem e nas formas de sentir e estar na cidade. É o caso da zona do miradouro de Santa Catarina, onde surgem e se misturam

diversas culturas urbanas seguidas pelos diferentes grupos, mas também uma diversidade étnica e social. Diferentemente, assumindo características muito próprias, outros lugares como o Martim Moniz, por exemplo, traz-nos a impressão de que o mundo inteiro se juntou ali, tal é a profusão de cores e idiomas que tem lugar na própria praça ou nos seus estabelecimentos comerciais, e que o transforma num outro lugar diferente, mas já olhado e aceite como um lugar específico que alguns procuram para usufruto desta característica globalizada e com a qual se misturam pacificamente.

A cidade parece, nestes lugares, tomar contextos culturais e geográficos indefinidos, misturando gentes que habitando os bairros periféricos, utiliza a cidade como local de encontro entre pares de uma mesma cultura, ou como lugar de angariação de recursos de sobrevivência, através da importação de produtos culturais completamente dissonantes do que era tipicamente histórico.

Para além destes lugares que os fenómenos da Globalização transformaram, existem outros lugares cuja transformação parece acontecer pela coabitação entre velhos residentes e outros ocupantes vindos de outros lugares periféricos ou de outros lugares da cidade, fazendo deles espaços de actividades sombrias e marginais. Este olhar sobre os lugares mais periféricos, a quem o discurso de senso comum atribui a origem de todos os males, acaba por transportar para os lugares utilizados por estes ocupantes no miolo urbano da cidade a mesma fama que é atribuída aos que, vindos dos lugares periféricos, os utilizam para as suas actividades de encontro ou de práticas marginais ou de angariação de recursos, transportando consigo a imagem de perigosidade que os seus lugares de origem já detêm.

Se parece ser claro que alguns destes lugares sofreram um processo de *destradicionalização* como descreveu Fortuna embora em contexto diferente, (*Fortuna, C. em Cidade , Cultura e Globalização, Carlos Fortuna org.1997, pp232*) também parece verdade que, em muitos deles essa mutação cultural não parece alterar gravemente a vida das suas populações residentes, embora, no discurso quotidiano surjam lamentações mais de saudade do que de contestação à presença dos *outsiders* que trazem alterações à calma dos lugares. Tal como referiu Fortuna,

*“Perante a superficialização ou eventual perda das suas raízes identitárias, os indivíduos procuram no passado e na memória*

*da cidade compensação para a correspondente e desconcertante ambivalência dos valores” (Fortuna, 1997, pp233).*

Os lugares, habitados por uns e ocupados por outros, parecem, eles próprios alterar o seu ambiente oferecendo a uns e outros a possibilidade de nele desenvolverem diferentes tipos de ocupação e de relações.

*“ Mais do que territórios bem delimitados, esses “contextos” ou “ambientes” podem ser entendidos como zonas de contacto, onde se entrecruzam moralidades contraditórias...” (Arantes, A. em Cidade , Cultura e Globalização, Carlos Fortuna org.1997, pp260).*

#### 4.8- A relevância do lugar no processo de consumo de drogas ilícitas

O estudo dos lugares de consumo, encontro ou actividade dos jovens consumidores de drogas ilícitas, parece ter ganho importância apartir dos estudos de Luis Fernandes (*O Sítio das Drogas*, 1998) e de Miguel Chaves (*Casal Ventoso: da gandaia ao narcotráfico*. 1999). A pesquisa de carácter etnográfico, vem mostrar que, ainda que estes locais sejam caracterizados pela ocupação por grupos vulgarmente tomados como marginais, a simbiose entre os residentes e estes ocupantes acaba por identificar estes lugares caracterizados por uma *estrutura de oportunidades ilegais*.

Foram sobretudo os estudos de Miguel Chaves que vieram trazer algum conhecimento localizado para a compreensão da actividade de compra e venda de drogas ilícitas face à sua natureza ilegal do narcotráfico e para a compreensão das relações e identidades formadas a partir desses lugares e, sobretudo das interacções entre os ocupantes temporários destes lugares e os seus pares ou residentes.

*"As vivencias comunitárias tendem a especializar-se, a incluir e excluir pessoas, sendo que os próprios sentimentos de pertença se projectam sobre determinados espaços e sobre determinados grupos e pessoas" (Chaves, 2000; pp 901)*

Na sua grande parte, o consumidor dependente de drogas ilícitas não consome nos seus lugares de origem, tal como não procura adquiri-las nesses lugares. De certo modo procura fugir dos contextos onde é conhecido, talvez numa tentativa de escapar ao controle social mesmo quando ele é reduzido.

Quando se integram em grupos mais ou menos estáveis esta procura de produto faz-se também em lugares diferentes dos usados para o encontro ou para o consumo, cuidando para que os dealers não incomodem os residentes, numa tentativa de não os hostilizar.

Entre o lugar de partida ou de pertença e os lugares de consumo, há, por isso, trajectos, por vezes longos.

A grande maioria consome em lugares de acesso público com outros toxicodependentes, conhecidos ou não, ou em lugares próprios mais reservados mas, ainda assim, em pequeno grupo.

Naturalmente que estes percursos desde o lugar de partida até ao lugar de consumo, nem sempre são directos, acontecendo frequentemente paragens e tempos de espera onde se reúnem com outros, num vai vem constante tornando o *junkye* bem visível aos olhos de todos. Mas o que parece ser mais habitual são pequenos tempos de paragem em lugares intermédios onde promovem a angariação do dinheiro ou valores de troca, que lhes são necessários para a compra. Chamo-lhes no primeiro caso, *lugares de encontro*, e no segundo *lugares de actividade ou de angariação*.

Estes lugares tem características diferentes, embora alguns estejam muito próximos dos outros. Enquanto no primeiro caso o consumidor tenta encontrar-se com outros pares em territórios que lhe são próximos, ou próximos dos pares que procura, no segundo caso procura espaços públicos muito utilizados, na construção de oportunidades para desenvolverem pequenas actividades lucrativas, tais como o arrumo, a venda do pequenos objectos ou utensílios, a mendicidade, a prostituição de oportunidade ou subsistência, etc...

São por norma lugares de passagem curta, embora alguns acabem por eleger para este efeito lugares muito próximos dos lugares de compra e, por consequência, próximos dos lugares de consumo. Pela nossa observação, deduzimos que a grande maioria de consumidores subsiste individualmente e os consumos em grupo são casuísticos, não se constituindo relações grupais. Contudo, alguns outros subsistem em estratégias grupais, com encontros regulares, elegendo para isso os seus lugares para esses encontros.

Esses lugares de encontro que servem apenas para esta função, a permanência é, por norma, maior. São tempos utilizados no encontro com outros pares e onde se satisfazem as necessidades de pertença a um grupo e se desenvolvem solidariedades diversas, na procura da minimização dos sofrimentos de solidão ou dos sentimentos de invisibilidade social. Será também a procura de reconhecimentos de competências específicas ou de reconhecimento de si próprio enquanto pessoa.

Na realidade cada um destes lugares não parece ser escolhido por acaso. Sentimentos e necessidades como a segurança e a procura de protecção em grupo, bem como algum desejo de reserva da sua intimidade nos consumos, e ainda a procura de lugares em que os residentes mais facilmente os aceitem ou pelo menos tolerem, interferem na escolha destes lugares. Mas, para além destes aspectos, a própria localização e também a configuração do lugar, fora dos lugares de passagem ou simplesmente mais escondidos dos olhares indiscretos nuns casos, e noutros, os lugares muito concorridos por outros grupos com actividades diversas, onde os consumidores possam passar despercebidos no meio de outros grupos, parecem também constituir preocupações na escolha dos lugares de encontro e/ou de consumo.

Já quanto aos lugares de actividade, a procura parece ser determinada pela existência de clientelas específicas e facilitadoras da actividade escolhida.

### 4.9 - Marginalização e construção identitária

Na abordagem destes grupos e no seu conhecimento mais próximo, parece entender-se que a conformidade e o desvio, numa aparente estranha amálgama, parecem estar presentes na vida e nas atitudes destes jovens. Contudo, os sentimentos auto revelados dão-nos a entender que os desabafos transcritos no capítulo anterior “...*esta malta não tem respeito, nem valores...nem nada...*”, não serão absolutamente correctos. As atitudes delinquentes que alguns praticam e o modo de vida socialmente marginal que quase todos manifestam, tem, na sua própria análise, justificações ligadas quase sempre às necessidades de consumo. Contudo, e sobretudo no interior do grupo, parecem existir sentimentos de solidariedade e de relação com os outros que vem desmentir esta “ausência de valores”.

Num estudo feito sobre crianças de rua, Ricardo Lucchini afirma

*“ Não há razão nenhuma para considerar que a criança de rua é desprovida de senso moral” ( Lucchini 2000; 38).*

Também nestes grupos de jovens com vivências de rua, esta afirmação parece enquadrar-se quando observamos a partilha do produto com companheiros que, naquele dia não conseguiram arranjar proventos suficientes para a sua aquisição, ou mesmo a preocupação de uns sobre outros que *“não estão a bater bem”*, num qualquer momento.

Mesmo em diálogos cujo tema cai fora dos consumos e das dependências, muitos parecem manter quadros referenciais de valores, a pesar de, por vezes estarem misturados com novos valores de grupo influenciados pela actividade ligada ao consumo.

*“os actos anti-normativos no interior de um grupo podem revestir valores funcionais para os autores e para o próprio grupo” – (Vala, 1985).*

Da mesma forma se verifica, pelo menos na maioria dos elementos dos grupos observados, que reside ainda algum senso crítico sobre a sua situação e os comportamentos e atitudes que cada um assume. Por vezes, contudo, estas atitudes estão já condicionadas pela situação de exclusão social em que se encontram, assumindo-se como um ciclo que parece ser difícil romper.

Alguns dos valores que ainda residem são também influenciadores do próprio grupo. Parece formar-se como que um *“enriquecimento recíproco pelo jogo das diversidades” (Lengrand, 1982).*

Neste jogo, alguns assumem a sua situação de marginalidade social e funcionam dentro dela, constituindo um quadro de novos valores e uma identidade marginal que parece condicionar os seus comportamentos e atitudes quer individuais quer de grupo. Para estes, a imagem da própria cidade imagina-se com outras formas e constrói-se com outras funcionalidades face a este quadro de valores e identidades, ajudando a construir novos quadros de relações quer com os espaços quer com as pessoas.

*“A cidade vivida é também uma cidade imaginada com os seus espaços de culto, os seus altares e, inversamente, os seus interditos.*

*Desta forma torna-se um elemento central na definição das identidades sociais.” Pinheiro, M; Baptista, L; Vaz, M. 2001 ).*

Reciprocamente, também a cidade parece olhar para estes ocupantes desta mesma forma, enquadrando-os genericamente nesta imagem de identidade marginal e, em face disso, promove frequentemente a sua exclusão, que é aliás, sentida e identificada no interior dos grupos. Face a esta exclusão os grupos parecem fechar-se mais sobre si próprios e formar entre si e com outros grupos, verdadeiras comunidades de auto ajuda e de relação. A coesão interna a que algumas vezes são obrigados pelo fechamento das suas próprias comunidades de pertença ou de abrigo, parecem facilitar a criação de uma nova identidade de grupo e social, identificada num quadro de atitudes e de diferenciadas formas de estar e de agir entre si e com os lugares ocupados e as suas gentes, chegando a criar com estes relações de pertença e/ou vizinhança, pela necessidade de viverem num mundo adverso.

Tais identidades são manifestadas também por símbolos externos, quer através de formas gráficas, quer através de manifestações culturais próprias, quer mesmo através de uma linguagem própria que constituem glossários específicos. As formas de vestir complementada pelos adornos decorativos, por vezes verdadeiramente característicos de alguns grupos ou subculturas, completam este quadro identificativo das suas novas identidades.

Fica ainda por saber o que dá origem a quê.

*“A associação criminalidade – espaço urbano , vai muito para lá da relação contextual: a cidade não é o mero palco do delito, mas seu produtor e multiplicador, sendo capaz de um efeito moral sobre os indivíduos”. (Fernandes, 2003)*

Sem defender nenhuma minimização da responsabilidade individual dos agentes que praticam os delitos, a ausência de controle social, ou, pelo menos, a sua minimização, condicionam as práticas e funcionam, pelas oportunidades que oferecem, como facilitadores do acto delituoso.

**V - Algumas considerações sobre os lugares**

### 5.1 - Os lugares psicotrópicos

Usei como partida o conceito defendido por Luís Fernandes sobre território psicotrópico como,

*“um atractor de indivíduos que têm interesses em torno das drogas, com um programa comportamental orientado para os aspectos instrumentais ligados a um estilo de vida em que eles tem um papel importante; tem como característica comunicacional a interação mínima e estrutura-se como interstício de espaço e de tempo”* (Fernandes, 1998 ; 164-204).

Nesta óptica, poderemos identificar alguns destes territórios na cidade de Lisboa, onde confluem uma multiplicidade de interesses que vão desde o consumo, os interesses ligados ao circuito de distribuição dos produtos e os interesses ligados às redes de intervenção social que procuram minimizar os efeitos destes consumos e minimização das motivações para a procura, até aos interesses ligados à repressão da venda e distribuição de drogas.

Ora, sobretudo a partir do desmantelamento destas redes de consumo e distribuição no Casal Ventoso e dos realojamentos iniciados em 1999, a acção dos actores utilizadores daquele bairro, considerado como território psicotrópico por excelência, espalharam-se por outros lugares, fraccionando as redes de suporte existentes no antigo bairro. Cruzando as informações referidas nas estatísticas de polícia e do IDT, órgão coordenador da intervenção na redução da procura, a montante, no curso e a jusante desse problema, poderemos tentar identificar alguns destes *lugares psicotrópicos* dentro da zona urbana de Lisboa estudada neste trabalho, tais como a "Meia-laranja", O Bairro 2 de Maio, O Intendente, e outros.

Para além das zonas na baixa lisboeta, há muito consideradas como territórios de intervenção prioritária pelos responsáveis na condução das políticas de redução de riscos e minimização de danos (Instituto da Droga e Toxicoddependência), e também pelas organizações não governamentais que prosseguem este objectivo, tais como a *Crescer na Maior, Desafio Jovem, Novos Rostos Novos Desafios* e outras, identificamos também como zonas problema outras zonas mais dispersas pela cidade. Parece poder constatar-se, pela observação dos grupos, que existem também outros territórios psicotrópicos nos concelhos limítrofes e integrados ainda na zona urbana da Grande Lisboa, e que drenam para o centro da cidade e bairros mais periféricos muitos dos utentes que são acompanhados pelas estruturas de tratamento e redução de danos que operam na cidade. São indivíduos que buscam os programas de metadona de baixo limiar de exigência, facilitados pelas equipas de rua móveis e os programas de tratamento e de substituição opiácia oferecidos pelas equipas de tratamento do IDT (anteriormente designados por CAT's), designadamente no Restelo, Xabregas e Taipas (agora instalado no Parque de Saúde de Lisboa).

Sobre as estruturas que operam no terreno, nestes lugares, parece existir uma concordância de horários entre as estruturas de apoio sanitário e social e os utentes, enquanto que, relativamente às estruturas repressivas da oferta, observa-se um desfasamento de horários úteis, já que a vigilância policial é programada para o funcionamento de trabalho por turnos e os utilizadores desses lugares abrangidos por essa vigilância operam a todas as horas e, conhecedoras da realidade da vigilância, procuram desfasar deles o seu próprio funcionamento.

Melhor sintonia de tempos parece poder observar-se entre os actores que procuram e os actores que fornecem, na procura da satisfação dos objectivos de cada um deles. De facto, uns e outros operam a partir do conhecimento das visitas ou permanência dos elementos de vigilância e de controle policial. Conhecem-lhes os horários, os procedimentos e os hábitos, diferenciando mesmo as atitudes de cada um dos elementos da estrutura policial da zona. Portadores destes conhecimentos, trocam informações entre eles de modo a facilitar a defesa contra o “quase inimigo” comum.

*...A gente sabe quando é que eles vem. A gente conhece a  
cena deles...e quando eles mudam, a gente avisa-se, t'as a ver? Aí  
fica tudo parado. Quando eles basam, aí a gente já pode fazer tudo  
outra vez. Outras vezes quando a bófia passa e a gente está com uma*

*malta grande, agente caga nos gajos e eles passam e não dizem nada...Eles querem apanhar é outras cenas...eles conhecem a malta...*

*José, 32 anos, consumidor de heroína e coca desde os 16 anos.*

No conhecimento obtido nos lugares visitados, logo numa primeira observação, detecta-se com facilidade uma rede de relações existentes entre os seus actores mais dinâmicos, os consumidores entre si e entre estes e os *dealers*. São estas relações que facilitam a denúncia da presença dos agentes policiais e o conhecimento dos seus hábitos, já que uns e outros são fortemente dependentes destes conhecimentos para a sua segurança.

Estranhamente, nalguns casos, a própria população residente previne os consumidores da proximidade da polícia, como vimos acontecer na R. Maria Pia ao fim da tarde. Parece até que a polícia e não os consumidores são o seu principal inimigo.

*...A gente não lhes quer mal... podiam ser os nossos filhos... e mais das vezes os policiaos entretêm-se com eles em vez de dar cabo dos que lhe estragam a vida. Mas esses estão lá no alto... é por isso que eles não lhes chegam... deviam acabar com esses...*

*Conceição, 58 anos, residente na Rua Maria Pia há 46 anos em conversa durante as primeiras abordagens em Abril de 2008*

Parecem assim oferecer cumplicidades piedosas e protectoras aos consumidores, ao mesmo tempo que manifestam sentimentos de impunidade relativamente ao fenómeno.

Mas não são apenas estas observações que interessam ao investigador. As habilidades usadas para suprir as faltas de cada um, a comunicação entre pares portadores de culturas tão diferenciadas e provenientes de lugares tão dispares, a morfologia, dinâmicas e culturas desses lugares, os paradoxos inerentes à actuação dos agentes de um Estado que vigia o cumprimento da Lei e o mesmo Estado que tenta promover um melhor “estar” entre aqueles que a prevaricam e, sobretudo as práticas de consumo, são conhecimentos de que o investigador carece para compreender o fenómeno.

Estes territórios são, por norma pouco permeáveis a esta investigação, já que são fechados ao “estranho”. O investigador visitante encontra aqui dificuldades acrescidas quer à recolha de dados quer à busca de aspectos antropológicos e etnográficos. As entrevistas são difíceis e raras e os actos e comportamentos habituais são escondidos dos olhares curiosos daqueles que frequentam estes lugares com objectivos diferentes dos do utilizador habitual. Exemplos de trabalhos como os descritos por Luis Fernandes (*O Sítio das Drogas*, 1998) e de Miguel Chaves (*Casal Ventoso: da gandaia ao narcotráfico*, 1999), por exemplo, tornam-se, por isso, bens raros e fontes essenciais para a investigação social.

A entrada no lugar e a abordagem dos actores exige uma conquista prévia de confiança para poder “ganhar acesso” às fontes que interessam ao observador, e que permitam a observação primeiro, e depois a interacção com os actores. Esta tentativa de ganhar acessos pode ser lenta já que necessita de respeitar tempos e oportunidades que não são da responsabilidade do investigador, mas construída pela dinâmica do grupo observado.

Embora estes cuidados sejam necessários também noutros lugares de consumo, no caso dos territórios psicotrópicos é preciso ter em conta que o convívio entre a distribuição e a procura determina cuidados acrescidos. A observação distante é, por isso, uma questão que merece uma preparação cuidada, pois só através dela se pode planificar a investigação sem correr riscos de ver escamoteado o acesso às fontes e o contacto com os actores.

Uma outra forma de aceder a esses lugares e grupos é através de um frequentador ou guia com quem já adquirimos confiança. É a forma mais facilitada de entrar e conhecer os hábitos e o território já que o “guia” sendo ele próprio actor nestes cenários, nos facilita a compreensão do que vemos e ouvimos. No entanto, na abordagem dos grupos, os guias, normalmente estranhos ao grupo, podem constituir maiores dificuldades do que facilidades. Neste trabalho, com excepção de um caso (Meia-Laranja), optei pela observação e abordagem sem recurso a um guia.

### 5.2 - Lugares de consumo, Lugares de Actividade e Lugares de encontro

Dentro dos territórios psicotrópicos e fora deles, a observação de proximidade permite detectar lugares onde os consumidores de drogas se juntam em díades e tríades, às vezes grupos maiores, com o único objectivo de preservar a sua intimidade no acto de consumo, bem como esconder-se dos agentes de repressão à oferta e dos actores autóctones dos lugares escolhidos. São normalmente lugares degradados, abandonados ou em construção, becos e lugares ao ar livre com reduzida ou nula circulação. É o refúgio para a preparação do produto, consumo e para a recuperação dos momentos de ressaca vividos. Permanecem ali pequenos momentos ou períodos mais longos, dependentes das necessidades de cada um deles e da actividade do grupo.

Por norma são lugares caracterizados pelo desconforto, a desarrumação, o imprevisto e até, frequentemente a imundície.

Mas é também um espaço de relação conveniente entre seres que carecem da mesma intimidade para o consumo. Naturalmente é quase sempre uma relação centrada nas necessidades, ou de aquisição do produto ou da partilha dos objectos ou substâncias a ele inerentes. Contudo, numa observação atenta, pode também notar-se nestas relações a satisfação de outras necessidades, como um certo sentimento de segurança ou de solidariedade.

São muitas vezes lugares partilhados por vários grupos. E cada um respeita a sua ocupação por outros, ou evita impor a sua presença, procurando outros lugares.

Luís, após um serão à conversa no grupo, cede a deixar-me acompanhá-lo na sua próxima toma. Mas vai-me avisando: “não vais gostar... Talvez nem queiras entrar...”

Havíamos passado largas horas já a conversar em muitos serões. É um tipo simpático. Conversou comigo há alguns dias. Aberto, franco e confidente. Talvez pela sua história ou pelo acolhimento que me fazia sempre que me via chegar, ou talvez pela simplicidade com que recebia o maço de LM que sempre lhe levava e que ele distribuía imediatamente pelos outros do grupo. (Parco preço que pagava pelas aprendizagens que ia absorvendo).

O que é certo é que eu confiava nele. Por momentos duvidei do meu bom senso ao querer acompanhá-lo. Mas a verdade é que, não obstante a minha experiência no contacto com eles, e de,

por diversas vezes ter observado tomas em plena rua, nunca tivera acesso a um lugar íntimo de consumo.

Aguento a conversa e deixo correr o tempo. Cerca das 11 horas da noite, levanta-se e faz-me um gesto com a cara para o acompanhar. Despedi-me dos outros dois e segui-o.

O lugar era perto dali. Caminhamos por 5 minutos apenas. Uma velha obra inacabada há visivelmente muito tempo. Talvez embargada pela Câmara, talvez abandonada.

Entre pedras soltas vamos penetrando na obra e subimos umas escadas toscas de madeira, encostadas à placa do andar de cima. Alguma escuridão protegia-me dos eventuais olhares dos passantes. Luís, por ele, não estava preocupado com isso. Os seus interesses estavam agora centrados no evitar o sofrimento provocado pela abstinência que se aproximava. A sua voz já não era tão clara e notei mesmo que as pernas não se mostravam seguras na subida.

Caminhávamos apenas sob a pouca luminosidade dos candeeiros da rua. Os olhos também agora mais habituados à escuridão adivinhavam (mais do que viam), um piso amplo. No chão restos de madeiras utilizadas nas obras.

Entramos numa pequena divisão em tijolo de paredes inacabadas, mas bruscamente, Luís voltou para trás. Não cheguei a ver o que havia lá dentro na escuridão, mas como bom cicerone, Luís disse apenas: “Já lá está outro”. Viramos à esquerda e continuamos cautelosamente a caminhar por entre as tábuas espalhadas.

Ao fundo, encostados a uma parede interior também inacabada, dois caixotes de madeira, eventualmente desviados de um qualquer estabelecimento de comércio de frutas. Um pouco mais à direita, um catre tosco feito de tábuas iguais às que vira espalhadas pelo chão e apenas revestido por um cobertor gasto e com alguns buracos.

No ar havia um cheiro a mofo, ainda que se tratasse de um lugar arejado.

Luís acendeu o isqueiro e pegou fogo a um coto de vela quase gasto.

Voltou-se para mim e simplesmente disse: É aqui. Sentou-se um pouco no catre mas os seus olhos fixavam-se nos objectos que estavam em cima da mesa. Com gesto lento agarrou numa carica e rebuscou o bolso de onde retirou uma seringa. Reparei que já fora usada. Esbocei um gesto como quem vai dizer alguma coisa sobre isso, mas ele atalhou: “É só minha...”

Ia-lhe dizer que pode obter... Tolices. Ele conhece melhor do que ninguém os esquemas da cidade. Além disso, o seu olhar inquieto quase suplicava que me fosse embora. E dizia: “...pois, é isto...”. Toquei-lhe num ombro à guisa de despedida, agradeci e despedi-me: “Tem cuidado contigo”, disse.

Voltei a fazer o caminho ao contrário, mas a curiosidade da vinda fora substituído por outros sentimentos mais negros, mais indefinidos... Estes lugares eram piores do que eu imaginava. De facto estavam longe de ser lugares de habitação ou de pertença. Eram apenas refúgios. Sítios vagos que cada um ocupava em cada momento.

A cidade é farta em lugares onde os consumidores podem facilmente angariar o dinheiro que lhes é necessário para os consumos e para subsistirem. A cada lugar uma

adaptação e uma descoberta de competências aquisitivas, sejam elas utilizadas no arrumo de viaturas, nas vendas de inutilidades, no furto de ocasião, na prostituição de sobrevivência (nestes casos, a sobrevivência não é possível de definir como conceito), ou quaisquer outras. Alguns utilizam vários destes procedimentos, mudando de lugar varias vezes ao dia. São lugares comuns. E o habitante menos atento dificilmente se apercebe das suas características facilitadoras destas actividades.

A forma e os tempos de ocupação destes lugares variam consoante a utilização que dele querem fazer. Por norma não são longe dos locais escolhidos para a compra e consumo, embora nalguns casos esta característica tenha pouco interesse no momento.

A vigilância policial de alguns lugares também condiciona as escolhas, tal como os lugares de população residente fixa, embora algumas actividades de subsistência, como o arrumo, se tenha espalhado por quase toda a cidade, com raras excepções.

Para a maior parte destas actividades são mais favoráveis os lugares de passagem e de grande movimento, embora para outras, como a prostituição, importe mais a conotação que o lugar tem com esta actividade.

De um modo geral é como se se escondessem no meio de muita gente passante.

Conhecem-se as formas mais usadas de angariação de dinheiro para o consumo, umas mais sofisticadas que outras. Umhas que apelam à generosidade, outras que usam a credibilidade dos outros, outras ainda que ensaiam processos de venda como a venda do espaço (arrumos) a venda do corpo (prostituição), a venda do supérfluo ou do inútil e, em última análise a venda do falso (objectos dourados ou objectos e vestuário de marcas contrafeitas). Qualquer delas é usada preferencialmente para públicos específicos que ocupam ou circulam por lugares específicos.

Qualquer tarefa que não dependa de horários ou de ordens ou chefias pode ser um instrumento para a angariação de fundos.

Conheci a Andreia num dos grupos que abordei inicialmente mas que depois abandonei, e que se reunia habitualmente para compra na “Meia Laranja”. 25 anos num corpo pequeno que não aparentava mais de 18. Ladina, segundo os seus relatos utilizara quase todos os meios para obter dinheiro para os seus consumos habituais de heroína desde há 9 anos.

Na Ribeira e no Cais do Sodré pedia dinheiro para ajudar os seus três irmãos mais novos abandonados há muito pela mãe farta de aturar o seu pai bêbado. Uma historia comovente apoiada por um pequeno cartaz imprimido num qualquer computador, e que Amália tomara para si própria da letra de um velho fado vadio. Rendia bom dinheiro, esta história e valia-lhe frequentemente o carinho dos mais sensíveis. Noutras ocasiões distribuía flyers publicitários pelos carros estacionados

na Avenida da Liberdade ou na Cidade Universitária. Nas estações de Metro ou na Gare do Oriente vendia pensos ou pedia uma ajuda para comprar um bilhete para regressar a casa na Chamusca ou na Damaia, conforme a estação onde operava, justificando este acto com um suposto roubo da carteira que sofrera.

Uma vez, na zona dos Anjos, depois de um grave acidente onde morreu um jovem atropelado, editou uma lista-peditório apoiada numa historia de pobreza, para conseguir a solidariedade das pessoas da zona que tinham tido conhecimento do atropelamento.

Às vezes, Na zona do Técnico ou do Intendente fazia-se passar por prostituta e quando levava o seu par para um apartamento de um prédio abandonado pedia o pagamento antes do acto e aproveitando o facto do “cliente” já se encontrar despido ou em trajes menores, fugia escadas abaixo, contando não ser perseguida nem denunciada pelo cliente preocupado com a sua imagem.

Na Feira da Ladra vendeu tudo o que podia arranjar, retirando da casa dos pais alguns objectos como talheres, discos, livros e outras coisas. Os seus objectos de adorno pessoal, pulseiras, fios, brincos, há muito que se desfizera deles. Curiosamente a única vez que fora detida pela PSP foi exactamente quando tentava vender um fio de ouro que era seu.

A cidade era “sua”. A Almirante Reis, de uma ponta à outra, foi o seu lugar eleito. Para além disso, onde suspeitasse que podia arranjar dinheiro, em qualquer lugar da cidade, acorria como se se tratasse do seu bairro. Aliás, melhor ainda, porque no seu bairro nunca fizera nada destas coisas.

Só nunca arrumou carros. Dizia não ter jeito e não gostar das críticas e piadas que ouvia.

Todas estas formas de arranjar dinheiro, paravam logo que reunia o suficiente para os consumos de dois dias. Depois comprava as doses a um ex-namorado na Serafina.

Pelas suas características, Lisboa como qualquer outra cidade grande, oferece uma diversidade de soluções para a manutenção, nalguns casos também a sobrevivência, destes ocupantes da cidade.

Nos casos abordados, e no que pude observar ou me foi revelado, não pode ser feita uma caracterização dos lugares de consumo, escolhidos, na maior parte dos casos, pela proximidade e intimidade oferecida. Contudo, pelas descrições que me foram feitas, são quase sempre lugares abandonados ou pouco vigiados, escuros, com pouco conforto e salubridade.

Diferentes são os lugares de pernoita (nem sempre coincidentes dos lugares de consumo) quando o indivíduo se torna um sem-abrigo. Diferentes também são os lugares de encontro ou os lugares de actividade, já que nestes dois últimos denota-se alguma interacção entre os indivíduos e os ambientes frequentados, quer ao nível das suas intervenções com o meio físico, quer ao nível dos contactos com os residentes.

Muitos destes lugares revelam a existência de grafitis ou simplesmente de “Tag’s”. Ora, os primeiros não podem ser simplesmente intervenções de passagem, já que a sua execução pode ser prolongada por várias horas ou mesmo dias ou semanas.

Por outro lado, a frequência destes ocupantes dos cafés de bairro e de outros estabelecimentos de diversão ou encontro, acabam por mostrar a existência de relações com os clientes habituais do bairro, embora com alguma frequência sejam mal tolerados nestes ambientes, aparentemente mais pela sua conotação ao consumo e pelo vestuário e higiene do que pelas suas práticas enquanto cidadãos.

É sobretudo o conhecimento da existência de locais de consumo nesses lugares que provoca esta pouca tolerância à circulação ou ocupação de alguns espaços.

Contudo, existem espaços onde culturas estranhas aos residentes se instalam, e que são toleradas (nalguns casos mesmo respeitadas) pelos residentes.

### 5.3 - Paisagens de compromisso

Nalguns lugares, a observação feita permite perceber a existência de um certo compromisso em que cada um deixa viver o outro da forma que ele quer, e onde

*“se evidenciam modos de territorialidade através das formas sociais e de estruturação das relações de força em presença” (Remy, 1974).*

Nos casos observados são claramente relações frágeis assentes numa tentativa de manterem a posse do território. Por um lado, alguns residentes parecem ter a noção de que se tratam de grupos que apenas ocupam temporariamente o seu espaço para se protegerem, ainda que, nalguns casos haja abusos e provocações e noutros se manifestem tentativas de aproximação e de criação de relações mais próximas, sempre recebidas com timidez e algum receio.

De ambos os lados parece haver consciência de que se torna necessário manter alguma paz na convivência e partilha dos espaços.

Vando aparenta ter cerca de 20 anos e apresenta-se diariamente num estado visível de abstinência com sofrimento. Aparece no café "...", perto da Quinta da Cabrinha, quase sempre próximo das 20h. É sempre o primeiro a chegar. Apesar de tudo mostra-se sempre cortês e educado. Pede delicadamente um café (por vezes tem-se mesmo a noção de delicadeza exagerada, tendo em conta o ambiente). Cá dentro quase ninguém respeita a Lei do Fumo. O dono não se mete. É disso que ele vive...

O ambiente parece reflectir degradação, mas para o observador, rapidamente se revela antes ambiente de cumplicidades entre velhos hábitos de consumo, mais de álcool do que de drogas. Os clientes são quase todos mais velhos que o Vando e os seus rostos, linguagem e modos parecem revelar histórias de vidas rudes e de degradação.

João inicia o seu café e vai-o saboreando muito lentamente como que a justificar a ocupação de uma das poucas mesas de revestimento já gasto. Durante cerca de meia hora permanece em silêncio entre levar a chávena aos lábios e uma aspirada no cigarro, ao contrário dos outros clientes, mais agitados e ruidosos. Por vezes cumprimenta levemente, com um inclinar de cabeça um ou outro desses clientes. Percebe-se que este convívio já tem história. Quando chegam os outros do grupo, levanta-se, vai ao balcão, paga sempre escolhendo as moedas e agradece, despedindo-se com um até amanhã e recebe sempre resposta do empregado, ou dono. Por vezes acrescenta pequenas gentilezas como: "O café hoje estava mesmo bom". Em troca recebe um sorriso complacente. Depois arrasta consigo os amigos e sai. Por vezes, um deles (talvez o mais velho) bebe um café rápido ao balcão. Depois sai também.

Depois disso, quase sempre, dentro do café, se geram comentários sobre o Vando. Alguns desfavoráveis. Críticas que parecem soar falsas, se observarmos as suas próprias dependências bem visíveis nos seus rostos. Invariavelmente, por traz do balcão surge a defesa: "Coitado...mas olha... é mais educado do que alguns que conheço... não faz mal a ninguém... vidas!", e encolhe os ombros.

Cá fora, consegue-se distinguir através da montra, o grupo do Vando. São sempre três, pelo menos. O observador consegue distinguir gestos subtis de trocas. Depois partem juntos, provavelmente à procura de um canto qualquer mais sombrio.

No caso relatado, Vando parece ter ali um pequeno tempo tranquilo de uma vida complicada. E parece tentar a todo o custo preservá-lo, conquistando as pessoas pela sua atitude também tranquila e delicada. Alguns parecem aceitá-lo sem receios mas separando claramente os seus hábitos dos deles próprios. Não faz parte deles mas aceitam-no.

Neste, como noutros casos observados, parecem existir compromissos como o "Vive e deixa viver". Uns e outros convivendo nos mesmos espaços, mesmo que com objectivos e posicionamentos diferentes.

#### 5.4 - Autóctones e migrantes - Relações dissonantes?

Apesar do que se disse nos parágrafos anteriores, numa boa parte dos casos, autóctones e migrantes não coexistem pacificamente, embora quase nunca existam lutas frontais ou mesmo declaradas. Parece perceber-se a existência de receios mútuos. Mantêm hábitos e vivências distanciadas e não permitem a intrusão dos outros nos seus grupos. Exceptuam-se algumas relações estabelecidas entre consumidores de dentro e de fora dos lugares, mas mesmo assim não são frequentes já que os habitantes consumidores dos lugares parecem preferir desenvolver os seus encontros de consumo, de encontro ou de actividade noutros lugares e não nos seus de origem. Parece imperar ainda algum receio ou necessidade de afastamento do controle social do seu grupo familiar de pertença.

Como já foi referido, nas últimas décadas, registam-se alterações profundas nas deslocações temporárias ou definitivas para outras zonas da cidade ou para as cidades envolventes, ou ainda, para outros territórios de características mais rurais.

Para isso confluíram diversos factores que me escuso aqui de elencar exaustivamente. Mas entre eles, estão alguns mais interessantes para o desenvolvimento deste trabalho, tais como a ocupação comercial e de serviços dos centros históricos, a degradação do parque imobiliário de alguns bairros, a requalificação de outros, o quase desaparecimento do parque imobiliário de arrendamento ou o seu elevado custo, que suportasse a fixação das famílias mais novas, o surgimento de populações emigrantes de diversas origens e o seu alojamento muito flutuante, a grande procura de alguns lugares para instalação do *espectáculo da noite*, etc...

São factores que, por si só permitem entender a alteração da caracterização social e cultural que sofreram alguns lugares de Lisboa e que favoreceram o aparecimento de grupos populacionais caracterizados pela sua própria descaracterização.

Apesar destes obstáculos sentidos pelos velhos residentes, houve lugares, como por exemplo a Largo da Paz na Ajuda, que conseguiram manter a sua traça, costumes e população de origem e que se preservaram como autênticas ilhas dentro das zonas mais tradicionais de Lisboa, convivendo de perto, às vezes de muito perto, com outras zonas socialmente descaracterizadas, com os quais estabelecem linhas de relação de conveniência estratégica, mas não de afectos ou de vizinhança. Sabem que tem que viver com estas novas realidades sociais, mas preservam-se nas suas pequenas comunidades de bairro.

No plano dos consumos e tráfico de drogas ilícitas, regista-se o mesmo fenómeno. Estas comunidades de bairro vão-se afastando quanto podem destas vivências mas não as hostilizam declaradamente. Contudo, no seu interior estabelecem eficazes mecanismos de vigilância ou mesmo segurança.

Já nos bairros onde coabitam as diferentes comunidades, por norma mais novos e com tradições menos arreigadas, as hostilidades manifestam-se através de processos exclusivos, postos em prática por um e outros lados.

Assume-se um discurso redutor, em que cada um é tomado como igual aos outros como se todos integrassem uma sub-cultura que incomoda os residentes.

No final, cada um destes grupos, residentes e ocupantes se culpam pelo confronto social e encontra no “outro” a justificação para os seus actos.

### 5.5 - A apropriação dos lugares

Entre estes grupos é frequente encontrar *códigos deontológicos* de ocupação dos lugares, que obrigam ao respeito pelos grupos já instalados e cujos elementos físicos, tal como paredes ou muros velhos, se apresentam devidamente marcados com *Tag's* ou outras manifestações gráficas. Noutros casos é o simples conhecimento dessa ocupação por um grupo que leva os outros a um afastamento ou a uma aproximação relacional. De uma forma ou de outra, parece evidente que os grupos evitam confrontos com outros grupos, preocupando-se mais com as suas vivências de grupo do que com a conquista de espaços já ocupados.

Contudo, existe conhecimento de algumas disputas, caracterizadas quase sempre por motivos ideológicos que conduzem a sobreocupações mais com a intenção de expulsão dos rivais do que pela necessidade de conquistar espaço. Estas situações raras caem fora do estudo deste trabalho. Podendo embora existir nestes grupos, consumidores regulares de drogas, estas lutas têm, sobretudo a ver com intolerâncias e xenofobias, ou então existem entre grupos voltados para a marginalidade e o crime: os gangs.

*"- às vezes aparecem por aqui. Vem procurar confusões, mas a gente pira-se e volta depois. Eles só querem porrada... andam sempre com correntes e matracas... e outras coisas. A Bófia anda sempre atrás deles, e por isso a malta basa quando eles aparecem. Os gajos ficam contentes e vão-se embora. Depois, a gente volta..." (Jó. Consumidor frequentador do Regueirão dos Anjos)*

Algumas das manifestações ou símbolos já referidos, são adoptadas por alguns grupos embora não sejam exclusivos desse grupo mas sim de uma certa cultura de rua ou marginal extensiva a outros grupos ou oriundos de sub-culturas ou movimentos de expressão, nem sempre praticados por consumidores mas com os quais se identificam. É, por exemplo o caso dos *grafitis* e de alguns *grafiters* ou *Crews*, admirados e respeitados por estes grupos o sobre os quais ninguém permite que ocorram actividades destrutivas, respeitando-os assim pela sua qualidade e criatividade. É o caso dos *grafitis* assinados com ODEITH, um famoso writer cujas obras estão espalhadas por toda a zona metropolitana de Lisboa principalmente, mas também um pouco por todo o país. É também o caso de alguns trechos musicais, sobretudo no âmbito da música *Rap*, que servem de símbolo para alguns destes grupos ou de modelo para novos *rappers*.

De qualquer forma a identificação simbólica dos lugares ocupados parece ser uma preocupação de alguns destes grupos, mais como informação para o interior destes grupos e dos que lhe são próximos do que como identificação de território conquistado.

*"...a rua não é só um espaço físico, mas antes de mais, um espaço investido simbolicamente pelos seus utilizadores" (Luchini, R. 2000; 29)*

Uma outra forma de aparente apropriação dos lugares está relacionada com os movimentos que fazem, em que nalguns casos é possível construir um horário a partir da rotina desses movimentos e actividades. Estes horários parecem condicionar os cidadãos residentes que lhes deixam o espaço livre a determinadas horas e em determinados espaços, aparentemente pelo receio de confronto ou de serem de qualquer forma importunados. Da mesma forma impedem os filhos de frequentarem esses lugares a essas horas, num aparente receio de que estes sejam *contaminados*.

## 5.6 - A comunicação e Linguagens

A comunicação nestes grupos faz-se de muitas formas, mas podemos caracterizá-las em dois grupos. Uma comunicação voltada para o interior dos grupos e uma outra voltada para o exterior. Na comunicação oral, alguns destes grupos adoptam expressões que só eles entendem. Linguagens estranhas mas que após alguma permanência junto do grupo se pode apreender o sentido.

“*Tou seca. Vou da-la por um taco*”. Uma expressão ouvida na zona do Intendente e que percebi como indicação de que a jovem “não tinha droga, e que se ia prostituir até conseguir o suficiente para um pedaço de haxixe”.

Outros léxicos formados por calão dos consumidores são mais universais mas voltados para o público mais vasto de consumidores. Por exemplo, para referir o axixe (cannabis) existem numerosos termos conforme a aplicação, a origem ou o tamanho: *Sabonete, Taco, Pedra, Joint* etc.. traduzem expressões de quantidade. *Sabonete* é, por exemplo uma barra com 250g. Já outras expressões traduzem a forma como se apresenta e de que parte da planta foram extraídas: *folha, resina ou pólen*. Outras ainda indicam a forma como são usadas. O cigarro enrolado com tabaco e haxixe, vulgar charro, tem outras designações como *passa, ganza, hax, cassete, chamom, etc...* *Caldo* é um termo usado para a heroína injectável. *Bafo e chinesa*, significa heroína fumada. A origem geográfica e distinção da qualidade também pode adquirir outras designações como *Kif*, haxixe marroquino. O aspecto é também utilizado na designação das drogas, como *Branca ou Neve* para designar a cocaína ou *Brown* para a heroína acastanhada. Algumas delas tem conotações diferentes conforme a sua posição na frase, como por exemplo *Estar com a pedra*, significando estar drogado, ou *dar uma passa*, significando fumar axixe.

Para outros produtos consumidos, sobretudo a heroína e a cocaína, também existem distinções semelhantes, conhecidas pelos consumidores e traficantes.

Trata-se pois de uma linguagem complexa que o investigador também tem que aprender sob risco de não conseguir comunicar.

É preciso ter em conta, que esta linguagem mais específica se funde com uma outra comum aos indivíduos das gerações mais recentes e a subculturas juvenis específicas, de

onde resulta um complexo léxico calão. Importa contudo, e pela razão acabada de apontar que não se confunda o indivíduo que use alguns destes termos com a personalidade do consumidor, já que este vocabulário é frequentemente usado em ambientes juvenis sem consumos associados. *"- Estou down,... um coche. Tou todo flipado. Só quero desbrincar.* (retirado do contexto de uma conversa entre dois jovens ouvida em ambiente festivo juvenil que necessita de um novo dicionário contexto da conversa andava à volta do terminar de uma relação amorosa. Neste caso a tradução poderia ser : *"estou um pouco desanimado. Estou confuso. Só preciso de desabafar"*.

Contudo, do conjunto de termos usados e da sua contextualização podemos frequentemente identificar grupos ou indivíduos consumidores de drogas.

Para além deste vocabulário de calão e da linguagem verbal, o observador pode identificar códigos de comunicação não verbal usado no interior dos grupos, quer para fazer entender o outro da posse ou ausência de produtos, quer para assinalar a presença de estranhos ou da própria polícia neste lugar. Aparentemente trata-se de gestos ou expressões vulgares, mas o observador pode identificar a repetição de alguns sinais destes perante idênticas situações.

Existem ainda formas de comunicação escritas ou gráficas para o interior ou exterior dos grupo e ainda outras mensagens igualmente destinadas a públicos diferenciados como por exemplo através da música ou simples sinais sonoros. Na Ajuda, verifiquei que os elementos de um grupo se vão abastecer numa das suas pequenas ruas e que, ao chegar, como que a brincar, dão um salto e atingem com uma palmada sonora um sinal de trânsito ali colocado. Poucos minutos depois é possível observar a transacção. Destas e doutras formas de comunicação tratarei à frente em capítulo próprio.

### 5.7 - Os símbolos de identificação e de pertença

A observação no interior de alguns grupos identificados neste trabalho. Parece revelar a existência de algumas características identitárias fortemente marcadas por ideologias ou culturas, designadamente pelo movimento hip hop, apenas nalgumas das suas características mais marcantes como o rap, o grafiti e o brake. Contudo, à medida que a vivência com estes grupos progride, o observador apercebe-se que não se trata de uma sub cultura de grupo, mas apenas influencias dispersas destes movimentos, ideologias ou

culturas, nalguns dos seus elementos, normalmente despidas de referenciais de conhecimento destas culturas e da sua filosofia adjacente. Tais referenciais, pelo contrário, reúnem nos mesmos grupos, admiradores de várias filosofias ou práticas juvenis, sobretudo de cariz urbano, e situam-se mais no campo de aproximações identitárias com alguns movimentos mais conhecidos como o hip hop, o punk e outros, derivados sobretudo das suas manifestações de expressões e artes mais conhecidas. Algumas vezes, na conversa desenvolvida, observei que se misturam mesmo nas conversas de um dos elementos, referências musicais do Hip Hop com o trance ou techno.

À partida, parece-me claro que em nenhum destes grupos encontrei indicadores suficientes para garantir a existência de subculturas próprias.

Contudo, na maior parte deles existem referências identitárias colectivas, nomeadamente símbolos exteriores, de adorno ou vestuário, referenciais de comunicação ou de expressão, estilos de música, etc...

Ao contrário de outros grupos que observei em trabalhos anteriores, nomeadamente nos ligados a acções de crime ou violência, estes símbolos e o seu uso não são de carácter obrigatório nem parecem trazer consigo os mencionados contextos identitários, podendo coexistir pacificamente os que os usam com os que os não usam.

Ainda assim, algumas características comunicativas e preferência sobre alguns aspectos da arte urbana, parecem ser comuns a quase todos os grupos, sobretudo as primeiras que encerram um léxico variado de termos de calão de rua associados ao consumo ou aos grupos de rua.

Um sinal comum a estes grupos e à grande maioria dos elementos que os compõem é o vestuário, não na sua tipologia ou marca mas na forma de o usar. Na sua generalidade apresenta-se sem grandes preocupações estéticas, desalinhado, diria mesmo maltratado. Algumas peças são quase sempre usadas de modo que os diferencia muito dos habitantes dos lugares que ocupam. Algumas parecem ser usadas como talismãs para os seus donos, já que as usam permanentemente, qualquer que seja o momento climatérico, como é exemplo alguns blusões ou Tshirt's ou *quicos* (bonés).

Tal como em muitos outros grupos não consumidores usam tatuagens, pircings e outros ornamentos, embora neles, frequentemente sejam usados em maior quantidade. Marta, frequentadora do grupo da Quinta da Cabrinha, dizia ter, entre os visíveis e não visíveis, 14 pircing's e oito tatuagens parecendo ter neles especial orgulho.

## 5.8- Sociabilidades e socialização urbana

*“Tem cabimento, pois, na investigação socioantropológica da vida social das cidades contemporâneas, ao proceder à captação e análise da efervescência caleidoscópica que as caracteriza ao nível da interacção quotidiana, prestar particular atenção aos modos alternativos, aos símbolos expressivos e aos significados distintos das formas de sociabilidade nelas produzidas,...” (Costa, A. em Etnografias Urbanas, Graça Índias et all, org. 2003; pp 125)*

Importa aqui reflectir teoricamente sobre as relações internas e as relações dos grupos com a população residente e com as estruturas dos lugares. Tentarei, à partida encontrar nos autores de referencia, alguma clarificação conceptual sobre sociabilidades e socialização urbana.

Este estudo situa os grupos seleccionados em bairros tradicionais da cidade, com os seus *habitus* e formas de comunicação e de estar, voltados para si mesmo, graças ao frequente abandono que a cidade processa sobre estes lugares centrais e as suas populações. Ouvindo Jean Rémy, percebemos que estes lugares, graças à sua centralidade geográfica na grande cidade, foram sendo ocupados pelas sedes das grandes empresas e serviços e relegaram as suas populações, normalmente demasiado enfraquecidas pelo seu envelhecimento, agarrados às suas culturas e lugares de pertença, e que os impede de se movimentarem para outros lugares.

Ainda com este autor entendemos a importância para estas populações das relações de vizinhança, dos rituais festivos comunitários e dos seus próprios mecanismos de controle social. Com esta evolução das geometrias urbanas, estes bairros tradicionais, acabam por encerrar lugares urbanos abandonados, perceptíveis nesta condição pela degradação do seu parque imobiliário, mas também pelo fechamento das suas populações residentes. São lugares onde o abandono dos seus residentes históricos, é muitas vezes compensado pela chegada de populações carenciadas que os ocupam e pela passagem contínua de migrantes pendulares, alguns diferenciados na procura dos serviços que aí

assentaram sede, outros desqualificados circunstanciais que aí procuram refúgios e sobrevivências.

Neste conjunto, acabam por assumir algumas das características dos bairros residenciais tradicionais e populares, misturando essas culturas com novos quadros de usos e novas formas de ser, importadas dos seus lugares de origem.

Neste contexto de mestiçagens culturais e de usos, os lugares inseridos nestes bairros tradicionais, acabam por se constituir num emaranhado de novas relações, que transportam para o interior de cada um dos grupos novas formas de ser, estar e agir e de facilitar o estabelecimento de novas relações configuradas em formas de comunicação estranhas que alteram substancialmente os *habitus* e culturas originais dos bairros.

Nestes lugares acabaram por fundar comunidades veiculadas às suas tradições, com os seus cultos e vivências dependentes destas relações de vizinhança.

Ora a desintegração destes espaços sociais e culturais e a conseqüente alteração das relações de vizinhança, acrescida da entrada dos migrantes pendulares e dos que neles procuram refúgios e sobrevivências, vieram determinar novas sociabilidades, assumindo aqui o conceito gerado por Simmel :

*"a sociabilidade é uma condição inerente e gerada pelas formas sociais, as quais são resultantes das múltiplas combinações interacionais, accionadas pelos propósitos, impulsos e desejos dos indivíduos , grupos e classes sociais, sintetizadas na própria formação de uma dada sociedade"* (Simmel, 2006)

Tendo como base esta reflexão, importa trabalhar as relações de vizinhança destes migrantes ou ocupantes com os velhos residentes que ainda restam, mas também as relações no interior destes grupos, já que a maioria se formou a partir destes lugares de consumo, de encontro ou de angariação de subsistências.

Cabe assim, neste estudo uma especial atenção às interações observadas no interior da maioria destes grupos. Embora muitas delas se pautem por necessidades de sobrevivência, é também possível observar outro tipo de relações sociais entre os seus elementos que visam a construção de sociabilidades e de sentimentos de segurança e de pertença.

De facto, na observação de alguns destes grupos, para além das naturais cumplicidades relacionadas com os consumos, verificam-se outros tipos de relação, designadamente relações de pendor afectivo, muito próximas das relações entendidas socialmente como familiares. São relações caracterizadas pela necessidade de cuidarem uns dos outros, de se escutarem mutuamente ou mesmo de relações próximas de uma certa *paternidade* geralmente dos mais velhos para com os mais novos, embora em dois casos se tenham verificado ascendências de sentido contrário.

Alguns dos diálogos são reveladores desta quase substituição do papel e das funções familiares.

*[...] quando vinha de volta (referia-se a uma actividade de prostituição para angariação de dinheiro para consumo) apareceu-me um xunga à minha frente. Nem sei d'onde é que ele veio...o tipo apontou a minha carteira e mandou" passa para cá o guito ou vai correr mal...". Tive muito medo. Dei-lhe tudo, não é? Cena marada...*

*Mas quando cheguei ao pé da malta contei ao Júlio. Então ele foi a correr e conseguiu apanhar o gajo e tirar-lhe o meu. Foi porreiro o Júlio. Ele é que me vale... se estivesse à espera que o meu namorado me defendesse estava tramada. O pior foi que o Júlio me deu na cabeça por eu ter ido fazer aquilo para aquele sítio. Às vezes pensa que é meu pai...*

*Mesmo assim é fixe. Eu curto bué o Júlio... é fixe [...]*

*Marcia, 20 anos, três anos de rua*

Existem ainda outros tipos de relações para além destas. Aliás, no exemplo dado atrás, verifica-se ainda um forte indício da procura de afectos e de pertenças dentro do grupo.

Marta Pinto fala da relação de confiança entre os elementos do grupo e relaciona-a com

*"A capacidade que os jovens vêem no outro para guardar segredo quanto às actividades ilegais com que contacta e à protecção que fará daqueles que as cometem relativamente a todos os que surgem como*

*ameaçadores nesse domínio - a polícia, principalmente, mas também desconhecidos, por exemplo." ( Pinto, M. 2009)*

Mas, para além destas razões, nos grupos observados, a relação de confiança aparece, frequentemente associada à necessidade de dividirem angústias e medos, para além das razões de segurança e da tentativa de conquistar o outro para que não se *chibe*.

Outras relações traduzem-se pela satisfação de necessidades de segurança. Em pelo menos dois dos casos observados detecta-se que pertencem ao grupo ou dele se sentem pertença, sobretudo quando está em causa a segurança. Segurança relativamente ao consumo ou segurança relativamente aos diferentes perigos que surgem numa vida de rua.

Na observação de um dos grupos, já numa fase adiantada de permanência junto do grupo, o Marco solicitava a companhia de um outro elemento sempre que queria ir ao seu refúgio consumir. Segundo deu a entender, o medo de qualquer incidente durante o consumo impedia-o de o fazer de forma intimamente mais protegida e solitária. O mesmo elemento, que frequentemente pernoitava sozinho vivia com ansiedade as últimas horas da jornada (nem sempre do dia) na esperança de que beneficiasse da companhia de algum dos seus companheiros de grupo.

Outras relações de companheirismo ou de relação amorosa são frequentes nestes grupos. Mas o que se manifesta em cada momento é um sentimento de pertença ao grupo, em que cada um se coloca à mercê dos outros, esperando deles igual tratamento. São, no nosso ponto de vista, relações pautadas pela necessidade de pertença a alguma coisa ou a alguém. Eventualmente confundidas também com a necessidade de encontrar um grupo de pertença que substitua a família ou outros grupos de pertença há muito perdidos na sua vida passada antes dos consumos dependentes.

De todas as formas que revestem estas relações, da nossa observação, ficou-nos a sensação de que, no seu todo, constituem relações simbióticas que a uns e outros aproveitam.

Aparentemente estas relações acabam por estabelecer um jogo de influencias que contribuem para um forma de socialização de rua

*“Resultante da interiorização de valores associados a uma subcultura de adaptação à pobreza e à exclusão,...” - (Castro, José Luis -1999)*

Com frequência, as relações estabelecidas constituem-se como factores construtores de novas sociabilidades a que são forçadamente obrigados pelas necessidades individuais e colectivas destes actores excluídos do convívio social da cidade e mesmo dos seus próprios lugares de pertença. Por isso, paralelamente vão criando novas relações e recriam outras normas, valores, necessidades e procedimentos, substituindo as que na sua primeira infância lhes foram apresentadas como valores e normas constituintes de uma cultura a preservar.

São afinal estas relações, normas e procedimentos que passam a pautar os novos limites, o *in* e o *out* de cada um, nesta nova condição de excluídos.

Por outro lado, as relações que se estabelecem entre estes excluídos e os cidadãos residentes, quando verificadas nos casos observados, pautam-se pela ocasionalidade e conveniência de cada momento. Sem dúvida que acontecem trocas simbólicas, sobretudo ao nível da linguagem. Mas os residentes demonstram que existem fronteiras, mesmo nos casos de maior aceitação ou proximidade. Reconhecendo embora a todos o estatuto de cidadão com direitos, mas com conceitos de ordem diferentes. Apesar do discurso de aceitação, deixam perceber que, segundo o seu olhar, os cidadãos excluídos pautam-se por atitudes e comportamentos de desordem, sem lógicas de comportamentos e de valores. Assim, a atitude de aceitação, aparentemente integradora, parece esconder praxis de exclusão reais, mostrando claramente não uma atitude de integração, mas lógicas de convivência entre uma cidade dos cidadãos e uma cidade dos excluídos.

Uma outra questão importante para o estudo destes grupos, prende-se com a socialização urbana ou a relação que estes novos e velhos grupos assumem com as estruturas da cidade em geral e destes lugares em particular e alguns aspectos das culturas instaladas, fazendo aqui uma colagem ao pensamento de Lefèbvre quando procura a distinção entre a cidade, como

*"realidade presente, imediata, dado sensível, arquitectónico" e o urbano, "realidade social composta de relações a serem concebidas, construídas ou reconstruídas pelo pensamento" (Lefèbvre, 1991).*

É no quadro desta socialização urbana que nos habituamos a viver, ou conviver com as características físicas dos lugares, mas também com as suas estruturas sociais e serviços que essa comunidade nos oferece.

5.9 – Artes. sons e ritmos

*“O Rap envolve e traduz todas as experiências quotidianas e acontecimentos vividos pelo grupo, permitindo descrever a realidade circundante e organizar sentido em torno dela” (Cidra, R. – Revista Ethnologia 2002-2004; pp.202)*

Com frequência, durante os tempos de encontro destes grupos observados eclodiram espontaneamente algumas referencias e mesmo alguns ensaios de formas de expressão a que chamarei de arte urbana, embora essa expressão seja tomada por alguns autores para referenciar outras manifestações diferentes. A verdade é que as manifestações espontâneas que referi se desenvolvem no âmbito do movimento hip-hop, ele próprio referenciado como uma simbiose de várias expressões de movimento e arte num quadro estritamente urbano.

São frequentes as abordagens de alguns assuntos sob a forma de rap uma espécie de canto falado em que as rimas, muitas vezes forçadas se encaixam num ritmo e num encaixe musical nem sempre melódico, mas que traduz a expressão dos sentimentos de cada um, revelando quase sempre, pelo menos nas situações em que as escutei, uma forte crítica social, ou o relato simples de factos observados ou vividos pelo próprio.

Observando esta forma de expressão, diria que parece impossível que o *raper* apresente o seu canto sem que seja acompanhado de forte expressão de movimento corporal, por vezes numa aproximação ao *break*.

Mas o Rap não é a única expressão cantada usada por estes grupos, sendo constante imitações de algumas vozes, por eles mais conhecidas, de interpretes de house (garage), techno ou outras formas da música trance progressiva ou psicadélica. Importa entender, também neste quadro, a importância da expressão musical no interior destes grupos.

*“Também nos estilos de vida presentes no trance se recuperam opções e origens sociais a que o hippie já nos habituara. Partilham com essa figura do passado um enquadramento social e familiar de classe média, que os afasta das sub-culturas que emergem a partir do*

*urbano degradado, com que aliás se relacionam mal...” (Carvalho, M.Carmo, 2007; pp180)*

De qualquer forma, bem ou mal cantados, são temas que soam estranhos nos contextos dos lugares ocupados e que se afastam dos sons da cultura local, mais populares, menos agressivos, mais lamurientos, mais fado.

Ora, para o observador atento, estes sons sucedem-se, e às vezes misturam-se, durante o dia. Dificilmente se entrosarão estes estilos musicais e, apesar de tudo, eles conseguem coexistir estranha, mas tranquilamente no mesmo lugar, embora não se misturem nem interpretes nem temas musicais. Aliás, para

muitos dos residentes, estes sons simbolizam uma expressão da cultura marginal ou delinquente dos seus admiradores, e que pretende apenas desafiar os modelos dominantes. Para além destas expressões musicais e de ritmos e movimentos que as acompanham, outras formas de expressão artística são usadas, ou apenas referenciadas no seio destes grupos. A expressão gráfica é frequentemente usada como forma de comunicação para o



**Ilustração 1 - um exemplo de bonbing**

interior e para o exterior do grupo, diferenciando-se segundo estes destinos. De facto alguns grafismos ou tags<sup>10</sup> são frequentemente usados como sinalética para o interior do grupos. Já as pinturas murais ou graffitis destinam-se essencialmente à comunicação com o exterior do grupo, assumindo o papel crítico, ou simplesmente como expressão artística que pretende ser admirada. Lisboa aparece-nos pobre nesta arte já que é vista como que a expressão da cultura marginal ou delinquente, tal como já referi para a música. Aliás, se utilizarmos os critérios que a ordem jurídica define, a maior parte destas manifestações são crimes de vandalismo ou destruição indevida e não autorizada da propriedade privada. Contudo, nalguns espaços urbanos de Lisboa não reclamados e quase sempre degradados e abandonados, constituíram-se verdadeiros painéis de graffitis, numa constante dinâmica de substituição, que os transforma em autenticas mostras desta arte urbana. São, por norma, trabalhos mais apurados já que nesses locais a polícia nunca intervêm o que permite uma

**Ilustração 2 - Paineis de grafiti em constante renovação**



<sup>10</sup> Simples assinaturas executadas com sprays

actividade tranquila e criativa. Segundo os próprios Writers<sup>11</sup>, quando esta perseguição acontece, transforma alguns *graffiters* em amantes do *bombing*<sup>12</sup>. Da mesma forma, existem no espaço urbano de Lisboa algumas pinturas em graffiti que se constituíram como referências quer pela qualidade técnica dos seus *graffers* ou *crews*<sup>13</sup>, quer pela beleza cromática destas telas murais.

### 5.10 - Lugares de preconceitos

Para os seus habitantes, estes lugares parecem revelar alguma tolerância aos hábitos de consumo e às vivências dos grupos de consumidores. No olhar de alguns dos moradores parece fixar-se a ideia de que os consumidores são indivíduos que arrastam consigo alguma desordem. Para outros, no entanto, são indivíduos incapazes de sair do mal que os atingiu, deixando aqui a ideia de que a dependência do consumo de drogas pode atingir qualquer um, mesmo os seus próprios filhos.

Neste amalgamado de opiniões contraditórias, parece poder observar-se ideias e preconceitos sobre os consumos de drogas e o seu "não retorno" que facilitam a permanência ou visita destes grupos.

*...se calhar até eram gente boa, mas quando esta desgraça bate à porta... não há nada a fazer. Já não se consegue sair.*

*-Conhece alguns?*

*Conheço, conheço... até tenho um primo...o filho de um primo meu chegado que também anda nessa vida. E destes também já conheço alguns.(aponta a rua). São uns desgraçados...*

*- Tem receio deles?*

*Não. Só vem aqui por causa da droga... depois vão-se embora. Sabe...isto aqui é mais escondido... de resto nunca fizeram mal a ninguém... se ninguém os chatear eles não se metem connosco. A gente só tem medo que eles agarrem os nossos miudos... é o pior problema que eu conheço...*

*Cajó,55 anos, morador da Rua Maria Pia*

---

<sup>11</sup> Executantes de graffiti ou graffiters

<sup>12</sup> forma agressiva de espalhar o tag ou assinatura, mais ligada ao vandalismo do que à arte.

<sup>13</sup> Comunidades de graffiters ou graffers

A verdade é que esta opinião não parece ser apenas de alguns moradores. Num quadro revelado em "OS INQUÉRITOS DE VITIMAÇÃO DO GABINETE DE ESTUDOS E PLANEAMENTO DO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA", *Maria Rosa Crucho de Almeida e Ana Paula Alão* (in Associação Portuguesa de Sociologia (1996) - Celta Editora) dá-se conta de que os inquiridos apontam a Droga como o mais grave problema social que os aflige. E embora os contextos sociais se tenham alterado muito desde 96 até hoje, não deixa de ser revelador este resultado.

Tabela 1 -Problemas sociais segundo a gravidade

	Mais grave %	Primeiro ou segundo mais grave %	Menos grave %
Droga	42	65	5
Desemprego	28	46	5
Criminalidade	12	42	7
Deficiente assistência na doença	6	15	19
Inflação	6	17	21
Falta de casas de habitação	6	13	43

Mas, ao contrário destes moradores que revelam alguma aceitação sobre a ocupação por estes grupos do seu território de pertença, outros passantes parecem não ter a mesma complacência, rotulando estes lugares como "a evitar" mesmo que na mera passagem para outros destinos.

*...Dantes, eu passava por ali (Beco da Índia) para ir para a igreja. Mas depois aquilo transformou-se numa desgraça. è uma pouca vergonha. Esses malandros fazem tudo à vista ali..., é o que dizem, que eu não os vejo. Eu cá tenho medo desses malandros... dizem que roubam... e outras coisas...*

*Agora vou à volta. A polícia devia limpar aquilo... o tempo que anda a multar carros... é o que eles fazem, mais nada...*

*Emília. 68 anos, moradora nos Anjos*

## VI - Trabalho de campo

*"A etnografia urbana e, em particular, a observação participante costumam ser um conjunto de contactos descontínuos e focalizados em pessoas concretas (os informantes) com quem é possível aprender a ler a realidade quotidiana que se depara diante dos olhos do investigador. O fluir anónimo de pessoas e grupos, uns moradores, outros transeuntes, vai dando lugar à possibilidade de identificar cantos, pontos de encontro, referencias espaciais que permitem entender quem são os actores que se entrecruzam nas ruas e que relações estabelecem com outros actores em espaços identificáveis e delimitados dentro do espaço público."*

Pujadas, J. (2008)

### 6.1 - Primeiros olhares

Quando se chega ao campo, à procura do objecto do trabalho de uma investigação empírica, obtemos primeiros olhares, porventura errados ou a conduzir-nos a percepções generalistas. Contudo, essas primeiras percepções, conduzem-nos a outras observações progressivamente mais rigorosas e permitem-nos situar-nos nos ambientes que pretendemos observar. São esses primeiros olhares no terreno, e em cada lugar previamente seleccionado, que aqui vou dar conta, correndo o risco de os descrever ainda com reduzida credibilidade.

#### 6.1.1 - Sistematização de uma primeira observação

No decurso dos trabalhos de campo preliminares com vista a uma avaliação prévia que permitissem seleccionar os grupos onde se poderia fazer uma abordagem mais próxima, procurámos observar relações com os lugares e identificar percursos e actividades.

Contudo, parte destes percursos não são identificáveis nesta primeira observação e correspondem essencialmente a percursos em meios de transporte público. Há, por isso, quer nos comentários menos ouvidos, quer na ausência de sinais e grafismos identificadores desses grupos, pedaços de percursos que apenas se podem deduzir e que só serão identificados no decorrer das conversas retratadas neste trabalho (II Fase da Observação).

Dos 17 lugares inicialmente observados, apenas sete satisfazem os objectivos traçados já que as relações efémeras ou inexistentes entre os elementos dos restantes dez grupos não se enquadravam na definição de grupo que adoptamos para este trabalho.

Na sua maior parte, tratavam-se de lugares onde se reuniam aleatoriamente jovens consumidores de drogas sem qualquer frequência conjunta. Foi o caso da Praça de Londres, do Cais do Sodré e Santa a Polónia.

Noutros, como em Belém, Praça da Figueira e no Rossio, o enquadramento dos grupos no meio de outros grupos, não permitia uma abordagem e permanência que julgámos necessária à prossecução desta investigação. Outros lugares também visitados como o Bairro Alto, embora encontrássemos pelo menos dois grupos que aparentemente

podiam satisfazer as exigências deste trabalho, perdemo-los durante uma desavença nocturna com outros grupos e nunca mais os encontramos apesar das visitas posteriores que fizemos ao local.

No Calvário, já próximos de uma possível abordagem, fomos notado pelo grupo que, possivelmente por desconfiar da nossa presença também desapareceu.

Por último, um grupo localizado perto da Praça de Londres e que a observação revelara como consumidores habituais, acabou por revelar consumos regulares de cannabis, e muito ocasionalmente alguma cocaína consumida de forma controlada, pelo que a sua observação foi abandonada.

Restaram assim os sete grupos que abordamos neste trabalho e já identificados

Interessa ainda dizer que nalguns casos, e durante a observação à distância, ou já após os primeiros contactos fortuitos, foram identificados como fazendo parte do grupo estudado, alguns elementos que são habitantes do lugar de reunião ou dos lugares circundantes.

Numa primeira observação estes elementos parecem receber dos outros um tratamento especial , como se deles se esperasse uma mediação que evitasse conflitos.

Foi assim possível construir um quadro síntese que identificasse referências ou sinais, que caracterizassem sumariamente os grupos . Para cada grupo foram feitas cinco observações em dias diferentes e, por vezes a horas diferentes.

Na primeira coluna estão referenciados os grupos designados pelo lugar onde foram observados.

As colunas restantes deste quadro das primeiras observações mostra-nos um pouco da actividade do grupo, o motivo aparente e principal da sua reunião , passagem ou permanência no lugar observado e as relações internas e externas, para além das primeiras ideias sobre o local de partida de cada um.

Importa perceber que se trata de uma observação preliminar, embora já com alguma proximidade e, nalguns casos, após primeiros contactos, e que, por isso, enferma de várias inexactidões. Ainda assim, decidi mantê-lo, já que foi a partir dele que desenvolvi os primeiros contactos.

grupo	composição	Objectivo aparente de reunião	Tipos de consumo	Lugares de origem	Relações internas observadas	Relações com os locais e com o meio	Tempo médio de permanência no grupo
Casalinho da Ajuda	Variável de 4 a 8, masc. e fem. Idades 18 a 29 anos(ap..)	Consumo e pernoita ocasional(2)	Cannabis fumada, "pastilhas) Heroína injectada	Casalinho, Alto da Ajuda, Bairro 2 de Maio, Stº Amaro, Amadora,	Cúmplices, de interajuda, de interdependência relativa ao produto.	Cordiais com habitantes jovens, indiferentes ao estranho	3 a 5 horas e/ou pernoita para consumo
Santo Condestável (Rua Maria Pia)	4 elementos Maioritariamente masculino Idades médias 22	Encontro, consumo heroína Cocaina Cogumelos	Cannabis, heroína cocaína Cogumelos	Meia-Laranja, Estrela de África, 6 de Maio,	Relações de grande afectividade, relações para a compra e consumo	Indiferentes, relações próximas com um elemento do bairro	1,5 hora neste local. Partem juntos
Igreja dos Anjos, R. do egueirão e Beco da Indú	Variável de 7 a 8 elementos Género masculino maioritário Idades de 17 a 25	Consumo e pernoita	Cannabis, heroína Ecstasy	Anjos, Penha de França, Camarate, Prior Velho Loures e Odivelas	Relações amorosa (casai) Relações de compra e consumo Encontro	Relações cúmplices, relações cordiais com três elementos desta zona	Estadia variável entre 2 a 3 horas, Partem em diades e tríades para compra e regressam. Outros ficam
Qrº do Cabrinha	Grupo de componentes variáveis de 7 a 9 19 a 32 anos	Consumo e tráfico	Cannabis, heroína, anfetaminas, cocaína	Oeiras, Parede, Parte significativa dos arredores	Não tipificadas	Alguns proximidade e com alguns elementos da população local	Curta duração, variável entre a partida imediata (compra) e uma hora
Intendente (fontanário)	Grupo entre 4 e 8 elementos, idades entre os 18 e os 25 quase todos estudantes	Consumo e tráfico, Actividade (prostituição)	Cannabis, heroína, cocaína, ecstasy	Cidade, Alvalade, Olivais	Relações conflituais entre díades, motivadas por factos ligados à actividade de prostituição	Conflituais	Longa permanência (com saídas curtas para consumo)
Rua do Poço dos Negros	Grupo entre 3 a 5 elementos Idades entre os 16 e os 35	Lugar de encontro, consumo e pernoita	Cannabis, heroína, cocaína, ecstasy	Todos oriundos dos lugares próximos	Relações de grande afectividade, um casal relações cúmplices para a compra e consumo	Cordiais com habitantes jovens, Relação de tolerância com adultos	Permanência de tempo variado oscilando entre 1 e 4 horas
Miradouro de Stº Catarina e Calçada do Combro.	Variável de 5 a 9 18 a 35 anos	Consumo ,tráfico, Pernoita de alguns	Cannabis, heroína, Cocaina, cogumelos	Locais, Oeiras	relações amorosas, cúmplices para a compra e consumo	Tolerados pela população residente	Períodos longos de relação e consumo

Tabela 2 - Uma primeira observação à distância (observação feita até Outubro de 2008)

No quadro acima, (tabela 2), procurarei sintetizar estas primeiras observações, sob reserva da sua exactidão, mas que me serviram de orientação para uma observação de maior proximidade e, nalguns casos, foram essenciais na fase de abordagem dos grupos.

Este quadro sendo apenas um primeiro referencial de observação dos grupos, dá-nos já algumas indicações importantes para situar o grupo relativamente aos territórios de origem, de percurso ou de consumo, pese embora, não ter sido possível nesta fase a abordagem de todos os elementos de todos os grupos.

**Tabela 3 - Origem dos elementos dos grupos por lugar de ocupação em contextos de "encontro ou consumo"**(observação feita até Outubro de 2008)

	Do lugar estudado	Bairros periféricos	Outros Concelhos	TOTAIS
Casalinho da Ajuda	2	4	2	8
Rua Maria Pia	1	2	1	4
Anjos	3	2	3	8
Quinta do Cabrinha	3	4	2	9
Intendente - Fontenário	4	4	0	8
R. do Poço dos Negros	5	0	0	5
Miradouro de Santa Catarina e Calçada do Combro	4	4	1	9
TOTAIS	22	20	9	51

Como se pode observar nesta primeira fase do conhecimento dos grupos, dos 51 elementos observados, 41% dos indivíduos fazem o seu percurso diário a partir das zonas centrais da cidade ou da própria zona onde se insere o lugar referenciado, 38% deslocam-se desde bairros periféricos da cidade e 20% partem para estes lugares desde concelhos periféricos do concelho de Lisboa .

Não podendo inferir-se deste quadro mais do que uma observação sobre os componentes destes grupos, estes números parecem contrariar claramente a ideia de muitos dos moradores que estes indivíduos vem dos "bairros perigosos".

Uma outra observação inicial é a da distribuição por género dos componentes do grupo. São maioritariamente do género masculino. Importante será referir que o quadro seguinte se reporta ao momento inicial da observação, já que a volatilidade destes grupos permite pensar que até ao fim deste trabalho estes números possam ser diferentes.

**Tabela 4 - Distribuição por género dos grupos nos lugares observados**(observação feita até Outubro de 2008)

Lugares	Masculino	Feminino	TOTAIS
Casalinho da Ajuda	6	2	8
Rua Maria Pia	3	1	4
Anjos	7	1	8
Quinta do Cabrinha	7	2	9
Intendente - Fontenário	5	3	8
R. do Poço dos Negros	5	0	5
Miradouro de Santa Catarina e Calçada do Combro	5	4	9
<b>TOTAIS</b>	<b>38</b>	<b>13</b>	<b>51</b>

Observa-se ainda um maior equilíbrio nos géneros que compõem dois dos grupos observados (Intendente e Miradouro de Santa Catarina. Já no grupo observado na R. do Poço dos Negros, o grupo não comporta elementos do género feminino.

Embora estes números não pertençam ter relevância estatística, não podemos deixar de salientar a maioria de presenças do género masculino.

Importará de facto perceber que se trata de grupos muito voláteis e móveis e com uma vida temporal relativamente curta.

Ainda assim, e enquanto grupo, mantém relações e interacções importantes, e isso foi visível desde esta primeira fase de observação.

Estas relações parecem situar-se a três níveis:

- Entre pares,
- com alguns actores locais e lugares públicos
- com alguns trabalhadores sociais pertencentes a associações de intervenção social.

Pareceu, por isso importante proceder a algumas entrevistas exploratórias destinadas a um primeiro conhecimento destes grupos e dos seus contextos e circunstâncias.

Nos contactos com elementos da população autóctone, numa primeira abordagem muito informal, as expressões usadas revelam claramente duas situações: por um lado, algum receio em falar sobre estes grupos; em segundo lugar, nos casos onde foi possível falar, as expressões utilizadas revelam claramente sentimentos de exclusão. No seu conteúdo, estas conversas revelaram um desconhecimento sobre estes grupos, remetendo-os claramente para o incómodo que representam para eles e os sentimentos de insegurança que alimentam. Contudo, em vários casos, foi possível identificar sentimentos de "pena" ou de mera indiferença.

**Tabela 5 - Distribuição, por grupos etários e freguesias observadas, de indivíduos em tratamento nas Equipas de Tratamento do IDT(2008)**

<b>Freguesia</b>	<b>≤ 19</b>	<b>20 - 24</b>	<b>25 - 29</b>	<b>30 - 34</b>	<b>35 - 39</b>	<b>40 - 44</b>	<b>45 - 49</b>	<b>TOTAL</b>
Ajuda	1	4	9	18	18	21	7	81
Alcântara		4	11	23	24	23	7	95
Anjos	1	3	4	17	11	8	4	50
Santa Catarina		1	3	8	3	3	6	26
Santo Condestável			4	11	9	11	5	40
São Paulo		2	2	5	11	2	1	23
Totais	2	14	33	83	76	68	30	319

Alguns outros moradores optam por negar a existência no lugar de indivíduos consumidores ou dependentes. Os números oficiais, no entanto mostram a existência em tratamento de números significativos de utentes do IDT (Instituto da Droga e da Toxicodependência). (Tabela 5)

Observe-se que, nos últimos anos, a população em tratamento das toxicodependências envelheceu significativamente, já que em 1999 os números apontavam

para uma idade prevalente dos indivíduos em tratamento situado entre os 20 e os 30 anos, sendo que no quadro atrás (embora retratando uma pequena parte das freguesias da cidade de Lisboa) se revela que o grupo maior se situa entre os 30 e os 44 anos, podendo deduzir-se daqui um envelhecimento da população em tratamento nas ET's (Equipas de Tratamento), podendo esse envelhecimento traduzir uma entrada mais tardia nos consumos ou apenas um recurso mais tardio às instituições especializadas.

Também na rua, a observação preliminar dos locais de consumo mais apontados pelas equipas de rua apontam para um elevado índice de consumidores mais velhos. Contudo, não foi possível encontrar grupos, (tal como os definimos para este estudo) de toxicodependentes dentro destas faixas etárias, o que poderá significar consumos e vivências mais individuais, nesta gama etária. Ainda assim, alguns indivíduos que integram os grupos estudados se situam numa faixa etária acima dos 30 anos, sendo apesar de tudo minoritários, como se verá adiante.

Parece verificar-se, pela observação dos dois quadros, que os indivíduos dos grupos de rua, pelo seu estado de menor degradação, talvez, ou pela pertença a grupos, recorrem menos a programas de tratamento. Contudo, esta percepção não pode ser generalizada, embora possa servir de pergunta de partida para uma outra investigação. Na verdade, veremos numa fase posterior pela análise dos percursos dos elementos dos grupos seleccionados, se existe uma frequência estatisticamente significativa de indivíduos que estão, ou já estiveram a ser sujeitos a programas de tratamento e substituição opiácea.

Como mera observação da tabela 5, refira-se também que, apesar de o grupo mais idoso ser estatisticamente pouco significativo, também o grupo de idade mais baixa lhe é comparável, desmentindo também a hipótese levantada muitas vezes em senso comum de que os jovens começam cada vez mais cedo a consumir drogas, situação que parece desmentida pelos dois quadros apresentados.

### 6.1.2 -Entrevistas exploratórias

Como planeado, e no sentido de me confrontar com olhares diferenciados sobre os mesmos problemas, procedi a três entrevistas exploratórias com técnicos responsáveis pela *intervenção em rua* no domínio da redução de riscos e minimização de danos, nos bairros

centrais de Lisboa e enquadrados em três organizações diferentes: A Associação Vida e Paz, a Associação Médicos do Mundo e a Associação Crescer na Maior. Fiz ainda uma viagem exploratória com uma equipa da Associação Novos Rostos Novos Desafios, acompanhando-os num dos seus percursos diários por estes bairros.

Destas entrevistas e viagens, resultou uma compreensão genérica das situações que esta investigação irá abranger, dado que as três organizações entrevistadas se dedicam a objectivos diferentes mas centradas no mesmo tipo de utentes. Assim, a Associação Vida e Paz, dedica-se à problemática das pessoas na Rua, incidindo fortemente nas pessoas sem abrigo. A Associação Médicos do Mundo, prossegue objectivos de prevenção e intervenção das questões de saúde na mesma população. A Associação Crescer na Maior, dedica-se aos mesmos públicos-alvo com preocupações incidentes na prevenção e diminuição de riscos e minimização de danos na toxicod dependência e difusão do HIV/Sida.

São assim três olhares diferenciados sobre um mesmo público-alvo.

É interessante observar estes olhares relativamente aos lugares e grupos que cada organização aborda.

A opinião de Celestino Cunha, da Associação Crescer na Maior:

- A realidade que eu conheço melhor da cidade de Lisboa são as pessoas sem abrigo. Logo assim à partida salta-me um grupo, que, está na zona do Cais do Sodré, Junto do Cais da Marinha. É um grupo bastante interessante na maneira como está organizado no seu quotidiano. Depois também, o grupo ali da... da Praça de Londres. São pessoas essencialmente sem abrigo com alguns estrangeiros, mas que se organizam muito em função da... da resposta que é dada à noite pelas equipas que vão distribuir alimentos e que... ou que estão a fazer contacto com as pessoas sem abrigo. é muito interessante e - estou a tentar identificar a zona da cidade- Depois também descendo a Almirante Reis, há lá um grupo de 3, 4 pessoas junto à Portugália, mais abaixo um bocadinho onde era mesmo antigamente a cerveja Portugália - a fábrica salvo erro - também há ali umas 4 ou 5 pessoas que se organizam de forma curiosa em relação à obtenção de, enfim, do seu quotidiano, arrumar os carros, ir às compras – “quem vai quem não vai” - há uma espécie de escala até como funcionam. Descendo também há o Martim Moniz. A zona do Martim Moniz - alguns idosos e também, juntamente com um casal, da zona de cima do Martim Moniz,... do Cais do Sodré já falei... tinha vá, mais locais...(hum...) Ah! A zona de... da Praça de Espanha. Não é propriamente um grupo muito grande são 3 pessoas mas, elas já estão juntas há muito tempo e, estão muito organizadas...enfim na lógica de funcionamento ali da área com os teatros - e ao nível de relação próxima com os teatros (hum...) Depois - eu não sei se identificava assim estes locais ou se caracterizaria - A minha

experiência tem mais a haver com o contacto de final de dia e de noite e que se percebe que durante o dia eles estiveram organizados de uma forma muito específica que é: essencialmente para obter os bens de sobrevivência – alimentação e alguns agasalhos. A maneira como estão organizados para conseguir isso, é bastante curiosa e, há aqui um aspecto essencial...

– Em Função dos apoios que surgem nessas zonas, é isso?

- Exactamente, ou até mesmo a procura de alguns apoios específicos noutras áreas que não aquela onde costumam estar. A deslocação por exemplo aos serviços quer da comunidade Vida e Paz, quer à AMI, quer de algumas paróquias em particular da cidade de Lisboa é feita – “Hoje vais lá tu porque ontem, fui lá eu” – mas a ideia é trazer para os 3 ou para os cinco ou para os 7. Estou a pensar ali nas pessoas da zona da Praça de Londres que funcionam muito neste registo. Para não 'tarem a forçar muito a relação ali com as pessoas da...da Mexicana ou, das áreas envolventes - até da junta de freguesia quando recorrem - procuram revezar-se para não serem sempre os mesmo a ir pedir para não criarem um... um problema. Há aqui um denominador comum mais ou menos em quase todos que é: o consumo ou de álcool ou de substâncias. Quase todos têm esse problema. Um ou outro caso de doença mental que é protegido pelo.. pelo.. pelo grupo - nomeadamente ali na Praça de Espanha há uma pessoa... há inclusive um... um casal e que um é mais... - um casal que são dois homens mas que se assumem como casal - e um deles é um bocadinho mais frágil e os outros de facto assumem uma postura muito protectora e, isso em termos genéricos é muito...é aquilo que eu conheço da realidade da cidade. (entrevista com Celestino Cunha - Vida e Paz, em 13-07-09)

Celestino Cunha, parece assim dizer-nos que aquilo que o senso comum caracteriza como pessoas sem organização, normalmente isoladas, não corresponde necessariamente à realidade observada por esta equipa de rua. Sobretudo, sobressai a organização e relações de entreajuda, como se se tratasse de uma situação de normalidade comunitária.

Mas como se constituem estes grupos e porque se localizam em determinados lugares?

Carla Fernandes, da Associação Médicos do Mundo, esclarece:

- Sobretudo tem a ver com os lugares, sim, e com as defesas que encontram nesses lugares, estratégicos – Sim, porque... sem dúvida, sem dúvida. Estava a pensar na nossa realidade e... sim, acho que sim - as leis da sobrevivência, as estratégias de rua, os objectivos comuns que têm não é? Acho que isso os leva a constituírem-se enquanto um grupo... se calhar diria que a maior parte das pessoas chega até nós - e também às características do estar na rua – são situações mais individuais do que propriamente de grupo mas sim, temos situações de grupo...que nós às vezes apercebemo-nos que as pessoas andam em grupo, durante muito tempo e, muitas vezes os próprios grupos formam-se a partir do momento em que as

peças escolhem um local de pernoita, e de sobrevivência. (entrevista com Carla Fernandes - Médicos do Mundo, em 13-07-09)

Já Cristina, da Associação Crescer na Maior, parece centrar a ideia sobre estes grupos sobre uma formação ocasional criada pelas circunstâncias:

- ...existem os grupos já formados, todos os dias se encontram naquele local e... e entre eles, por exemplo: no Intendente - que foi uma zona onde eu trabalhei muito - notava-se muito as relações mesmo... entre eles existiam vários tipos de relações e... depois existem os consumidores ocasionais, portanto, que se deslocam aos sítios, já conhecem as pessoas que lá estão todos os dias... porque dormem juntos, porque consomem juntos, porque passam o dia todo juntos. (entrevista com Cristina, Associação Crescer na Maior, em 13-07-09)

Apesar disso, a mesma técnica opina sobre a existência de lugares que fazem parte da história destes grupos e que funciona ainda como referencial para estes grupos de consumidores:

- ...acho que eles sentem muito isso, portanto o lugar, o lugar onde estão acaba por ser quase a casa deles, entre aspas.

- já falou aqui duas ou três vezes no Casal Ventoso - que supostamente, pela história, seria um sítio que terá deixado de ser um sítio psicotrópico, não é? Contudo, referências e visitas ao local mostram que há como que um voltar ao lugar. Tem a percepção de que pode ser por este sentimento de pertença, ou acha que apenas aquilo foi tomado de assalto outra vez? De facto parece que o movimento está a crescer outra vez em direcção ao Casal Ventoso.

- Acho que o Casal Ventoso, para a maior parte dos Toxicodependentes é sempre aquele local onde, se houver, eu acho que é o primeiro local onde eles vão. Mesmo, notamos muito isso em pessoas que, ou vêm do Alentejo e chegam a Lisboa e dizem que já estão a chegar a Lisboa e que não sabem como, vão automaticamente ali, como quase que uma coisa inconsciente que os puxa para ali. Eles nem percebem o quê mas...porque é que existe este movimento? Temos uma utente por exemplo que chegou agora de Londres e em vez de ir direita para Oeiras, diz que não sabe como. Que foi ali parar de imediato, é uma coisa quase psicológica. Acho que, penso tem a haver com isso, com - O sentimento de pertença. Se calhar também de alguma impunidade que se gerou noutros tempos, de alguma falta de controlo social, não sei não é, todos.. - Eu acho que tem muito a haver com as vivências que eles passaram ali, são muitas histórias ali passadas, histórias que eu acho que noutros lados não se verificam, não se verifica mesmo. Pelo menos já ouvi histórias do Casal Ventoso e eles todos têm memórias e... de um passado tão forte no Casal Ventoso que acho que não têm noutros locais de consumo onde não existe essa história.

Sobre a existência de elementos do género feminino nestes grupos, todos os técnicos parecem unânimes em classifica-los como minoritários e quase sempre justificados por relações amorosas com outros elementos do grupo.

–... Quando existem pessoas femininas, normalmente estão... ou são namoradas ou têm uma ligação - Uma ligação amorosa, afectiva com... com um homem do grupo, isso sim. (Celestino Cunha)

Já para a Cristina, da Associação Crescer na Maior, cada vez são mais as mulheres nos grupos, embora elas, quer pelos consumos quer degradação progressiva da vida que levam acabam por ter características muito pouco femininas:

Primeiro as mulheres são muito mais complicadas que os homens quando estão a consumir, eu acho. Pelo menos noto isso na relação que elas têm. Porque se tornam muito mais manipuladoras e muito mais, portanto... criam dentro delas alguma coisa que faz com que sejam diferentes. Eu acho que há aquelas mulheres que... ficam quase (entre aspas) homens, não é? E portanto esquecem completamente... quase seres assexuais, não é? Portanto, não são nem mulher nem homem, tão ali um bocadinho assexuados não sei se compreende... E Depois existem as outras mulheres que se valem do serem mulheres para poder manipular um bocadinho as coisas para o interesse delas (- São estratégias de sedução) – Exactamente. Portanto, muitas delas sim, têm um companheiro, as que não têm companheiro são estas que eu me refiro – estou a lembrar-me agora de algumas por alto – que são mulheres que, que... uma pessoa já não consegue quase olhar para elas como mulheres, portanto, não têm características femininas, não...

- Que têm a haver com os consumos ou não? Ou com degradação da vida que levam?

- Eu acho que tem a haver com as duas coisas e tem a haver com o facto,... por exemplo: estas mulheres por não se prostituírem porque vendem...droga e isso tudo, acabam por sair um bocado de... portanto, elas próprias levam uma vida que não é uma vida feminina, não é?

- Com as que se prostituem, não é assim?

-Não. Arranjam-se mais... tem que seduzir. (Cristina)

- Hoje continua a ser, predominantemente, do género masculino. Mas cada vez mais, do género feminino também. Eu há pouco lembrei-me – e depois entretanto passou-me – que tinha a haver com aquela questão anterior que me colocou das relações- eu ter-lhe dito que há casais que vivem na rua. Porque as mulheres que vivem na rua estão sujeitas também a muito mais... outros tipos de violência, não é ? Pronto, e muitas vezes elas submetem-se por exemplo: a manter uma relação – mesmo que também não seja a relação que elas... que elas querem para

elas – mas sabem que dali há segurança, não é? E depois a questão da saúde mental há algumas mulheres na rua, a viver na rua, com problemas de saúde mental e pronto, e que nós sabemos que... com certeza que devem ser vítimas de... de violência não é? (Carla Fernandes)

Parece ser claro, para todos os entrevistados, que existem claramente relações sociais e de entreajuda dentro destes grupos, embora por vezes elas se confundam com necessidades de sobrevivência, numa perspectiva de "hoje tu, amanhã eu".

- Por exemplo no Cais do Sodré,... quando aparecem miúdos...há sempre alguma atenção especial e até muito daquele discurso de - “ Tu não devias estar aqui, tu... tu”- ou seja: há uma protecção da pessoa mas no sentido de evitar que ela permaneça , há muito aquele discurso de “ Tu devias ir procurar ajuda, vai, vai, vai para a comunidade ... és muito novo para isto. Há uma tentativa de que a pessoa se desloque. Mas de qualquer das formas, isto é em si uma... uma protecção, ou seja: criar, logo maneira da pessoa sair. Por outro lado, quando há alguma vulnerabilidade específica - pessoas que têm dificuldade em andar ou que ficaram doentes por algum motivo - estou-me a lembrar no Cais do Sodré - naquele grupo ouve uma altura que uma pessoa ficou com... com hepatite, ficou toda amarela e aquilo gerava alguma aversão de quem passava ou... e o grupo, pelo contrário, preocupou-se e arranjaram lá um chá que eles faziam, iam ao Centro de Saúde pedir ajuda para ele, pedir coisas, no sentido... - nunca o abandonaram, pelo contrário eles foram o grande... a grande protecção da pessoa porque ele estava muito fragilizado e eles continuaram sempre a apoiá-lo. Sempre. A melhor alimentação era para ele, havia aquele cuidado de... de o tratar como doente. (Celestino Cunha)

Já Carla Fernandes caracteriza estas relações como específicas de grupos de rua.

- ...estamos a falar de relações não é? Que... têm as suas características muito próprias desta população. Em relações dentro de um grupo e também às características do estar na rua. (Carla Fernandes)

São, no parecer dos técnicos, grupos que se movimentam de acordo com as necessidades de cada momento.

-... existem deslocações ao longo do dia conforme as necessidades do momento, isto é - se precisam de se alimentar estão num sítio, se precisam de ajuda fornecida por exemplo, pelas equipas estão noutra e se precisam de comprar estão noutra, ou a consumir e se precisam de angariar sustento como arrumar carros ou outras actividades ou a prostituir-se etc., estão noutra.

- Vocês verificam, conseguem verificar estes movimentos

- sim sim. Temos esta noção, sim.

–Encontram-nos em vários sítios ou apenas porque outras equipas vos referenciam?

Não, nós encontramos em... Por exemplo, essa realidade não acontece tanto, por exemplo: no Casal Ventoso, é um sitio onde eles estão mais fixos.

- Mas também têm ali tudo o que precisam?

- Tudo o que precisam, exactamente, porquê? Porque a venda de tudo ou mais alguma coisa passa-se na rua principal e as pessoas descem para o morro para consumir e portanto, há um ritual que é – sobe e desce, não é? E depois há aqueles ocasionais que vão arrumar carros, apanham um autocarro , voltam, portanto há esta coisa. Por exemplo: no Intendente, nós notamos sempre muito esse movimento e também esse movimento é muitas vezes feito porque eles são corridos dos sítios onde estão a consumir - ou pelos moradores, ou pela polícia - portanto acabam por se deslocar sempre muito em grupo. (Cristina)

Para os menos informados sobre estes grupos e estes lugares, algumas imagens de senso comum parecem denegri-los como se se falasse de outros mundos, outros lugares. Mas a Cidade é um todo múltiplo de culturas e imagens variadas, em que todos contribuem para a vivencia colectiva, embora em níveis e intensidades variáveis.

- ...eu costumo dizer aos que estão mais perto de mim , que a cidade é a mesma. A cidade onde estas pessoas dormem, onde estas pessoas vivem é a mesma que a nossa. E quando nós dizemos que temos muito orgulho na cidade que temos – “A nossa cidade é bela” – e é sem dúvida, não é? Mas é esta que também é a deles. Não vejo por aí, pronto, não vejo por aí. Se nós pensarmos que um grande número de pessoas neste momento dorme na Praça do Comércio, que é uma praça que neste momento é o nosso... a nossa autarquia está, portanto ali a ... a reabilitar, porque realmente aquilo é uma zona muito bonita e portanto, não diria que eles escolhem só, esse tipo de lugares, não é? Claro que existe! Mas não diria que.. acho que isso é a maneira fácil de Caracterizar isto, não é?

- Dá-me às vezes a noção – e não sei se esta noção é correcta , gostava de ouvir a sua opinião sobre isso – de que independentemente de serem lugares isolados, lugares escondidos - quer-me parecer que a maior parte destes grupos procura meter-se no meio da multidão para não estar com gente nenhuma. Não sei se isto lhe faz sentido.

- Acho que, há esses grupos. Por isso é que nós muitas vezes ouvimos a expressão “dos invisíveis” não é? Em que... Aquela zona da Praça do Comércio é muito típica, que é - passa ali uma série... imensas pessoas durante o dia não é? Para apanhar o barco, para entrar na cidade e as pessoas se calhar – se fizer hoje uma entrevista a alguém se calhar vamos ouvir – “Ah...” - Se calhar repararam uma vez. Mas por outro lado acho que também que há a outra vertente que é daqueles que realmente se isolam e que procuram locais que, eu própria às vezes a passar no meu carro e olho, e vejo, isso... nunca me lembraria que alguém pudesse estar aqui a dormir. Porque também há aqui um sentimento de vergonha, não é? E estar nesta situação para algumas pessoas

é temporária portanto... e há que realmente procurar um sítio escondido, que seja de pouca visibilidade para que “ninguém me veja”. Mas... mas... essa expressão que utilizou também me faz todo o sentido, não é? Estarmos com todos, estarmos com ninguém, estarmos ao pé dos outros e ninguém nos ver, não é? (Carla Fernandes)

Mas há quase sempre uma relação estratégica com o lugar. Ora é o lugar que determina as estratégias de sobrevivência, ora são as estratégias que determinam o lugar escolhido. De uma forma ou outra, existem sempre relações com os residentes, determinadas por estas duas variáveis.

-Sim, é estratégico, a relação é boa por exemplo: no Cais do Sodré a relação com o senhor do talho, com... por exemplo: eles todos os dias cozinham - com aquelas latas de 25 litros das azeitonas que eles vão buscar ao Lidl ou ao Pingo-Doce, fazem...levam aquelas madeiras das paletes e assim, fazem sempre uma fogueira, fazem uma grande panelada todos os dias para toda a gente. Às vezes com as obras que há ali no Cais do Sodré, a polícia vem, faz uma limpeza, depois eles dispersam-se um pouco, regressam a seguir, enfim - há ali aqueles movimentos mas por norma eles vão dividindo as tarefas também – um traz o sal, outro vai aos legumes, vai ali ao Mercado da Ribeira, sempre há umas senhoras que ajudam e tal e, juntam os ingredientes todos e fazem ali uma boa... uma boa refeição quente - mas boa mesmo! Naturalmente também, bem regada com muitos pacotes de vinho – que eles dizem uma coisa curiosa lá em baixo quando nós por exemplo os confrontávamos com a ideia que: - “ porque é que não bebem água? Vocês precisam de se hidratar” – e eles dizem assim “- Água? Um litro de água custa à volta de 60 a 70 cêntimos. No Lidl o vinho custa 45 cêntimos - um litro de vinho... nós estamos na rua, é óbvio que optamos pelo mais barato!” (risos). (Celestino)

A relação com os residentes, assumida frequentemente como conflitual, nem sempre se verifica na relação entre estes grupos mais formais e as populações dos lugares que ocupam. Celestino Cunha apresenta-nos algumas situações que, embora manifestamente excepcionais, traduzem alguma tolerância entre actores.

- ...há senhoras de alguns lugares, nomeadamente ali na Praça de Londres e até na Almirante Reis, pessoas que diariamente, se deslocam, a ir ter com as pessoas e lhe levam um bocadinho do seu jantar ou, algum...algum miminho. Isso acontece. Pessoas que sabem quando são os aniversários, por exemplo, e não se esquecem e vão lá levar.... Isso eu percebo de algumas pessoas que vivem ali. Agora, de forma continuada e quotidiana nunca me apercebi assim...

- Essa questão que põe é curiosa porque me apercebi noutros grupos que não referenciou que a relação entre os residentes e estes ocupantes da cidade não é

verdadeiramente conflituosa na maior parte dos casos. Eu diria que a maioria dos que encontrei seriam tolerantes. Nalguns casos, é mesmo de apoio!?

- É. O problema dos vizinhos tem... tem aqui um... - o que gera conflito não é tanto a pessoa e a condição de sem abrigo, é a higiene. Normalmente está relacionado com a higiene. Se de facto as pessoas são cuidadosas com a higiene obtêm a simpatia do outro... é mais um vizinho. Haverá com certeza um ou outro pormenor, uma ou outra pessoa que reage menos bem mas, por norma estabelecem-se boas relações agora, se a pessoa não é cuidadosa com a higiene, aí sim, aí desenvolve alguma rejeição... a relação torna-se hostil e as pessoas tendem a chamar a polícia, a envolver outras coisas. Agora, quando as pessoas e... e estes grupos - nomeadamente ali na Almirante Reis - ou ficam em locais onde podem estar à vontade e a relação mantém-se o mais afastada possível - e aí favorece, porque a pessoa não se choca diariamente com isso à porta - eles vão dormir e vão fazer as suas refeições e tudo mais longe, estão mais à vontade - essa relação é mais fácil porque se estiverem mesmo à porta, quer queiramos quer não haverá sempre lixo, haverá sempre algumas coisas e isso desfavorece a proximidade mas... - não sei se me perdi no raciocínio mas de qualquer das formas - o que favorece mesmo é: os cuidados com a higiene. E eles têm muito essa atenção a isso e, por exemplo, se a pessoas deu uma camisola fazem questão de a usar para ela ver...

- De alguma forma aprenderam a viver com este tipo de expedientes e numa tentativa de criarem proximidade das pessoas

- Claramente,

- não de guerrear as pessoas.

- Pelo contrário exactamente, cativá-las. Mesmo por exemplo em relação aos seguranças dos...dos hipermercados - neste caso do Pingo-Doce, daqueles mais pequenos - é uma relação difícil. Um sem abrigo, um... utilizam a mesma estratégia "- Hoje vais lá tu amanhã vou lá eu"- diversificar a ida ao... faz com que o segurança não esteja tão centrado na... naquela pessoa. Porque normalmente o que é que eles vão buscar quase sempre? É vinho... é cerveja... é pão... são enlatados - é quase sempre a mesma coisa - e, lá pelo meio vêm algumas tentativas para levar sem pagar, e então, geram sempre uma enorme atenção por parte dos seguranças. A ideia é: procurar cativar o segurança no sentido de - Ele diz-se que na Almirante Reis eles são correctíssimos na relação com o senhor do Pingo-Doce: já o conhecem e tal, primeiro conversam com ele só depois é que entram na loja - há uma tentativa de o amenizar logo á partida e não hostilizar a relação porque sabem que vão perder. (Celestino Cunha)

Embora estas relações com os residentes possam ser procuradas pelos utilizadores do lugar, por questões de sobrevivência, uma relação é, por natureza, algo que se constrói a dois, ou mais. Isto faz crer que, nestas relações, estão também presentes vontades, cedências e dádivas por parte dos residentes.

- Há de tudo. – De tudo um pouco – De tudo, de tudo, sim. Há... nós perguntamos – “Então mas almoçou?” ou – “Jantou?” – Mas como é que conseguiu?” – “Ah, o vizinho... aquele senhor que mora aqui deu o almoço”- ou – “ O comerciante disse-me que eu posso ir buscar os bolos se ele não os vender” – Há de tudo. Mas depois também há os particulares que não fazem a mínima ideia, pronto, porque têm o problema à porta deles, não é? E que tomam logo outras medidas – telefonam para equipas de rua, telefonam pá polícia porque realmente não querem aquela pessoa ali ao pé da porta deles. Pronto, há de tudo. Eu acho é que, fala-se muito deste... deste fenómeno - das pessoas sem abrigo - e há a uma estratégia nacional, há um plano agora para a cidade de Lisboa. Portanto estamos a dar passos muito importantes, vê? Mas eu acho que também era importante, sobretudo, informar a sociedade civil, pronto. Porque as pessoas, pronto. Trabalhando numa O.N.G, eu percebo isso, as pessoas são muito solidárias, os portugueses são muito solidários. Os portugueses podem estar na crise mas se houver uma O.N.G que faz um pedido, o português mesmo assim ajuda, não é? Portanto eu quero acreditar que neste fenómeno também – nestas pessoas que encontram – também se mobilize. Só que muitas vezes não sabes como fazer. Não é? E isto... pessoas que mesmo próximas de mim, se calhar se tiverem uma pessoa sem abrigo ao pé da casa delas, não sabem o que é que hão- de fazer, não é? Por isso essas relações... penso que existem de todo o género.(Carla Fernandes)

A relação destas equipas é uma relação de proximidade com os seus utentes que se pauta por uma proximidade de confiança e por uma linguagem menos técnica e mais simplificada.

- o contacto e a linguagem usada é uma linguagem tão fácil e tão... tão... tão simples , não é? Tentamos chegar a eles de uma maneira tão pouco elaborada e institucional como estava a dizer que eu acho que é importante nós próprios não nos esquecermos que não estamos ali como amigos, mas como técnicos. (Cristina).

Na observação dos entrevistados, não parece existir propriamente uma cultura de rua, embora existam estratégias semelhantes nos diferentes grupos quando se tratam de questões de sobrevivência. O que parece existir são culturas de grupo, ou em cada um dos grupos, quase sempre associadas ao lugar escolhido.

- Estes grupos que encontra, consegue englobá-los todos numa lógica de cultura de rua? Isto é, há comportamentos semelhantes nos diferentes grupos?

- Ah... não sei, é aquilo que passa a ser um denominador comum é...é a questão da sobrevivência ou seja, as necessidades básicas acabam por criar uma união importante entre as pessoas. E – “se eu hoje estou com fome... eu sei que alguém me vai ajudar e se eu hoje me

correu melhor o dia vou ajudar alguém” - Anda muito à volta desta questão de sobrevivência – “ Se tenho frio, se tenho mais um cobertor ”

- Também para as questões dos consumos?

- Para a questão dos consumos também, essencialmente. Há aqui esta sobrevivência porque, no fundo são as ligações que têm. Se não preservarem essas 2 ou 3, isso não lhes vai... amanhã sabem que pode correr mal o dia e, de facto vão ficar muito vulneráveis e então a ideia é: protegerem-se disso. Eu sinto que isso é um denominador comum. O que também é comum, é estas relações não serem o tão duradouras assim. Ou seja, elas iniciam-se, se calhar têm um... um pico muito interessante num espaço de dias, mas depois também, se zangam e iniciam novamente outras (relações). Isto... há algumas mais estáveis, há bocadinho eu disse - Praça de Londres, a Almirante Reis, Cais do Sodré - talvez sejam aquelas que eu vi e que são mais estáveis, porque depois... e aqui já vemos pessoas ali juntas há algum tempo. Agora...

- De qualquer forma, as semelhanças entre grupos diferentes em zonas diferentes é difícil de estabelecer?

- É.

- Tem culturas próprias?

- Tem culturas próprias mas, a sobrevivência é a única coisa que é comum, depois é muito próprio, tem a haver com o local, sim.(Cristina)

A Ocupação dos lugares por estes grupos de consumidores não é, em geral muito duradoura, ou, pelo menos é essa a opinião de alguns entrevistados, que são também seguros ao afirmar que o "regresso às origens" é tanto mais difícil quanto maior for a permanência na rua. Por outro lado, o passar do tempo no grupo acaba por lhes conferir um certo "estatuto de veteranos " face aos que entram depois. E embora esta relação entre *veteranos* e *novatos* não apareça muitas vezes como evidente nestes grupos pequenos onde se impõem outros tipos de relações e dependências mútuas, a verdade é que os mais velhos no grupo parecem sentir-se mais confortáveis dentro do grupo do que fora dele.

- Aquilo que se percebe é que quanto... à medida que o tempo vai passando se torna cada vez mais difícil (- O regresso) a reabilitação, digamos - a saída da rua- isso é evidente. A pessoa que já está 2, 3, 4 anos vai... vai de facto estabelecendo um quotidiano e um.. uma vinculação àquilo - a dificuldade em sair é maior. Agora, por norma, chegará sempre, sei lá - é uma estimativa muito pessoal e empírica minha mas – a grande maioria nos primeiros tempos digamos que se debate muito. Se obtiver sucesso, Ok! Se não, entrará aqui num processo mais... mais depressivo, mais... mais de cansaço e aí, a adequação à lógica de rua aparece se calhar ao fim de 3, 4 meses e aí sim, depois prolongará por se calhar, passando a anos. Os primeiros 2, 3 meses é sempre de uma luta tremenda. É quase que, aquela pessoa que cai e pronto, naturalmente muito desconfortável com essa condição. Se obtém alguma ajuda e algum

ponto de apoio e avança, naturalmente que as coisas correm não é? Mas se passa essa barreira dos 3, 4 meses - digamos assim - a tendência depois é para Continuar, para passar para os anos. É a minha perspectiva.(Celestino Cunha)

Esta questão da permanência mais ou menos longa na rua remete-nos para uma outra questão: Existem ou não projectos de vida consistentes e a longo prazo, nas opções destes utilizadores dos lugares?

- Relativamente a projectos de vida. Disse-me há bocadinho que nos primeiros tempos eles tentam a todo o custo sair e isso passa naturalmente pela idealização de sonhos ou de projectos de vida, ainda que pouco consistentes não é!? É vulgar que eles manifestem essas vontades, que construam de facto - pelo menos em termos de vontade dita, falada – os projectos de vida ou abandonam rapidamente essa construção?

- Numa primeira abordagem a tendência é falar sobre questões muito genéricas e pouco pessoais: - Se são capazes de evidenciar alguns sonhos, algumas fantasias – “ Oh! Quem me dera ter dinheiro! Quem me dera ter isto, ter aquilo. Uma casa”- enfim, há muito esses discurso de desejos de obter. Passando para uma lógica mais individual e mais íntima... ah... há... vem a questão da família – as questões das ligações afectivas . O projecto de vida passa muito por ok: ter o seu espaço, mais protegido, menos vulnerável – no fundo ter uma casa, ter o seu trabalho e depois ter uma família, aí sim. O projecto de vida passa muito por isso – A nova família deles ou a família a que pertenceram? – Muitas vezes a família a que pertenceram, mas muitas vezes também.... já sem esperança disso, uma nova família. E que pode passar muitas vezes por...por institucionalização e há casos por exemplo na Vida e Paz que isso acontece. Em que pessoas se organizam em pequenos grupos e ainda hoje mantêm... vivem juntos, trabalham, têm a sua lógica funcional assente nas novas relações que estabeleceram a partir dali. Mas intimamente aquilo que me parece é que têm sempre ali um enorme desejo de: ter o seu cantinho, ter... as suas relações mais de vinculação no fundo, a sua auto-sobrevivência ou seja, assegurada por um trabalho. No fundo, diluir-se novamente na sociedade sem ter este lado periférico evidente – que é estar na rua, o estar dependente da ajuda das instituições e das pessoas. Esse é um desejo que... que, acho que é transversal. (Celestino Cunha)

- Eu penso que, a maior parte deles tem projectos de vida. A dificuldade é eles depois conseguirem, cumprir, com os projectos deles. Porque eu acho que às vezes, para conseguirem fazer as coisas há ainda uma série de burocracias que se torna complicada - aquela pessoa poder chegar mais, mais porque... Mesmo que a pessoa entre num programa de redução de riscos, não é? Depois primeiro que entre em comunidade, ou que desenvolva qualquer coisa é preciso tantas coisas que uma pessoa que está a consumir, mesmo entrando em metadona está muito desorganizada para poder cumprir com estes objectivos e portanto não há quase, uma

entrada directa com menos coisas a tratar, com menos... E depois também há aqueles que realmente não querem por enquanto. Nós tentamos deixar sempre a porta aberta – “Muito bem, mas, nós estamos cá na mesma”.

- O tempo é o deles, não é o vosso?!

- Exactamente. Tentamos transmitir-lhes o que é que ele poderá fazer mesmo estando tão desorganizado, e que - “Nós podemos ajudar nisto, nisto e nisto” - e que mesmo que não sendo hoje, ele tem forma de saber que existe aquilo. Depois tem tempo para pensar e nós vamos – não todos os dias, para também não... estragar a relação, não é? Mas tentando, tentando, todos os dias... (Cristina)

### 6.1.3 – Resumo dos conteúdos das entrevistas exploratórias.

Numa primeira abordagem, salienta-se do conjunto das entrevistas que, embora a maioria dos utentes abordados por estas equipas se apresentem individualmente na procura de apoios, existem também grupos que se mantêm estáveis durante algum tempo e que mantêm entre si relações e laços de vinculação. Resulta daqui, uma primeira constatação de que em jovens nesta situação parece ser detectada uma estrutura de grupo de relações mais intensas.

Segundo os entrevistados, estes grupos formam-se com um número limitado de elementos e desenvolvem estratégias de sobrevivência e consumo, a partir dos lugares de reunião que ocupam na cidade, ou escolhem os lugares por proximidade dos lugares onde procuram desenvolver essas estratégias, acabando quase sempre por se referenciar ao lugar de reunião.

Daqui se infere uma segunda constatação: Os lugares de reunião não são escolhidos por mero acaso, antes se constituem como estratégias de suporte das lógicas grupais.

Estes lugares de reunião mantêm-se normalmente estáveis, ao contrário dos lugares onde procuram a sua subsistência ou onde procuram ou consomem drogas ilícitas.

Os grupos são maioritariamente constituídos por elementos do sexo masculino, embora a presença de elementos do sexo feminino seja progressivamente maior. Na sua opinião, estes elementos presentes nos grupos, estão quase sempre ligados amorosamente a outros elementos do grupo, sendo esta a principal motivação para a sua permanência. No

grupo, desenvolvem práticas associadas aos consumos que são pouco características da feminilidade, confundindo-se nessas práticas com os seus companheiros de grupo masculinos. Esta "masculinização" parece ser menos evidente quando as mulheres sobrevivem com base em actividades de prostituição ou aliciamento, entendendo-se esta diferença pela necessidade de utilizarem a sedução feminina para a angariação de clientelas.

As relações existentes entre pares, caracterizam-se por relações de entreajuda e de solidariedade baseada nas necessidades de consumo e de pertença. Contudo, verifica-se a existência de relações preferenciais entre os elementos, sendo também comum a existência de relações de namoro.

Segundo os entrevistados existem fortes relações de apoio nas dificuldades de cada um, centrados nas carências de saúde ou nas situações agudas de sofrimento determinadas pelo consumo.

Assim, no contexto geral dos grupos observados, estas relações parecem constituir um elemento aglutinador, influenciando fortemente parte das lógicas de grupo

Com base nestas relações intragrupo, desenvolvem estratégias de sobrevivência e aproximação à comunidade, motivadas sobretudo pelas necessidades de se protegerem das agressões externas ou de as prevenirem. Estas aproximações parecem ser de demonstração da sua não agressividade, conseguindo algumas vezes, atitudes não reactivas à sua presença por parte dos moradores, ou mesmo de apoio social. Contudo, um dos entrevistados refere claramente que estes apoios ou tolerâncias dependem claramente do aspecto com que os elementos do grupo se apresentam, sobretudo nas questões ligadas à higiene pessoal.

Nesta perspectiva, surgem casos de verdadeiras cenas de solidariedade da população residente, e de respostas de pequenas ajudas dos grupos à comunidade, numa perspectiva de construção de estratégias de aproximação com as *vizinhanças*.

Extrai-se também da opinião dos entrevistados, que não existem duas cidades, mas a mesma cidade olhada sob perspectivas diferenciadas em que cada um participa com as suas estratégias de vida e de aproximação ou afastamento dos outros.

Sobre a existência ou não de uma cultura de rua, os entrevistados admitem existir estratégias muito semelhantes nos grupos de rua, mas apontam muitos outros aspectos diferenciados que negam a existência de uma cultura de rua. Contudo, parece verificar-se a existência de estratégia de grupo que se liga ao lugar que ocupam. Parece desenhar-se aqui

uma diferenciação nas estratégias e cultura de cada grupo, a que não parece alheio um certo sentimento de pertença que os liga ao lugar de encontro e partilha.

Os entrevistados reconhecem que a permanência destes elementos nos grupos é relativamente volátil, tal como a existência dos próprios grupos se mostra relativamente efémera.

Quanto à construção de projectos de vida consistentes, estes técnicos opinam que a duração da permanência nos grupos e na rua, pode condicionar a construção destes projectos, que desaparecem progressivamente à medida que se prolonga a sua permanência na rua.

### 6.1.4 – Alguns olhares dos residentes dos lugares estudados

A comunicação social tem, ao longo das últimas décadas ajudado a criar conceitos de senso comum sobre a figura do consumidor regular de drogas ilícitas que, não sendo determinantes, condicionam os olhares das populações quer sobre os indivíduos quer sobre os grupo e lugares em que se reúnem, sejam para consumo, sejam para encontro, sejam ainda para compra ou actividade.

Contudo, a observação a que foram sujeitos neste trabalho, e as recolhas das informações sobre os grupos e os lugares, parecem oferecer uma versão mais complexa sobre o olhar dos residentes sobre os consumidores e os grupos reunidos nos seus bairros ou lugares.

Note-se que a escolha dos elementos moradores destes lugares, não pode ser tomada como representativa da opinião geral, já que as entrevistas efectuadas foram mais determinadas por uma estratégia de possibilidade e oportunidade de abordagem, muitas vezes tão difícil de efectuar como a abordagem dos próprios grupos de jovens.

Sobre as relações auto reveladas pelos componentes dos grupos estudados, falarei mais à frente no tratamento dos dados obtidos. Contudo, adiante-se que são estatisticamente significativos os casos em que consideram ter com os residentes uma relação tranquila ou mesmo amistosa.

Importa aqui entender os sentimentos experimentados pelos moradores entrevistados relativamente à ocupação, por estes grupos, do seu bairro ou lugar de residência.

Assim, foram promovidos encontros e diálogos com um residente de cada lugar estudado, sendo, como já dissemos, apenas *alguns olhares do outro lado*. Ainda assim, consideramos importante, como mero elemento de reflexão, introduzi-los aqui.

Nalguns casos, esta ocupação é vista como um “fado”. Qualquer coisa que, não agradando, é tolerada, produto de uma habituação ao longo de vários anos ou décadas. Ainda assim, a expressão deste sentimento é misturada com sentimentos de revolta, de pena ou mesmo de medo.

- Desde que aqui vivo que foi sempre assim. Dantes era mais ali em baixo no Casal, mas quando o João Soares deitou mãos aquilo, até aqui ficou mais calmo. Mas depois voltou tudo ao mesmo. Vem aqui gente de todo o lado.

A gente já nem dá conta. Muita gente por aqui vive disso... E é aqui a nossa casa, o que é que se há-de fazer?

Sabe? O mal não está aqui! O mal está noutros sítios mais importantes... mas a esses ninguém deita a mão, não é? Isto dá muito dinheiro a muita gente. E alguns importantes também vem cá... Há-de ver os carros que param aí. Isto são todos iguais. (Maria, residente na Rua Maria Pia - Recolhida em Novembro de 2008)

Noutros casos as perturbações causadas pelos consumidores na ocupação dos espaços, parece oferecer alguma perturbação para os residentes.

- Isso... e deixam tudo sujo, no chão... com porcarias da droga e urinam ali e tudo... não se pode...

- Antes ainda vinham só à noite... mas agora é todo o dia... As escadas é para a gente subir, mas se reparar ninguém lá sobe, vão todos à volta... E se a gente quiser subir, pensa que eles se levantam?... Isso é que era bom. Ficam sempre ali a chutar... (faz o gesto de quem pica o braço)... E depois misturam tudo. Ele é droga, ele é cerveja... e vinho. Depois as latas e as garrafas ficam todas ali.

- Mas se as pessoas quiserem passar, eles tratam-nos mal?

- Não... isso não... mas nem se mexem. E as pessoas evitam. Já houve aí chatices, mas é entre eles.

Ás vezes a Polícia vem cá, sabe? Mas não faz nada. Eles já não tem medo.

Saem dali, dão a volta e vem outra vez.

- Mas se eles não vêm aqui para comprar, porque é que acha que eles ficam aqui todo o dia?

- Não... Eles vão ao Martim Moniz comprar... toda a gente sabe... E a polícia também sabe.

Eles consomem ali e passam ali todo o dia nisto. Aquilo ali que o senhor vê é a casa deles. Às vezes até colam ali cartazes e anúncios para vender coisas... mas não são sempre os mesmos... Às vezes vão uns, vem outros...

(Ramos, proprietário de restaurante junto ao Xafariz do Intendente - Recolhida em Dezembro de 2008)

Algumas entidades oficiais também promovem medidas tendentes ao abandono dos lugares por parte dos grupos. Contudo, os residentes acabam em muitos casos por manifestar pena dos “desgraçados” e são os próprios residentes que acabam por tirar força às medidas adoptadas, apesar de, frequentemente terem sido solicitadas por eles. O que mais parece incomodar os residentes é o aspecto com que estes ocupantes se apresentam e a sua higiene, aliás como já o referira o Dr. Celestino Cunha.

- A junta fez uma reunião com a polícia por causa disto... dessa malta que vem para aí. E então decidiram fazer obras e a polícia agora está sempre a aparecer... Agora essa gente já não vem para aqui... não resolve nada, mas enfim... não estão aqui mas foram ali para a Rua do Almada, que ‘inda é pior e lá para baixo para a Calçada do Combro. Alguns ainda passam por aqui, mas só de passagem... Isto faz-lhe falta sabe... e tinham aqui os balneários.

Estes balneários não são para eles... mas eu deixava-os lavarem-se e tomar banho... sempre andavam melhor... mas ensinei-os a limparem tudo... ‘inda ontem estes dois que entraram foram lá e depois eu fui lá ver... estava tudo limpinho... agarram na esfregona e limpam tudo.

Lá o chefe não sabe... mas eu não estou a fazer mal a ninguém... e assim não tem tão mau aspecto...

- E as pessoas aqui, como é que sentem isto tudo, Sr...

- A malta daqui, conhece-os bem. Dizem que ainda bem que saíram daqui... mas depois ajudam-nos ali na Rua do Almada... até lhes guardam as coisas... percebe?

Muitos são daqui... e isto dantes conheciam-se todos. São vizinhos, por assim dizer... É mais o aspecto deles, porque aqui não têm feito mal a ninguém... E dão-lhe comida às vezes, roupas...

Mas é uma pena... São mais uns desgraçados do que outra coisa... Dantes isto aqui era um bairro que parecia uma aldeia e aqui à volta, sabe? Tudo tem tradição... aqui o Bairro da Bica... O Bairro Alto... você não vê nas marchas?

Agora é que isto está um pouco... estragado, é isso mesmo... mas se a gente não os tratar mal eles não fazem mal a ninguém... é só o início, prontos... (Justino, morador em Santa Catarina e funcionário da Junta de Freguesia. Recolhida em Dezembro de 2008)

Para outros residentes, o sentimento é de pura revolta. Por norma são pessoas que de alguma forma sofreram, pessoalmente ou por interpostas pessoas amigas ou familiares, com a ocupação do lugar pelos consumidores de drogas.

- Aqui?! Venha cá mais logo que logo vê o sossego. Oh , amigo! Isto aqui é do piorio... a esta hora é que está tudo a dormir... menos quem trabalha. Venha cá à noite e vai ver o que se passa aqui. Se fosse noutro tempo a polícia já os tinha prendido, mas agora... fazem as coisas e ainda gozam connosco.

- A droga?

- A droga e a malandragem. A noite, aqui por trás, é preciso ter cuidado! Eu nem saio de casa. Passeio o cão à tardinha para não ter que sair à noite. Se quero fumar um cigarro tem que ser à janela..

- Mas a malta daqui também consome muito?

- Daqui e dos outros lados. Vem cá comprar, chateiam as pessoas, roubam quem passa e ninguém faz nada, se não...

Olhe! Tenho um compadre, que vinha a chegar aqui a casa dele e um garoto... que era mesmo um garoto, quis roubar-lhe a carteira com uma faca. Ele deu-lhe tantas que teve que vir uma ambulância, e agora é ele que tem problemas... Já foi uma data de vezes ao tribunal... e não sei se se vai safar, não sei não! (Artur, residente na Av. De Ceuta - Recolhida em Dezembro de 2008 - explanada de café, frente à Quinta do Cabrinha)

Por vezes, quando existem residentes do lugar envolvidos nas mesmas actividades e consumos, os sentimentos tornam-se mais confusos, num misto de pena e de revolta. Noutros casos é também a perda da alegria dos lugares, vivida nas juventude dos residentes e o convívio e relação entre as pessoas que se deterioraram pelo aparecimento destes actores que incomoda mais os residentes, e são as recordações destes bairrismos que vêm à memória das pessoas.

- O que é que quer que eu lhe diga?... Era tudo diferente. Isto era um sítio sossegado, a malta conhecia-se toda. Toda a gente trabalhava... e divertia-se...

- Onde?

- Não faltavam sítios. Quando era gaiato brincava aqui nas ruas, com os outros... Aí sempre houve muitos carros... não eram tantos. Ali atrás a miudagem jogava à bola nuns terrenos que havia

ali... depois do trabalho... que a malta aqui começava a trabalhar muito cedo... tinha que ser... nós éramos sete irmãos, com o meu pai só a trabalhar para a gente todos não dava... Eu fui o primeiro... fui trabalhar para as obras... não faltava trabalho.

Depois, já crescido, ainda andei em França, mas só cinco anos. Aquilo já não era a mesma coisa. E o meu pai morreu e eu tive que vir tomar conta da família... ainda tinha três irmãos pequenitos... Dei duro... mas a gente sempre se aguentou... e sempre juntos...

- Viviam todos aqui?

- Todos... menos o meu irmão a seguir a mim, que estava na tropa em Angola... também passou das boas...

- É à noite, como era?

- A noite... Tudo a jantar à mesa... todos juntos. Assim é que era bonito... não era como agora...depois, a malta saía... às vezes ia beber um copo com os amigos... ou via-se um bocado de televisão. Ao Domingo, às vezes, ia ao futebol... ou a alguma festa... e passava-se o tempo.

- Nesse tempo já havia drogas?

- Ouvia-se falar... mais do pessoal que vinha de África... mas assim, na malta... não havia nada disso... também não havia dinheiro... como agora... esta malta tem dinheiro a mais.

... dizem que há crise... tangas.

Quando eu tinha 16 anos, o meu pai dava-me dinheiro para eu ir aprender a arte (pedreiro)... que eles no princípio não pagavam nada... não é como agora que ainda pagam para eles aprenderem... tenho um filho em casa que está num desses cursos... não sei de quê... e ganha quase tanto como eu.

- O seu pai dava-lhe dinheiro? (tentando recentrar a conversa)

- Nessa altura o meu pai dava-me 30 escudos por mês... era para o autocarro... Quando eu queria, assim... ir ao cinema, ou outra coisa, ía a pé para o trabalho, e depois já tinha dinheiro... ou para o tabaquito...

- Já fumava?

- Quando tinha dinheiro, havia ali uma tasca atrás... que vendia cigarros avulso... Kentucky... três cigarros custavam dois tostões... mas era só às vezes.

- Agora, aqui há muita droga?

- Oi, Senhor... é o que se queira. Ali nestas travessas, é vê-los a cair, à noite... São uns desgraçados... não tem onde cair mortos, mas para aquilo (droga) não falta.

... Se calhar nem comem... Depois veem as carrinhas e dão-lhes um chá e uma sandes... e chega... É uma desgraça.

- Eles criam-vos problemas?

- ... Não! ... Não! São uns desgraçados, mas aqui eles não na tem feito mal... O pior são os outros... os que veem para aí vender... às vezes a polícia anda aí e eles... Já sabem... vão pelo outro lado... mesmo nas barbas da polícia. Ali em S. Bento era sempre o gato e o rato com a polícia.

- Vocês, os que vivem aqui, conhecem-nos?

- ... Antão, não? Alguns passam aqui todas as noites... São tantos que às vezes até há porrada.

A polícia já cá veio muitas vezes... uma vez até houve tiros... Desses é que eu tenho medo... Andam sempre a rondar... e eu tenho filhos em casa... Já são grandes, um também tem dois filhos... é por isso...

- Eles convivem com os que se drogam?

- Olhe!... andam aí dois todos os dias que andaram com o meu filho na escola... a gente conhece-os bem... esses até foram muitas vezes a minha casa... Às vezes até lhes dou cigarros,... coitados... também tiveram cá uma vida... Jesus!...

Peço um café e convido-o para outra bebida. Vem mais uma cerveja. Com a conversa, o resto da outra já aqueceu.

- Mas como é que as pessoas reagem ao facto de estes jovens estarem por aqui tanto tempo e a consumirem à vista de quem passa?

- Ninguém gosta,... ninguém gosta! Mas o que é que vamos fazer? Olha: os que eu conheço nem têm casa para onde ir. Alguns dormem por aí, nos cantos... Dos que são de cá... a gente conhece-os, não nos fazem mal. Alguns que a gente não conhece... é que a gente tem medo. Ainda a semana passada deitaram um velhote ao chão para lhe tirarem oito euros... oito euros. E ficou sem os documentos... coitado. Só tinha ido para ali apanhar sol e ficou sem as coisas... e magoado num braço... calha a qualquer um.

Deviam tirá-los daqui... e doutros lados e tratá-los.

- Mas eles não querem ser tratados, ou querem?

- Alguns já andaram a tratar-se... que eu sei... mas aquilo está agarrado a eles... é difícil. Às vezes, vou para ali sentar-me e chegam alguns... vê-se mesmo que estão à marca... até parece que vão morrer. Depois espetam a seringa e acalmam... É pior que o vinho. (Josué, residente na Rua do Poço dos Negros - Recolhida em Dezembro de 2008)

Numa outra conversa, a crítica às estruturas locais que apoiam os consumidores de droga, parecem abafar outras críticas que, por atingirem também consumidores residentes no lugar, parecem mais difíceis de fazer. Em vez disso, voltam a crítica também contra alguns comerciantes que se “servem deles” para vender as suas mercadorias.

- Oh, senhor, aquilo é que eram festas ali no largo do Regueirão, depois das escadinhas... Era outro tempo. Os miúdos brincavam aí... e não havia azar. Eu lembro-me que enquanto o sol não se pusesse, a rua estava cheia de miúdos. Depois íam todos para casa e à noite eram os namorados aí nas portas das casas... eram bonito!

Parece mesmo agora... Ninguém pode passar por aí à noite... e até de dia. Olhe! As empregadas ali da Sopa dos Pobres, (centro de acolhimento da Sta. Casa da Misericórdia, na Almirante Reis uns metros mais acima) têm uma porta de saída para a

Rua do Regueirão. Acredite que havia um polícia,... que era pago por eles... e que as acompanhavam até aqui ao princípio da rua, porque elas tinham medo... E não se respeita nada. Chagaram a cagar... desculpe a palavra... mas é mesmo assim, a cagar na minha entrada... da oficina.

- Mas dizem que a Polícia limpou a rua!

- O quê? Eles que me digam isso a mim. Eu é que vejo... estou aqui todos os dias. Vieram aí, vieram, mas sabe o que aconteceu ? ... Eles fugiram um bocadinho mais para a frente e ficaram ali nas escadinhas da Rua dos Anjos. No dia seguinte já estavam aí outra vez.

... Então! Eles dormem aí... aqui há tempos até morreu um aí... veio com a irmã, ela foi ali ao Martim Moniz comprá-la e ele... pumba. Meteu-a toda... e foi-se. Coitado, estava ali no chão estendido como um cão... Vidas!

- Mas eles são daqui, ou são passantes?

- Alguns são daqui... e os outros também... Já estão aqui há tanto tempo... há anos... Praticamente vivem aqui. Olhe, se vier aqui logo a partir das oito eles começam a chegar. Olhe!... está a ver esta tabacaria que está ali na esquina... que vende tabaco, não é?... (sorria) Se vier ali logo à noite só vê eles aí a comprarem cerveja à janela e a bebê-las cá fora... e não podem vender cervejas... mas toda a gente sabe... olhe para ali! (aponta para uma casa em frente) olhe o que diz ali...

Olhei. Numa pequena varanda com vasos de flores secas, pendurada nas barras torcidas da grande varanda, uma tabuleta afirma: “Compram-se Jóias e ouro usados”

- Vê? É tudo assim. Olhe ali. Naquela porta com o toldo vivem dois... andam no gamanço. A mim não me fazem mal... conhecem-me bem. Mas deram cabo disto tudo. Comem aí, alguns até tiram coisas do caixote do lixo. Dormem aí... Logo por volta das nove horas começam a chegar as carrinhas com comida... Não deviam fazer isso. Deviam levá-los daqui para um sítio com condições onde os tratassem...

(José Maria morador no Regueirão dos Anjos -  
Recolhida em Dezembro de 2008)

Pena? Revolta? Saudades de outras épocas? Condenação?

Sentimentos misturados que até os próprios que os expressam têm dificuldade em definir.

Uma outra questão que por vezes é abordada pelos entrevistados é a utilização de espaços públicos ou de uso comum, que deixam de o ser por estarem ocupados por estes grupos de jovens, Uma vez porque a própria ocupação impede os habitantes de os usarem, outras porque a simples presença frequente destes grupos os atemoriza levando-os a evitarem usa-los.

"... Por causa deles o pessoal, foi-se quase todo embora. Olhe o café do Largo! Está fechado. Há uma data de anos e não consegue alugar. Logo aqui à entrada... agora é uma garagem...dantes havia aqui um ferro-velho. Até isso fechou... e havia oficinas e tudo... fecharam todos.

Aquele prédio ali no Beco da Índia,... conhece?

Está quase a cair. Só não haverá uma tragédia porque já quase ninguém lá mora... Só lá estão dois andares ocupados por outros como eles, e por isso ninguém mais quer ir para lá.

(José Maria morador no Regueirão dos Anjos -  
Recolhida em Dezembro de 2008)

E se isto parece incomodar os moradores mais antigos, a ocupação de outros espaços públicos de lazer ou de passagem, como os jardins públicos e algumas ruas também oferece alguma contestação. Por vezes deixam-nos a impressão de que não é apenas o uso das drogas que os incomodam, mas também as actividades a que estes grupos se dedicam.

- A droga e a malandragem. A noite, aqui por trás, é preciso ter cuidado! Eu nem saio de casa. Passeio o cão à tardinha para não ter que sair à noite. Se quero fumar um cigarro tem que ser à janela...

(Artur, residente na Av. De Ceuta - Recolhida em Dezembro de 2008 -  
explanada de café, frente à Quinta do Cabrinha)

De várias formas nos vão passando a mensagem de que os ambientes sociais e os urbanos se vão degradando, e o que impede a sua recuperação é a presença de jovens toxicodependentes, quer pela ocupação mais permanente de alguns espaços, como os alojamentos precários que usam para pernoita, normalmente em prédios devolutos ou degradados, quer pelos encontros sistemáticos destes grupos e que vão deixando sentimentos de insegurança e a noção de alguma operigosidade.

## 6.2- Os lugares

Por razões que se prendem com a reserva de identidade e intimidade das pessoas que são alvo desta investigação decidiu-se não incluir quaisquer imagens ilustrativas dos momentos de encontro. Contudo, parece importante situar os lugares e relatar alguns olhares sobre estes lugares, e a sua vida quotidiana. Juntam-se também algumas imagens dos lugares noutros momentos.

Assim, para uma apresentação genérica dos lugares observados, optou-se por uma espécie de fotografia narrativa dos aspectos mais visíveis que surgem ao olhar do observador. Não se trata de uma descrição arquitectónica nem sociológica do lugar. Antes se opta pela simples narrativa do que perpassa aos olhos do observador.

Após esta primeira observação, tenta-se dar conta grupo a grupo, da sua vivência neste lugar, das relações grupais, dos aspectos significativos da sua vida quotidiana e das relações entre este grupo e os residentes.

### 6.2.1 -A Relação entre os lugares seleccionados

Todos os sete lugares seleccionados estão enquadrados em zonas centrais da cidade, sendo o Casalinho da Ajuda o lugar mais afastado. Todos eles são bairros que ostentam orgulhosamente velhas tradições populares e mantêm algum esforço para as preservar. Apesar das alterações significativas no quadro dos seus residentes, desenvolvem hábitos e preservam costumes que os enquadram nas tradições mais antigas de Lisboa, como é o caso das marchas populares que mobilizam os velhos residentes durante largos meses e rivalizam entre si na descida da Av. Da Liberdade no dia das festas da Cidade.

Um outro aspecto que os torna semelhantes são as mobilidades de residentes que se

operaram nas últimas décadas.

De facto todos os lugares observados foram alvo de intervenções urbanísticas profundas, como no caso da Quinta do Cabrinha, ou sofreram reocupações de vazios urbanos com a reutilização



**Ilustração 3 Distribuição geográfica dos lugares observados**

de velhos edifícios degradados como no caso do Regueirão dos Anjos, ou ainda, dada a desvalorização urbana de alguns lugares os mesmos foram sendo ocupados por populações migrantes que aí encontram rendas mais baixas, como se verifica na Rua do Poço dos Negros. De qualquer forma, todos eles viram chegar novos ocupantes moradores e não moradores, mercê das transformações que se foram operando, quer de revitalização quer de degradação urbana.

Em simultâneo, todos os lugares observados estão contidos nas listas de preocupações das organizações sociais que trabalham os indivíduos ou grupos sem abrigo e/ou consumidores de drogas, incluindo as preocupações da estrutura social da própria Câmara Municipal de Lisboa.

São lugares com espaços propícios ao encontro, consumo e pernoita destes grupos, pela sua invisibilidade social para o exterior, que reúnem também condições de reserva e protecção para quem os procura e, não raras vezes a permissividade dos cidadãos residentes, onde os pequenos becos, as ruas estreitas e escuras e os edifícios degradados oferecem essa protecção e abrigo a estes indivíduos, mas também onde a sua localização geográfica dentro da cidade lhes facilitam procuras de subsistência ou de compra quer através da sua proximidade com esses lugares, quer pela fácil mobilidade oferecida pelas redes de transportes públicos.

De facto, muito perto de todos eles existem lugares conhecidos onde se concentra o tráfego, tais como a Meia-laranja na R. Maria Pia, o intendente perto dos Anjos e do Chafariz da Almirante Reis, O Bairro Alto perto do Miradouro de Santa Catarina, Os jardins de Belém perto do Casalinho, As Docas mesmo ali junto da Quinta do Cabrinha.

Alguns destes lugares são também, a outras horas, lugares onde processam actividades de subsistências, dada a confluência nesses lugares de um grande número de visitantes ou de passantes, ou simplesmente pela existência de locais de estacionamento de curta duração que facilitam a obtenção de proventos através do arrumo de viaturas, ou da vizinhança de lugares de prostituição.

Sem que estas características destes lugares seleccionados estejam formalmente relacionados, a não ser por algumas características culturais, como as Marchas, de que já falei, eles acabam por assumir um conjunto de características semelhantes que, eventualmente, podem estar na origem das escolhas destes grupos.

### 6.3- A Rua do Meio no Casalinho da Ajuda. (*freguesia da Ajuda, entre o Palácio Nacional da Ajuda e a Faculdade de Belas Artes*)

#### O Enquadramento histórico

"Considerada uma das freguesias mais antigas da cidade de Lisboa. Instituída no 1º quartel do séc. XVI, integrando várias populações onde salientamos a de Alcântara, Belém, transferindo-se nesta mesma data a sede da Freguesia da Ajuda para o Convento da Boa-Hora.

Em 1852 a Freguesia da Ajuda ficou separada do Concelho de Lisboa passando a fazer parte do Concelho de Belém onde se manteve até uma reforma posterior que voltou a incluí-la em Lisboa.

Após o terramoto de 1755, vieram instalar-se na Ajuda o rei D.José e a corte. Ocuparam a Quinta de Cima onde foi construído um paço de madeira denominado de a "Régia Barraca". Também a capela foi transferida para uma construída na igreja paroquial de Nª Srª da Ajuda.

Em 1756 transferiram-se para a Ajuda os frades Agostinhos, provenientes do Convento da Boa-Hora, em Lisboa, destruído pelo terramoto. Foi edificado um novo Convento denominado também de Boa-Hora.

Nessa época e por questões de segurança, muitos dos moradores terão escolhido, nessa altura a Ajuda para habitar. Devido a este facto, em 1758, a população tinha passado de 1059 para 4748 habitantes."<sup>14</sup>

Em 1991 contava com 22604 habitantes residentes, mas, de acordo com o censo de 2001 a sua população terá decrescido para 17684 habitantes residentes. No momento actual terá crescido muito em virtude da construção dos bairros de realojamento, sobretudo na zona do Casalinho de Ajuda e 6 de Maio, mas não se conhecem dados exactos e credíveis.

"Por volta de 1762-1763 a freguesia da Ajuda deixou de ser considerada *suburbana*<sup>15</sup>, sendo incluída nos limites da cidade."<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> (retirado do site da Junta de Freguesia da Ajuda)

<sup>15</sup> Embora este conceito não existisse naquela época, decidimos mantê-lo por respeito à fonte

<sup>16</sup> (retirado do site da Junta de Freguesia da Ajuda)

6.3.1 -O retrato do lugar

25/09/2008 – 10h 30m



**Ilustração 4 -Casalinho da Ajuda - Vista aérea**

Misericórdia de Lisboa e a Casa Pia de Lisboa, esta com dois colégios situados na zona (Nuno Alvares e Pina Manique).

Da Rua do Sítio Ao Casalinho da Ajuda sai a Rua do Meio, como é chamada, na verdade a Rua Fonseca Benevides. Esta Rua é identificada como a dos maiores problemas. É desses problemas que Joselina, uma velha residente do bairro com 61 anos, aceitou falar-nos, sob reserva de identidade. O nome é, por isso, fictício.

De manhã, com o Sol, o Casalinho da Ajuda parece deixar a imagem de um lugar onde se misturam idades, etnias, e estilos arquitectónicos e de vida.

Nos poucos cafés que servem a zona, (sem esplanadas, “porque estragam tudo”), encontramos sobretudo pessoas aparentemente de um estrato socioeconómico baixo, desocupadas, sobretudo as mulheres, algumas arrastando as crianças.

Trata-se de uma população fortemente apoiada pelas IPSS’s, a julgar pelos comentários ouvidos neste café, com forte referência à Santa Casa da



**Ilustração 5 - Casalinho da Ajuda - Zona antiga**

*“Estou aqui há quase 50 anos... tenho muitas saudades do bairro nesse tempo... isto era um bairro sossegadinho. Desde que vieram os ciganos é uma pouca vergonha. É tudo deles. Não*

*respeitam ninguém... uma plantinha à porta, como antigamente?... já não se pode. Estragam tudo.”*

*Joselina, 61 anos*

Da mesa do café de bairro onde nos sentamos e vamos escrevendo, na esquina da Rua do Sítio e da Rua Roy Campbell, escutamos os comentários e desabaços.

*“- Bebe o leitinho (a criança chora). Olha que eu chamo o cigano.” (figura feminina não identificada aparentemente com 30 anos).*

Quase todas as conversas andam à volta do mesmo: os ciganos. Curiosamente todos se calam com a entrada de uma mulher trajada de preto, tipicamente de cultura cigana. Pede um galão. Senta-se na mesa da mulher que ameaçara a criança e não tarda conversam como duas boas amigas.

Após a saída desta, Joselina explica:

*“ A gente tem que se dar com eles. Se nos queixamos pode haver problemas...”*



**Ilustração 6 - Casalinho da Ajuda - Rua Fonseca Benevides (R. do Meio)**

Quando a mulher cigana saiu, saímos também cá para fora para fumar um cigarro. Perto, um grupo de homens de idade avançada, comentavam igualmente a presença de ciganos. Enquanto fumamos escutamos: “ ...E a gente a pagar para estes tipos... o João

*Soares é que devia pagar, não os trouxesse para aqui...”*

Entrámos de novo. Atrás de nós entra um cão. É de imediato afastado por todos. Até parece ser também vítima de sentimentos xenófobos.

*-“ Oh Artur. Põe o cão lá fora que eu tenho medo dele...Que ele morde... já aprendeu com os donos. Rouba-me tudo, até a roupa do estendal ele me rasga... é mesmo cigano.” (mulher não identificada com aparentemente cinquenta e poucos anos.)*

À nossa frente, do outro lado do vidro do café existem prédios em banda de quatro andares, formando pequenos bairros no meio das casas baixas antigas pertencentes aos

velhos residentes. Pela outra montra pode observar-se outros prédios, ainda mais novos, mesmo nas traseiras da nova Faculdade de Arquitectura. Segundo nos disseram foram construídas para alunos e professores que vêm de fora, mas estão agora ocupados por famílias ciganas.

*“- A culpa foi do João Soares... a gente aqui culpa o João Soares.*

*... Tá bem, toda a gente precisa de uma casa, mas podiam pô-las noutros lados... não era aqui nos bairros sossegados” (Joselina)*

Joselina parece ser uma mulher intranquila, sobretudo por causa dos dois netos que, à falta de melhor, vivem com ela. Interroga-se permanentemente sobre o futuro deles “no meio daquela gente”.

Saimos do café e percorremos a pé as ruas do bairro. Em passo de passeio, tudo nos parece tranquilo a esta hora do dia. As conversas das vizinhas estendendo a roupa nos varais vão revelando velhos hábitos... e saudades.

Na “Rua do Meio” a conversa é outra. Fingindo atender o telemóvel, em passo vagaroso para poder observar melhor sem provocar desconfianças. A rua é quase completamente ocupada por famílias de etnia cigana. Sentadas à porta no meio de caixas de cartão e de madeira, a revelarem a sua ocupação como feirantes, as mulheres vão falando da “violência da Polícia” numa rusga que parece ter ocorrido a semana passada.

*- “...Mas não encontraram nada. Se calha pensava que estava tudo à mostra”.*

Matreirice de quem sabe muito destas velhas guerras. Recordamos as palavras de Joselina:

*“- Eles vendem tudo. É roupa, é bebidas, é droga. É uma miséria, aqui, toda a noite. Aqui é que devia vir a ASAE... Olhe, não respeitam ninguém... é o que se vê...” (Joselina)*

À saída do bairro, o velho casario na escarpa a lembrar que aquele já foi um bairro de características rurais a julgar pelas persistentes pequenas hortas junto de cada casa.

Neste lugar, o que mais ressalta é a inquietude das gentes a contrastar com o aparente sossego que parece reinar no moderno edifício da Liga de Deficientes Portugueses, ou a memória tranquila do velhíssimo Palácio Nacional da Ajuda cujas ameias são visíveis sobre o casario.

Mas, a esta hora, encontramos pouco do que procuramos.

...

Mesmo lugar, mesmo dia, 21 horas

Chegou a noite. O Casalinho da Ajuda como que se transforma.

Na generalidade das ruas não se vê ninguém. Apenas os pequenos pontos de luz filtrados pelas persianas fechadas indicam que ali habitam pessoas.

Como a querer propositadamente contrastar com o resto do bairro, na “Rua do Meio” sombras fortuitas de caminhar incertos, rompem a noite da rua mal iluminada por algumas (poucas) lâmpadas mais resistentes. No meio da rua, concentram-se algumas figuras perto de uma janela aberta no andar térreo. Uma espécie de estabelecimento comercial clandestino. Vende-se tudo ali. Sem loja, nem licença. Apenas uma janela. Os homens agarrados às garrafas de cerveja, vão discutindo grotescamente o papel dos “homens na vida e na família”, o Belenenses...e o Porto de quem parecem não gostar.

Das mãos da mulher dentro de casa, de quem não vejo o rosto, passam outras mercadorias que não consigo identificar. Mas a forma como passam de mão fechada para mão fechada, parece-me reveladora. Outros compram cigarros avulso. Talvez apenas para servir de suporte a outros consumos.

Por entre duas carrinhas, um pouco mais à frente, protegidos também por um velho carro vermelho e sem rodas, dois rapazes injectam-se sem pruridos, ...talvez com o produto acabado de comprar ali... ou talvez não.

As gargalhadas e falas dos bebedores de cerveja parecem querer acordar o silêncio das outras ruas.

A noite vai crescendo. O movimento da “venda” aumenta. O ruído também.

À saída paramos junto de um pequeno grupo de dois rapazes e uma jovem mulher. Já os conheço há cerca de um mês. Comecei a observá-los no Alto da Ajuda e já os abordei fugazmente. Tento conversar um pouco, mas hoje estão com pressa... talvez para se abastecerem na janela do rés-do-chão. Voltarei para a semana, prometo-lhes.

6.3.2 - Dados demográficos e etnográficos

Situado na Freguesia da Ajuda, na orla do Parque Florestal de Monsanto, perto do Palácio da Ajuda e da nova Faculdade de Arquitectura, o Bairro do Casalinho da Ajuda é um dos vários bairros sociais de Lisboa, criado nos anos 60 para realojamento de populações que viviam em bairros de lata nas orlas da cidade de Lisboa( site da Junta de Freguesia da

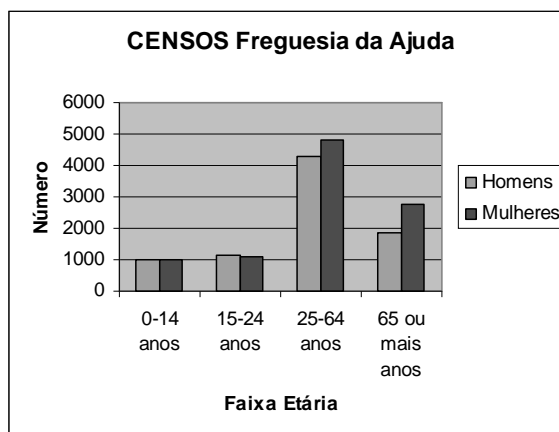


Tabela 6 - gráfico de distribuição por idades (censos de 2001)

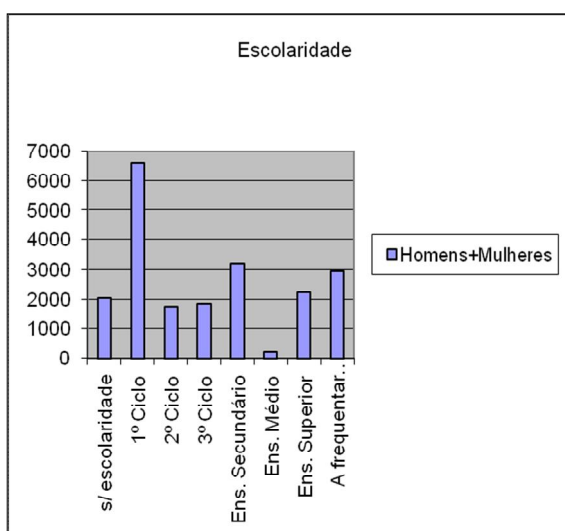


Tabela 7 - Gráfico da população por habilitação escolar

hoje também conhecidos pela generalidade dos cidadãos lisboetas.

Ajuda).

Com uma densidade populacional relativamente baixa para a cidade de Lisboa (5 707,3 hab./km<sup>2</sup>), esta Freguesia com cerca de 17961 habitantes residentes (censos de 2001), parece ser, numa primeira visita, um lugar de habitação privilegiado com vista panorâmica para o Rio Tejo, mercê da inclinação do seu território. Contudo, na repetição das visitas, pode-se constatar a existência de bairros considerados problemáticos pela população residente, e já

O Casalinho da Ajuda possui um total de 576 fogos, dos quais 355 são de gestão camarária e 221 foram adquiridos pelos proprietários. O número total de habitantes é de 1958

Os censos de 2001 indicam que a freguesia de Ajuda possui um total de 17961 habitantes.

O gráfico acima apresentado mostra a distribuição da população residente por faixa etária, podendo-se constatar que o maior número de habitantes (9111) encontra-se no intervalo dos 25-64 anos. Por comparação, a categoria anterior dos 15 aos 24 apresenta 2272, o que poderá indicar a possibilidade de envelhecimento dos residentes.

Do total de residentes, 407 eram de nacionalidade estrangeira. (Censos de 2001)

Relativamente às habilitações literárias, a freguesia da Ajuda apresenta muito baixos índices de escolaridade. Salienta-se que 2053 indivíduos não possuem nenhum nível de ensino, sendo a taxa de analfabetismo de 7,9%.

Arquitectonicamente, o Casalinho da Ajuda pode caracterizar-se pela existência de complexos habitacionais lado a lado com as pequenas vivendas ou prédios antigos. As suas ruas, largas, com passeios bem dimensionados e estacionamento de via pública, contrastam com a existência de pequenos baldios, residuais sobrantes das terras agrícolas que ali existiam.

Recentemente foi criado mais um complexo habitacional a sul, destinado a habitação a custos controlados para jovens com baixos recursos económicos, mas que, mercê de complicados sistemas burocráticos e de distribuição, estão concluídos mas por ocupar há mais de dois anos, tendo já sido distribuídas a promitentes compradores que já entregaram 20% de entrada para assegurarem o negócio.

Junto ao cemitério o Bairro das Açucenas e um pouco mais distante mas não menos incómodo o bairro 2 de Maio considerado por alguns dos habitantes "*o bairro mais perigoso de Lisboa*", quer pela suposta existência de grupos marginais organizados, quer também pelos problemas ligados ao consumo e tráfico de droga.

O Casalinho da Ajuda nasceu com pessoas provenientes dos mais diversos pontos do país e que vieram para a capital à procura de melhores condições de vida. Assim, construíram as suas casas (abarracadas) e fizeram as suas hortas.

De certa forma, pode-se afirmar que o Casalinho foi sempre um bairro de realojamento, acolhendo pessoas em fases e situações específicas.

**1ª Fase- Década de 1970** - Realojamento local (residentes em barracas existentes nesta zona e em zonas limítrofes da freguesia da Ajuda e de Alcântara) de famílias

oriundas da rua da Fábrica da Pólvora, junto a Alcântara, por motivo de cheias ocorridas em 1965. População de origem caucasiana.

**2ª Fase- 1997** - Realojamento efectuado no âmbito do PER (Programa Especial de Realojamento) destinado a famílias provenientes do Bairro dos Merinos (localizado na freguesia de Sta. Maria de Belém; cresceu na década de 70, sendo identificado como um dos maiores bairros de barracas da zona ocidental de Lisboa). População oriunda dos PALOP.

**3º Fase- 2002** – Segundo os entrevistados, o realojamento dos agregados residentes nos alojamentos precários do Bairro 2 de Maio. População de etnia cigana.

O realojamento pluriétnico, tem resultado, ao longo do tempo, numa situação pouco pacífica e desconfortável para os diferentes grupos, embora, no momento, as questões se levantem apenas relativamente à etnia cigana.

### 6.3.3 - Sociabilidades - O Grupo, as relações intergrupais e com o lugar

**Tabela 8 - idades por sexo no grupo do Casalinho da Ajuda**

	sexo		Total
	Masculino	Feminino	
idade 16 a 18	0	1	1
19 a 21	0	1	1
22 a 25	4	0	4
26 a 30	2	0	2
Total	6	2	8

O grupo seleccionado neste lugar é constituído por 8 indivíduos, quatro regulares e quatro que a eles se juntam com alguma frequência. São seis do género masculino e dois do género feminino. O conjunto de elementos mais regulares é formado por dois casais tendo entre 18 e 23 anos. Os outros quatro elementos, todos do

género masculino tem uma média de idades mais alta situando-se entre os 21 e os 29 anos.

Depois de alguns dias de observação à distância, tomamos contacto directo com eles no episódio já descrito no capítulo 3.5. A partir dessa ocorrência, encontramos-nos com eles com uma frequência semanal. Os primeiros encontros forçados deram-se no mesmo

local onde tinha decorrido a abordagem inicial, mas a pouco e pouco foi-se estabelecendo confiança e passámos a encontra-los na rua do meio ou à entrada do Casalinho da Ajuda. Foi nesses encontros que tivemos acesso a informações mais pessoais sobre os elementos do grupo.

Rogério e André, habitam na zona, mais propriamente no Casalinho e no Alto da Ajuda. Isabel, Carla e Marcos residem também relativamente próximo num dos bairros considerados mais problemáticos: o Bairro 2 de Maio. Mário habita na zona do Calvário e Lino habita no Concelho da Amadora, mais propriamente na Damaia, enquanto que o Francisco provém de Santo Amaro de Oeiras.

Isabel e André, e também a Carla e o Marcos, são namorados. Mário e Rogério parecem também unidos por uma relação homossexual discreta.

São todos consumidores de drogas, embora o Mário e a Isabel consumam apenas haxixe. Todos os outros são consumidores regulares de heroína.

**Tabela 9 Habilitações escolares frequentadas pelo grupo do Casalinho da Ajuda**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
2º ciclo	1	12,5	12,5	12,5
3º ciclo	6	75,0	75,0	87,5
secundário	1	12,5	12,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Isabel e André, tal como a Carla e o Marcos conheceram-se muito novos na Casa Pia de Lisboa, os primeiros no colégio Nuno Alvares onde frequentaram o curso profissional de pastelaria e os últimos no colégio Pina Manique onde estudaram até ao 9º ano.

Quanto aos restantes foram aproximados pelas necessidades inerentes aos consumos, não havendo entre eles quaisquer ligações anteriores. Rogério é o

mais velho, 29 anos, reside no próprio bairro e mostra-se como o elemento polarizador do grupo. É ele que conhece tudo e todos e, talvez por isso, os outros colam-se a ele na compra do produto e nas mais diversas informações úteis ao grupo. Apesar da idade, tem uma relação próxima com todos e serve frequentemente de mediado dos conflitos. É um indivíduo aparentemente tranquilo e com aspecto triste embora seja permanentemente afável com os outros. É primo da Isabel e, como tal, mantém com ela e o André uma aproximação maior que chega a parecer protecção. Foi com este casal de namorados que, desde o início estabelecemos uma relação mais fácil de confiança e que nos serviu também de facilitador da relação com os outros. Foi aliás a eles, que revelamos pela primeira vez os

objectivos do estudo e, apesar de ter havido um momento de insegurança, mais do que desconfiança, rapidamente se restabeleceu a confiança depois de lhes termos explicado algumas regras que se impunham a este trabalho, nomeadamente a confidencialidade e a transparência de tudo quanto escrevessemos e que eles nos permitissem contar.

O primeiro grupo formou-se em 2005 e conheceram-se no Festival da Ajuda por mero acaso. Depois disso, foram-se indo uns e outros surgiram. Mas um grupo mantêm-se desde o início: O Rogério, a Isabel, o André e o Marcos. A Carla juntou-se uns meses mais tarde pela mão do Marcos e o Mário foi trazido pelo Rogério. O Lino e o Francisco só

**Tabela 10 - tempo com práticas de rua \* tempo de permanência no grupo**

		tempo de permanencia no grupo				Total
		1 ano	1 2 a 24 meses	2 4 a 36 meses	> 36 meses	
tempo com práticas de rua	2 anos		1	0	0	1
	2 a 4 anos		0	2	2	4
	> de 2 anos		0	0	2	3
Total			1	2	4	8

estão com o grupo desde o último Ano Novo.

Mantém entre si relações diversas. Para além das já descritas, o Lino e o Francisco tem relações preferenciais, andam sempre juntos e socorrem-se em alturas difíceis na partilha do produto ou do dinheiro. Para além disso, o Lino parece nutrir afectos especiais pela Carla, o que provoca frequentes discussões com o Marcos por tudo e por nada. Para além do Rogério, a Isabel parece ser a mais bem aceite do grupo, talvez por ser a mais nova ou pela sua alegria e espontaneidade. André acha-a "especial", naturalmente.

*"... é muita fixe. A gente dá-se muita bem. Quando eu estou mal ela está sempre em cima, e trata de mim... se não fosse ela já me tinha*

*passado... isto é tudo uma merda... é ela que me aguenta... (sorri) além do mais é linda, não é?"*

Concordo com um aceno de cabeça e acrescento a simpatia. E os outros? pergunto.

*- São porreiros... quase todos. He pá, a malta ajuda-se e isso. Vê... O Mansinho (Rogério), defende a malta dos outros...*

*-De quem?*

*-De outra malta que aparece... às vezes quer tramar-nos ou tirar-nos o guito. E ele não deixa e fá-los basar...*

*- E se falta o pó..ou o dinheiro?*

*- Nunca falta. Há sempre algum que tem e divide. Depois quando a gente tem dá-lhe também...ou paga-lhe.*

Na sua auto percepção (tabela 11), a maioria manifesta sentimentos de pertença ao grupo e a observação feita revela que existe basicamente uma relação entre eles que tem a ver com as suas dependências e necessidades de sobrevivência, sendo que existem também tres casos em que a relação mais forte parece ser a relação amorosa. De todas as formas, as relações dentro do grupo parecem-nos estáveis e gratificantes para todos.

Parece existir de facto uma cumplicidade solidária entre eles. Por volta das 22 horas

**Tabela 11 - genero \* relações dentro do grupo**

sentimentos de pertença ao grupo			relações dentro do grupo				Total
			afectivas	dependência e sobrevivência	amorosas	liderança	
sim	sexo	Masculino	1	2	1	1	5
		Feminino	0	0	2	0	2
	Total	1	2	3	1	7	
nao	sexo	Masculino		1			1
	Total			1			1

é hora de ir buscar heroína. Para alguns é a terceira ou quarta toma do dia. Mas ali é fácil arranjar o produto. O Rogério parte com um leve sinal aos outros. Tem muitos contactos e a maior parte das vezes é ele que se encarrega do negócio. Conhece "a malta dali". Muitos acompanharam-no desde criança. Depois viu chegar os novos, com hábitos estranhos, mas não tão estranhos que os impedissem de brincar juntos. Depois de receber o dinheiro dos outros, sem conferir, vai sozinho até ao Rés do chão da rua do meio, à tal janela onde se

vende tudo, mas não compra à mulher que está por trás dela. A compra é feita sem grandes cuidados a alguém que está por perto. O Rogério dá-se bem com todos, por isso os outros lhe confiam esta tarefa.

Abordamos a Isabel:

- *Como tens a certeza de que ele volta?*

- *Tás pirado ou quê? Nem que o matassem. Ele não é desses...*

*Poucos minutos depois regressa. Volta-me as costas como se tivesse adivinhado que o pus em causa. Mas não. Disfarçadamente distribui as doses. Começam a caminhar devagar. Ao fundo da Rua do meio há sítios sossegados. Está na hora de eu partir. Quero tomar um café antes disso, mas o estabelecimento já está fechado. Não arrisca. Parto a pensar nas informações que obtive nas conversa daquele dia.*

**Tabela 12 - lugar de habitação \* transportes utilizados nas deslocações para o encontro**

		transportes utilizados nas deslocações para o encontro		Total
		TP rodoviário	TP ferroviário	
lugar de habitação	mesmo lugar ou vizinho	2	0	2
	outros lugares centrais da cidade	1	0	1
	lugares periféricos da cidade	3	0	3
	concelhos periféricos	0	2	2
Total		6	2	8

Lino desloca-se da Damaia para o Casalinho diariamente de autocarro, ou à boleia e algumas vezes a pé parando na zona dos hipermercados para arranjar algumas moedas através do arrumo de carros e outros expedientes. Francisco viaja desde Stº Amaro de comboio

até Alcântara, para algumas horas em Belém, fazendo arrumo para arranjar dinheiro, subindo depois a pé ou de autocarro a Calçada da Ajuda até ao Palácio Nacional da Ajuda e daí para o Casalinho. Mário parte do Calvário e vem de eléctrico quase sempre. Às vezes para na Junqueira no Hospital onde tem dois amigos às vezes fica por ali mesmo. Todos os outros se deslocam a pé desde os seus lugares de residência já que são próximos.

O regresso depende da hora. Quando já não há transportes ou não sobrou dinheiro após os consumos, vão a pé. Por vezes o Lino fica por ali mesmo com o Francisco ou sozinho, algures numa casa abandonada (ou resto dela). Quando acordam vão para Belém à procura de um lugar para arrumar carros ou em busca da generosidade dos turistas ou outras actividades não confessadas até conseguirem o suficiente para um consumo. Depois o ciclo repete-se ao longo do dia.

...

O Lino nem sempre vem ao grupo, mas é sempre bem recebido pelos outros, com excepção do Marcos que parece sentir-se ameaçado na sua relação com a Carla. Tem 23 anos, é um indivíduo quase sempre bem disposto e com um humor crítico elevado. Anda na rua desde os 17 anos, altura em que saiu de casa.

*...Não aguentava mais. Aquilo era demais. Todos os dias a velha levava nos cornos. O velho vinha marado com o vinho e zás... descarregava nela... e às vezes em mim também. Um dia passei-me e parti-lhe uma cadeira nos costados... ficou para ali a chorar no meio do chão... depois basei. Fui para Santa Polónia viver com um amigo que tinha lá um quarto. Mas um dia a velha (a senhoria) descobriu que eu lá estava e quis-me obrigar a pagar renda também. Fui viver para uma carrinha velha que estava parada Atrás do Cais do Sodré. Ali era fixe... Bué fixe mesmo... arranjava trabalho sempre... a arrumar carros. Davam-me sempre comida nos restaurantes... bué de comida, meu. às vezes nem comia tudo e dava ao Pilas, era um cãozito que eu tinha e que dormia comigo na carinha. Depois um dia morreu. Tamém já era velho... mas fazia tudo o que eu lhe mandava. Tive pena...*

*- Porque é que saíste da carrinha?*

*- Um dia apareceram uns gajos da Câmara e engataram o carro. iam leva-lo comigo lá dentro e tudo. Tive que basar...prontos...*

*-E foste para onde?*

*Eh pá... conhecia uma garina que gramava bué de mim. Era muita maluca. Ela tinha um gajo que vivia com ela. Era marado dos cornos... mas mesmo assim ela deixou-me ir lá para casa deles na Buraca... ainda estive lá dois meses, ou isso... Depois um dia o gajo apanhou-nos na*

*escada do sótão e queria obrigar-nos aos dois a fazer-lhe uma mamada... espatifei-lhe o focinho todo e basamos os dois. Inda andamos por aí duas semanas, mas não deu... ela foi à vidinha dela e eu à minha.*

*- Foi nessa altura que foste para Santo Amaro?*

*- Iá. Tinha um colega que morava lá num prédio abandonado e fui lá ver se podia lá ficar. E ele deixou... ele estava na metadona no Cat de Oeiras. E depois eu fui lá também. Já estava farto da heroa... Mas lá a doutora só queria consultas e conversa...eu pedi-lhe a metadona mas ele disse que ainda não era tempo... uma merda. Nunca mais lá fui.*

*- Já consumes há muito tempo?*

*- Não só há três anos é que meto heroína. antes só fumava uns charros. Depois conheci um gajo, o Francisco, que me deixou experimentar e injectei... e também curti cogumelos... cena marada... Aquilo deixa a gente loucos... Tu sabes...*

*- Ainda vives nesse prédio?*

*- Vou lá dormir quase sempre. Tem lá mais malta... mas cada um está na sua e ninguém se mete com os outros. Prefiro estar com esta malta, são porreiros... só o Marcos...*

*- Por causa da Carla?*

*- Nós não temos nada... mas ele é marado com ela e tem ciúmes à brava. Eu gosto da garina... mas não fiz nada com ela... já tem dono, prontos... e eu respeito isso. Olha, já chegou o André. (lino)*

Nesta conversa tida no café ao fim da tarde enquanto o Lino esperava pelos outros, pareceu-nos que ele precisava de falar sobre si. Nas notas que fomos tirando, faltam algumas fases inacabadas e faltam os silêncios tantas vezes usados para exprimir sentimentos ou incapacidades sentidas.

A chegada do André e um pouco mais tarde da Isabel interrompeu esta conversa mas deu oportunidade a outra. Falou-se de tudo um pouco. Alguma curiosidade sobre o este trabalho e a oportunidade para lhes explicar o que fazíamos ali e sobre a nossa curiosidade sobre o grupo. Explicamos-lhes as regras de confidencialidade a que estava obrigado e da importância da ajuda que o grupo nos estava a dar. Dissemos-lhes do nosso

interesse sobre os lugares e sobre a relação do grupo com os lugares e os seus habitantes. Pareceram entender tudo e falaram-nos dessa relação.

*... a gente vem para aqui porque aqui não há ondas. É tranquilo... A gente faz a nossa vida e eles fazem a vidinha deles. Ninguém liga. À noite tá sempre lá bué de malta a consumir. E aqui a gente tem tudo o que precisa... alguns até conversam connosco na boa...*

*Eles tem cá outros problemas, mas a gente não tem nada a ver com eles... a gente não se mete nisso. Inda um dia nos vieram pedir ajuda para empurrar o carro que não pegava... e a gente foi lá e desenrascou-os. Depois eles vieram aqui pagar-nos umas bejecas. Tá-se bem. (Isabel)*

*- Mas porquê este sítio? porque é que o escolheram?*

*- A malta vinha à procura do Rogério, porque ele é que nos desenrascava. Depois começamos a ver que isto era tranquilo e começamos a ficar. Depois começamos a conhecer isto e outras pessoas... e assentamos. E também as pessoas não nos tratavam mal, enquanto noutros sítios... (André)*

*- mesmo às vezes quando a gente apanha grandas tripes aqui ninguém nos faz mal. Uma vez apanhei uma em Alcântara... fui*

*mesma a fundo e depois uns gajos lá da rua roubaram-me tudo até a roupa. Aqui não... nem vem quadrilhar a vida de uma pessoa nem nada. É tranquilo.*

*E também para aqui há*

*bué transportes, comboio, autocarro, eléctrico... é fácil chegar aqui. às vezes à noite é que é mais complicado... mas a gente vira-se." (Lino)*

**Tabela 13 - relações com residentes**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid nenhuma	3	37,5	37,5	37,5
conflituosas	1	12,5	12,5	50,0
tranquilas	3	37,5	37,5	87,5
amistosias	1	12,5	12,5	100,0
Total	8	100,0	100,0	

Os problemas e intolerâncias do lugar que colocam um desafio à convivência entre diferentes etnias, brancos, negros e ciganos, parecem não afectar grandemente o grupo. Ao contrário, as práticas de consumo de muitos outros indivíduos do bairro ou que acorrem ao bairro, favorece a tolerância para com estes ocupantes. Na opinião dos elementos do grupo, metade deles considera ter relações tranquilas ou amistosas e apenas um considera ter relações conflituosas com os residentes. De facto parece existir um fraco controle social sobre os consumidores para se situarem mais nos choques culturais e sobre os valores das diferentes culturas em presença. No Casalinho da Ajuda, a rua ainda não é um mero espaço de circulação automóvel. A vida acontece muito no exterior e a convivência, pacífica ou não, desenvolve-se neste espaço, dando lugar a diferentes tipos de ocupação durante o dia. E, estranhas ou não, transformam a rua num espaço vivo de convivência e aculturação a novos modelos e valores numa espécie de "vive e deixa viver" que acaba por agradar a cada um dos grupos que dela se servem.

Por outro lado, a existência de um número notado de moradores que também consomem, parece provocar alguma tolerância (às vezes pena) de alguns residentes, preferindo antes culpabilizar os que lucram com o negócio, sobretudo os que vivem ali também.

Para outros residentes os consumidores, a acreditar nos comentários e histórias que circulam, constituem-se como clientes dos seus negócios, resultando daí alguma complacência pela ocupação do lugar por grupos como este.

**Tabela 14 - género x actividade de subsistência**

	actividades de subsistencia					Total
	Arrumo de viatura	prostituição	biscates	actividade profissional parcial	actividade profissional a tempo inteiro	
sexo Masculino	3	0	1	2	0	6
Feminino	0	1	0	0	1	2
Total	3	1	1	2	1	8

Apenas três dos elementos do grupo, todos do género masculino, subsistem pela actividade laboral que desempenham, em trabalhos ocasionais. Um dos elementos femininos, desempenha actividade laboral regular e todos os restantes elementos subsistem economicamente através de outras actividades como a prostituição ocasional e o arrumo de viaturas.

#### 6.4 - Intendente (junto ao Chafariz)

"A Freguesia dos Anjos nasceu em 1147 e nessa época era considerada a segunda Freguesia de Lisboa, sendo a Primeira a Freguesia de Santa Cruz do Castelo, sendo originária das freguesias de Santa Justa e Rufina. No Séc. XVI, e no tempo do Cardeal D. Henrique, a Freguesia de Santa Justa foi dividida originando as actuais Freguesias de Anjos, Arroios, Pena, São José, São Sebastião da Pedreira e Socorro. A Revista Municipal confere o aparecimento desta freguesia, que na altura era Paroquia, em 1564/69 e como sede escolheu-se uma capela, que por tal foi considerada de Matriz. Esta tratava-se de uma pequena Igreja com a invocação de “ Os Santos Anjos”, de onde teve origem o actual nome da Freguesia. Em 1755, quando o terramoto devastou a cidade de Lisboa, os Anjos sofreram enormes destruições nas suas edificações dando origem a muitas barracas e dando também origem a novos arruamentos. Ainda no ano de 1755 e como consequência do terramoto, foram executados os larápios que se apoderavam dos haveres dos sinistrados, no actual Largo de Santa Barbara, antes conhecido por Largo das Fontainhas, pois brotava água de vários pontos e esta servia para regar os campos que época existiam ali. .

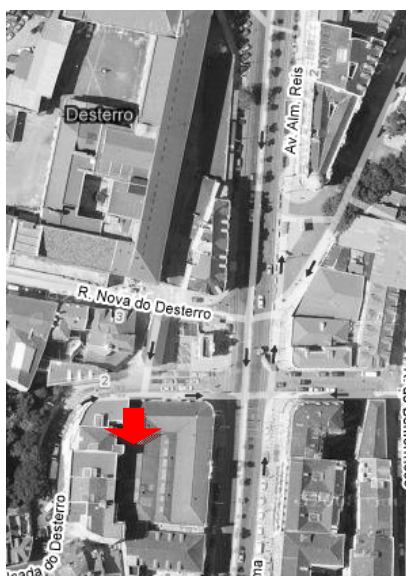
Pelo Final do Séc. XIX deram inicio às edificações de três bairros: o Bairro Andrade, o Bairro de Inglaterra e o Bairro das Novas Nações (antigo Bairro das Colónias). O bairro Andrade situa-se nas traseiras da Igreja dos Anjos, sendo a abertura da Avenida D. Amélia, actualmente Avenida Almirante Reis, decisiva para a concretização deste Bairro e foi fundado pelo proprietário de terrenos localizados na zona de nome Manuel Gonçalves Pereira de Andrade, que deu às ruas os nomes das mulheres da sua família. O Bairro de Inglaterra integra as colinas da Penha de França, teve anteriormente o nome de Bairro de Brás Simões, comerciante da Praça de Lisboa e proprietário das terras onde se instalou. O nome foi alterado aquando da I Grande Guerra e as ruas pertencentes são a Cidade de Cardiff, Cidade de Manchester, Cidade de Liverpool, Poeta Milton e Poeta Newton. .

O Bairro das Novas Nações, com nome de Bairro das Coloniais até ao 25 de Abril de 1974, tem como nome dos arruamentos as antigas províncias portuguesas em África. Começou a ser construído em 1930 no sítio da Charca, tendo esta designação entrado em desuso para

se chamar Bairro das Colónias em 1967. este Bairro integra as ruas de Angola, Cabo Verde, Guiné, Ilha do Príncipe, Ilha de São Tomé, Macau, Moçambique, Timor e Zaire, e também a Praça das Novas Nações. Com a Implantação da Republica, a Câmara projecta a abertura de uma Avenida que atravessa os Anjos. Assim sendo, a Avenida D. Amélia teve lugar à Avenida Almirante Reis".<sup>17</sup>

### 6.4.1 - O Retrato do lugar

09/10/2008 – 18 horas.



**Ilustração 8 - - Intendente - Fontenário - Vista aérea**

Estou algum tempo do outro lado da avenida, mas as pernas já mostram cansaço. Arriscamos aproximar-nos e sentar-nos num dos degraus da escadinha, a esta hora não completamente ocupada, mesmo por detrás do fontenário, numa espécie de pequeno pátio de convívio. Vamos escrevendo, caderno sobre os joelhos, enquanto esperamos.

Portas meias (fechadas e com segurança no portão) com o velho hospital de Nossa Sr<sup>a</sup> do Desterro, o pequeno largo do fontenário na Av Almirante Reis está ocupado por velhos reformados sentados nos bancos já gastos, contando mutuamente as suas lembranças. Aparentemente, nada diferente de outros lugares típicos e públicos da cidade a estas horas. Mas um olhar mais atento permite ver por trás do fontenário, um pequeno pátio com umas escadinhas, quase completamente ocupados por outro tipo de pessoas

Não há cafés onde nos possamos sentar e observar

aquele lugar. **Ilustração 7 - Intendente (junto ao Fontenário)**



<sup>17</sup> Retirado do site da Junta de Freguesia dos Anjos

A tarde avança e o pequeno largo vai mudando rapidamente de aspecto e de ocupantes. 19h e 30m. Os bancos da frente ficam livres de contos e memórias e vão dando lugar a sentimentos de desespero e corpos mais jovens e alguns mais degradados. Apenas meia hora chegou para esta mudança de cenários, como se tudo estivesse programado para o espectáculo. Agora, o monumento está envolvido pelo mesmo tipo de ocupantes, ou talvez não.

Partimos também, mas apenas para junto do muro do velho hospital.. Dali podemos continuar a observar.

São mais jovens estes ocupantes. Rostos marcados pelos consumos e pelas doenças. À mistura, mulheres novas e de meia idade cuja ocupação é anunciada pelo vestuário exuberante, ou reduzido, os pircings, as tatuagens e a linguagem usada para chamar (ou provocar) os que passam. Várias, de tez muito negra, falam inglês correctamente a denunciar a sua origem jamaicana que nem o desfrizamento dos cabelos consegue esconder.

Chega uma carrinha branca que estaciona a poucos metros de mim. Abre as portas. Saem duas raparigas com coletes fluorescentes. Nos vidros da carrinha alguns autocolantes identificam a organização: “Novos Rostos, Novos Desafios”. Já os conhecemos. Trata-se uma equipa de Rua desta Associação que procedem a um trabalho de redução de riscos e minimização de danos.

Lentamente os ocupantes do largo dirigem-se para ela. Alguns trazem na mão seringas visivelmente utilizadas que trocam por kit’s novos. Depositam uma a uma as usadas numa caixa amarela e recebem outras devidamente embaladas e protegidas. Alguns conversam com os técnicos que tiram apontamentos, aconselham, dão instruções de uso, fornecem instruções de encaminhamento para tratamento.

-“ ... está muito magra. Tem feito análises? Porquê?... Vá... dê-me o seu cartão que eu marco-lhe as análises... depois vem aqui saber quando são e onde, ok?... amanhã vem aqui entre as 18h e 30 e as 19h, ok?...”

O utente repete a hora. ...engana-se, é corrigido, repete... e parte. Talvez se lembre de voltar amanhã na hora marcada. Um outro pede ajuda para ir já hoje para o

internamento... mas nada de metadona<sup>18</sup>... O técnico tira os apontamentos necessários e ele parte.

As mulheres prostitutas acercam-se da carrinha e recebem preservativos e gel, que a frequência dos actos sexuais secam-lhe os fluidos e magoam-lhe os tecidos.

Também com elas se processa algum aconselhamento sempre em jeito de conversa humanizada. Ali, o que conta mais é a relação entre técnicos e utentes. Alguns vem ali mais por ela do que pelos artigos distribuídos. A todos é proporcionado uma escuta activa que confere importância e confiança.

Os que já trocaram as seringas apressam o paço para os seus destinos. Alguns ficam logo ali no pequeno largo e, como podem, sem preocupações de se esconderem, satisfazem as suas necessidades mais urgentes com o produto entretanto preparado e já contido na pequena seringa. Utilizam os outros artigos contidos nos kit's acabados de trocar: o toalhete, a cápsula... menos mal. Assim se vão evitando alguns riscos. Para outros já é tarde para tantos cuidados.

Depois, ficam por ali mesmo, recostados nos bancos ou mesmo sentados no chão à espera do alívio para o sofrimento mal contido. Não parece haver comunicação entre eles apenas a necessária para se servirem do espaço.

A carrinha parte rumo a outros percursos e a outros utentes.

...

Cerca de uma hora depois

...

Os consumidores já partiram todos. O largo está vazio, mas por pouco tempo.

Chega um grupo de dois, depois um de três, juntam-se. Partilham dois “charros”, conversam. Não atingiram ainda o estado de degradação dos anteriores ocupantes. Chega mais um que se junta aos outros. Posso observa-los durante longos minutos. Percebe-se alguma relação consolidada entre eles. Aparentemente aqueles encontros são habituais. Demoram por ali cerca de uma hora. Um último jovem chega juntando-se ao grupo, conversam sobre “compras” e partem. Passam mesmo junto a nós mas ignoram-nos completamente.

Dos ocupantes do largo só vislumbramos nos passeios próximos algumas prostitutas chamando os transeuntes.

---

<sup>18</sup> - Droga utilizada terapeuticamente nas unidades de tratamento para estabilização psíquica e funcional dos doentes, permitindo assim um processo de abandono dos consumos da heroína e início de um processo de inserção social e laboral.

No ar, um forte cheiro a especiarias. Estamos perto do Martim Moniz, lugar de encontro e de comércio de etnias orientais e africanas. Rostos asiáticos, indianos, africanos e de muitas outras origens que não identifico. Uma gama de cores de pele desde o muito branco ao muito negro. É verdadeiramente um lugar globalizado.

### 6.4.2 - Dados demográficos e etnográficos

Situado na freguesia dos Anjos muito perto do Intendente e em plena Av. Almirante Reis, este lugar foi seleccionado pela especificidade do tipo de ocupação bem diferente da do lugar situado um pouco mais acima, na zona da Igreja dos Anjos e que é também objecto de estudo neste trabalho. Com 9 738 habitantes (censo de 2001) e uma densidade de 20 372,4 hab/km<sup>2</sup>, A freguesia foi instituída em 1564 por desanexação da freguesia de Santa Justa.

Tratando-se de uma via de circulação de grande importância, e unindo a Praça da Figueira até Alvalade, a Rua da Palma continuada pela Av. Almirante Reis, mostra grande movimento a quase todas as horas do dia, até porque à volta lugar se concentram alguns dos hospitais mais importantes da cidade de Lisboa, tais como o de S.José com a Faculdade de Ciências Médicas da UNL, o Hospital do Coração de Jesus, o Hospital Miguel Bombarda e o velho Hospital do Desterro, agora desactivado.

Enquadrado entre a Rua Nova do Desterro, a Calçada do Desterro e a Rua da Palma que dá continuidade à Av. Almirante Reis, situa-se o fontenário e os seus arcos, tendo por trás uma pequena praça com bancos fixos que se constitui como um alargamento da Calçada do Desterro e que lhe dá fim.

Intercalado entre o Martim Moniz e o Intendente, este lugar assume características especiais quer pelo tipo de população que o frequenta quer pela sua faceta de interculturalidade polifónica e da diversidade de utilizações que acontecem ao longo de um só dia.

É sobretudo nesse lugar que incide a observação dos grupos que o frequentam ou que por ali passam com regularidade diária.

Não servindo de caracterização do lugar mas integrando-se nela, alguns indicadores sócio-demográficos da freguesia dos Anjos pode ajudar-nos a entender algumas utilizações deste lugar.

Numa primeira análise podemos verificar a predominância de população envelhecida já que o grupo etário dos idosos representa cerca de três vezes mais que o grupo etário da população infantil, respectivamente 29% e 9,8%.

**Tabela 15 - Freguesia dos Anjos - Distribuição da população por grupos etários (censos de 2001)**

Grupos Etários	Nº	%
0 – 14 anos	960	9,8
15 – 24 anos	1050	10,8
25 – 64 anos	4893	50,2
+ 64 anos	2835	29,2

Também na análise das famílias clássicas se pode observar a mesma realidade: mais de metade das famílias, 69,3% (3.166), têm apenas 1 ou 2 pessoas e que 26,4% (1.208) são constituídas por 3 ou 4 elementos. As famílias com idosos correspondem ao triplo (45,7%) das famílias com menores de 15 anos (14,1%).

**Tabela 16 - Freguesia dos Anjos - Famílias Clássicas (censos de 2001)**

Famílias Clássicas	Nº
Famílias com 1 ou 2 pessoas	3.166
Famílias com 3 ou 4 pessoas	1.208
Famílias com pessoas com menos de 15 anos	644
Famílias com pessoas com 65 ou mais anos	2.089
Total das famílias clássicas	4.564

Relativamente ao grau de instrução, a freguesia dos Anjos, onde este lugar se insere, apresenta como habilitação literária predominante é o 1º ciclo, correspondendo a 24,6% da População.

**Tabela 17 - Freguesia dos Anjos - Distribuição dos Residentes por Grau de Instrução**

Grau de Instrução	Nº	%
Sem escolaridade	894	10,0
1º ciclo	2358	26,4
2º ciclo	856	9,6
3º ciclo	1440	16,1
Ensino Secundário	1745	19,5
Ensino Médio	200	2,2
Ensino Superior	1435	16,1

**Tabela 18- Freguesia dos Anjos - Distribuição dos Indivíduos Residentes por Actividade Económica**

Sectores	Nº
Pensionista/Reformado	2. 889
Empregados	4.255
Desempregados à procura do 1º Emprego	78
Desempregados à procura de novo Emprego	272
Sem actividade económica	5.133

É evidente o peso de reformados/pensionistas existentes (2.889 indivíduos).

Relativamente à população activa<sup>19</sup> verificam-se 4.605 indivíduos, dos quais 1.057 estão inseridos no escalão da população activa desqualificada.

Constata-se, ainda, uma taxa de desemprego de 7,6% (350 indivíduos).

Estes quadros parecem favorecer a ideia de que a freguesia dos Anjos alberga uma população residente maioritariamente envelhecida, com baixos índices de escolaridade. Dos relatórios da CML e do IDT, podemos retirar alguma informação que caracteriza esta freguesia, apesar da sua característica de zona de circulação intensa e das alterações demográficas dos últimos anos com a fuga de residentes para os bairros e concelhos da periferia.

*"A freguesia dos Anjos, embora de cariz popular, não é um bairro tão fechado como os anteriormente referidos. Caracteriza-se por um predomínio da função residencial onde a tipologia das habitações é heterogénea. São preponderantes os prédios antigos de habitação*

<sup>19</sup> Entende-se por população activa, indivíduos com idade mínima de 15 anos, empregados e desempregados

*popular, muitas vezes degradados, com casas assoalhadas pouco cómodas, pouco espaçosos e fracamente iluminadas.*

*Nas actividades económicas, predomina o pequeno comércio tradicional, bastante diversificado e que garante a subsistência diária dos habitantes: mercearias, padarias, talhos, peixarias, drogeries, lojas de vestuário e de artigos para o lar, farmácias, cafés, restaurantes, lojas de artigos especializados e armazéns de revenda. Das poucas indústrias presentes no bairro são de referir algumas tipografias, serrações, serralharias e pequenas oficinas de automóveis. Ao nível dos serviços, encontram-se bancos, consultórios médicos, centro de saúde, veterinário, lar de idosos, centro de dia, clubes recreativos e desportivos, jardins de infância e EBI.*

*São estes aspectos económicos, sociais e culturais que fazem com que este conjunto de freguesias funcione como centro secundário dentro da cidade de Lisboa, polarizando económica e socialmente as freguesias circundantes.* <sup>20</sup>(IDT, 2008)

Do mesmo relatório e das entrevistas feitas a técnicos de rua podemos também retirar um conjunto de problemáticas sociais identificados pelas Equipas de Rua e pelos serviços sociais da CML e Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

**Tabela 19 - Problemas identificados na freguesia de Anjos por lugares**

<b>PROBLEMAS</b>	<i>Localização geográfica de incidência</i>
<b>Tráfico de substâncias psicoactivas</b>	Largo do Intendente, Rua da Bombarda, Rua M <sup>a</sup> da Fonte, Praça das Novas Nações, Igreja de Arroios e Av <sup>a</sup> Almirante Reis
<b>Consumo de substâncias psicoactivas</b>	Largo do Intendente, Rua da Bombarda, Rua M <sup>a</sup> da Fonte, Praça das Novas Nações, Igreja de Arroios e Av <sup>a</sup> Almirante Reis
<b>Prostituição</b>	Rua do Benfornoso, Travessa da Cruz dos Anjos, Travessa do Forno Maldonado, Travessa da Bica dos Anjos, Travessa do Cidadão João Gonçalves e Rua dos Anjos
<b>Imigração ilegal</b>	Toda a freguesia
<b>Sem Abrigo</b>	Igreja dos Anjos, Rua L. Pinto Moitinho, Rua Álvaro Patinho, Rua da Palmira, Av <sup>a</sup> Almirante Reis, Regueirão dos Anjos, Intendente, Travessa da Bica dos Anjos, Rua da Bombarda e o quarteirão formado pela rua Antero de Quental e Av. Almirante Reis
<b>Comportamentos de Risco e/ou Problemáticos em menores</b>	Toda a Freguesia

<sup>20</sup> in "RELATÓRIO FINAL DO DIAGNÓSTICO DO TERRITÓRIO: FREGUESIAS DE ANJOS, SOCORRO E S. CRISTOVÃO E S. LOURENÇO" Plano Operacional de Respostas Integradas IDT 2008

Neste quadro se verifica que as problemáticas mais identificadas nos lugares visitados por estas organizações, estão ligadas ao consumo e tráfico de drogas.

### 6.4.3 - Sociabilidades - O Grupo, as relações intergrupais e com o lugar

No passeio esquerdo de quem desce a Av. Almirante Reis em direcção à praça da Figueira e frente ao Velho e abandonado Hospital do Desterro, procedemos, durante seis momentos em dias e horários diferentes, a uma observação à distancia do lugar que nos fora referenciado por alguns elementos de Equipas de Rua que trabalham a problemática da toxicodependência, da prostituição e dos sem-abrigo.

Foi de lá que pudemos perceber a multiplicidade de tipos de ocupação daquele lugar por diferentes indivíduos ou grupos durante as diferentes horas do dia.

Durante a manhã, o lugar serve sobretudo de passagem a populações indiferenciadas, passantes e apressadas. Com frequência, parece notar-se que este lugar referenciado pelo fontenário serve também como local de encontro de pessoas que ali se juntam para logo em seguida se dirigirem juntos a outros destinos, como se se tratasse de um entreposto para transeuntes ou, referenciando Augé, um não lugar.

Mas se no período da manhã parece não existir uma ocupação regular dos bancos da frente por pessoas ou grupos, embora as escadinhas por trás estejam todo o dia ocupadas, no período da tarde, logo que as sombras do grande monumento e dos prédios que lhe estão por trás se projectam sobre este alargamento da Calçada do Desterro, os bancos da frente enchem-se rapidamente de pessoas, sobretudo idosas e aparentemente desocupadas. Já no fim do dia, estes ocupantes são substituídos naturalmente por outros indivíduos cuja aparência faz sugerir actividades de prostituição, tráfico e consumo de droga. São indivíduos que permanecem ali até cerca das 22 horas partem após a paragem das Equipas de Rua que fazem prevenção das toxicodependências, diminuição de riscos ou minimização de danos.

Foi após a partida da carrinha da "*Associação Novos Rostos, Novos Desafios*" que pudemos observar ao longo dos dias, a existência de um grupo que ali se formava e que, aparentemente menos degradados que os anteriores, se serviam do lugar para encontros, trocas e consumos de drogas ilícitas, e que ali permaneciam por períodos de várias horas.

Trata-se de um grupo de oito indivíduos de ambos os sexos, embora apenas quatro apareçam com regularidade diária.

Verificando a existência clara de interrelações e hábitos comuns, rapidamente este grupo de indivíduos se nos revelou como *grupo*, de acordo com a definição adoptada para este trabalho.

A abordagem ao grupo foi feita através de uma estratégia de passagem frequente pelo meio da praça, habituando-os à nossa presença, sendo que eles próprios nos ofereceram a oportunidade de um primeiro contacto, pedindo um cigarro que prontamente lhe oferecemos, pedindo-lhe em seguida lume, já que teria perdido o isqueiro. Nas visitas seguintes a cena repetiu-se até que um dia, quando chegámos ao local, nos apresentámos já com o maço de tabaco estendido. O Lucas, como depois o conhecemos, respondeu à oferta com um sorriso:

*" e se eu hoje não quiser? "*

*Respondi de imediato: Pedia-lhe lume na mesma.*

*-Eh pá! tu nunca trazes fogo?*

*- É para fumar menos. É como tu, também nunca trazes cigarros...*

*- Boa. Saiu-te bem, essa. Mas cá pra mim tu andas a cheirar... (olhou para os outros. Aquela conversa já tinha sido feita entre eles).*

Decidimos arriscar. Contámos-lhes então o nosso objectivo, embora muito por alto. Dissemos-lhes que estávamos a fazer um estudo para a universidade sobre alguns lugares velhos de Lisboa. Falámos de outros lugares e das alterações que os novos hábitos provocam nesses lugares. Fomos suficientemente simplistas para que pudessem entender. Dissemos que esperávamos que eles nos ajudassem nesse estudo, falando daquele lugar.

A desconfiança inicial foi-se esbatendo, gracejámos um pouco e perguntámos:

*- Posso aparecer outro dia?*

*- A malta ainda tem que falar...*

*- Prometo que não vos chateio. Só escrevo o que vocês quiserem.*

*Olharam entre si. e depois todos se voltaram para a Mariana, uma mulher de cerca de 25 anos, Cabelo comprido pintado com madeixas*

*cor de fogo. Aparentemente era assim como uma espécie de líder do grupo. Falou pela primeira vez.*

*- Pareces bacano... Um bocado cota (sorriu)... Tá. Aparece, Mas pagas um café. Ok?*

*- Fixe, respondi.*

Partimos, embora ainda críticos sobre a rapidez que imprimiramos à abordagem.

A partir daí, o contacto com o grupo foi progressivamente mais franco o que permitiu conhece-los melhor e travar com eles muitos diálogos ao longo das visitas..

O grupo era formado por oito indivíduos:

O Lucas, residente na zona do Campo grande, 18 anos, o mais novo de todos, alto, esquelético. De resposta pronta e atrevido. Os outros acham-lhe piada e ele responde fazendo humor em cada resposta. Consome heroína fumada, apenas uma vez por dia quando está com o grupo. Deixou

	idade				Total
	16 a 18	19 a 21	22 a 25	26 a 30	
sexo Masculino	1	1	2	0	4
Feminino	0	1	1	1	3
Total	1	2	3	1	7

Tabela 20 - Género x idade

de estudar o ano passado, tendo o 12º ano com falta da matemática. Diz-se farto e não quer estudar mais. Procura emprego.

A Maria tem 21 anos, bonita, elegante e inteligente. Bem falante, raramente usa calção. Até à pouco frequentou a Faculdade de Belas Artes. Desavenças familiares e falta de dinheiro fizeram-na desistir e sair de casa. Mora com uma colega da faculdade em Alvalade. Vai contribuindo com algum dinheiro mas insuficiente. às vezes faz desfile de modas para uma agencia em Setúbal. Outras "desfila noutras pistas", como revelou a Mariana. Parece manter uma relação preferencial com o Lucas.

Joca é um jovem de 24 anos, brasileiro de origem mas de nacionalidade

portuguesa. Veio muito novo com apenas 4 anos e cresceu sempre em Lisboa junto ao Casal Ventoso. Filho de mãe toxicodependente com quem ainda vive, nunca falou do pai. Trabalha de manhã num restaurante em Campolide. Quando

Tabela 21 - Género x Grau de ensino frequentado

	habilitações escolares frequentadas		Total
	secundário	frequencia ensino superior	
sexo Masculino	3	1	4
Feminino	1	2	3
Total	4	3	7

há grandes grupos no restaurante também faz noites. Consome haxixe desde os 11 anos e mistura cocaína desde os 20. Nunca se injectou por medo do "bicho"<sup>21</sup>. Fez apenas o segundo ciclo, já traficou e ajuda a mãe que critica frequentemente mas que também venera. É fisicamente desenvolvido, alto, bem disposto, e atrai as atenções especiais da Mariana e da Joana.

		tempo de permanencia no grupo			Total
		12 a 24 meses	24 a 36 meses	> 36 meses	
tempo com práticas de rua	1 a 2 anos	1	0	0	
	+2 anos a 4 anos	0	2	1	
	> 4 anos	0	3	0	
Total		1	5	1	

Tabela 22 - Tempo em práticas de rua x Tempo de permanencia no grupo

A Joana é estudante de Biologia, no primeiro ano na UL que frequenta há dois anos. Tem 23 anos. Aparentemente, pelas histórias que conta, o curso e a faculdade não são prioridades. Habita com os pais nos Olivais

Sul, mas a sua relação familiar está longe de ser tranquila. É consumidora de heroína e às vezes faz policonsumos. Consome também Ecstasy e outros tipos de anfetaminas.

O Rui tem 25 anos. É um exímio tocador de guitarra clássica com a qual, de vez em quando, anima um tempo de serão do grupo. Estudou até ao 10º ano e depois abandonou a escola, coincidindo com um período de maiores consumos. Vive sozinho num apartamento em Carnide. Já foi casado mas separou-se da companheira apenas seis meses depois. Sobrevive com pequenos trabalhos da sua anterior ocupação: Guia Turístico. Alguns colegas vão deixando para ele trabalhos de menor importância. Por pena, diz ele. Não contacta com nenhum familiar próximo ou distante. Considera o grupo como a sua família. Dedicar especial atenção à Mariana embora não pareça existir nenhuma relação de casal.

O Victor, de 20 anos, está, segundo diz a terminar o 12º ano. Reside com o pai (a mãe faleceu há quatro anos num acidente) nos Olivais, tal como a Joana que, aliás, ele trouxe para o grupo. Não parece ter outra ocupação certa. Uma ou outra vez, arruma carros na zona do aeroporto. Mostra-se muito protector da Joana, mas não parece haver outra relação entre eles que não a de amigos.

A Mariana, a mais velha, tem 30 anos, tornou-se na líder do grupo, ou pelo menos é aceite como tal. Tem soluções para tudo. Inteligente, fala pouco mas é muito assertiva nos

<sup>21</sup> HIV

concelhos, mais do que nas práticas. Vive na rua. Actualmente pernoita num prédio devoluto em Xabregas. Durante o dia vai ao centro das Taipas, actualmente no parque de saúde de Lisboa, onde está a ser acompanhada num programa de metadona. Apesar disso consome haxixe rotineiramente e por vezes anfetaminas. Nunca falou das suas relações familiares. Sabe-se apenas que vive na rua desde os 19 anos. Já teve um companheiro, o Fábio, que também pertenceu ao grupo. Frequentemente distribui flyers publicitários. Nalguns encontros pareceu-me que a Mariana se prostitui, já que sai mais cedo com um "agora tenho que ir ao meu...". Ninguém a questiona, embora note que o Rui fica sempre intranquilo quando ela parte. Por sua vez esta não sai sem um carinho especial ao Joca se sentisse necessidade de se justificar.

O grupo parece ter uma relação fácil e minimamente estável entre pares. Em crise socorrem-se mutuamente. Quando alguém está aflito sem produto ou sem dinheiro, a Mariana faz a colecta e distribuem o produto entre todos.

*...Um dia uns gajos do Beato gamaram-me o guito todo que tinha arranjado e naquele dia tinha bué. Então a malta acalmou-me e deixou-me dividir com eles... nem a família faz isto. Amo esta malta... se não fosse por eles já tinha bazado para a Espanha.*

*...Eu também já ajudei outros, quando eu tenho e eles não. Tem que ser... Mesmo a Mariana já ficou seca umas vezes e a malta não deixou que ela flipasse... Com eles tá-se bem... (Rui).*

Por meias conversas julgámos saber que o grupo, enquanto tal, também já participou em actividades marginais, talvez furtos, mas, por receio de estragar a relação com eles, nunca os inquirimos directamente sobre isso.

Também com outros grupos, as histórias são de conflitualidade.

*... Quando uns gajos quiseram naifar a Mariana para lhe sacar o guito, a malta foi atrás deles até os descobrir. Demorou uma semana... até que os apanhamos. Depois a malta seguiu-os até ao Lumiar e derretemos os merdas à porrada. A sorte deles é que passou a bófia se não eles não gamavam mais ninguém... Já tivemos outras cenas... houve uma em que eu levei... (levanta a tshirt e mostra uma*

*cicatriz longa na barriga, disfarçada com uma tatuagem de uma suposta fenix com ares agressivos), mas também o merdas nunca mais se viu. O Rui deixou-o a contar os dentes na rua...*

*- Foste ao Hospital?*

*- Na, a Mariana tratou de mim... mas ele ficou bem pior...*

*- Tratou de ti, como?*

*- Ela sabe dessas coisas... E ajuda-nos sempre... (Joana).*

Com a população residente não parecem existir relações específicas. Talvez pela característica do lugar e pelas horas em que este lugar é ocupado por este grupo. Contudo, evitam chegar muito cedo para não se encontrarem com os anteriores ocupantes.

De facto nada parecem ter em comum. Enquanto os indivíduos já descritos no início deste capítulo se juntam ali para esperar a ajuda da carrinha da Associação, não mantendo aparentemente qualquer relação entre si, este grupo parece ligado a este lugar e uns aos outros.

*- Havias de vir aqui mais cedo! Aí que encontravas uma malta estranha. Bué de estranha mesmo... yá, meu, os gajos parecem que nem são daqui. Parecem doutro planeta... é cada maluco... Eu não quero nada com eles... são bué perigosos... (Mariana).*

É claro que já lá tínhamos estado antes, e não nos pareceu que os anteriores ocupantes fossem especialmente perigosos, mas esta expressão da Mariana demonstra bem

		Objectivos de ocupação		Total
		Encontro	Encontro e consumo	
Identificação com o lugar	sim	1	3	4
	não	0	3	3
Total		1	6	7

**Tabela 23 - Identificação com o lugar x objectivos de ocupação do lugar**

que o grupo parece não querer fomentar relações externas.

É um grupo muito voltado para si mesmo e aquele lugar é utilizado como o lugar de encontro e de consumo. Durante o dia quase nunca se vêem, embora enviem mensagens ou telefonem. Cada um deles parece sentir este lugar como

seu, mas ao contrário de outros grupos não se relacionam com outros ocupantes nem misturam hábitos ou culturas. Porque o elegem então como seu? E porque se reúnem aqui?

Mariana explicou-nos que "dantes" já esteve com outro grupo noutros lugares.

*- Era uma malta diferente. E fazíamos uma vida bué de marada. A gente ficava muito ali no Chiado... ou no Camões... Todos os dias a gente estava ali a curtir ou a mocar...*

*- Porque é que os deixaste?*

*- Eles é que me deixaram. Queriam curtir cenas muita loucas e eu não alinhei. então eles começaram a basar aos poucos e depois deixaram de aparecer. Então eu conheci o Rui, o Joca e a Joana numa rave e começamos a andar juntos. A gente vinha muito aqui para o Martim Moniz e depois começamos a curtir aqui porque nunca cá estava ninguém a esta hora. Depois chegaram os outros. O último foi o Lucas... e a Maria também. é uma malta mais curtida... os outros gajos tavam todo o dia spidados. Estes tem mais calma. Também curtem...mas é diferente. He pá eu já curti muita coisa louca... agora quero ir com mais calma que este corpinho não é pra rebentar de uma vez...*

*- A tua história deve ser muito interessante.*

*- Pois... He pá! Tá na minha hora. Vou bazar.*

Mariana levantou-se do banco onde conversávamos e fazendo sinal aos outros, partiu. Claramente não nos quer falar sobre a sua história de vida. Pouco depois despedimo-nos também. E eles já estavam mesmo à espera que nos fossemos embora.

lugar de habitação		tipo de habitação			Total
		habita com os pais	habitação arrendada	sem abrigo	
outros lugares centrais da cidade	sexo Masculino	1	1	0	2
	Feminino	0	1	1	2
	Total	1	2	1	4
lugares periféricos da cidade	sexo Masculino	1	1		2
	Feminino	1	0		1
	Total	2	1		3

**Tabela 24 - Género x lugar de habitação x tipo de habitação**

Ficámos sem saber o que os atraía naquele lugar. Nem nesta nem noutras conversas. Mas não é difícil perceber que os acessos a este lugar são fáceis e os transportes frequentes e por percursos diversificados. Mas a esta hora é de facto um oásis no meio de uma zona que fervilha de pessoas e de oportunidades de subsistência.

Da análise das conversas havidas, verifica-se que dos sete elementos do grupo, quatro habitam em lugares centrais da cidade e três vem de lugares periféricos. Três dos elementos residem com a família de origem e outros três habitam em arrendamentos do próprio ou partilhado com outros, sendo que apenas um elemento, do género feminino, vive na rua.

Quanto às relações familiares, apenas dois elementos consideram ter relações amistosas com a família de origem, considerando os outros não ter quaisquer relações com eles ou terem relações conflituosas ou de ruptura.

	actividades de subsistencia			Total
	Arrumo de viatura	distribuição de flayers	actividade profissional parcial	
relações familiares inexistentes	1	0	2	3
amistosas	2	0	0	2
conflituosas	0	1	0	1
de ruptura	0	1	0	1
Total	3	2	2	7

Tabela 25 - Relações familiares x actividades de subsistência

Não parece haver uma relação estatisticamente significativa entre estas relações mantidas com a família e a forma como subsistem, dando-nos a indicação de que os proventos obtidos resultam em

dois casos do exercício de uma actividade laboral ocasional e, nos outros casos, de actividades de arrumo de viaturas ou de distribuição de flayers.

### 6.5 - Alcântara (Quinta do Cabrinha)

"Desde cedo se sentiu necessidade de construir uma ponte que estabelecesse a ligação entre as margens da ribeira de Alcântara. Pensa-se que tenha sido inicialmente construída em madeira, mas foram os romanos, aquando da dominação da Península Ibérica, os primeiros a fazer a sua construção em pedra.

Durante o período de dominação muçulmana esta ponte deu o nome ao local, passando a denominar-se Alcântara (Al-kantara – significa a ponte na língua árabe). A ponte situava-se na junção das actuais ruas de Alcântara e Prior do Crato, perpendicular à linha-férrea que vai da estação de Alcântara-Terra para a estação de Alcântara-Mar. As cancelas da passagem de nível encontram-se onde estaria, aproximadamente, o vão do arco central da antiga ponte.

Os séculos XII e XIII são os séculos da cristandade, das cruzadas, das ordens militares, da fundação de dioceses, paróquias e outras instituições eclesiásticas. Algumas paróquias conservaram o nome das antigas vilas romanas, árabes ou visigóticas, como é o caso de Alcântara.

Após a conquista de Lisboa, as terras de Alcântara ficaram integradas nos Reguengos de Ribamar, que abrangiam o território compreendido entre a ribeira de Alcântara e a ribeira da Lage em Oeiras.

Em 1147 Alcântara tinha uma ocupação muito dispersa. As terras eram razoavelmente férteis, o que fez com que, desde muito cedo, fossem apropriadas pelos reis como domínio fundiário.

Em Março de 1382 entrou pelo rio Tejo a poderosa armada de D. João de Castela que, não podendo danificar a cidade devido ao cerco montado por D. Fernando, resolveu subir o rio promovendo ataques, devastações e roubos de gado. Perante tão crítica conjuntura, o rei manda substituir o fronteiro de Lisboa pelo D. António Prior do Crato.

Em meados do século XVII Alcântara parece reunir todas as condições de agrado perto de Lisboa e com acessos não muito difíceis.

A Junqueira estava na moda na primeira metade do século XVIII. São dessa época alguns palácios que a caracterizaram e continuam a caracterizar.

Devido aos estragos provocados pelo terramoto de 1755 no centro da cidade o rei e o governo vieram instalar-se nesta zona atraindo a nobreza, o funcionalismo, o pessoal do paço, o comércio que vivia de toda essa gente, os artistas e os artífices que eram chamados a construir e decorar as suas casas.

Os registos paroquiais desta época estão cheios de referências a famílias da alta e baixa nobreza, que habitavam nesta zona cujas casas hoje são habitadas por gente de camadas sociais mais modestas.

Terminado o período conturbado das invasões francesas, tanto a agricultura como a indústria encontravam-se completamente paralisadas, as destruições eram profundas. Seguiram-se as lutas liberais, que vieram a piorar o quadro de destruição já implementado. Era preciso recomeçar. A parte Ocidental de Lisboa foi a mais afectada, principalmente a zona ribeirinha compreendida entre Alcântara e Pedrouços.

Todavia, a acentuada industrialização continuava a dominar a fisionomia deste vale. Foram identificadas numerosas estamarias de pequena e média dimensão, bem como diversas manufacturas de curtumes, desde os finais de mil e setecentos até às primeiras décadas do século XIX.

A extracção de pedra para a construção e para o fabrico de cal era uma indústria que já existia há muito tempo na zona. Visto se tratar de uma região de calcários encontram-se várias referências desta actividade ligadas à construção dos seus edifícios.

Alcântara estava a industrializar-se, as fábricas de curtumes locais estavam situadas no sítio de Santana, Vila Pouca, Horta Navia, Ribeira de Alcântara e Rua da Cascalheira. As de estamaria na Quinta do Loureiro, Quinta da Várzea e Ponte de Alcântara.

Os membros da família Ratton, entre 1807 e 1824, tentaram instalar no Calvário um moinho de cereal movido a vapor (o qual não obteve sucesso), e uma fábrica de louça, entre outras que montou na sua propriedade da praia do Calvário, destaca-se em 1839 a Fábrica de Lanifícios Daupias de Pedro Daupias, neto de Jácome Ratton. Perto desta fábrica, mas em direcção a Santo Amaro instalou-se a Companhia de Fiação de Tecidos Lisbonense (1846-1855).

Em meados do século XIX fixaram-se em Alcântara algumas unidades fabris ligadas à indústria química (sabão, velas de estearina, azeite de purgueira, óleos, etc.). O sítio do Calvário que foi durante toda a época moderna uma zona de quintas, palácios e conventos converteu-se num pólo industrial bastante importante.

A área industrial a Sul do Largo do Calvário e da antiga Rua de São Joaquim adensou-se de construções, como por exemplo as instalações da Carris.

Sobre o caneiro de Alcântara já coberto, construiu-se para além do caminho-de-ferro acima referido, a estação de Alcântara-Terra e o Mercado de Alcântara inaugurado a 31 de Dezembro de 1905 na Praça General Domingos de Oliveira.

Desde 1876 que já se encontrava em grande parte urbanizada a zona delimitada pela Calçada da Tapada e Calçada de Santo Amaro a Norte, e a poente e a Sul pela Rua de Alcântara, Largo do Calvário e Rua 1º de Maio.

Os transportes públicos urbanos de passageiros em Lisboa surgem após 1860, altura em que já existiam muitas fábricas. Mesmo assim, até 1888 o custo desses transportes era muito elevado relativamente aos salários das camadas populacionais mais desfavorecidas, ou seja, a população fabril. A maioria dos operários, especialmente as mulheres e os aprendizes que morassem longe dos seus locais de trabalho não eram utilizadores dos transportes colectivos, deslocavam-se a pé ou tentavam arranjar casas nas imediações das fábricas. Foi como resposta a esta situação e a pensar especialmente na população feminina, que tinham tarefas domésticas após o dia de trabalho na fábrica, que na segunda metade do século XIX surgiram os bairros operários e os pátios. Só entre as ribeiras de Algés e de Alcântara existiam 108 pátios.

A melhoria dos transportes públicos contribuiu para o desenvolvimento do bairro de Alcântara.

No dia 2 de Abril de 1887 foi inaugurada a linha de caminho-de-ferro entre Alcântara-Terra e Sintra, recentemente reactivada. Prolongada até à estação de Alcântara-Mar, em 1891 a linha férrea teria sido construída depois das obras de aterro na praia de Alcântara, efectuadas desde 1876 conquistando mais de 500 metros ao Rio Tejo, possibilitando a instalação de mais fábricas, instalações portuárias e arruamentos.

Entre 1884 e 1886 começaram a ser urbanizados os bairros de Santo Amaro e do Calvário, este aberto em parte da Antiga Quinta da Ninfa. Aos arruamentos foram dados os nomes associados às comemorações do tricentenário de Camões.

Tão elevado número de fábricas determinou o carácter popular e operário do bairro de Alcântara, que se traduziu desde cedo num grande movimento associativo, registando-se em Alcântara uma invulgar concentração das mais variadas formas de associação operária, colectividades, cooperativas, cantinas, creches, escolas, asilos, salas de teatro, etc.

Algumas destas associações chegaram aos nossos dias, destacando-se assim o papel da “Promotora”, fundada para garantir aos adultos a instrução.

Assim, esta sociedade foi um importante centro de dinamização cultural e de propaganda dos ideais liberais e republicanos.

No entanto, o quotidiano de Alcântara não era só diversão, pelo contrário, os ritmos de trabalho nas fábricas e as condições de vida precárias da maior parte da população originavam frequentemente conflitos sociais. Das lutas do operariado de Alcântara faz parte entre outras, a greve de tipo insurreccional de Junho de 1872 e que ficou na história com o nome de “A Pavorosa”.

A EIP (Empresa Industrial Portuguesa) era a maior e mais moderna metalurgia do país até aos anos 20 e, tinha os operários mais reivindicativos, verificaram-se greves em várias ocasiões, em 1886, em 1894, sendo a que teve maior duração e impacto no ano de 1903. Esta greve (1903) começou a 7 de Dezembro como protesto contra a imposição de um encarregado geral estrangeiro. A 17 de Dezembro os grevistas eram às centenas, travando violentos confrontos com a polícia em Santo Amaro.

Durante os anos seguintes à implantação da República, Alcântara foi palco de inúmeros conflitos sociais: em Novembro de 1910 greve do pessoal dos eléctricos; em Março de 1911 greve na CUF; em 1913 conflitos em Alcântara entre operários e burgueses, dos quais resultaram 2 feridos graves; em 1916 tumultos em Alcântara devido à carestia de vida (tropa atacada a tiro e à bomba); em 1919 atentado contra Alfredo da Silva, o patrão da CUF.

...

Durante o 1º quartel do século XX deixam de exercer actividade quase todas as grandes fábricas do núcleo da Ribeira de Alcântara e Calvário ficando, unicamente, a Companhia União Fabril no Largo das Fontainhas. Na zona Sul do Largo do Calvário e Rua 1º de Maio surgiram novas actividades industriais de mão-de-obra menos intensiva como a Refinaria Colonial, posteriormente chamada do Ultramar e mais tarde Sidul, e a estação dos carros eléctricos ou a Serralharia Dargent.

O bairro de Alcântara foi-se tornando cada vez mais comercial e residencial e menos fabril. No fim da segunda guerra mundial a parte Ocidental da cidade tornou-se praticamente residencial, contudo o núcleo industrial Alcântara/Santo Amaro manteve-se.

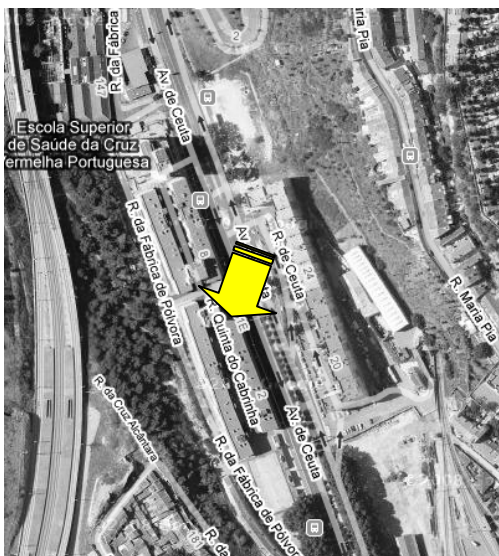
A ponte sobre o Tejo, actual Ponte 25 de Abril, foi responsável pela profunda modificação do Vale de Alcântara, provocando a demolição de uma boa parte da zona habitacional.

Actualmente Alcântara está a ser alvo de uma profunda transformação social com a realização de projectos urbanísticos."

(Retirado do site da Junta de Freguesia de Alcântara)

### 6.5.1 - O Retrato do lugar

09/10/2008 – 14h 30m



**Ilustração 9 - Quinta do Cabrinha - Vista aérea**

Quem entra na Av. De Ceuta por Alcântara, a cerca de um quilómetro do início tem à sua esquerda um bairro social, construído para realojar as populações do antigo Casal Ventoso e outras populações desalojadas pela requalificação urbana do Vale de Alcântara e constituindo parte do projecto integrado URBAN II.

Ao olhar para o bairro a partir da Av. De Ceuta apenas se vê um conjunto de prédios em banda que nada revelam. Não existe movimento de pessoas para além dos passantes. Apenas alguns decors das janelas nos indicam que ali moram pessoas. Trata-se de uma fachada que esconde a vida do pequeno bairro constituído por esta e outra banda de prédios que lhe fica por trás e que forma entre eles como que dois pátios onde se desenvolve quase toda a vida do bairro.

Virando à esquerda surge a entrada do bairro tendo logo à entrada, como que a guarda-la, uma esquadra da PSP. É, na verdade a única entrada para esse pátio enquadrado entre os prédios. Estes prédios em banda formam um lugar completamente voltado para o seu interior.

Nos Pátios, alguns carros estacionados, vendedores ocupando parte da calçada, um café e várias instituições sociais a revelarem o nível de intervenção efectuada no bairro: Projecto Alcantara, Ajuda de Mãe, Associação Crescer na Maior com um centro ocupacional, a Esquadra da PSP. Do outro lado da Avenida outras instituições. Destaca-se os "Médicos do Mundo", Um centro de formação.



**Ilustração 10 - Quinta do Cabrinha - Fachada da Av. de Ceuta**

No exterior do café, sentados nas mesas da esplanada, jovens desocupados fumam. Nos pátios, sob os candeeiros públicos de forma estranha que o ladeiam, pequenos grupos de pessoas que conversam. Crianças correm e brincam nas pedras de calçada que forram o chão.

-“Aqui não se passa nada. Não há cá problemas nenhuns” (Dr. Filipe Santos, presidente do Projecto Alkantara).

De facto tudo o que se passa ali dentro são cenas de vida doméstica e de lazer. Nas janelas e varandins dos andares voltados para o pátio, roupa a secar. O cheiro a carne grelhada e o fumo de um fogareiro a carvão indicam que alguém ainda não almoçou. Horários diferenciados, certamente.

A pintura dos prédios mantêm-se em bom estado. Contrariamente a outros bairros sociais que visitei, os espaços comuns estão limpos e não há cheiros desagradáveis na rua.

Por algumas janelas sai o som de ritmos musicais africanos a revelar as preferências ou origens dos seus locatários.

Entro no centro ocupacional. Manifesto curiosidade. O responsável não está. Um dos utentes apresenta-me o centro. Outros trabalham. O cheiro a tintas indica algumas actividades plásticas. Ambiente calmo e ordenado.

Mantenho-me depois na esplanada por algum tempo.

Uma hora depois, nada que valha o registo neste diário.

...

quatro dias depois, 22 horas.

...

Ao chegar ao bairro, ainda na Av. De Ceuta junto ao parque infantil, encontro três dos elementos do grupo que já contactei ontem quase acidentalmente no café em frente, do outro lado da avenida. Viro à esquerda e estaciono o carro no pátio e regresso a pé à Av. De Ceuta. Já chegou mais uma jovem. Alguma conversa. Interesse-me por aquele bairro onde dois deles moram. Ali não se passa nada. Os quatro elementos atravessam a avenida para o outro lado para o bairro da Av. De Ceuta Norte. É ali que tudo se vai passar em

matéria de consumos. Atravesso com eles mas espero do outro lado. Vão cumprir as suas rotinas mas dentro de pouco voltarão. A Avenida vai perdendo transito. Por detrás dos prédios do lado direito outros jovens se refugiam em estranhos movimentos e quietudes.

Faltam dez minutos para a meia-noite... ei-los que regressam. Voltamos à conversa. Marisa<sup>22</sup> queixa-se que nada conseguiu naquela tarde. Vende pequenas telas que ela própria pinta no Rossio e na Baixa Pombalina. Às vezes prostitui-se, mas só quando não consegue vender.

Pouco de pois juntam-se mais dois rapazes e uma rapariga. Chegam também do outro lado da avenida, dando a sensação de que já satisfizeram as suas necessidades de consumo... ou talvez não. Ainda não os conhecia, mas rapidamente nos intrusamos em conversas triviais.

Mais um charro e um convite para um passeio nas Docas... agradeço, mas já é tarde, para a semana voltarei.

### 6.5.2 - *Dados demográficos e etnográficos*

A Quinta do Cabrinha constitui-se como um dos projectos do Programa Urban II de Lisboa que comportou a reabilitação do Vale de Alcântara e conta, entre outros empreendimentos urbanísticos e de infra-estruturas a construção de 248 fogos recentemente concluídos. Destinada a fornecer alojamentos a custo controlado para as populações desalojadas ou de rua do Casal Ventoso, o Bairro da Quinta do Cabrinha, comporta uma concentração de respostas sociais, articuladas entre si:

APFADA ; GAS - Gabinete de Apoio Social; Ajuda de Mãe; Projecto Alcantara ; Entraajuda ; LINADEM; Ajuda de Berço e Associação Crescer na Maior são organismos que permanecem com valências abertas neste bairro, para além de um grande número de organizações de carácter social que lhe são parceiros externos e que fornecem apoios e respostas de retaguarda.

---

<sup>22</sup> Nome fictício

Do relatório de 2008 de execução do programa Urban II retira-se a listagem das principais problemáticas levantadas pelos estudos prévios e que provocaram as respostas urbanísticas e sociais deste programa:

- *população com elevada taxa de desemprego e níveis muito baixos de escolaridade;*
- *elevados níveis de abandono escolar;*
- *elevadas taxas de criminalidade e delinquência, em grande medida associadas ao problema do tráfico e consumo de estupefacientes;*
- *ambiente urbano especialmente degradado;*
- *elevados níveis de exclusão social.*

*A forma associada como estes sintomas se apresentam, definem esta zona como uma das mais problemáticas de toda a Área Metropolitana de Lisboa, fortemente estigmatizada pelo tráfico e consumo de droga, determinando o seu enquadramento no âmbito do PIC URBAN II.<sup>23</sup>*

Dotado de um largo espectro de equipamentos sociais com várias valências, já descritas nos parágrafos anteriores, a Quinta do Cabrinha aparece como um projecto voltado para dentro de si, procurando dar respostas focalizadas às problemáticas elencadas.

**Tabela 26- Inquérito à população do Bairro da Quinta do Cabrinha, dados de 1999 - Projecto Alcantara**

<b>Indicadores</b>	<b>Totais</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>
População residente	773	372	401
Jovens com menos de 20 anos	228	110	119
Pessoas com + = 20 e – 65 anos	437	213	224
Pessoas com + = 65 anos	108	49	57

<sup>23</sup> Relatório de Execução 2007 - Programa de Iniciativa Comunitária - Lisboa (Vale de Alcântara) Outubro 2008

Do quadro acima retira-se que o bairro é ocupado por uma população maioritariamente em idade activa embora *"Uma percentagem significativa da população acima dos 45 anos de idade se encontra na reforma dispondo de baixos recursos financeiros. Grande parte destes estão entregues a si próprios sem qualquer tipo de apoio*



**Ilustração 11 - Quinta do Cabrinha - Pátio Interior esquerdo**

*familiar, vivendo em situação de carência socio-económica, dependendo da Segurança Social e da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. A capitação mensal é muito diminuta, não sendo suficiente para a satisfação das necessidades básicas."*<sup>24</sup>

As características

arquitectónicas do bairro, com a sua calçada interior faz convergir para ali toda a actividade do bairro, provocando um maior controle social que conduz a sentimentos de segurança da população residente e das populações dos outros bairros envolventes. Numa primeira observação retira-se a ideia de um bairro calmo. Contudo, numa observação mais próxima e permanente, detectam-se fragilidades e comportamentos grupais no exterior do bairro envolvendo populações do próprio bairro e não só, como é o caso do grupo observado neste trabalho. A proximidade do Casal Ventoso que manifesta algum refluxo de actividade após a grande intervenção a que foi sujeito, os lugares de diversão muito próximos como as Docas e ainda a proximidade de outros bairros como os novos bairros da Av. de Ceuta Centro e Sul, acrescentados a uma zona ainda degradada na Encosta Ocidental do Vale de Alcântara, parecem trazer para esta zona algumas actividades marginais muito ligadas ao consumo e tráfico de Drogas ilícitas, e que nos dão a noção de que o controle social exercido no interior do bairro, não se verifica nas suas imediações muito próximas, verificando-se mesmo uma aparente tensão entre o bairro e o exterior.

<sup>24</sup> ibidem

### 6.5.3 - Sociabilidades - O Grupo, as relações intergrupais e com o lugar

Tomei contacto com os primeiros elementos deste grupo quase acidentalmente. Depois de alguns dias de observação deste lugar, procurando sobretudo a existência de grupos que se formassem a partir do próprio bairro, verifiquei que, embora fosse notória a existência de indivíduos com hábitos de consumos, nenhum dos conjuntos de elementos aparentavam constituir-se como grupo, no âmbito do conceito de grupo assumido para este trabalho.

Foi após uma tarde de permanência no bairro, visitando as instituições ali sediadas, que, deslocando-me para regressar ao carro, encontrei três jovens junto ao parque infantil, dois rapazes e uma rapariga que charrava agachada junto ao murete. Naturalmente aproximei-me e perguntei se precisavam de ajuda. Embora não me dedicassem muita atenção lá fui percebendo que a Marisa<sup>25</sup> tinha tropeçado e denotava uma expressão de dor ao mesmo tempo que friccionava o tornozelo. Pedi licença, palpei-lhe o tornozelo e verifiquei que ao roda-lo levemente lhe causei um grito e uma expressão de dor intensa. Sugeri que o melhor era deslocar-se ao hospital para tratar do pé. Inicialmente negou, mas as dores e o apoio que me deram os seus dois companheiros, levaram-na a aceitar a sugestão, tanto mais que me prontifiquei a leva-los de carro até ao Hospital Egas Moniz, o mais próximo do sítio onde estávamos.

Com ajuda dos companheiros, lá fomos até ao carro, e depois de entrarmos no hospital, a Marisa foi encaminhada para as urgências, ficando eu cá fora com o Caló e o Octávio. O tempo foi longo, e assim era preciso falar de qualquer coisa. Por diversas vezes insistiram em que me fosse embora, que já não era preciso, que depois "se viravam", etc...

Nesse momento, não tinha ainda a noção de que poderia estar ali uma parte de um grupo a estudar.

Contudo, algumas não respostas e outras tantas hesitações deixaram-me algumas dúvidas. Octávio começava a ficar demasiado inquieto

Cerca de duas horas depois, cerca das 9h e 30m, a Marisa saiu, com o pé ligado e menos queixosa. Tinha apenas feito um entorse, e levava a recomendação de não esforçar o pé e por gelo com frequência. Ofereci-me para a levar a casa, que pensava ser perto da

---

<sup>25</sup> nome fictício

zona onde os encontrara. À minha proposta percebi uma reacção da Marisa e um olhar para os colegas.

- *É longe, eu fico ali no bairro. O Octávio ajuda-me... ele mora lá.*

- *Não queres ao menos telefonar para os teus pais?*

- *Não! não... Negou fortemente e voltou a olhar...*

Pareceu-me perceber, e arrisquei:

- *Não vives com eles...*

- *Não.*

Não fiz mais perguntas. Para já seria mais prudente concordar com eles.

- *Temos que ir à farmácia. (apontei para a receita que tinha na mão)*

*Deixa ver. Agarrei no papel e li :*

- *Voltaren Gel.*

- *Eu tenho isso em casa. E gelo também. Podemos ir lá.*

- *É Longe?*

- *É na quinta. (Octávio)*

Sem mais perguntas levei-os lá. Marisa foi no banco de traz apoiada pelo Octávio e grande atenção do Caló que se voltava frequentemente para traz. Entrei no bairro da Quinta do Cabrinha.

- *É aqui, disse-me o Octávio.*

Saíram. Perguntei se não precisavam de ajuda. Negaram, mas Caló estendeu-me a mão aberta em palma. Bati-lhe levemente na mão. Agradeceu.

- *Você foi fixe. Obrigado.*

Afastaram-se. Marisa apoiava-se num ombro de cada um.

No dia seguinte andei por ali à mesma horta mas não os vi. Voltei outra vez dois dias depois. Lá estavam eles e mais um outro. Fingi o encontro e a surpresa. Apontei para a Marisa de muletas.

- *E então?...*

- *Já tá bem. (levantou as muletas coma a comprovar o que dissera.*

*Sorriu.*

- *Noutro dia nem agradeçi...*

- *Deixa. Não era preciso...*

- *Você mora aqui?*

-*Não. Ando a fazer uns trabalhos para a universidade.*

- *Você é professor?*

- *Não. Estou a estudar.*

Olharam-me com alguma estranheza. Provavelmente a minha barba branca...

Contei-lhes uma parte da verdade. Ficaram um pouco curiosos e por diversas vezes se olharam. Seguramente o meu objecto de estudo dizia-lhes alguma coisa.

Sugeri que me ajudassem. Para surpresa minha anuíram alegremente.

-*Volta amanhã.*

- *Amanhã não posso. Vou para casa, em Leiria. Pode ser na terça?*

- *Pode.*

Despedi-me.

	idade			Total
	19 a 21	22 a 25	26 a 30	
Genero Masculino	1	4	1	6
Feminino	1	1	0	2
Total	2	5	1	8

**Tabela 27 - Género x idade**

Foi nos encontros seguintes que conheci o resto do grupo e que percebi que aquele era de facto um grupo que podia incorporar o meu estudo. Disse-lhes isso mesmo, e concordaram. Faziam imensas perguntas sobre as coisas que eu apontava e sobre outras coisas que eu já tinha visto.

Marisa é a mais nova do grupo. Tem 19 anos, mas é o cérebro do grupo. Todos lhe pedem opinião e nos momentos mais delicados esperam que ela estabeleça as estratégias necessárias. Inteligente e viva tem um raciocínio rápido e operativo, talvez construído nas necessidades de sobrevivência que experimentou desde os 15 anos a viver na rua. Considera não ter nem ter tido pais, já que estes "puseram tudo à frente dela", drogas, raves, motas, sempre em viagem. É filha única, tanto quanto sabe. Não vê, nem sabe (nem quer saber) nada dos pais desde pouco depois da sua fuga de casa.

Foi sempre muito apoiada pelo Octávio, seu amigo referencial, "como seu irmão". Vive com uma idosa no Bairro Alto, de quem cuida de manhã, a troco da estadia. O seu canto é um pequeno quarto de porteira anexo à casa da idosa a quem chama tia. Faz-lhe as compras, trata dos seus assuntos e ganha algum dinheiro limpando as escadas do condomínio onde vive. À tarde pinta e vende pequenas telas a óleo que vende na Rua

Augusta, às vezes também na Praça de Espanha. Em épocas de crise, "noutros tempos" já se prostituiu.

O grupo protege-a bastante e, para além do Octávio que está sempre com ela, o Caló parece não conseguir esconder os seus afectos pela Marisa. Também o Tó Mané, que aparece no grupo com menos regularidade parece só o incorporar para estar perto dela. Começou a consumir Axe aos 16 anos e aos 17 anos passou a consumir heroína mas só fumada. Declara-se incapaz de se "picar".

O Octávio, o amigo preferencial da Marisa, tem 20 anos. Vive ali mesmo na Quinta do Cabrinha. Já viveu com os pais e seis irmãos numa velha casa degradada no Casal

Ventoso, mas depois, após a separação dos pais, ficou a viver só com a mãe e um irmão mais novo e conseguiram uma casa ali no bairro. Também consome heroína fumada desde os 18 anos. De vez em quando trabalha como carregador junto ao

		lugar de habitação				Total
		mesmo lugar ou vizinho	outros lugares centrais da cidade	lugares periféricos da cidade	concelhos periféricos	
tipo de habitação	habita com os pais	2	0	0	1	3
	habitação própria	0	0	1	1	2
	habitação arrendada	1	1	0	0	2
	sem abrigo	1	0	0	0	1
Total		4	1	1	2	8

Tabela 28 - Tipo de habitação x lugar de habitação

Campo das Cebolas. Outras vezes arruma carros perto de Santa Apolónia.

A Vanessa tem 22 anos. Morava com os avós nos Olivais onde também vive um tio solteiro. Passava pouco tempo em casa "porque o tio a chateava" e os avós tem muita idade e "não a percebem". Um dia saiu de casa. Passou a viver na rua e nunca mais lá voltou. De facto está no grupo porque namora com o Vando. Consome ocasionalmente, normalmente em partilha com o namorado. É muito reservada, não se conhecem actividades de subsistência. Já trabalhou num supermercado desta zona. Cumpriu um contrato de um ano e diz esperar que a voltem a chamar. Entretanto não parece preocupada pelo desemprego. Tem uma casa que era dos pais já falecidos e que está alugada. Mas nunca entendi quem recebe esta renda que é dela por direito, já que é filha única. Nunca opina sobre as actividades do grupo, limitando-se a acompanhar o Bando.

O Vando tem 23 anos. é consumidor de cannabis que fuma uns atrás dos outros. Parece apenas aceitar a companhia da Vanessa, mais do que assumir o namoro. No entanto

é cuidadoso com ela. Trabalha como estafeta e contínuo numa empresa de marketing na Baixa Pombalina. Tem uma boa relação com os restantes elementos do grupo e é solicitado por estes frequentemente devido a uma particular habilidade manual e uma capacidade inventiva "para tudo". Habita no próprio bairro e foi mais um dos casos de realojamento consequente da intervenção no Casal Ventoso.

O Tó Mané aparece mais esporadicamente mas é sempre bem recebido pelo grupo. Aparece quase sempre com o Zé Carlos. O primeiro com 22 anos e o segundo com 25, são inseparáveis. Ambos consomem heroína de forma injectada, embora o Zé Carlos necessite dela mais frequentemente.

O Tó tem sempre dinheiro que talvez provenha da sua actividade de fotógrafo freelancer que ocasionalmente desempenha em festas e acontecimentos públicos e sociais. Mostra com orgulho duas fotos suas seleccionadas para capas de jornais nacionais. Mostra-me um ou outro trabalho durante a minha permanência no grupo, sobretudo depois de ter descoberto a minha própria paixão pela fotografia. Parece ter qualidade, mas não se dedica à actividade com a persistência que ela necessita. Em muitas actividades desta arte o Zé Carlos acompanha-o como ajudante.

Parece notória a sua atenção pela Marisa denotando afectos que parece ter retraimento em falar. Por vezes disfarça-os falando da fotogenia da "gaiata". É seguramente um bom relações públicas. Conhece muita gente e o grupo serve-se dele para algumas tarefas burocráticas mais complicadas.

O Wilson é um elemento assíduo e algo estranho tem 26 anos e é o mais velho do grupo. Não esconde a sua dependência da cocaína e assume também que "às vezes" trafica para consumir. Contudo nunca o faz dentro do grupo para *"não confundir as coisas. Estes são os amigos"*. Vive junto ao Bairro 6 de Maio, *sozinho*, diz sorrindo, *mas muito bem acompanhado*. Desloca-se num velho Golf azul, provavelmente usado também nas suas "actividades". É, aliás, o único que tem carro, o que às vezes também dá jeito ao grupo.

Finalmente, o Edgar tem 24 anos. Consumidor de heroína e cocaína, apresenta-se muito degradado e permanentemente doente. É seropositivo, confidenciou. Mas ainda não tem Sida. É muito ajudado pela Vanessa e pelo Vando, por quem nutre também especiais afectos. Vive ali perto, no Calvário. Está com outro indivíduo também seropositivo numas pequenas águas-furtadas que já vem da mãe desse amigo.

A sua ligação com os outros elementos apresenta-se como uma relação que, à primeira vista, surge estranha num mundo como o deste grupo. Contudo, após alguns dias

de convívio e observação, verifica-se que, no interior do grupo as relações passam muito por esta necessidade comum: Cuidar dos outros, para que cuidem de nós.

De facto as relações interpessoais pautam-se por regras que conjugam as da vizinhança com as familiares. Como se se tratassem de parentes com alguma proximidade, os componentes do grupo parecem sentir nele uma protecção para os momentos da vida em que mais falta tem dela. São sentimentos que parecem oferecer segurança quando estão juntos. Mas são também verdadeiros *afectos familiares* de quem parece não os ter relativamente à sua própria família. Ou talvez disfarcem.

- *Gostava de brincar com os meus irmãos mais novos. Fingia-mos que tínhamos um barco à vela e passeávamos pelo mundo, por causa dos turistas, conhecemos muitos, todos cheios de bago...*

- *E o outro irmão?*

- *era muito mais velho fazia a sua vida com as gajas ... ia com o cota a elas, sempre... nunca mais soube nada dele. Cagou para nós.... por causa do filhinho até a minha velha ficou doente. Chorava, e isso...*

- *E os irmãos que tu gostavas? Onde estão?*

- *Sei lá! A Carla ficou com um gajo da tropa, já tem 2 filhos, engordou que nem uma porca, anda sempre com os putos de volta dela, o marido dá-lhe nos cornos, mas parece que ela gosta. inda por cima ele anda com uma cabra qualquer.... Um dia disse-lhe que ela basasse mas ela é burra, gosta de levar... que leve.*

- *E os outros?*

- *Nã sei... nunca mais os vi*

- *Nunca mais lá foste?*

- *Quando quiser vou, mas não quero. Não dá. Eles pensam que eu trabalho numa padaria...*

- *Não queres falar da tua vida com eles? pelo menos com os teus irmãos?*

- *Nã, eles também nã querem saber de mim. Se pudesse gostava de estar com os velhos (avós), mas o meu tio está lá... desses eu curto, mas nã dá.*

- *Eles sabem onde estás?*

- *Acho que sim, não sei...um dia quando eu ganhar boa guita vou buscalos... deixava lá o gajo (tio) e vinha com eles...*

(Vanessa)

	relações dentro do grupo				Total
	afectivas	dependencia e sobrevivencia	amorosas	liderança	
Genero Masculino	3	1	0	2	6
Feminino	1	0	1	0	2
Total	4	1	1	2	8

Tabela 30 - Género x relações interpessoais

No interior do grupo as relações são, ou parecem ser tranquilas e, se excluirmos as de namoro e as que aspiram a tal, as restantes relações entre os elementos do grupo centram-se na entreaajuda e nalgumas cumplicidades sobretudo em

matéria de consumos. De resto, como já disse, confundem-se frequentemente com relações

de tipo familiar como as que presenciei no episódio do tornozelo da Marisa e do apoio que se lhe seguiu, sobretudo do Caló e do Octávio.

	relações com residentes		Total
	nenhuma	tranquilas	
Genero Masculino	3	3	6
Feminino	0	2	2
Total	3	5	8

Tabela 29 - Género x Relação com os residentes

Já com outros grupos parece não haver relações

muito definidas. É verdade que de quando em quando se cruzam ali com outros grupos conhecidos mas não parecem haver entrerelações com eles para além da aceitação simples da sua existência.

Outra coisa são as relações que o grupo mantém com a população residente e que se situa a dois níveis: Com os residentes da Quinta do Cabrinha e com os residentes dos outros dois bairros da Av. de Ceuta.

No primeiro caso, parece existir como que um compromisso com o bairro de não exercerem as suas actividades ali no bairro. Talvez pelo controle social que parece começar a instalar-se no bairro, ou devido à presença de tantas instituições ali sediadas. Nalguns casos parece mesmo verificar-se a existência de relações muito próximas com alguns residentes, sobretudo por parte dos membros do grupo que ali residem, como o Vando, o Caló e o Octávio. Principalmente o Vando mantém relações de grande cordialidade com muitos residentes. Talvez pelos seus reduzidos consumos e apenas de haxixe, continua a ser para alguns o bom menino que viram crescer.

Já com outros residentes dos bairros vizinhos, o grupo parece não estar interessado em grandes contactos, talvez porque é nesses bairros que alguns se abastecem e consomem. Ainda assim, alguns, como o Vando, talvez dos mais conhecidos do grupo, consegue reunir do outro lado da Avenida alguma aceitação. Para no café muitas vezes à espera dos outros, ou aguarda nele que os seus amigos regressem das suas "viagens". Do outro lado, no seu próprio bairro, é visto com algum carinho. Ali, no café, recolhe apenas pena. Mas ainda assim estabelece relações de proximidade com alguns, como o próprio

dono ( ou encarregado) do café. (ver episódio descrito no capítulo 4.3)

	actividades de subsistencia					Total
	Arrumo de viatura	rendimentos patrimoniais	actividade profissional parcial	actividade profissional a tempo inteiro	venda de artesanato ou artes	
Genero Masculino	1	0	4	1	0	6
Feminino	0	1	0	0	1	2
Total	1	1	4	1	1	8

Tabela 31 - Género x Actividade de subsistência

No que se refere à subsistência dos elementos do grupo, quatro subsistem de actividades profissionais ocasionais e um a tempo

inteiro. Quanto aos restantes a procura de subsistências divide-se entre o arrumo de viaturas (1), rendimentos patrimoniais (1), e venda de artesanato (1), não se verificando nenhum caso de prostituição nem de actividades delituosas.

## 6.6 - Freguesia do Santo Condestável - (Rua Maria Pia e Rua dos Prazeres)

"Criada a 7 de Fevereiro de 1959, a partir de território desmembrado da freguesia de Santa Isabel, os limites territoriais da Freguesia do Santo Condestável vão desde o Viaduto Duarte Pacheco à Estrela, aos Prazeres, a Campolide e ao vale de Alcântara.

Dentro desses limites ficam ainda os bairros do Casal Ventoso, Sete Moinhos e Campo de Ourique.

Desde 1934 que existia a paróquia do mesmo nome, criada pelo Cardeal Cerejeira, provisoriamente instalada a igreja de Nossa Senhora das Dores. A construção da Igreja de Santo Condestável começou em 1946, sendo o templo sagrado em 14 de Agosto de 1951.

Nessa ocasião foi realizado um aparatoso cortejo desde o Convento do Carmo para transporte da urna com as relíquias de Nuno Álvares Pereira, beatificado em 1918.

Foi neste Bairro que começou o movimento revolucionário de 5 de Outubro de 1910, de implantação da República.

Uma das ruas mais conhecidas é a Ferreira Borges, arborizada a fazer lembrar uma avenida. Aí, o edifício cor-de-rosa, cuja parede lateral se prolonga, pertence ao Quartel (que foi do Regimento dos Sapadores do Caminho-de-Ferro), muito modificado na sua traça original, fulcro do bairro, e a partir do qual se traçou o reticulado geométrico das ruas, bem planificadas.

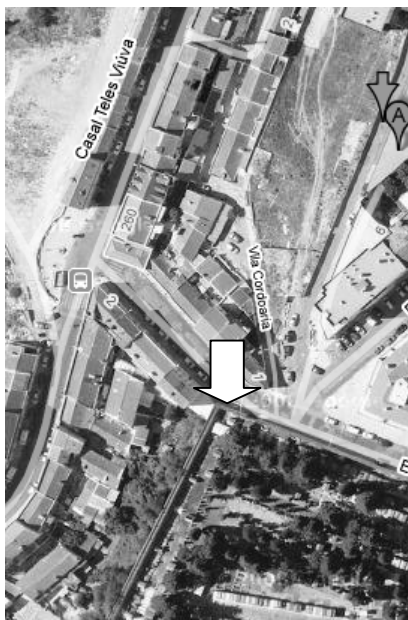
Durante a II Guerra Mundial, Campo de Ourique serviu de refúgio a muitos judeus e, mais tarde, em 1958 foi vivida com afã a campanha eleitoral de Humberto Delgado. De 1969 a 1973 a força da oposição centrava-se na freguesia, onde ficava a sede da CDE (Comissão Democrática Eleitoral).

Importantes foram também os cafés e os encontros de tertúlias que neles se realizaram – “Café Latino”, “A Tentadora”, “Ruacaná”, “O Canas”. Por outro lado aqui se sediaram movimentos patrióticos e republicanos, além de muitos nomes ligados à cultura e política portuguesa aqui terem morado ou participado em actos de relevo.

O nº 16 da Rua Coelho da Rocha acolheu Fernando Pessoa (o edifício foi remodelado e é hoje um espaço cultural); na Rua Almeida e Sousa habitou o matemático e democrata Bento Jesus Caraça" ( Retirado do site da Junta de freguesia do Santo Condestável).

## 6.6.1 - O retrato do lugar

11/08/08 - 11horas



**Ilustração 12 - Rua Maria Pia -  
Meia Laranja - Vista aérea**

Subi a Rua Maria Pia de taxi até sensivelmente a meio, um pouco acima da encosta do Casal Ventoso.. Tinha notícia de que, num sítio vulgarmente designado por Meia Laranja, na confluência da R. Maria Pia com a Rua dos Prazeres, acontecia regularmente uma grande concentração de consumidores, a qualquer hora do dia, mas com maior relevância à noite.

Ao chegar ao Local procurei um ponto de observação. Do lado esquerdo da rua existe um pequeno largo com um muro que serve de miradouro sobre a encosta que separa esta via da Av. De Ceuta, uns cinquenta ou mesmo sessenta metros mais abaixo. É uma encosta em obras que tem a meio uma parte do velho

Casal Ventoso.

No passeio em frente à paragem do autocarro, várias pessoas permanecem em conversa à porta de um café de bairro com um toldo velho e deteriorado onde se pode ler : Café Vamos ao Artur. Assim mesmo . A rua, muito movimentada, é de passeios estreitos, com as fachadas dos prédios, quase todos velhos, mesmo na borda do pequeno passeio. Por baixo, no piso térreo, quase só estabelecimentos comerciais e entradas dos prédios. Vamos ao Artur", o Meia Laranja e um outro café mais acima que não tem nome à porta, parecem ser os sítios mais movimentados da zona. Na Rua dos Prazeres, logo no início da subida, um outro café restaurante.



**Ilustração 13 - Rua Maria Pia - Meia-  
Laranja**

Nos andares superiores a rua aparenta estar ocupada com residências, a julgar pelas decorações de algumas janelas e das roupas penduradas em alguns varandins.

Depois de estar um pouco a observar, do lado do miradouro, decido atravessar a rua e entrar no Vamos ao Artur. Tem duas portas. Na primeira um grande cão preto e com ar sonolento, barra a passagem. Não arrisco. Procuro a porta a seguir. Uma mulher com cerca de 35 anos, mini-saia muito curta mostrando umas pernas tatuadas onde assenta um corpo grande e vestido de forma ousada, diria mesmo provocadora. Entre o cão e a mulher, optei por esta ultima. Pedi licença, encolhi-me de lado e entrei. Lá dentro um espaço relativamente pequeno com um balcão por traz do qual se movimenta um indivíduo de olhar taciturno. Sem sorrir, pergunta "o que vai ser". Peço uma água, que eu próprio levo para uma mesa, perto da porta, cujo tampo acusa já muitas marcas. Dali vejo a rua. Apesar da hora, aparentemente já ali se processam trocas estranhas. Mesmo à porta do café, duas mãos fechadas trocam rapidamente de objectos. Um parte, o outro fica.

São pessoas aparentemente desocupadas as que se agrupam na porta dos cafés. Olhares estranhos, estranhas sinaléticas. Como medisse o taxista que me trouxe, aquele lugar parece só ter aquela ocupação.

Dentro do café, a mulher das pernas tatuadas aproxima-se de um cliente que ao balcão bebe uma cerveja. Encosta-se a ele e faz-lhe festas na cabeça. Inicia um jogo de sedução que não parece colher muitos frutos. Parece irritado. Volta a cabeça para o lado...

- Já te disse...



**Ilustração 14 - Rua Maria Pia**

Mas não disse mais nada. A Mulher larga-o e vai de novo para a porta. Está mais agitada. A mão treme-lhe quando leva o cigarro à boca. De vez em quando olha de lado para mim... tal como outros clientes. Decididamente devo parecer uma figura estranha naquele lugar.

Do outro lado da rua, para um autocarro. Descem quatro pessoas, sobem duas. Das que descem, três figuras masculinas ainda jovens atravessam rapidamente a rua, abordam o individuo que já anteriormente observara. As mesmas trocas rápidas, a mesma discrição, depois atravessam a rua e sentam-se na paragem. Olham insistentemente para o fim da rua à espera. Quando o autocarro chega, sobem e partem...

Saio do café e devagar subo a rua. Depois do largo a rua tem movimentos diferentes embora seja igualmente ocupada por pequenos prédios que chegam à rua. Nas janelas, a mesma imagem : Roupas estendidas nos varais, Uma mulher velha que apoia os cotovelos

na janela e o rosto entre as mãos. Fuma um cigarro e parece alheia à paisagem estranha da sua rua.

À medida que subo a rua, a paisagem vai parecendo mais tranquila, mais comércio de bairro, mais pessoas idosas, mais cenas da vida quotidiana de qualquer lugar de uma cidade grande.

Volto a descer a rua, aproveito para tirar discretamente uma fotografia da Meia-Laranja. Ao chegar lá viro à esquerda e subo a Rua dos Prazeres. Uma paisagem diferente, à medida que se sobe. Logo no início Um outro café, muito próximo daquele em que estive. Uma clientela diferente. Idosos, talvez também consumidores, mas de álcool. Um pouco acima, no Casal Evaristo Baixo, Numa travessa sem nome à esquerda da Rua dos Prazeres, um grupo de quatro pessoas refugia-se ao fundo de um terreno vazio à minha esquerda. Sentados numa laje parecem ao primeiro olhar um grupo que conversa. Mas os movimentos que fazem rapidamente nos revelam que estão a consumir. Talvez ali esteja um grupo que me interessará.

Volto à Rua Maria Pia, faço sinal a um táxi e parto dali. Aquele será um lugar difícil e que me deixa um sentimento de lugar perigoso para abordar à noite. Voltarei outra vez, mais tarde, mas de dia.

...

Mesmo dia, 17 horas

Cheguei como da primeira vez. De táxi. Mas desta vez pedi ao motorista que me deixasse na Rua dos Prazeres, para não chamar a atenção. Ao passar reparei que nada mudara: Grupos em frente aos cafés, A mesma mulher e o mesmo cão no "vamos ao Artur".

Desci na Rua dos Prazeres, perto do sítio onde de manhã vira o pequeno grupo. Como era de esperar, aqueles não estavam lá, mas o lugar estava ocupado por dois jovens. Passeie por alguns minutos no Casal Evaristo Baixo, na rua sem nome, disfarçadamente observando os dois. Sem dúvida que tinham vindo ali consumir. E também sem dúvida que são namorados... Quando descí a rua dos Prazeres, os dois passaram por mim, penso que sem me verem, porque os seus olhos se fitavam mutuamente e as suas bocas se colavam constantemente. São novos, talvez 18 ela e ele 20. Rua abaixo, distanciaram-se. Já na Rua Maria Pia apanharam um táxi.

Voltei a subir fui mais acima na Rua dos Prazeres, até ao fundo do Cemitério. Depois voltei atrás e fui outra vez ao terreno vazio. Agora já não estava lá ninguém.

Voltei à Rua Maria Pia e permaneci um pouco no miradouro que dá para a encosta do Casal Ventoso... Parece que o fado daquele lugar ainda não acabou. Decididamente aquele lugar confunde-me e tento pensar numa estratégia para a investigação. Talvez outro dia...

### 6.6.2 - Alguns dados demográficos

Com 17 553 habitantes (2001). E uma densidade: 17 362,0 hab/km<sup>2</sup>, a freguesia foi criada em 1959, por desmembramento da de Santa Isabel. Tem uma população maioritariamente activa (idades compreendidas entre os dezoito e setenta anos),

Nas conclusões do estudo do IST<sup>26</sup>, pode ler-se:

- *A freguesia em estudo é sobretudo residencial*
- *É habitada por pessoas de baixa classe social, sobretudo idosos reformados*
- *O nível de rendimento dos seus habitantes é baixo e, na maior parte dos casos, proveniente de pensões de reforma*
- *Em média, os agregados familiares são constituídos por cerca de 2,3 pessoas, sendo que, apesar disso, encontramos muitas pessoas que vivem sozinhas*
- *A maior parte dos habitantes é solteira ou casada com registo*
- *A maioria dos habitantes apenas completou o ensino básico, mas quase todos sabem ler e escrever (Instituto Superior Técnico 2006)*

---

<sup>26</sup> Instituto Superior Técnico - Caracterização Sócio-Económica da Freguesia de Santo Condestável Subsecção 11063504802 - Ana Mestre 54720 - Djamilo Cravid 51660 - Luísa Videira 54746 - Júlio Luta 51705 - Tiago Batista 51274 - Dezembro 2006

Do RELATÓRIO FINAL DO DIAGNÓSTICO DO TERRITÓRIO: - Freguesias de Alcântara e Santo Condestável - IDT<sup>27</sup>, podemos retirar uma síntese das principais problemáticas identificadas naquele eixo:

- Toxicodependência e alcoolismo
- Na freguesia de Santo Condestável a situação de toxicodependência e alcoolismo assume dimensões significativas na Rua Maria Pia e Meia Laranja.
- Actividades marginais ligadas ao tráfico de drogas / delinquência
- Em Santo Condestável, assumem maiores proporções no Bairro da Quinta do Loureiro (em frente a um café), na Rua Maria Pia e Meia-Laranja e ruas envolventes (Rua da Costa, Rua do Arco do Carvalhão e Rua dos Sete Moinhos).
- Existência de crianças / jovens “desprotegidos” em meio familiar de risco
- Relativamente à freguesia de Santo Condestável há uma prevalência elevada de jovens sinalizados, na faixa etária entre os 14 e os 17 anos (residentes na zona da Meia-Laranja ou bairros sociais envolventes).
- Insucesso, absentismo e abandono escolar a partir do 2º Ciclo do Ensino Básico
- A escola referenciada pelas várias entidades como a mais problemática a este nível é a Escola E.B. 2,3 Manuel da Maia (lecciona o 2 e 3º ciclos) que se encontra inserida muito próximo de uma zona de tráfico e consumo de drogas intenso - Rua Maria Pia e Meia Laranja
- Elevado número de famílias monoparentais e de famílias nucleares extensas<sup>28</sup>; desemprego de longa duração e emprego precário; famílias subsídio dependentes; famílias com situações de doença psiquiátrica; violência doméstica; habitações sociais e relações de vizinhança difíceis
- Idosos isolados essencialmente na baixa de Alcântara e em Santo Condestável nos bairros de Campolide e Campo de Ourique.
- Habitações degradadas e/ou sobrelotadas
- Em Santo Condestável os edifícios degradados concentram-se na Rua Maria Pia e envolventes.

---

<sup>27</sup> Instituto da Droga e da Toxicodependência - PORI (Plano Operacional de Respostas Integradas) - RELATÓRIO FINAL DO DIAGNÓSTICO DO TERRITÓRIO: EIXO ALCÂNTARA-SANTO CONDESTÁVEL Freguesias de Alcântara e Santo Condestável (2009)

<sup>28</sup> Frequentemente com funcionamento “emaranhado”.

### 6.6.3 - Pela Primeira vez, um guia

Foram muitas as tentativas para observar um grupo neste lugar, e embora tenha detectado pelo menos quatro grupos com as características pretendidas, não me foi possível abordar, ou sequer aproximar-me mais de nenhum deles, usando as metodologias aqui definidas.

O contacto com o grupo viria assim a ocorrer com recurso a um "guia". Contudo, a abordagem a este elemento foi também feita de forma semelhante aos restantes grupos estudados.

Conheci o Manuel, no café onde fiz as primeiras observações, e que se constitui na minha "*plataforma espacial inicial*"<sup>29</sup>. Já o tinha notado outras vezes, mas nada me indicara que poderia ser um elemento tão decisivo para a minha pesquisa neste lugar. Tem 23 anos e diz-se um "faz-tudo". É de estatura pequena, abaixo da média, tem um cabelo eriçado natural de cor muito negra. No princípio pareceu-me ser descendente mestiço de branco e negro, talvez jamaicano, até porque usa quase sempre camisas ou camisolas muito coloridas e sempre ornamentado com colares, às vezes compostos por elementos estranhos como búzios e ossos. No rosto, sempre com ar de brincalhão, ostenta uma tatuagem de ave estilizada na fronte esquerda e vários piercings nas orelhas e no lábio inferior. Nos braços, outras tatuagens, uma delas em escrita chinesa. Um ornamento que chamava a atenção é que anda sempre com um bolsa de cabedal para ferramentas, à cintura. Faz parte da sua identidade naquele bairro.

É bem conhecido dos clientes que o tratam familiarmente. A sua habilidade manual leva a que seja abordado por vários para ir "lá a casa arranjar um interruptor" ou outras coisas. Faz alarde disso. Diz que tudo tem arranjo e "não há nada que não possa arranjar".

Talvez tenha sido esta uma característica que me prendeu a atenção inicialmente, por analogia com algumas capacidades manuais que também eu possuo.

Foi num fim de tarde que, estando sentado perto de mim, no café, um homem com alguma idade avançada lhe entregou um candeeiro de mesa que supostamente não

---

<sup>29</sup> Expressão usada em Fernandes, L. Neves, T. e Chaves, M. - "*Investigação etnográfica em territórios psicotrópicos: notas de terreno e comentário*", in Educação, Sociedade & Culturas, nº 16.

funcionava. Iniciou logo ali a tentativa de conserto, com recurso a uma pequena chave de fendas que retirou da tal bolsa. Desmontou e voltou a montar a ficha.

- ...deve ser do casquilho. Se calhar tens que comprar um novo... é barato.

Desenroscou a lâmpada e depois o casquilho. Olhou, desapertou os fios e voltou a monta-los. Parecia tudo bem.

- Só pode ser a lâmpada... o resto está bom.

- Isso pensei eu, mas fui compra-la à bocado, mas também não dava.

Do lugar em que estava, pareceu-me que o fio tinha uma mancha pequena no meio. Atrevi-me a intervir:

- E o fio? ... pode estar partido...

Manuel olhou para mim com ar de crítica.

-Ná...

Ainda assim, correu o fio pelos dedos.

-He! Pá.... Se calhar acertaste... está partido está, mas é só lá dentro.

O plástico está bom...

-As vezes acontece (disse baixinho).

Voltou-se para o cliente e disse que tinha fio em casa e que à noite lhe trazia o candeeiro.

-Mas pagas a bejeca na mesma...

-Ok. Respondeu o cliente.

-Até devias pagar duas, uma para mim e outra para ele. (apontou para mim)

-Não vale a pena (disse)... eu não posso beber...foi o médico. Mas também não fui eu que arranjei...

Despedi-me com um aceno aos dois e saí.

No dia seguinte estava lá à mesma hora e, como esperava encontrei o Manuel. Agora tinha um motivo para falar com ele:

- Oi! Então o candeeiro funcionou?

- Na Maior..

-Tens jeito para estas coisas.

- Não há nada que não arranje. Gosto disto... de experimentar.

Estranhamente estendeu-me a mão. Apertei-lha e sentei-me na mesa ao lado.

-Podes sentar-te aqui, meu...não tem bicho.

-OK.

Mudei de lugar e tentei começar a conversa, mas foi ele que se antecipou.

-És novo...

Sorri e afaguei as barbas brancas...

-Não! aqui.

- Ah! Só cá venho há pouco tempo...

- Nota-se, não estás na boa, meu... és estranho. Nem parece que metes...

Lembrei-me das reflexões de Luís Fernandes sobre a necessidade, ou não, de criarmos identidades parecidas com aqueles que vamos observar em trabalhos deste tipo. Sempre me decidi por assumir o meu próprio papel, embora, por vezes use vocabulário apropriado ao lugar ou vista de forma menos "estranha". Decidi ali fazer o mesmo.

- E não meto. Mas isso não quer dizer que isso não me interesse. Observo. Dou-me conta de um olhar de repente desconfiado e um olhar ao redor.

- Está descansado, não sou da bófia. Apenas estudo pessoas... como tu.

- Para quê?

- Escrevo livros, e para isso tenho que me informar.

- Livros de quê? Histórias?

- Não, não tenho jeito... livros sobre a vida das pessoas... Mas aqui estou a estudar para um trabalho na universidade.

-Ainda andas a estudar? (olhou para o meu cabelo)

Finalmente alguém que não pensa que sou professor.

Expliquei-lhe os meus interesses, sem mentir, mas de forma simples.

Disse-lhe depois que ali não estava a conseguir encontrar um grupo para conversar.

- Acho que vou desistir.

- Pois...pois, aqui não é fácil. A malta vem e vai. Normalmente não para aqui. Aqui não consegues. E o que é que tu queres saber deles?

Expliquei-lhe alguns interesses nessas conversas.

- Isso é bacano. Podemos falar, se quiseres,... de vez em quando...

- É só com grupos, voltei a esclarecer. Tu costumavas andar com algum grupo certo? Se me ajudares posso pagar-te... mas não é muito.

- Pois...

Depois de quase uma hora fizemos negócio, e combinamos encontrarmo-nos ali às 17h e 30 minutos do dia seguinte.

Despedi-me e caminhei pela rua acima. Um pouco depois apanhei um táxi e parti. No caminho, ia a pensar na possibilidade de ter ferido alguma norma ética.

#### 6.6.4 - Sociabilidades - O Grupo, as relações intergrupais e com o lugar

21/10/08, 17h 30m.

Cheguei pontual ao encontro. O Manuel não estava lá. Pedi um café que levantei ao balcão, Sentei-me, e esperei. Meia hora depois o Manuel não tinha chegado. Dispuse-me a ir embora. Os olhares sobre mim eram muitos e não me sentia confortável. Paguei e... o Manuel chegou.

Sentamo-nos, ele pediu um café também. Pediu desculpa pelo atraso (nada mau). Disse que teve que ir falar com uns amigos. Percebi depois que era o grupo que me queria apresentar. Na altura, passou-me pela cabeça que poderia ser um grupo forjado. Os 50€ que lhe tinha prometido poderiam servir para alguns "chutos". Uma vez mais me assaltou o receio de quebrar a ética da investigação.

Sáímos os dois e caminhamos pela rua dos Prazeres. Para espanto meu, conduziu-me ao terreno vazio que observara antes e lá estavam três indivíduos, dois rapazes e uma rapariga, sentados na laje.

A apresentação foi feita pelo Manuel, e depressa percebi que os quatro constituíam de facto um grupo. As relações entre eles pareciam muito próximas e com cumplicidades variadas.

Porque confia no Manuel, o grupo não foi muito exaustivo nas perguntas que me fizeram e, a minha aceitação foi acontecendo rapidamente. Ainda assim, a minha idade e o facto de andar por aqui, despertou alguma curiosidade. Algumas histórias que entretanto lhes contei, passadas com outros grupos, aumentaram essa curiosidade. De facto, poucos dias passados desde que os conheci, considerei-me razoavelmente aceite por eles, o que permiti conversas mais centradas no trabalho. Ainda assim, foi o grupo com quem estive menos tempo. As características daquele lugar, sem dúvida mais perigoso que os outros, os meus receios e também os deles, tornavam as nossas conversas curtas embora regulares.

O Manuel, a Xanda, o Ruca e o Vicente, constituíam um grupo há dois anos, sensivelmente, sendo que o Manuel assumia claramente um papel preponderante no grupo. Tanto quanto percebi nos primeiros encontros, era ele que "desenrascava" o produto para os amigos. Todos consumiam Ache, e o Ruca e o Vicente também heroína

	idade				Total
	19 a 21	22 a 25	26 a 30	31 a 35	
genero Masculino	1	1	1	1	4
Feminino	0	1	0	0	1
Total	1	2	1	1	5

**Tabela 32 - Género x Idade**

fumada. Sendo o único que habitava nesta zona da cidade, na própria R Maria Pia, um pouco mais acima, os seus conhecimentos pessoais das pessoas do lugar, oferecia aos outros alguma segurança. Para além disso, o Manuel é

"um tipo desenrascado", como o caracterizava o Vicente, e isso permitia-lhe livrar-se facilmente dos obstáculos que se levantavam ao grupo. Acrescente-se que apresenta

sempre uma atitude simpática e gosta de servir os outros, assumindo-se assim como figura relevante para o grupo. Para o Manuel, aquele lugar, incluindo a Meia-Laranja, são lugares em que aprendeu a viver desde pequeno, assumindo para ele a importância e o à vontade de um lugar de pertença.

A Xanda tem 22 anos, é estudante na faculdade de letras de Lisboa, embora nos últimos dois anos "se tenha baldado um pouco" como refere. Anda no 3º ano (do curso antigo - faz questão de esclarecer). Juntou-se ao grupo pela mão do Ruca,

		tipo de habitação		Total
		habita com os pais	habita com outros familiares	
<i>lugar de habitação</i>	mesmo lugar ou vizinho	1	0	1
	outros lugares centrais da cidade	0	2	2
	concelhos periféricos	2	0	2
	Total	3	2	5

Tabela 34 - Lugar de habitação x tipo de habitação

com quem assume uma relação de namoro. Habita com os avós no Bairro 6 de Maio, já

	actividades de subsistencia				Total
	Arrumo de viatura	subsídios oficiais	biscates	actividade profissional parcial	
genero Masculino	2	0	1	1	4
Feminino	0	1	0	0	1
Total	2	1	1	1	5

Tabela 33 - Género x Actividades de subsistência

que os seus pais, um casal de emigrantes de Angola, residem na zona de Torres Vedras. Veio para Lisboa quando entrou para a Faculdade há 4 anos e o primeiro amigo que fez na

faculdade foi o Vicente de quem foi colega de curso até este ter desistido no ano passado. Foi assim que conheceu o Ruca, amigo preferencial do Vicente.

O Ruca, tem também 22 anos, habita com os 3 irmãos e a mãe no Bairro Estrela de África, no Concelho da Amadora. O Pai, falecido em acidente quando o Ruca tinha 14 anos, veio de Angola por ocasião da independência daquele País quando tinha 25 anos, e acabou por casar com uma jovem de origem branca, o que mereceu o repúdio da família dela, que acabou por cortar com ela os laços relacionais que tinham. Ruca é assim um mestiço com uma cor de pele que faz inveja a muitos dos seus colegas e amigos. Aprendeu a arte de canalizador, após ter completado o 9º ano de escolaridade, e trabalhou nas obras até Junho deste ano, após o que foi despedido. Subsiste do subsídio de desemprego, parte do qual entrega à mãe, mas não tem planos para depois.

O Vicente é o mais novo de todos com 21 anos. Habita também, como o Ruca, no Bairro Estrela de África. Como ele também descende de um casal misto mas ao contrario daquele, a mãe é negra e o pai branco. Vive com eles e mais duas irmãs bastante mais velhas. O Pai de Vicente tem já 71 anos e a Mãe 65. Não trabalha regularmente e subsiste nos flayers e no arrumo, perto da Escola Superior de Dança de Lisboa e no Príncipe Real, executando as duas tarefas ao mesmo temo. Mantém uma grande ligação ao Ruca e também à Xanda, que acompanha para todo o lado. Iniciou os consumos de heroína aos 13 anos, segundo diz, por influência de um então namorado, e actual marido, da irmã do meio, que, curiosamente é agora o seu maior crítico relativamente aos consumos. Esta crítica, parece criar dissidências graves na família, não sendo raro que o Vicente passe algumas temporadas fora da família, em casa de amigos ou mesmo na rua, numa velha habitação devoluta perto da Damaia.

É o mais pequeno dos grupos estudados neste trabalho, e também o mais homogéneo quanto a idades, o que parece facilitar as relações quer afectivas quer relativos aos consumos.

Mantêm-se em grupo, aparentemente por razões ligadas aos consumos, embora seja frequente observar atitudes de solidariedade entre eles que ultrapassam esta necessidade.

	relações com residentes		Total
	nenhuma	amistosas	
genero Masculino	3	1	4
Feminino	1	0	1
Total	4	1	5

Tabela 35 - Género x Relações com residentes

Já com os residentes, as suas relações são exclusivamente confiadas ao Manuel. Os restantes não conhecem nem são conhecidos da população residente no lugar. O Manuel é assim a sua ponta de lança para aquilo que necessitam

do lugar. Apesar disso, este cantinho que ocupam diariamente, constitui-se como um referencial espacial para eles. Chegam ali e dali partem, sem outras ligações de permanência a nenhum outro lugar da zona. Sendo embora apenas um lugar de consumo, já que a aquisição do produto e a angariação de sobrevivências são feitas noutros lugares próximos, como já se disse.

Ali, naquele lugar que ocupam, no muro e na laje onde se refugiam, inscrições e Tag's (sobretudo da Xanda, com mais perícia manual, atestam a sua permanência frequente naquele lugar.

A escolha deste lugar foi feita pelo Manuel, naturalmente, que procurou oferecer aos amigos um canto discreto no seu bairro, e que simultaneamente os afastasse dos

	Objectivos de ocupação			Total
	compra de produtos	Encontro e consumo	Compra e consumo	
genero Masculino	1	2	1	4
Feminino	0	1	0	1
Total	1	3	1	5

**Tabela 36 - Género x Ocupação de subsistência**

lugares mais perigosos. Foi assim um misto de cortesia e de segurança, acabando por se tornar no seu lugar único de encontro e de consumo. Permanecem ali apenas uma hora e meia a duas horas, interrompido apenas por uma saída rápida do

Manuel para a compra dos produtos para si e os seus amigos. É sobretudo neste quadro que os outros realçam a figura do Manuel, como o Vicente, por exemplo:

- ... a gente está à conta dele. *Desenrasca-nos sempre...*

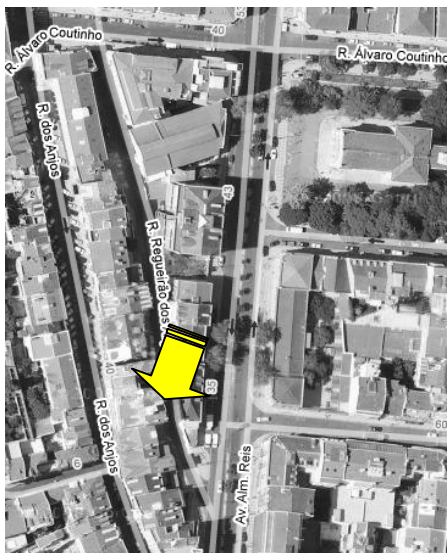
- *Com a droga?*

-*Sim... é isso... mas também com outras coisas. Já fiquei na casa dele a dormir, e defende a malta dos outros... como o conhecem! Uma vez a gente estava aqui os quatro e veio uma malta a correr para nós, para gamar a malta... mas depois viram o Manel e vieram de mansinho. Conversaram com ele e depois mandaram-se... e também quando um da gente está à rasca, com guito ou isso, ele desenrasca e depois a gente devolve...*

-*Ele é o chefe!*

-*Nada, a gente não tem chefes, mas quando é preciso, o gajo sabe o que fazer. Somos amigos... e a gente confia bué nele.*

### 6.7 -Freguesia dos Anjos (Igreja, R. Regueirão dos Anjos)



**Ilustração 15 - Igreja e Rua Regueirão dos Anjos - Vista aérea**

Entre a Av. Almirante Reis e a Rua Álvaro Coutinho que lhe passa por cima, a rua Regueirão dos Anjos apresenta um aspecto escuro e com pouco movimento. É constituída por edifícios de baixa altura tendo no piso térreo alguns armazéns, uma tipografia e duas oficinas. por cima algumas habitações degradadas e na maior parte sem acessos por esta rua. Não se constitui, assim, como um espaço de circulação preferencial de residentes e sim de utilizadores de serviços que ali são prestados. Já no Beco da Índia aos Anjos, que deriva desta rua tem escadarias de acesso a residências muito antigas e degradadas.

Este lugar, conjuntamente com o largo da Igreja de Nossa Senhora dos Anjos (reconstruída em 1910, provém de uma antiga que foi demolida em 1908, para facilitar a abertura da Avenida Rainha D. Amélia, hoje Avenida Almirante Reis) e o Jardim António



**Ilustração 16 - Rua Regueirão dos Anjos**

Feijó onde a igreja está implantada, constituem um alvo de observação deste trabalho que me foi indicado por várias equipas de rua a operarem nesta zona da cidade, nomeadamente a da Associação Crescer na Maior, a Associação Novos Rostos Novos Desafios e as equipas da Câmara Municipal de Lisboa.

Genericamente é uma zona habitacional de cariz popular. *" Estes aspectos podem ser explicados à luz da especificidade da malha urbana e do carácter fisicamente fechado*



**Ilustração 17 - Jardins António Feijó anexo à Igreja dos Anjos**

*destes bairros (escadinhas, becos e vielas apertadas); da relação entre as habitações e a rua, com a utilização desta última como prolongamento da casa devido às reduzidas dimensões do espaço habitacional; da constituição de subunidades locais de relacionamento intenso, polarizadas por um pátio, largo, esquina, parte de umas escadas, tasca ou leitaria; das densas redes familiares, de vizinhança e associativismo local; das*

*relações de dominação e influência, de poder e dependência, ligadas às diferentes actividades profissionais e a um certo modo de marginalidade; da sobreposição significativa entre local de trabalho, residência e lazer; dos códigos vigentes que organizam a conduta, fazem partilhar estilos de vida e delimitam o permitido e o interdito."*<sup>30</sup>

Durante o dia, com algumas excepções como a da Rua Regueirão dos Anjos, as suas ruas e becos apresentam um movimento local interessante que não se confunde com o movimento circulante da Av. Almirante Reis.

Os seus estabelecimentos de bairro tem vida própria alimentada pelos residentes mais do que pelos passantes. A rua, é assim palco de actividades rotineiras dos residentes e empregados dos serviços ali instalados e constitui-se como uma espécie de pátio das habitações de reduzida dimensão.

Foi a partir de um desses cafés de bairro que iniciei a observação deste lugar.

---

<sup>30</sup> in "RELATÓRIO FINAL DO DIAGNÓSTICO DO TERRITÓRIO: FREGUESIAS DE ANJOS, SOCORRO E S. CRISTOVÃO E S. LOURENÇO" Plano Operacional de Respostas Integradas IDT 2008

## 6.7.1 - O retrato do lugar

19/03/2009 - 9 horas



**Ilustração 18 - Jardins António Feijó, anexo à Igreja dos Anjos**

Estive ali cerca de meia hora antes. Mas, aparentemente a minha presença junto ao Centro parece ter resultado estranha para o agente da PSP que ali permanece, pelo que decidi atravessar a rua.

É um movimento em fila dos utentes do Centro de Apoio Social dos Anjos da responsabilidade da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Aparentemente estes utentes procuram

a esta hora um serviço de refeitório prestado por esta valência social, que tem para além desta resposta especialmente vocacionada para indivíduos sem-abrigo, este serviço oferece ainda outras respostas tais como Atelier Ocupacional, Clique Solidário, Centro de Acolhimento Nocturno.

As pessoas que aguardavam em fila desde a porta e que começam agora a entrar, são visivelmente indivíduos socialmente carenciados, denotando-se alguma degradação do seu aspecto pessoal tais como os cabelos e vestuário. Centro-me numa figura de homem que aguarda a sua vez olhando atentamente para um jornal que tem na mão. É alto e magro, o cabelo castanho está desgrenhado e veste uma T-shirt publicitária e umas calças jeans algo sujas e amarrotadas tal como a T'shirt.



**Ilustração 19 - Centro de Apoio Social dos Anjos**

Um pouco mais atrás, na fila, duas mulheres ainda jovens discutem algumas questões relacionadas com a sua actividade da noite. E quase no fim da fila uma outra

mulher permanece em silêncio atenta às duas crianças que traz pela mão. O mais velho não tem mais de seis anos e pequenito talvez quatro. Um outro indivíduo parece ainda estar sob os efeitos do álcool. Claramente dormiu na rua e trás ainda colados à camisa suja resíduos de erva ou palha. De vez em quando cantarola uma canção que não reconheço.

Depois de vagar um pouco à procura de um posto de observação favorável, sento-me numa pequena leitaria com vista para o lugar escolhido, na esquina da Av. Almirante Reis com a Rua D. Maria de Andrade, logo a seguir aos jardins da Igreja dos Anjos.

Peço um café e uma torrada e enquanto espero continuo a observar o movimento que se regista um pouco mais acima do outro lado da Av. Almirante Reis no Centro de apoio social.

Na grande avenida só gente apressada e um intenso movimento de carros. É hora de ponta. Dentro do pequeno café, a calma é outra. Na mesa mais ao fundo, um casal de pessoas idosas toma também o seu pequeno almoço tranquilamente. Há muito que devem ter deixado de ter pressa. Ele troca com o dono algumas larachas. Riem os dois. Numa outra mesa mais próxima, um outro indivíduo, mais jovem lê um jornal desportivo e sorri. Aparentemente alguma notícia captou a sua atenção. Na mesa junto à porta de entrada,



**Ilustração 20 - Rua Regueirão dos Anjos - Local de consumo e de pernoita**

Duas raparigas, aparentemente de vinte e poucos anos, cochicham animadamente, mas tão baixo que certamente trocam confidências. Ninguém parece ter pressas.

Continuo a olhar de soslaio para o movimento de entrada e saída no Centro. O indivíduo com o jornal acaba de sair. Vem agora arranjado. Quase o não conheci. Deve ter tomado banho, mudado de roupa e talvez tomado o pequeno

almoço. Parte sem pressas atravessando a avenida. Deixo de o ver.

Para além do movimento do centro, nada mais parece merecer especial registo para os objectivos deste trabalho.

Pago, saio, permaneço um pouco no passeio e decido: Volto mais tarde, lá para a noite. Entretanto gasto uns minutos a passear pelo jardim da igreja. Apenas alguns idosos que conversam à sombra das frondosas árvores. Do outro lado da igreja um outro que sai dos balneários da Igreja. Algumas trabalhadoras de jardinagem limpam o espaço. Uma mulher rega um canteiro ao fundo. São quase todas de origem africana. Duas senhoras entram vagarosamente na igreja. Ali, o tempo parece diferente e contrasta com o movimento da Avenida.

...

Mesmo local, mesmo dia, 22 horas.

A leitaria já está fechada, tal como a maioria dos estabelecimentos comerciais. Ali quase tudo fecha cedo.

Sento-me no muro do Jardim.

Agora o movimento é diferente. Na Avenida circulam poucos carros, mas os passeios encheram-se de indivíduos estranhos que circulam a pé. Também ali, como já observara mais abaixo no Desterro, misturam-se cores e idiomas diferentes. No Jardim da Igreja, também ele quase deserto, formou-se ao fundo um pequeno grupo. Parecem ser três



**Ilustração 21 - Regueirão dos anjos - edifícios degradados, comércio abandonado**

ou quatro indivíduos. Não os distingo bem porque a luz dos candeeiros é abafada pelas árvores centenárias. Apenas as vozes me vão dando a noção de que são vários. Acendem-se cigarros ou talvez charros, a julgar pela forma com que a pequena brasa do cigarro parece passar de mão em mão. Chega mais um indivíduo. Uma voz parece feminina. Permaneço no meu ponto de observação. Descontraído, procuro também um cigarro e acendo-o. Centro-me no grupo embora vá

observando também o movimento à minha volta. De um táxi sai uma mulher que fica no passeio em frente. Pela postura aguarda clientes. Não demora muito. Para um carro, ela conversa um pouco debruçada à janela, entra e o carro arranca.

Decidi dar uma volta pela Rua do Regueirão dos Anjos. Logo no início, o primeiro olhar mostra-nos edifícios degradados, antigos comércios fechados com grandes tapumes nas entradas ou as portas e janelas seladas a tijolo à vista. A seguir à entrada para o Beco das Índias, edifícios onde já falta quase todo o reboco e as velhas paredes, mais de areia do que de cimento ameaçam deixa-los cair de velhos. Apesar disso, as suas janelas dos andares de cima mostram a existência de vida nas velhas paredes. Cortinas que a sujidade dos vidros, quando existem, não deixa decifrar a cor. Nalgumas delas, roupas penduradas a secar.

...

Depois de algum tempo, o grupo avança na minha direcção e passa junto a mim. São oito, sete homens e uma mulher. Todos jovens na casa dos vinte e tais. Atravessam a estrada sempre a falar e desaparecem na Rua Regueirão dos Anjos. Não os sigo. São 23h e 30m. Pouco depois chega uma carrinha da Novos Rostos. Conheço-os. Entra também na Rua escura. Talvez tenham contacto com este grupo. Mas hoje nem sequer vou espreitar. Talvez volte outro dia para observa-los.

### 6.7.2 –Dados demográficos

Não se incluem aqui dados demográficos, já que os dados disponíveis são os da Freguesia dos Anjos, já apresentados no capítulo 6.4.2 deste trabalho

### 6.7.3 - Sociabilidades - O Grupo, as relações intergrupais e com o lugar

Depois de cinco visitas, permanecendo sempre no mesmo sítio numa tentativa de ser notado pelo grupo, não consigo encontrar uma estratégia de observação com maior proximidade.

Quase um mês e meio depois, visito a Associação Novos Rostos Novos Desafios e saio com eles num giro e com uma equipa de quatro técnicos, na esperança de encontrar o grupo.

Depois de passagens e paragens várias e de contactos fugazes com pequenos grupos de consumidores e de prostituição e depois de alguma conversa e distribuição de

preservativos e kites com seringas, a carrinha dirige-se ao Martim Moniz, uma paragem no fontenário da Almirante Reis e depois à Rua do Regueirão, parando frente a uns velhos armazéns. Rua pouco iluminada, dando ainda um aspecto mais degradado do que de dia. Lá estava o grupo, ou parte dele.

Saio da unidade móvel com a equipa, estabeleço contactos como se lhe pertencesse, mas eles sabem que não é verdade. Estão habituados a esperar ali pela equipa. Conhecem-nos bem. Um deles olha para mim e murmura: "*Conheço-te*".

- *Pois, ando por aí, (faço um gesto vago)... Ao pé da igreja...*

Desinteressa-se de mim e vai falar com um dos técnicos por causa de uma consulta. Quer entrar rapidamente para tratamento. Mas ainda a carrinha não partiu e já alguns se sentam junto aos portões do armazém e iniciam os rituais de consumo.

No dia seguinte volto ao meu posto de observação. Depois de mais de meia hora no jardim, ao fundo, o grupo passa por mim. Um elemento reconhece-me, aponta para mim. Cumprimento-os.

- *Que fazes?*

- *Estou à espera da carrinha, respondo.*

- *Também pertences a eles?*

- *Somos amigos. às vezes ando com eles.*

- *Tenho que andar...*

- *Pois, Adeus.*

Faço-lhes um pequeno aceno e fico a vê-los atravessarem a Almirante Reis. Vão trocar seringas, consumir ali mesmo.

Os contactos continuaram, as conversas prolongaram-se. Uma quinta-feira do princípio de Maio resolvi atrever-me mais um pouco e quando o grupo se reuniu no jardim, avancei para eles, pedi lume e fiquei um pouco tentando a conversa. No dia seguinte fiz o mesmo. Desta vez ofereci sete maços de Marlboro. Desconfiaram.

Disse-lhes que me tinham oferecido uma caixa de pacotes, mas que não havia problemas. Eram "bons". Aceitaram. Depois de um pouco de conversa formal, um deles mostrou-se mais curioso e quis saber o que é que eu andava ali a fazer. Resolvi arriscar e contei-lhes do trabalho que a Universidade me pedira. Falamos um pouco. Depois desataram a correr para a Rua do Regueirão. A carrinha estava a chegar.

Nas visitas seguintes a conversa melhorou, dei explicações. Aceitaram ajudar-me no trabalho. Dois deles saem à procura de produto para todos. Deve ser perto. Demoram dez minutos e voltam, as entregas disfarçadas. Depois, alguma conversa desinteressante, de circunstância, de novo a travessia da Avenida. Depois das seringas, vão consumir ali mesmo, frente ao armazém.

O grupo é normalmente constituído por sete indivíduos mas de vez em quando aparece um outro, um pouco mais velho. Há apenas um elemento do género feminino, a Bia.

	idade			Total
	16 a 18	19 a 21	22 a 25	
genero Masculino	0	3	3	6
Feminino	1	0	0	1
Total	1	3	3	7

Tabela 37 - Género x Idade

A Bia é a mais nova do grupo. Tem 17 anos. Estuda no 11º ano, tendo repetido este e o ano anterior. Habita em casa de uma avó em Arroios ali bem próximo e de onde é natural, e chegou ao grupo no princípio do ano, pela mão do Jó, com quem mantém uma

relação de namoro. Filha de pais separados, foi criada por esta avó, juntamente com dois irmão mais velhos de quem não sabe nada desde há dois anos. Não obstante levar uma vida de exterior e dos consumos regulares de heroína desde os 15 anos, é ela que cuida da avó, quase sempre retida em casa com problemas de mobilidade graves.

No seio do grupo onde vem todos os dias com o Jó, a Bia mantém relações próximas com todos eles sendo de certa forma considerada a mascote do grupo e protegida por este. Para se manter, não pode contar com a ajuda da avó que recebe uma pequena

		lugar de habitação				Total
		mesmo lugar ou vizinhança	outros lugares centrais da cidade	lugares periféricos da cidade	concelhos periféricos	
tipo de habitação	habita com os pais	1	0	0	0	1
	habita com outros familiares	1	1	0	0	2
	habitação arrendada	0	0	1	0	1
	habitação precária	0	0	2	0	2
	sem abrigo	0	0	0	1	1
	Total	2	1	3	1	7

Tabela 38 - Tipo de habitação x Lugar de habitação

pensão de velhice que mal dá para os seus próprios medicamentos, pelo que arranjou um emprego num empresa de limpezas, trabalhando das 8 às 11 todos os dias num prédio de escritórios na Av. da Liberdade. A alimentação é garantida por um serviço de apoio

domiciliário paroquial que vai dando para a sua avó e quase sempre para si também.

O Jó tem 21 anos, reside também ali próximo nos Anjos na Rua do Zaire.

Vive com uma velha tia solteira desde o recente falecimento de seu pai. A sua mãe ausentou-se de casa quando o Jó tinha 12 anos e, desde então, raramente o procura, o que parece não o preocupar. As relações com a sua tia são de alguma conflitualidade mas este reconhece que ela tenta ajuda-lo, considerando embora que, na idade dela, é difícil entender a vida que o sobrinho leva, ou aceita-la bem.

É consumidor regular de heroína e vive da renda de três velhos apartamentos que o pai lhe deixou. Não trabalha, nem estuda, tendo abandonado a escola no 10º ano que não completou. A sua relação com a Bia parece transmitir-lhe alguma estabilidade emocional, embora com frequência tenha manifestações de alguma agressividade, mesmo dentro do grupo, o que lhe oferece algumas críticas por parte do grupo. Apesar disso tem no grupo um amigo preferencial: o Zé.

Com igualmente 21 anos, o Zé reside com os pais, (pequenos empresários em Lisboa) na Penha de França, na Rua Francisco Santos, não muito distante dos Anjos. Depois do 12º ano decidiu estudar Cinema na Universidade Moderna em Lisboa, mas o encerramento compulsivo daquela faculdade, e não obstante as alternativas possíveis, parecem ter esfriado este desafio, ou, pelo menos, é esta a justificação dada pelo Zé para a sua paragem. Apenas consome cannabis mas acompanha o grupo para todo o lado.

De mais longe vem o Cajó. 24 anos, Serralheiro desempregado, vive em Camarate. Foi o Zé que o trouxe para o grupo, depois de se terem conhecido num treino de karting em Palmela, de que os dois são adeptos.

Vive sozinho desde que a companheira o deixou há um ano e meio. Desloca-se habitualmente numa pequena mota e gasta grande parte do dia a arrumar carros aqui mesmo na Almirante Reis, sobretudo na zona de Alvalade. Começou a consumir heroína aos 19 anos tendo passado para cocaína há cerca de um ano. Apesar disso parece conseguir controlar os seus consumos diários. Não o disse, mas em alguns momentos deixa escapar pequenas dicas sobre pequeno tráfico. No grupo, para além do Zé, tem relações preferenciais claras com a Bia e o Jó.

Victor é o mais velho. Tem 25 anos e reside no Prior Velho. A sua chegada ao Grupo foi accidental, já que frequentava esta zona com um outro grupo de amigos, mas alguns problemas amorosos levaram-no a deixar a companhia dos amigos e passar a acompanhar este grupo de que já conhecia alguns membros. Nem sempre aparece, mas a

sua companhia é bem aceite no grupo. Trabalha numa grande superfície à noite, nos abastecimentos, cargas e descargas, para onde vai depois de estar com o grupo, sempre por volta das 11 horas. É um indivíduo corpulento e isso serve-lhe para proteger o grupo, já que a sua presença desencoraja outros indivíduos de aborrecerem os seus amigos.

Há poucos dias, indivíduos desconhecidos quiseram molestar a Bia e o Jó aqui mesmo quando se encontravam sozinhos no Jardim à espera dos outros. A chegada oportuna do Victor afastou os meliantes.

Ao contrario do Victor, tem um corpo franzino e é baixo. Por isso lhe chamam Meia-leca, mas ele não se importa. Tem 19 anos e trabalha como distribuidor numa pizaria da Ajuda. É sempre brincalhão e atrevido, o que às vezes provoca a ira de estranhos. Por ser assim franzino, escuda-se no grupo onde se sente protegido. Estranhamente não consome drogas ilícitas. Só tabaco e cerveja, muita cerveja, sobretudo. E os seus colegas de grupo não o pressionam. *"Gosta da malta e prontos... por isso tá sempre aí"*.

Habita em Unhos, concelho de Loures, mas passa o dia no Parque das Nações. Nunca soube o que fazia. *"Cenas.."* disse-me um dia. Apenas isso.

Apareceu no grupo com o Hermínio, também ele a morar no mesmo lugar num quarto anexo a uma casa de uns tios-avós, e fazendo par com ele nas "cenas" do Parque das Nações.

O Hermínio tem 22 anos e ao contrário do Meia-leca é sisudo sem ser agressivo. tem poucas conversas, responde quase sempre por monossílabos ou por gestos. Mas contrariamente à sua aparência, manifesta-se cuidador dos outros, chegando mesmo a ser simpático. Quando há pequenas zangas dentro do grupo intervêm. Normalmente uma mão no ombro do outro e um "deixa lá isso" é suficiente para serenar os contendores. Conheceu o Victor com uma malta com quem andou. Quando este veio para o grupo, veio com ele. É bem aceite apesar do seu mutismo. *"É só feitio, diz o Victor, depois é fixe..."*

É um grupo de interesses diversificados mas que se entende bem. Interações de consumo e às vezes até de roupa ou comida fazem parte do quotidiano. Parece uni-los sobretudo uma necessidade de segurança. Com excepção do Meia-leca, todos tem casa. Quanto a este, pernoita normalmente num "ferrari", como gosta de chamar a um velho Ford abandonado num terreno baldio nas imediações de Unhos. É lá que guarda os seus pequenos pertences. Desloca-se quase sempre acompanhado pelo Hermínio, na maior parte das vezes numa bicicleta até à Encarnação onde deixam os veículos e depois de autocarro até ao Parque das Nações.

Apesar de falar pouco sobre o seu dia a dia, falou-me muito sobre a sua história num dia que parecia menos eufórico. Foi aí que percebi como é que ele vivia e onde ficava.

*... no meu ferrari tou à vontade, ninguém me grila. Também, ninguém passa lá...*

*- E o frio?*

*- Ná... tenho bué de mantas. Quando chove e faz frio fico todo tapado... Só tenho medo quando faz trovoada... quando ela é grande e está perto baso de lá...*

*- E a família?*

*- Não tenho... é isso.*

*- Deves ter alguém...*

*- Eh!... o que é isso da família...? Ná. É melhor assim... Tá-se bem. Ninguém chateia... ninguém nos chula.*

*- Nem irmãos?*

*- Eram Putos... Levaram-nos, não sei deles.*

*- Quem é que os levou?*

*- Essas putas das assistentes... e eu também era para ir, mas como era mais velho, pirei-me... escondi-me. Bem vi a bófia à minha procura nos dias a seguir... finteí os gajos...*

*Foi há muito tempo?*

*-Tinha quinze anos*

Apesar da negação da família, Mei-leca não conseguiu esconder alguma perturbação a falar dos irmãos. Dos pais e outros familiares não falou, apesar da minha curiosidade.

*- Como é que um puto com 15 anos se safa sozinho?*

*- Andei por aí... era fácil, pedia na Baixa. as gajas tinham pena de mim, como eu era... quer dizer,(risada), sou pequenito, e davam-me moedas... ou comida. às vezes também arrumava carros foi por isso que conheci o Hermínio. Nessa altura ele também andava às abébias, não fazia um cu...Depois arranjei trabalho numa padaria, mas os gajos chateavam-me, queriam saber tudo... eram mesmo cuscos.*

*Depois um amigo meu arranhou-me este trabalho. Ele ia embora para a Suíça e deixou-me lá... no lugar dele.*

*- E o resto? a roupa...*

*- Gamava das cordas no Bairro Alto.*

*- Não ias à Escola?*

*- Ná, Tinha o 9º ano. Já não era preciso mais... Não fui mais.*

*- Quinze anos... 9º ano... nunca chumbaste?*

*- Não. Até tinha boas notas...*

*- Nunca te apeteceu voltar?*

*-As vezes penso... estudar de noite... e assim. Quando tiver guito... e casa...*

*- Viveste sempre no "Ferrari" ?*

*- Não, só há uns meses. Antes estive numa casa velha em Camarate. Mas depois uns gajos apareceram lá e disseram que iam deitar aquilo abaixo e fazer uma nova. Tive que basar. Inda estive ali em baixo (apontou para o Martim Moniz) numas escadas... só uns dias. Depois encontrei o carro...*

Nesse dia não falamos mais. A chegada da Carrinha interrompeu a conversa. Tentei recomeça-la nas visitas seguintes, mas nunca mais se dispôs a isso. "Outro dia", dizia-me sempre que eu tentava retomar a conversa.

Para além da relação entre a Bia e o Jó, que é uma relação de namoro, o grupo mantém relações entre si de cumplicidade na aquisição dos produtos para consumo e mantêm-se juntos graças a uma forte relação de confiança que lhes confere um sentimento de segurança e protecção mútua.

Esta relação de confiança observa-se, por exemplo no facto de apenas dois, ou três elementos se deslocarem para a compra da droga. Os outros ficam a aguarda-los no jardim, continuando o convívio sem preocupações. A observação de outros grupos que não forma seleccionados para o trabalho final e mesmo de alguns destes, mostram que este facto é um pouco estranho nestes grupos.

Com os pertencentes ao grupo e residentes naquele lugar ou próximo, A Bia, o Jó e o Zé, os restantes elementos mantém uma relação de maior apoio, sugerindo que eles, conhecedores do terreno, *tem mais condições para os desenrascar*, nomeadamente quando

algum deles, por motivos relacionados com o consumo, não pode ou não consegue ir para casa. São eles que, nessas circunstâncias lhes encontram sítio onde ficar por uma noite, em casa de amigos ou refúgios mais precários dentro do Bairro.

Com os residentes não pertencentes ao grupo, não existem muitos contactos, mas, ainda assim, quando acontecem, o grupo mostra-se cordial, o que lhes oferece, de quando

		relações com residentes		Total
		tranquilas	amistosas	
lugar de habitação	mesmo lugar ou vizinho	1	1	2
	outros lugares centrais da cidade	1	0	1
	lugares periféricos da cidade	3	0	3
	concelhos periféricos	1	0	1
Total		6	1	7

Tabela 39 - Lugar de habitação x relação com os residentes

em quando, um cumprimento dos residentes passantes. Durante as visitas e mesmo antes delas, não observei reactividade das populações contra este grupo específico, embora falem muito dos *drogados* e de algum receio deles e sobretudo dos *dealers*.

O Cajó tem a noção que as relações não são boas nem más, simplesmente não existem. Ainda assim, procura não os hostilizar, acabando por ter com eles uma relação aparentemente tranquila embora pouco manifestada.

*- A gente está aí e eles nem ligam. Passam e não dizem nada. Só falam se a gente fala.*

*- E vocês falam?*

*-As vezes. As vezes a gente cumprimenta ou manda uma boca gozada... mas sem ofender. Aí eles às vezes respondem ou entram na boa... É quase sempre o Meia-leca. Ele mete-se com toda a gente... Não vez? ele está sempre no gozo... Mas uma vez saiu-se mal... meteu-se com uma gaja,... mas na boa, só que ela não gostou e respondeu mal e começou a marrar com ele... de resto nada...*

*-Achas que eles não vos ligam por causa das drogas? Observei no café que eles falam muito disso.*

*- É. Eu acho que sim, mas não é justo... a gente nunca lhes fez mal... Mas também anda aí muito gajo a passar umas merdas e depois a outra malta vem cá comprar... e eles ficam lixados. Mas também há malta que nos trata bem, ouvistes?... Quando a gente não tem guito*

que chegue, às vezes alguns vamos arrumar carros e depois eles passam e conhecem-nos. A gente já cá está à bué... e depois às vezes eles falam.

- O que é que dizem?

- Assim, coisas... a meterem-se com a gente. Antão hoje tens que bulir,... e isso... mas mais nada... noutra dia uma cota veio ter comigo e deu-me um saco com bué de roupa. Disse que já não servia aos filhos e para a gente aproveitar... até que foi fixe. Tinha lá umas coisas finas... de marca. mas a mim não me servia nada. Ficou para os outros.

		Objectivos de ocupação			Total
		Encontro	Encontro e consumo	consumo e pernoita	
identificação com o lugar	sim	1	3	1	5
	não	1	1	0	2
Total		2	4	1	7

Tabela 40 - Identificação com o lugar x Objectivos de ocupação

Cinco dos sete elementos deste grupo, manifestam sinais de alguma identificação e sentimentos de pertença

		actividades de subsistencia					Total
		Arrumo de viatura	rendimentos patrimoniais	actividades delituosas	actividade profissional parcial	actividade profissional a tempo inteiro	
relações familiares	inexistentes	0	2	1	0	0	3
	amistosas	0	0	0	1	0	1
	de ruptura	1	0	0	0	2	3
Total		1	2	1	1	2	7

Tabela 41 - Relações familiares x Actividades de subsistencia

com o lugar, assumindo maioritariamente que a escolha do mesmo tem objectivos de encontro com o grupo, para consumo, assumindo um que o lugar se objectiva só por causa do encontro e um outro que utiliza o lugar também para pernoita.

Os elementos do grupo subsistem por recurso a actividades de arrumo de viaturas, rendimentos patrimoniais, um por actividade profissional ocasional e dois deles a tempo inteiro. Um deles recorre frequentemente a actividades delituosas. De todos eles, apenas um parece manter relações amistosas com a família. Mas não parece haver uma relação estatística significativa entre a subsistência e a ligação familiar.

#### 6.7.4 - A variabilidade estratégica dos lugares

Na última visita que lhes fiz, não os encontrei no mesmo lugar, junto aos armazéns. Um residente, na leitaria, informou-me de que a polícia tinha feito umas rusgas seguidas e eles tinham desaparecido.

Mero engano. Fui encontra-los um pouco mais ao fundo da rua, nas escadarias junto do Largo do Regueirão que dão acesso à Rua Álvaro Coutinho. Contaram-me que se afastaram para não terem problemas, "*mas quando estiver frio, logo à noite*", voltam.

Apenas uma manobra de distração. De resto, como me foi relatado, nunca desafiam a polícia. Ela vem e manda-os embora... e eles vão. Depois voltam. Quando a *perseguição é grande*, então afastam-se mais e reconstroem-se temporariamente noutros lugares, mas sempre a partir dos contactos e das estratégias deste. Porque é aqui que *programam* os seus encontros de grupo e com as equipas de apoio móvel. É aqui também que podem pernoitar quando as coisas correm mal, já que a alpendorada dos armazéns os protegem do frio, da chuva ou da geada da noite. Este recanto forma ainda uma protecção que os afasta de visibilidades que eles não desejam.

De resto, este grupo particular, apresenta um quadro de mobilidade territorial intenso por outros motivos. A sua proximidade do lugar de compra (Martim Moniz), onde também desenvolvem estratégias para angariação de subsistências, leva-os muitas vezes àquela praça. Pelo menos alguns deles. É também um lugar muitas vezes espreitado pela polícia que, embora quase sempre os surpreenda, como desta vez, limita-se a convidá-los a saírem dali, ordem a que, como se disse, obedecem prontamente, para logo no dia seguinte, quando não no mesmo dia, voltarem ao “seu” lugar. Uma outra ocorrência que os afasta temporariamente do lugar é a invasão ocasional que este sofre por parte de outros grupos ou toxicodependentes isolados que, npo regresso do Martim Moniz, param ali para consumir, a salvo de olhares estranhos. Nestas situações, grupo prefere não entrar em confrontos nem discussões e sai, voltando uma hora ou duas mais tarde.

## 6.8 - Freguesia de St<sup>a</sup> Catarina (Rua Poço dos Negros)

A freguesia de Santa Catarina, instituída em 9 de Outubro de 1559 a partir das freguesias do Loreto - depois Encarnação - e dos Mártires, implantava-se ao longo da encosta que desce do Príncipe Real à Boavista. O seu território era dos mais extensos com parte urbana e parte arrabaldina sendo, até meados dos século XX, das mais populosas da cidade de Lisboa. A sua história esteve originalmente ligada à cidade dos descobrimentos e caracterizou-se sempre por ser uma freguesia diversificada nas suas dimensões histórica, patrimonial e sociológica bem como na sua realidade cultural, tendo o "aristocrático" e o "popular" coexistido ao longo dos tempos.

Os limites administrativos da freguesia sofreram sucessivas alterações, a última das quais, efectuada em 1959, e que fixa os limites actuais, se pode considerar aberrante, e que urge corrigir, uma vez que provocou uma descoincidência entre a delimitação de carácter administrativo e uma configuração específica da natureza urbanística e sociocultural, sendo a zona que dá o nome à freguesia muito restrita no contexto dessa delimitação administrativa, a qual foi excluidora de locais desde sempre "emblemáticos" da freguesia como o Miradouro do Alto de Santa Catarina, de onde se desfruta uma das mais belas vistas sobre o Tejo e a margem sul desse rio e onde, segundo a tradição, se apreciava a movimentação de navios nos séculos XVI, XVII e XVIII.

Muitas das figuras ligadas à vida cultural e política da cidade e do país viveram no antigo e actual território desta freguesia, tais como André Valente, Sebastião José de Carvalho e Melo, Manuel Maria Barbosa du Bocage, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão, Gonçalves Crespo, Luís de Almeida e Albuquerque, Abel Manta, António Quadros, etc. Também na freguesia de Santa Catarina nasceu (1847, R. de S. Boaventura), viveu e faleceu uma grande mulher, eminente escritora e poetisa, grande lutadora pela causa da "condição feminina", Maria Amália Vaz de Carvalho.

Actualmente a freguesia de Santa Catarina é como se fosse um pequeno país, com uma área montanhosa ainda dentro do núcleo "mais" Bairro Alto, que se vai espalhando,

em declive para sul, para o Tejo, e para poente, na direcção de S. Bento, cortada por um eixo, a Calçada do Combro, suposta via principal no início da ocupação urbana e onde se situa a maior densidade de edifícios apalaçados, de grande porte e beleza arquitectónica. A esta geografia orográfica, corresponde também outra geografia humana, social e também urbanística. Enquanto na zona norte a vida fervilha, com as pequenas lojas porta sim porta não, com as oficinas artesanais, tipografias de longa tradição ramificações dos jornais implantados, tascas de comer e conviver, com a população modesta mas laboriosa, nas zonas em declive voltadas ao Tejo o movimento diminui, e as habitações são de maior porte para usufruírem a vista do Tejo. É toda ela uma freguesia em mutação, pólo de novas actividades, que vão descaracterizando porque não se inserem na sua tradição, gerando conflitos de relacionamento entre habitantes e fruidores do meio popular. (site da Junta de Freguesia de Stª Catarina)

### 6.8.1 - O retrato do lugar

18 de Setembro de 2009 - 11 horas

No Prolongamento da Calçada do Combro, onde a freguesia de Santa Catarina termina e começa a freguesia de S. Paulo, a Rua do Poço dos Negros apresenta-se escura e com grande quantidade de prédios antigos, alguns muito degradados. É uma Rua típica dos bairros típicos de Lisboa, aparentemente a receber influências do Bairro Alto ali bem próximo.

De cércea baixa (dois a três pisos por prédio), Passeios pequenos, quase sempre ocupados por carros, nesta rua vem desembocar pequenas travessas que a ligam às ruas que lhe são paralelas. Duas destas travessas, a travessa do Poço dos Negros e a Travessa dos Pescadores e também o Beco do Carrasco, parecem ter-se tornado em espaços conhecidos dos consumidores que ali se reúnem para compra e consumo, formando com este conjunto um pequeno território psicotrópico.



**Ilustração 22 - Rua Poço dos Negros e Rua D. Carlos I - vista aérea**

Alguns prédios abandonados, outros em reconstrução e ainda alguns pequenos becos, oferecem o refúgio procurado e facilitam todos os rituais de consumo a quem os procura quer os vindos de fora quer os residentes do próprio lugar.



**Ilustração 24 - Rua Poço dos Negros - Predios devolutos**

Já na Avenida D.Carlos I, um pequeno beco logo à saída da Rua do Poço dos Negros, completa este labiríntico lugar, quer pelo seu desnivelamento em relação à rua, quer pela não existência de residentes com saída para o pequeno beco onde se situa apenas uma vassouraria.

Sem encontrar um lugar ideal para observar, caminho rua abaixo e rua acima, em passo lento. São 11 horas e a rua

apresenta um movimento moderado de pessoas, quase todas com aspecto de residentes que

procedem aos seus abastecimentos diários. Uma boa parte do Rés do chão dos prédios é ocupado por pequenos estabelecimentos de bairro. Um talho, uma pastelaria, um posto de pão, Um restaurante com aspecto típico de pequena taberna, uma droguaria, um talho etc... Nas outras fachadas restantes, apenas portas que dão acesso aos andares superiores, quase todas de madeira com



**Ilustração 23 - Travessa dos Pescadores**

postigos gradeados e bordeadas por cantarias já gastas. A maioria dos prédios ostenta nas suas fachadas azulejos de outras eras, frequentemente com falhas. Predominam os azuis e os ocre a atestar a idade dos prédios.

Tudo parece gasto e degradado, desde os próprios prédios à iluminação pública pendurada nas fachadas, os velhos tubos de descarga da aguas pluviais que provém das caleiras que, em muitos casos já nem existem.

Encosto-me a uma esquina e dedico alguma atenção às pessoas. Mulheres com filhos e sacos de compras. Gente parada que conversa. Parece não haver pressas. É um conjunto muito heterogéneo. Predominam os mais velhos, mas os mais novos também por

ali passam devagar, dando a ideia de desocupação. Não fosse o movimento dos carros e pensar-se-ia que se estava numa ruela interior de um qualquer bairro.

Saídos de uma das travessa do poço dos Negros, para a Rua do mesmo nome, um grupo de quatro crianças corre atrás de uma pequena bola.

As pessoas falam alto, ali. Uma mulher com sotaque africano e dois miúdos pela mão que também não escondem a sua origem distante, fala com outra mulher sobre problemas com a sua renda, e o conflito está tão presente nas palavras como no gesticular indignado que acompanha o relato do seu drama.

No pequeno café, também ele com aspecto antigo, está uma pequena mesa, finalmente vaga. Entro, sento-me e com ar distraído peço um café e um copo de água. Na mesa ao lado, dois homens com ar de reformados (pela idade e pela calma da conversa. Falam de alguém, que ambos conhecem e que morreu esta semana. Chamava-se António. Parece ter sido companheiro de conversas e de vida dos dois homens. Percebo que teve um enfarte que lhe foi fatal. Parece ter tido uma reforma boa já que "os filhos vão receber uma boa maquia".

Alguns silêncios, talvez a recordar o velho amigo. Depois a conversa muda. Fala-se da noite que ontem parece ter levado ao hospital mais um jovem residente. Coisas de malta nova... e de mulheres e droga. Isso mesmo, tudo à mistura. "... esta malta já não tem tino... e agora a coisa vai ficar preta, por causa da condicional... mas ele sabia que não se podia meter em barulhos... metem-se a jeito! Tenho pena é do pai... tá prá li sozinho. O filho não quer saber. Pois olha que ele bem se esfalfou por ele toda a vida... então desde que a mãe morreu..."



**Ilustração 25 - Av. D. Carlos I - Local de consumo**

Os dois homens fazem sinal ao dono do café. Não pagam. Deve ser para a conta do mês. Saem. Um deles coxeia. O outro ajuda-o a descer o passeio e atravessar a rua. Solidariedades.

No café fico eu... e o silêncio. Pago o café ao balcão. Saio também. No caminho saio da Rua Poço dos Negros e entro na Av. D. Carlos I virando à esquerda. Logo ali, umas

pequenas escadinhas dão acesso a uma vassouraria com um pequeno beco sem outras saídas. No canto do pequeno beco, alguns resíduos parecem ser reveladoras. São capsulas dos Kits de troca, certamente fornecidos por alguma das unidades móveis que presta assistência a toxicodependentes. Ali consome-se. Mas não aquela hora.

...

21 horas, o mesmo dia.

A rua parece agora mais sombria. Como os nomes da maior parte das sua travessas ligadas às descobertas e à escravatura. Os velhos candeeiros parecem tão cansados como o próprio lugar. Está vazia. Apenas um velho se vê lá em cima no começo da rua.

Subo lentamente a Rua a partir da Av. D.Carlos I. Logo no início a Travessa dos Pescadores. Ali sim. Há vida. Lá ao fundo, a escuridão protege um grupo de indivíduos que não distingo. A meio, sentados no rebate de uma porta, dois outros indivíduos que consigo ver melhor trocam entre si as passas de um mesmo charro. Atrás de mim passos apressados, um homem entra na travessa. Disfarço com um súbito interesse pela montra ao pé. O grupo lá do fundo movimenta-se e rodeia o homem que acabou de entrar. Iniciaram-se os rituais.

Subo a rua. Na travessa que tem o mesmo nome da rua também está um grupo. Talvez à espera do correio...

Caminho mais apressado e chego à Calçada do Combro. Aqui há mais luz e algum movimento. Logo no início um agente da PSP. Cumprimento-o e sigo. Vou espreitar o miradouro de Santa Catarina. Num outro dia talvez volte aqui.

### 6.8.2 - Alguns dados demográficos

Segundo os censos de 2001 a freguesia tem 4 081 habitantes . Contudo, a consulta aos cadernos eleitorais da freguesia, em 2009 revelam a existencia de 4101 cidadãos eleitores, o que, somando aos menores de 18 anos, e à quantidade de residentes de emigrantes que a vista à freguesia dá conta, pode-se deduzir que de 2001 a 2009 se registou um forte acréscimo da população desta freguesia.

Na Página oficial da Junta de Freguesia de St<sup>a</sup> Catarina, pode ler-se:

*Os limites administrativos da freguesia sofreram sucessivas alterações, a última das quais, efectuada em 1959, e que fixa os limites actuais, se pode considerar aberrante, e que urge corrigir, uma vez que provocou uma descoincidência entre a delimitação de carácter administrativo e uma configuração específica da natureza urbanística e sociocultural, sendo a zona que dá o nome à freguesia muito restrita no contexto dessa delimitação administrativa, a qual foi exclusora de locais desde sempre "emblemáticos" da freguesia como o Miradouro do Alto de Santa Catarina, de onde se desfruta uma das mais belas vistas sobre o Tejo e a margem sul desse rio e onde, segundo a tradição, se apreciava a movimentação de navios nos séculos XVI, XVII<sup>31</sup>.*

De facto, toda a freguesia parece estar ligada aos Descobrimentos, bem como uma boa parte da Freguesia de São Paulo, a ela anteriormente ligada. A Própria Toponímia das ruas do lugar que aqui reflectimos é disso testemunha: Rua Poço dos Negros, Rua das Gaivotas, Rua dos Mastro, Travessa dos Pescadores etc...

Do Relatório do IDT, extrai-se a elencagem dos Problemas identificados pelas organizações de suporte e controle social da freguesia:

*“Os principais problemas sentidos pela população nesta freguesia situam-se ao nível da criminalidade e dos sem-abrigo que estão frequentemente associado à toxicoddependência.”<sup>32</sup>*

De acordo com o inquérito à população e aos dados fornecidos pelas diferentes estruturas sociais em campo, o relatório refere como problemáticas associadas:

- Baixos níveis de escolaridade
- Baixa qualificação profissional
- Elevada taxa de desemprego
- Elevado número de pessoas sem actividade económica
- Precariedade económica
- Insucesso, absentismo e abandono escolar
- Acessibilidade, disponibilidade e tráfico de substâncias psicoactivas
- Início precoce de uso e abuso de substâncias lícitas e ilícitas

---

<sup>31</sup> <http://www.jf-santacatarina.pt/historia.html>

<sup>32</sup> Instituto da Droga e da Toxicoddependência – PORI – Plano Operacional de Respostas Integradas, 2008 - RELATÓRIO FINAL DO DIAGNÓSTICO DO TERRITÓRIO: ZONA HISTÓRICA – CENTRO OCIDENTAL; Freguesias: S. Paulo, Sta. Catarina, Encarnação, Santos-o-Velho

- Famílias disfuncionais com historial de toxicodependência

Sobre a População, o mesmo relatório refere:

*A estrutura etária da população encontra-se envelhecida já que mais de um quarto dos residentes (28,3%) tem mais de 65 anos. Cerca de 10% dos habitantes são crianças e jovens. De acordo com os censos 2001, 54% da população residente não exercia qualquer actividade económica, 31% eram pensionistas ou reformados e apenas 42% estavam empregados.*

*As habilitações literárias da população residente nesta freguesia são extremamente baixas, sendo que 71,2% dos habitantes não têm a escolaridade mínima obrigatória, e 12% não frequentaram qualquer grau de instrução. Apenas cerca de 12% da população tem curso médio ou superior. Como consequência das reduzidas habilitações literárias da população residente nesta freguesia, cerca de 60% dos habitantes trabalha no grupo socioprofissional dos empregados administrativos do comércio e serviços e operários qualificados e semi-qualificados.*

### 6.8.3 - Sociabilidades - O Grupo, as relações intergrupais e com o lugar

São cinco, todos do sexo masculino e habitam todos nestas proximidades.

Encontrei-os pela primeira vez, ainda na fase de uma observação à distância na esquina entre a Rua de S. Bento e e Rua do Poço dos Negros.

Da Observação à abordagem, foi um percurso muito moroso e difícil, atravessado por muitas vontades de desistir. As diferentes tentativas de abordagem resultavam sempre em fracassos. O grupo ignorou-me durante muito tempo. O ambiente da esquina também não oferecia grandes oportunidades. Nem mesmo num acidente ali mesmo na esquina, em que uma mulher idosa foi atropelada, sem graves consequências aparentes, gerou oportunidades para o encontro, apesar das minhas tentativas.

Por fim, depois de ter tomado a decisão de abandonar a observação do lugar, decidi que faria uma última tentativa e, ainda que tivesse a percepção de experiências anteriores

do mesmo tipo nunca tinham dado resultados positivos, decidi-me por uma abordagem directa ao assunto.

Assim, dirigi-me ao grupo que nesse dia tinha apenas três dos elementos e expliquei-lhes as razões da minha permanência naquele lugar e da observação que tentara fazer daquele mesmo grupo.

**Tabela 42 - género x idade**

	idade			Total
	19 a 21	22 a 25	31 a 35	
sexo Masculino	2	2	1	5
Total	2	2	1	5

São todos do género masculino.

Araciso, de 19 anos de idade, um bocado mais novo que todos os outros, de ascendência brasileira sorriu, olhou para os outros e disse:

- *Agente tinha topado, cara. Mas se você quer isso mesmo, então porque não falou isso? A gente tinha ajudado você, pomba.*

- *Desculpem, mas eu estava a espera de uma oportunidade casual, para não vos assustar.*

- *É, Mas a gente pensou muitas coisas sobre você. (gargalhadas dos três).*

*Um dia quando você quis meter conversa, se livrou da boa... mas depois a gente não quis confusão e foi embora... Faz isso, não, cara.*

*O melhor é falar... com falar a gente se entende.*

Tomei a resposta como uma reprimenda, pedi desculpa, agradeci, e propus para reparar a asneira, pagar-lhes uma bebida quente, já que a noite estava fria. Aceitaram. Subimos até à Calçada do Combro, depois a Av. Do Loreto e foi na Praça Luis de Camões que acabamos a conversa iniciada frente a uma bebida bem quente.

**Tabela 43 - Tempo com práticas de rua x Tempo de permanência no grupo**

	tempo de permanencia no grupo			Total
	12 a 24 meses	24 a 36 meses	> 36 meses	
tempo com +2 anos a práticas de rua 4 anos	1	2	0	3
> 4 anos	1	0	1	2
Total	2	2	1	5

O serão correu depressa. Entre explicações, conheci os três elementos, e fiquei a saber que os outros dois, o Hugo e o Pedro, só vinham às vezes.

Tabela 44- idades x graus de escolaridade frequentados

	habilitações escolares frequentadas				Total
	2º ciclo	3º ciclo	secundário	frequencia ensino superior	
idade 19 a 21	0	0	1	1	2
22 a 25	2	0	0	0	2
31 a 35	0	1	0	0	1
Total	2	1	1	1	5

O Araciso, brasileiro de nascimento e legalizado em Portugal há cerca de tres anos, habita na rua onde o encontrei a primeira vez, numas águas-furtadas, com a mãe e duas irmãs que se

dedicam ao trabalho de Alterne em Bares nas imediações do Cais do Sodré e na Rua do Alecrim. Quanto a ele disse-me apenas que é pasteleiro, estava desempregado, mas nunca soube onde tinha trabalhado. De vez em quando faz "alguns biscates" e vive de subsídios (de desemprego?). É consumidor regular de Cocaína, o que pressupõe maiores rendimentos do que os que diz receber dessas actividades. É o mais falador do grupo, e foi por ele que tive acesso à maior parte das informações.

O Roberto é o mais velho dos três, embora o Hugo seja o mais velho de todos. Tem 24 anos. Mestiço, de ascendência angolana e portuguesa. Habita num velho andar da própria Rua do Poço dos Negros, com um irmão mais velho, professor de informática num colégio na zona do Chiado. Ocupa-se com um pequeno negócio de "velharia" que vende em feiras, frequentemente na Feira da Ladra. Gosta sobretudo de selos e velhas fotografias. Parece ter rendimentos bastantes para os seus gastos e também para os consumos de heroína fumada. Fez o 12º ano e chegou a entrar na faculdade de direito da UL, mas os consumos iniciados nessa altura e o ambiente que descreve como "muita mau", levaram-no a abandonar os estudos.

O Delfim tem 20 anos. Diz-se estudante de Educação física na Faculdade de Motricidade Humana de Lisboa,

	relações familiares				Total
	inexistentes	amigosas	conflituosas	de ruptura	
idade 19 a 21	1	0	1	0	2
22 a 25	0	1	0	1	2
31 a 35	0	0	0	1	1
Total	1	1	1	2	5

Tabela 45 - idades x relações familiares

mas, apesar de ter realmente entrado na faculdade há dois anos, nunca fez nenhuma cadeira e, tanto quanto percebi, não vai às aulas. Estranho, já que completou o 12º ano sem nunca ter reprovado

nenhum ano. É o pai que lhe paga os estudos. Aliás, parece ser a única nota da presença do

**Tabela 46 - Idades x relações entre pares**

	relações dentro do grupo		Total
	afectivas	dependencia e sobrevivencia	
idade 19 a 21	1	1	2
22 a 25	2	0	2
31 a 35	1	0	1
Total	4	1	5

Pai. Quanto à mãe e aos outros dois irmãos, afastou-se quando tinha 16 anos. Por um ano ficou a viver com o pai, mas "o vinho não é boa companhia" e, por isso, foi viver com o irmão.

Relativamente aos dois restantes tive poucas oportunidades de estar com eles. O Hugo de 35 anos, o mais velho do grupo é amigo do Roberto e por isso vem ter com eles de vez em quando, arrastando quase sempre o Pedro de 22 anos. Ambos residem também nas imediações daquele lugar. Soube poucas coisas sobre eles. O Hugo dedica-se nos seus tempos livres à pesca à linha e consome apenas haxixe e às vezes ecstasy. Subsiste como ajudante de mecânico na Junqueira, mas parece ser um trabalho que apenas suporta e de que não gosta. Já o Pedro trabalha num restaurante mas apenas aos fins de semana.

Parecem assumir os três a sua ligação e tratam-se como amigos e companheiros de longa data. As cumplicidades no consumo e compra de substâncias psicoactivas parecem ser o elo mais forte desta união, embora um certo sentimento manifesto de exclusão possa ter reforçado estes laços, na procura de pertenças e afectos securizantes.

		relações com residentes			Total
		nenhuma	tranquilas	amistosas	
sentimentos de pertença ao grupo	sim	1	2	1	4
	nao	1	0	0	1
Total		2	2	1	5

**Tabela 47 - Sentimentos de pertença x relação com residentes**

Socorrem-se frequentemente quando qualquer deles "está down ou não tem guito".

Mantém relações próximas com outro grupo da zona, igualmente consumidores de drogas e conhecem bem quase todos os residentes do lugar, com quem parecem manter relações cordiais em muitos casos e noutros uma relação de "vive e deixa viver".

Não escondem, contudo que sabem que a presença do grupo no lugar nem sempre é pacífica embora também não surjam graves conflitualidades.

*- Gostar eles não gostam, não. Mas também a gente nunca os danou. A gente só quer estar na nossa, cara. A vidinha dos outros a gente nem quer saber. A gente vai lá, não chateia ninguém e deixa tudinho como quando a gente chegou. Eles não gostam porque tem medo que a gente pinta os filhos deles. Mas nada. A gente não fiska ninguém.*

*Mas muitos também já ganzam. Só que eles estão na deles e a gente fica na nossa. E até quando a gente vê os putos a ganzar, a gente diz a eles pra não fazer isso... mas se eles querem, o que a gente vai fazer, né, cara?(Araciso)*

*- Alguns até nos tratam bem e às vezes, como nos conhecem, falam connosco e oferecem-nos comida à noite, e isso... E também às vezes a gente ajuda-os. Uma vez uma bacana cota que foi mandada embora da casa, acho que não pagava a renda,... não sei, e então a malta estava aqui e ajudamos-a a levar as coisas e arranjamos uma garagem para ela ficar nessa noite. Depois a malta daqui juntou-se e foram falar com o dono da casa e ele arranjou um lar da Assistência e ela foi para lá. A malta daqui entende-se toda. Só alguns que vieram para cá é que é pior...(Delfim)*

Quanto à escolha do lugar para reunião e consumo, tem muito a ver com o facto de sentirem ali um baixo controle social, por isso mesmo sintam pouca reactividade à sua presença e às suas actividades. Aliás, todos parecem experimentar um certo bairrismo ou pertença àquele lugar. Todos eles utilizam o lugar como ponto de encontro e de consumo.

Procuram evitar confrontos e quando uma travessa está ocupada, procuram outra ou um beco onde possam estar e consumir. Fico a saber que os lugares mais usados são a Rua dos Pescadores, o Beco do Carrasco, a Travessa do Poço dos Negros, a Av de D. Carlos e o tal pequeno beco dessa rua onde se situa a vassouraria que curiosamente tem o nome de Esperança. Foi neste pequeno recanto que estive com eles uma única vez em que aceitaram mostrar-me os lugares de consumo.

No seu dia a dia recorrem às ajudas das unidades móveis para troca de seringas usadas por kit's das campanhas de redução de riscos. Mas usam também frequentemente outras unidades para colherem alguma alimentação, mais por comodismo que por necessidade, pareceu-me.

	actividades de subsistencia				Total
	subsídios oficiais	actividade profissional parcial	actividade profissional a tempo inteiro	dependencia dos pais ou outros familiares	
idade 19 a 21	0	1	0	1	2
22 a 25	1	1	0	0	2
31 a 35	0	0	1	0	1
Total	1	2	1	1	5

Tabela 48 - idade x actividade de subsistência

Reúnem-se à noite, depois do jantar, quando o dia lhes permite jantar. Apesar de viverem todos na zona, o dia a dia é cumprido em separado nas suas actividades profissionais ou de angariação de recursos. Apesar dos seus consumos diários é um grupo ainda pouco degradado, que continua a ter alguns projectos de vida, embora alguns sejam meras ilusões ou sonhos que sabem que nunca cumprirão. Mantêm ainda cuidados preventivos na minimização de danos e redução de riscos e vivem ainda na ilusão de dominarem ou controlarem os seus próprios consumos.

Será talvez este estágio no seu percurso de dependência que lhes permite ainda manter relações de proximidade, e muitas vezes cordiais, com a população residente, à qual também se sentem pertença.

## 6.9 -Freguesia de S.Paulo (Miradouro de Santa Catarina e Calçada do Combro)

...Subindo ora discreta ora a pique a vertente sul da colina de Santa Catarina, a freguesia de São Paulo é notável na sua malha urbana que, quer diferentes séculos de construção e reconstrução, quer diferentes vivências sociais, não destruíram numa heterogeneidade irremediável. ...

A construção da Muralha Fernandina, no final do terceiro quartel do séc. XIV, veio, nos anos que lhe seguiram, dar origem à construção extramuros que se desenvolveu, a princípio timidamente, mas que depressa se espalhou ao longo do rio, antes de começar a subir a colina.

Contudo, mesmo colina acima, a toponímia e a ocupação das gentes do bairro foi sempre o mar. A paróquia de S. Paulo, ao que parece criada em 1412, vai obter a sua autonomia administrativa por carta régia do Cardeal-Rei em 1566 e 1568. E se o seu povoamento é feito à volta do convento dominicano do Corpo Santo e da Igreja de S. Paulo, por gentes da faina do mar, bem depressa o comércio, a época dos Descobrimentos se impõem e assiste-se durante todo o resto do século XVI, ao povoamento desta zona.

Os problemas de saúde e de higiene, acrescidos das deflagrações de pestes intramuros, vão originar cada vez mais a procura de terrenos de construção fora das Muralhas Fernandinas.

A imagem da freguesia no seu interior, depois de ultrapassar as fachadas já muito reconstruídas, é ainda uma imagem de cariz quinhentista, onde as novas formas urbanas começaram a ser esboçadas.

À urbanização descontrolada e anárquica dos anos de quatrocentos do núcleo limitado pela cerca fernandina, vai agora contrapor-se uma nova concepção de urbanismo, de ruas ortogonais, numa estrutura legislada e controlada dentro dos parâmetros de modernidade que se vão estender, por fases sucessivas de loteamento e construção, até ao cimo da colina. A população acrescida pelos novos atractivos comerciais pós descobrimentos leva à necessidade de criação de novas freguesias. E assim, destacada da freguesia dos Mártires, vai nascer, em 1566, a freguesia de S. Paulo.

O terramoto de 1755 faz sérios danos na parte ribeira da freguesia de S. Paulo, levantada no centro da praça e completamente destruída pelo sismo, vai substituir-se outra edificada a poente daquela e com orientação contrária. Em 1913 fazendo jus aos grandes

trabalhos de reconstrução e remodelação da praça e rua de S. Paulo pelo Marquês de Pombal, grande senhorio do sítio, a freguesia toma o seu nome, para em 1959, retomar o de S. Paulo.

A freguesia tem hoje como limites, a sul, o rio, a oeste as freguesias de St<sup>a</sup>. Catarina \_ da qual recebeu em 1959 o enclave da \_ Bica \_ e de Santos-o-Velho, ao norte e a este, as freguesias da Encarnação e dos Mártires." (Índia, G. e Garcia, J - 1993 - "Guias, Contexto", Lisboa Ed. Contexto)

### 6.9.1 - O retrato do lugar

26 de Agosto de 2009 - 10h



**Ilustração 27 - Freguesia de São Paulo  
(Miradouro e Calçada do Combro)**

O Miradouro de Santa Catarina, na confluência da Rua do Mesmo Nome com a Rua Marechal Saldanha, é um lugar público aprazível, procurado por muitos para repouso ou lazer. Contudo, a população que ocupa este espaço, com uma belíssima vista sobre o Tejo, parece variar ao longo do dia, ciclicamente, como se cada um tivesse hora marcada.

São dez horas da manhã quando chego pela primeira vez ao miradouro, depois de ter subido a Calçada do Combro e subido a escadaria que dá acesso à travessa de Santa Catarina que desemboca na Rua do mesmo nome.

A manhã está fresca. As árvores que encimam o pequeno jardim e o miradouro protegem também a pequena esplanada do quiosque Adamastor, logo à entrada do miradouro. Também a enorme estátua do Adamastor e os seus relvados envolventes se apresentam ainda sem sol que, a esta hora apenas banha a parte sul do miradouro e o seu velho gradeamento. Descendo a escada, aproximo-me do gradeamento e observo a

paisagem composta pelos telhados velhos que separam o miradouro da Av. 24 de Julho. Passando pelos patamares da Av. da Boa Vista e de D. Luis I. Um pouco mais para Sul, a banhar esta paisagem, e apenas separado pela zona ferroviária do Cais do Sodré, o Rio Tejo espelha tranquilamente a luz da manhã.

Volto a subir os degraus e sento-me na pequena esplanada com as suas mesas de ferro. O Dono, ou empregado, brasileiro de origem, simpático, falador, traz-me um café e um copo com água. A tranquilidade do lugar faz o resto e, pouco a pouco vou sentindo que quase tudo à minha volta me transporta para um lugar propício à admiração da paisagem, misto de natureza e urbanidade, como que a garantir que a convivência das duas é possível.



**Ilustração 28 - Miradouro de Santa Catarina**

Nos espaços relvados, um pequeno grupo de jovens tomou lugar. A avaliar pelas mochilas e também pelas conversas, serão estudantes. Dois deles, um casal muito jovem, beijam-se sem pruridos de que o sol, ou outros espreitadores que estão sentados no muro cimeiro deste espaço, os vejam.

hora.

Permanecem ali durante quase meia

Descendo a escada, um homem aparentando cerca de 60 anos, transporta um cavalete e um grande saco. Olha à sua volta e decide-se por ir montar o cavalete no canto mais isolado do miradouro, sobre a relva. Em poucos minutos o atelier está montado. Primeiro a tela, depois uma caixa de madeira com pincéis, frascos e bisnagas. Depois senta-se e espera... talvez a luz, ou a inspiração. Parece ser conhecido ali. O empregado do Quiosque faz-lhe um aceno ao longe, a que ele responde, demorando-se alguns segundos em sinaléticas estranhas. O empregado sorri. Um último aceno. Compreendeu a mensagem e volta a dedicar a atenção às mesas, limpando-as do orvalho da manhã.

Vão chegando algumas pessoas falando línguas diferentes. As máquinas fotográficas sempre prontas indicam a sua qualidade de visitantes ou turistas. Mais lateralmente ao pé do Adamastor de Pedra, Um homem com dois pequenos caniches seguros por finas trelas extensíveis e em passeio higiénico.

Um outro homem, aparentemente também com 60 anos, vem directamente sentar-se na esplanada. Acena com a cabeça ao empregado que lhe trás pouco depois um galão e

uma sandes. É visivelmente cliente habitual daquela hora, já que não o ouvi fazer qualquer pedido. Desenrola o jornal que trás debaixo do braço e ali fica atento às coisas que lê. Gostava de conversar com ele. Mas talvez mais adiante seja possível.

Três jovens com ar de surfistas, descem as escadas e vão-se sentar nos bancos de ferro e madeira já gasta, no centro do patamar inferior do miradouro revestido a calçada de pedra com desenhos quadrados.

Em resumo, um lugar tranquilo, como alguns outros desta mesma cidade.

Reparo que não bebi o café. Está frio. Peço outro e pago de imediato. Depois levanto-me e parto. Apenas por algumas horas. Logo voltarei.

.....

19h e 30m, mesmo dia

...

O Sol ilumina agora todo o miradouro. Sombras, só mesmo debaixo das frondosas árvores, por cima do Adamastor. A esplanada está cheia, tal como a miradouro. A paisagem humana mudou significativamente.

Muita gente, muitos grupos, quase todos jovens. Muitos tipos de ocupações.

Não tenho lugar na esplanada. Por isso desço até ao gradeamento, finjo-me interessado na paisagem e observo. Ao fundo, à



**Ilustração 29 - Miradouro de Santa Catarina**

minha direita, ocupando uma ponta do relvado que ali chega, um grupo está sentado no chão à moda indú. Um deles dedilha uma guitarra clássica. Outro acompanha-o flagelando a caixa da mesma, transformada em instrumento de precursão. Todos os outros abanam os corpos ao som deste estranho conjunto.

Um pouco mais acima e do mesmo lado, um grupo mais pequeno está deitado na relva, aproveitando o sol. Perto um outro grupo, mais numeroso e aparentemente mais

agitado e ruidoso convive entre o sol e a sombra de algumas árvores. Por trás de mim, perto do Adamastor, Muitos jovens que não consigo definir se estão ou não em grupo.

Na esplanada, continua a não haver lugares. O empregado mexe-se apressadamente por entre as poucas mesas. Para ele, parece ser hora de ponta.

Já na plataforma inferior, do meu lado esquerdo, um pequeno grupo, sentado no chão passa um cigarro de mão em mão e de boca em boca. Axixe, ou outra droga fumada, ocupam o tempo e porventura os sonhos daquelas pessoas.

No centro desta plataforma inferior, os bancos estão ocupados por grupos animados, cada um mais dinâmico que o outro.

Está assim, o miradouro ao pôr do Sol. Paisagem de compromisso entre a agitação urbana e a quietude tranquila da natureza. Entre a alegria da música e o torpor das drogas. De qualquer forma, e aparentemente, estão ali várias pessoas, utilizadores do lugar que parecem movimentar-se nele com muito à vontade, assumindo-o como um lugar de sua pertença.

Mas, sem contar com o pequeno grupo à minha esquerda que aparentemente fazia "passar" um charro, não vi outros grupos que pudessem ser alvo deste trabalho. Talvez mais tarde. Lentamente deixei o miradouro e procurei nas imediações um lugar para jantar.

....

22h, mesmo lugar e mesmo dia.

Ao chegar apercebo-me da transformação do lugar.

Tem agora um aspecto mais escuro e misterioso. As luzes dos candeeiros de ferro não iluminam uniformemente todos os espaços.

Sobretudo o plano mais elevado, por baixo das árvores, esconde dois pequenos grupos sentados na relva que só numa segunda observação mais atenta se descobrem.

Ao fundo, o espaço ocupado antes pela "Tribu indú" que tocava e cantava, está agora ocupado por outro grupo, menos numeroso, também sentado, mas claramente dedicado a outras actividades. Distingue-se claramente alguns movimentos de preparação ou consumação da injeção de drogas.

Também no canto à esquerda e já no patamar inferior, um grupo semelhante que aparentemente se dedica a práticas de consumo ali mesmo.



**Ilustração 30 - Calçada do Combro**

Nas cadeiras da esplanada, já ninguém toma café. O quiosque já fechou. Mas, na escadaria, quatro jovens, dois casais, trauteiam também uma canção em língua inglesa, acompanhados por uma guitarra. Uma balada, cantada baixinho e com um dedilhar das cordas também suave, que contrasta enormemente com o resto do ambiente do lugar. Definitivamente, poderei encontrar ali um ou mais grupos que sejam alvos da investigação.

Permaneço no lugar cerca de 45 minutos.

Interesso-me sobretudo pelo grupo à minha direita, ao fundo. São cinco. Do meu ponto de observação distingo duas raparigas. Nada mais. Voltarei outro dia.

Saio do miradouro pela Travessa de Santa Catarina. É um bairro em silêncio. Algumas luzes, um homem que fuma a uma janela do 3º andar. À frente ouve-se música a partir de uma janela aberta. Atrás de mim há vozes. Olho disfarçadamente. Parece-me o grupo dos charros. À chegada às escadarias de acesso à Calçada do Combro eles sentam-se e ali ficam a conversar.

Acabo de descer e paro já na Calçada, como se esperasse por alguém. Mas nenhuma oportunidade de contacto se regista. Talvez na próxima visita.

### 6.9.2 - Alguns dados demográficos

A freguesia de S. Paulo estende-se por 0,41 km<sup>2</sup> de área, tem 3 521 habitantes (2001) e 2094 alojamentos familiares.

*“Pertence à zona central da cidade de Lisboa e nela existem algumas construções modernas sem qualquer significado de conjunto. A*

*maioria das edificações é de estilo pombalino, remontando a sua construção ao séc. XVIII. No entanto é uma freguesia cheia de contrastes e dicotomias; desde as modernas construções públicas ribeirinhas aos prédios devolutos, desde os quadros técnicos das empresas que aqui operam, aos sem-abrigo, estas diferenças são evidentes.... É frequente encontrar prédios devolutos, prédios fechados e mais frequentemente prédios com sinais óbvios de degradação. Como exemplo, a rua central da freguesia, designada Rua de S. Paulo, ilustra bem esta realidade. São vastos os exemplos de prédios entaipados, prédios degradados e sobretudo ao nível do rés-do-chão, exemplos de antigas lojas fechadas que assim permanecem há já vários anos.”<sup>33</sup>*

*Do ponto de vista social levantam-se muitos problemas ligados à terceira idade, questões ligadas à pobreza, à toxicodependência, ao alcoolismo, à prostituição e a um elevado número de pessoas sem-abrigo.*

*Apesar de tudo, os habitantes da freguesia não vivenciam um clima de insegurança<sup>34</sup>.*

*A nível da imagem da freguesia de S. Paulo a existência de focos localizados de prostituição de rua, deixa transparecer uma imagem de degradação e de insegurança, que tem um forte impacto negativo no comércio local e afasta possibilidades e potencialidades de aposta no turismo e também de novos residentes na freguesia.”<sup>35</sup>*

A população residente tem vindo a decrescer nas últimas décadas, representando esse decréscimo 24,7% de 1991 a 2001.<sup>36</sup>

De acordo com os dados fornecidos pelo IDT foram identificados pelos diferentes actores em presença, os seguintes problemas:

- Uso / abuso de substâncias psicoactivas lícitas (álcool) e ilícitas (heroína);

---

<sup>33</sup> - IDT – PORI -RELATÓRIO FINAL DO DIAGNÓSTICO DO TERRITÓRIO: ZONA HISTÓRICA – CENTRO OCIDENTAL - Freguesias: S. Paulo, Sta. Catarina, Encarnação, Santos-o-Velho (Lisboa2009)

<sup>34</sup> CML & FPCEUL. Toxicodependência na cidade de Lisboa: Inquérito à população e Junta de Freguesia

<sup>35</sup> *ibidem*

<sup>36</sup> SCML – GPP. Caracterização sumária da freguesia de S. Paulo, 2006

- Prostituição;
- Tráfico;
- Mendicidade;
- Sem – abrigo;
- Défice de competências sociais e pessoais:
- Falta de qualificação profissional / desemprego;
- Envolvimento em actividades ilícitas.
- Insegurança e pequena criminalidade.

Grupos Etários	Nº	%
0-14 Anos	372	10,6
15-24 Anos	436	12,3
25-64 Anos	1846	52,3
> 65 Anos	871	24,7

Ainda de acordo com os dados retirados dos censos de 2001<sup>37</sup>, a população da freguesia de S.Paulo envelheceu e distribui-se conforme a tabela 49, onde podemos verificar que

**Tabela 49 - Grupos etários da freguesia de S.Paulo**

52% pertencem à população activa e o grupo constituído pelos residentes com mais de 65 anos representa uma percentagem de 24,7%, ou seja mais do que o grupo entre os 0 e os 24 anos.

Relativamente às habilitações escolares, os dados do SCML - GPP referem que se trata de uma população de baixas habilitações, já que 62,7% da população tem a escolaridade obrigatória ou menos e com uma taxa de analfabetismo de 6,8%.

Em termos de distribuição desta população por grupos etários, verifica-se uma situação quase generalizada por todas as freguesias de Lisboa em que os idosos representam mais do dobro das crianças e jovens e a população adulta tem uma expressão de 64,6%-

32,76% da população tem profissões desqualificadas e a taxa de desemprego situa-se nos 6,1%<sup>38</sup> e em que está patente a situação de privação económica, sendo reflexo disso um número significativo de beneficiários do RSI. Os empregados não chegam a ser o dobro dos reformados e pensionistas, sendo que os indivíduos sem actividade são os que

<sup>37</sup> Fonte: Censos, 2001 in CML & FPCEUL

<sup>38</sup> INE – Censos 2001

representam a maioria. O sector terciário é o mais importante e o que detém 82% da actividade<sup>39</sup>.

### 6.9.2 - O Grupo, as relações intergrupais e com o lugar

Na primeira visita à noite que fiz a este lugar, centrei-me num grupo de cinco elementos que consumiam drogas injectadas. Nas visitas seguintes encontrei-os sempre. Afinal não eram cinco. O grupo tinha oscilações no que toca a presenças. São onze, quatro elementos femininos e sete masculinos, mas apenas cinco são permanentes, embora os restantes surjam com bastante frequência. Um outro pequeno grupo de quatro a cinco elementos, é também de permanência diária neste lugar, mas, pelo menos aparentemente não é consumidor regular de drogas. Preferem a música e a conversa. As tentativas de abordagem centraram-se, por isso nos primeiros.

Depois de um período de quase dois meses de visitas bissemanais, acabei por ter um contacto fugaz e natural com o grupo. Quando chegaram, eu já lá estava encostado à grade, muito próximo do sítio onde o grupo costumava sentar-se. Chegaram na brincadeira uns com os outros, completamente abstraídos dos outros ocupantes do lugar. Ao passarem muito perto de mim, um deles mais distraído deu-me um encontrão. O telemóvel cai-me e ao bater no chão desmanchou-se. Gerson, assim se chamava o indivíduo, estendeu o braço, tocou-me no ombro e pediu desculpa. Baixou-se para apanhar o telemóvel e o resto do grupo, outro homem e duas raparigas, ajudaram a procurar a tampa da bateria, que a fraca iluminação dos candeeiros não permitia ver. Depois de encontrada, um deles pediu-me o telemóvel e tentou meter a tampa. Mas não era fácil já que ela, em situação normal, estaria presa por uma mola. Uma nova procura, mais demorada e acabamos por encontra-la. Depois de montada, Devolveu-me o telemóvel, Gerson pediu novamente desculpa e afastaram-se. Desse breve encontro, fiquei a perceber que Gerson aparenta cerca de trinta anos e parece ser parceiro de Esmeralda, uma rapariga bastante mais nova, talvez 21 ou 22 anos, Cabelo negro, exageradamente comprido, caindo pelas costas até à cintura, magra, contrastando com Gerson, de estatura mais alta e corpulenta. O outro par, também

---

<sup>39</sup> SCML – GPP (2007). Relatório de Acompanhamento de R.S.I.

aparentemente namorados ou companheiros A Magali e o Gino. Magali, com aparentemente 25 ou 26 anos, viria a saber mais tarde é irmã de Gerson e são ambos de ascendência brasileira, embora nela se note mais do que nele. Gino é um jovem baixo, aparentando também a mesma idade que Magali.

Nas visitas seguintes, era habitual cumprimenta-los quando chegavam. Como habitualmente ocupavam o canto ao fundo à direita. Permaneciam algum tempo os quatro e depois apareciam outros elementos, dois, quatro, às vezes cinco. Considerando o grupo maior, eram quatro elementos do sexo feminino e cinco do sexo masculino. Quase todos aos pares.

Numa noite, já no fim de Outubro, o miradouro não tinha ninguém. O céu estava escuro e ameaçava chover. Por alguns momentos pensei em desistir, sobretudo depois de uns breves instantes em que uma chuva miudinha começou a cair. Mas parou pouco depois e decidi ficar mais um pouco. Contrariamente ao que se passava normalmente, Magali e Gino apareceram sózinhos. Passaram por mim, espreitaram o seu canto e voltaram para trás. Quando passavam novamente por mim, comentei:

- *Hoje está vazio... com a chuva...*

- *Mas você veio, vem sempre.* Comentou Magali.

- *Pois, venho sempre para aqui antes de ir dormir. É agradável. No hotel não posso fumar... e o Rio é muito bonito à noite.*

Olharam para o Rio como se não tivessem percebido o que tinha dito.

- *A gente já não liga...* Comentou o Gino.

- *É pena... é mesmo muito bonito. Lá, não tenho disto...*

- *Não é de cá?*

- *Não, estou cá há pouco tempo... a trabalhar... e a estudar (tentei a minha sorte)*

- *Está a estudar?*

- *Porquê? Sou muito velho? (sorri)*

- *Não é isso... Estuda para quê?*

Expliquei-lhe a minha história de trabalho e de estudo, e cheguei à investigação sobre grupos...

Hesitaram, estiveram algum tempo em silêncio, ora olhando para mim, ora ditando o olhar para a escadaria do miradouro, à espera dos outros. E foi precisamente a chegada de outros que interrompeu esta primeira tentativa.

Dois dias depois voltei ao miradouro. Encontrei a Esmeralda, a Magali, o Gerson e o Gino ainda nas escadarias da Calçada do Combro que dão acesso à Travessa de Santa Catarina e ao miradouro, e foi aí que comecei a conversa, agora de uma forma mais concreta. Acabei por lhes perguntar se achavam que eu poderia conversar com o grupo e aparecer para estar com les algumas vezes. A resposta foi um pouco evasiva, deixando perceber que queriam falar com os outros todos.

As visitas seguintes, já com o consentimento do grupo decorreram sem que me tenha atrevido a falar sobre eles, mas apenas dos espaços e dos lugares.

Foi a Esmeralda que acabou por me falar de si e dos outros.

	idade				Total
	19 a 21	22 a 25	26 a 30	31 a 35	
genero Masculino	0	3	3	1	7
Feminino	2	2	0	0	4
Total	2	5	3	1	11

**Tabela 50- Genero x Idade**

Esmeralda tem 21 anos e reside com os avós ali bem perto na Rua do Almada. Conheceu o Gerson na faculdade de Direito e começaram ali uma relação de namoro. Ambos são consumidores de heroína, embora a Esmeralda consuma de

uma forma mais controlada que o Gerson. Vive de uma pensão de sobrevivência ( que divide a meias com os avós) após a morte do pai em Angola onde estava com a mãe em missão de trabalho. A mãe ficou lá. É para manter esta pensão que continua matriculada na faculdade embora a bolsa que tem apenas pague as propinas e pouco mais. Contudo, desde o ano passado que, efectivamente, abandonou o sonho do curso. Como se disse já, o seu cabelo muito comprido e negro, sobressai, valendo muitas piadas do grupo, que ela encara de forma divertida.

Gerson, brasileiro de origem, mas residente em Portugal em Oeiras desde os 7 anos de idade, tem 31 anos e subsiste com o seu trabalho freelancer numa agencia de publicidade como angariador. Vive com a sua irmã Magali desde o regresso da mãe ao Brasil há 3 anos.

Magali tem 24 anos, namora com o Gino e tem relações preferenciais dentro do grupo com a Esmeralda e com o irmão por quem tem uma admiração

excepcional. Ocupa-se em trabalhos de limpeza de condomínios durante a manhã, na zona onde habita a Esmeralda, e foi aí que a conheceu, tornando-se amigas. Deixou de estudar no 12º ano, que não completou "por causa da matemática".

O Gino tem 26 anos.

Conheceu a Magali há dois anos numa noite no Bairro Alto, onde habita só com a mãe, após a separação dos pais há muitos anos atrás. Era empregado num café perto de casa mas no momento está

	tempo de permanência no grupo		Total
	< 1 ano	Ocasional	
tempo com práticas de rua	6	0	6
+2 anos a 4 anos	4	1	5
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>1</b>	<b>11</b>

**Tabela 51 - Tempo com práticas de rua x tempo de permanência no grupo**

desempregado e vive do subsídio de desemprego, parecendo não estar muito preocupado em arranjar trabalho. "chega para os gastos". É consumidor regular de cannabis, embora, por vezes consuma heroína fumada. Na sua historia de consumos, foi já dependente da Heroína injectada e esteve em tratamento ou comunidade em diversas instituições.

O Sérgio tem 27 anos. Habita sozinho, num quarto alugado, na Rua da Boavista, um pouco abaixo do Miradouro. Habitualmente recorre ao arrumo para sobreviver e consumir, mas aproveita bem as oportunidades e ajudas que consegue de serviços de apoio à comunidade, nomeadamente na alimentação e vestuário. É frequente no grupo que procura para companhia e para os consumos. Alegre quase sempre, é apreciado e apoiado por todo o grupo. Consome Haxe e cocaína fumada. Revela relações preferenciais com o Nuno e a Jasira.

Os restantes elementos aparecem no grupo com menos frequência, mas ainda assim, fazem parte dele, pelo menos na aceitação dos outros.

A Jasira é uma jovem de descendência Angolana, nascida em Portugal. Tem 19

	habilitações escolares frequentadas				Total
	1º ciclo	3º ciclo	secundário	frequencia ensino superior	
genero Masculino	1	4	1	1	7
Feminino	0	2	1	1	4
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>6</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>11</b>

**Tabela 52 - Genero x Habilitações escolares frequentadas**

anos e é a mais nova do grupo. Não tem casa e viveu com o Nuno, seu namorado, num prédio devoluto perto da estação do Rossio, mas desde há

cerca de seis meses que após ser expulso de lá pela polícia, vivem num carro abandonado aqui bem perto. Antes habitava com uns tios, mas a desorganização da casa e do casal tê-

la-ão levado a sair de casa e juntar-se com o namorado, apesar da precariedade da situação deste. Ainda assim, parece aceitar esta nova vida melhor do que a anterior. Sobrevive sobretudo da distribuição de flayers e com a venda de postais sobre Lisboa aos turistas a quem conta histórias de desgraça em Inglês, língua que domina bem. Abandonou a escola no ano passado, mas diz sempre que para o ano voltará para acabar o 12º ano.

Nuno, tem 22 anos e, como se disse vive num carro abandonado desde há seis meses. Fez um curso profissional de cozinha, Trabalhou em vários restaurantes nas portas de Santo Antão, na Av. Da República e em Belém, Mas os consumos de heroína acabaram por lhe retirar a capacidade de cumprir horários e de assumir o trabalho, pelo que, no momento está desempregado a receber o subsídio de desemprego que gasta quase todo nos consumos.

Ao grupo, também com menor frequência, ocorre um outro casal: A Dulce e o Moacir. Ambos com 23 anos, vivem juntos em Benfica mas passam o dia no centro da cidade. O Moacir distribuindo Pisas e a Dulce numa Loja de pronto a vestir na Rua da Palma. Habitam um pequeno apartamento arrendado pelos pais do Moacir. Deslocam-se habitualmente de metro, embora utilizem também um pequeno e velho carro dos pais da Dulce. Entraram no grupo pela mão do Gino que conheceu o Moacir quando os dois frequentaram as consultas do Centro das Taipas .

Sergio Segundo e Alberto são outros dois que aparecem e desaparecem do grupo. Hesitei no princípio em considera-los do grupo, mas a sua postura quando estão no grupo e o grau de aceitação do grupo aconselham a que os inclua. Sergio Segundo tem 27 anos e Alberto tem 24. Andam sempre juntos, falam pouco comigo, talvez por não terem o grau de confiança dos outros, dada a sua pouca permanência. Soube que estão com o grupo há cerca de um ano e que mantêm com o resto dos elementos boas relações. Diria mesmo que o grupo confia neles.

	relações dentro do grupo			Total
	afectivas	dependência e sobrevivência	amorosas	
genero Masculino	3	1	3	7
Feminino	1	0	3	4
Total	4	1	6	11

**Tabela 53 - Genero x Relações com o grupo**

As relações intrapessoais no interior do grupo pautam-se por grande cordialidade e entreajuda.

Existem, é claro, relações preferenciais e amorosas entre os

quatro casais, mas que, ainda assim, parecem não interferir nas relações entre os diferentes elementos.

Já com outros grupos frequentadores do mesmo lugar, A relação parece nula ou, pelo menos, muito distante. Conhecem-se mas não interagem, havendo mesmo com um grupo alguma animosidade que se manifesta apenas ao nível dos comentários dentro do grupo.

Com a população residente, existem relações com algumas pessoas conhecidas dos elementos que habitam na zona. São aparentemente relações de vizinhança e em dois casos relações de maior proximidade com elementos mais jovens que também são consumidores ou com quem formaram bando nas brincadeiras de miúdos.

	relações com residentes				Total
	nenhuma	conflituosas	tranquilas	amistosas	
genero Masculino	1	1	3	2	7
Feminino	3	0	1	0	4
Total	4	1	4	2	11

Tabela 54 - Género x relações com os residentes

De qualquer forma, na sua auto percepção, apenas um elemento entende que as suas relações com os residentes são conflituosas, mas quatro deles afirma não ter com eles qualquer relação. Dos restantes, dois pensam que as suas relações com os residentes são tranquilas e dois acham que são mesmo amistosas.

É, em minha opinião, um grupo fechado sobre si, em que cada um se refugia no apoio dos outros elementos, quer na sua busca de solidariedade quer na procura de pertenças.

Sem dúvida que o elo inicial de união parece ser a necessidade de consumir, mas a solidariedade criada nas abstinências e às vezes noutras carências, parece ter criado uma relação entre pares bem mais sólida e para além dos consumos.

	relações familiares			Total
	inexistentes	amistosas	de ruptura	
idade 19 a 21	1	0	1	2
22 a 25	3	1	1	5
26 a 30	2	1	0	3
31 a 35	0	1	0	1
Total	6	3	2	11

Tabela 55 - Idade x Relações familiares

A vida de cada um pautou-se, desde à muito por conflitos familiares e de procura de afectos tranquilizantes. Também a necessidade de pertença é referida com frequência, referenciando o grupo como um meio onde se sentem bem, sendo que, na

maior parte deles, as relações familiares não foram gratificantes nem tranquilas.

- ...Depois fiz-me á vida, andei por aí, com 15 anos comecei a trabalhar em Belém, primeiro a limpar aquela merda , as mesas depois os gajos gostaram de mim e fui ficando a servir à mesa, ao balcão...recebia boas gorjas....foi aí que comecei a beber uns copos, dos gajos que deixavam... era pouco bom, era, garrafas cheias, era à brava.

- Não voltaste a estudar?

- 'tas a gozar, caguei para a escola, era bué fixe enquanto tive a trabalhar...camisinha branca, todo fixe, até as gajas andavam doidas comigo...

- Então e o que aconteceu depois?

-A droga. Comecei por dar uns riscos de coca, ficava todo marado, gostava bué, sentia-me muita fixe, só que depois a merda toda foi ter começado com uns cogumelos marados que trouxeram de fora, sabes um amigo meu deu-me a experimentar umas cenas bué de maradas. Fiquei maluco...corri tudo à procura daquilo.

- Então nessa altura ainda trabalhavas?

- hiá, trabalhei até ao Natal, mas pouco depois já não conseguia, comecei a meter para dentro (injectável) coca com heroa, mas aquela merda não chegava, bebia umas vodkas, até que um dia o gajo (patrão), que já andava a controlar, por causa de um chibo, deu comigo na casa de banho com a gringa, passou-se, correu logo comigo...

- Nessa altura vivias onde?

-Nessa altura...vivia com uns colegas, o tal gajo que trouxe cogumelos de fora, hiá nem sei de onde, mas eram bons, deixavam-te com um estalo...

- Sim, mas aonde na cidade de Lisboa?

- Tinha-mos um quarto na zona da Meia Laranja, isso foi uma merda, porque comecei a passar umas merdas, sabes.... depois acabava o guito para pagar aquela merda e um dia a gaja pôs-nos a andar...

- A dona da casa?

- Sim aquela gorda, mas foi-lhe bem feito, depois o filho dela ficou agarrado e morreu de por causa do limão...

-Uma overdose?

- Não, febre do limão...ficou todo marado...

- Olha, voltando à conversa e tu?

- Eu andei por aí. Fui consumindo tudo o que aparecia, apanhei gandas tripés, curti bué, conheci bué de gajas também todas malucas, era amigo de muitos gajos da noite, entrava em todo o lado...hiá, sempre sem pagar, representava umas cenas e era logo bem recebido. Na Lontra (discoteca angolana) tinha lá uma gaja, que ficava sempre à minha espera, ria-se toda quando eu lá chegava. Era uma ganda maluca...

- E a tua família?

- É pá, é com te disse. Caguei neles. Não sei. Só sei da Guida, tu sabes, anda na vida. No Intendente. Também não tem juízo nos cornos...

- Costumas falar com a tua mãe?

- Já não. Quando ela falava era para saber se eu tinha guito para ela. O dinheiro nunca chegava...também bebia uns copos, batia bué na Guida. 'Tava sempre a encher...antes ela do que eu...eu também levava nos cornos, dos dois, lembro-me de uma vez em que ela me bateu bué.

- A tua mãe?

-Hiá, 'tava a fazer uma cena qualquer e ela bateu-me feita maluca, passei-me, foi quando lhe dei um murro. Para ela aprender a não se meter comigo. Nunca mais me tocou, vingava-se na Guida

- Então e agora vives onde?

- ... ali atrás tá um carro...ficamos lá... Mas antes, assentei um bocado com a Jasira e ainda vivemos num quarto no Rossio. Depois o guito não chegou e começamos a baldar-nos à renda e prontos...

- Como é que vieste parar aqui?

- Foi quando começamos a ficar no carro, vinha para aqui e depois conheci a malta e ficamos amigos... São porreiros. A malta dá-se bem e assim a gente não está sozinhos... e ajudamos todos...

-A fazer o quê?

- quando algum está na merda, os outros ajudam. Nunca estive com malta tão porreira.

-Mas não vens todos os dias, como os outros.

- Pois, às vezes não dá... temos outras cenas...Mas depois a gente... tu sentes a falta e voltas. (Nuno, na rua desde os 19 anos)

	Objectivos de ocupação			Total
	Encontro	Encontro e consumo	consumo e pernoita	
genero Masculino	1	5	1	7
Feminino	2	2	0	4
<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>7</b>	<b>1</b>	<b>11</b>

**Tabela 57 - Genero x Objectivos de ocupação do lugar**

Já quanto à escolha do lugar, também não parece ter sido ao acaso. Qualquer deles, na sua história pessoal fala da procura de lugares tranquilos e tranquilizantes. Foi neste lugar que começaram a encontrar-se e a criar relações grupais. Referem-se ao

miradouro como um lugar de pertença, já ligado aos seus rituais de consumos e às relações estabelecidas. Vem apenas à noite. Durante o dia, estão quase todos ocupados nas suas

tarefas de angariação de recursos ou de trabalho, e os ocupantes do lugar são outros.

		identificação com o lugar		Total
		sim	não	
lugar de habitação	mesmo lugar ou vizinho	2	3	5
	outros lugares centrais da cidade	3	0	3
	lugares periféricos da cidade	1	1	2
	concelhos periféricos	1	0	1
<b>Total</b>		<b>7</b>	<b>4</b>	<b>11</b>

**Tabela 56 - Lugar de habitação x identificação com o lugar ocupado**

Ainda assim, parece existir no grupo um forte sentimento de pertença aquele lugar, sendo os dos lugares vizinhos ou lugares

centrais da cidade os que mais manifestam esse sentimento. Para alguns é como se vivessem ali, ou ali permanecessem há muito tempo.

*...à tarde só vês betinhos e turistas. Não dá, não há clima... Dantes ainda vinha cá para tentar fazer algum... (dinheiro). Mas a bófia anda sempre por aí e não deixa vender.. (mostra os postais). E também de dia não tens os teus amigos... não dá. À vezes estão aí uns chungas e depois metem-se connosco, sabes... as miúdas. Outras vezes são uns velhos, mandam bocas malucas... mesmo à velhadas...*

*- Velhadas como eu?*

*- É diferente, não andas aí a mamar-se pelas miúdas... Tu respeitas a gente, e agente vê isso. É diferente, sabes lá...*

*- Diz-me tu.*

- Oh pá, és lerdo? Eles querem ir para a cama connosco... pensam que lá por a malta ter este aspecto já vai com qualquer... não se enxergam. Um dia um tentou agarrar-me... dei-lhe um safanão e depois gritei para toda a gente ver... ele foi-se logo embora... ná, não dá. À vezes também aparece uma malta fixe, mas estão noutra. A esta hora é que é fixe. Tem menos malta e ninguém chateia os outros... Também vem para o mesmo... Olha lá! (aponta uma outra zona do miradouro onde estão dois grupos, aparentemente também nos consumos, sentados no chão). À noite aqui tá-se bem, cada um está na sua

-Mas vocês dão-se com outras pessoas daqui.

- É. Alguns. Já nos conhecemos hà bué... alguns são fixes. Mas a gente vê-se pouco... bem, agora tá na hora, tenho que me esgueirar... fica bem.

Afastou-se. Foi ter com o grupo. Sentou-se. Pouco depois preparava a sua dose de heroína.

Eu fiquei mais um pouco debruçado na grade a olhar o Tejo a reflectir as luzes da ponte e das casas e fabricas do outro lado. Tudo cúmplice, tão tranquilo....quase mágico, para mim. Talvez só para mim. Acenei-lhes e afastei-me vagaroso.

( Jasira, na rua desde há cerca de ano e meio).

	actividades de subsistencia						Total
	Arrumo de viatura	subsídios oficiais	distribuição de flyers	biscates	actividades delituosas	actividade profissional parcial	
genero Masculino	2	1	0	1	1	2	7
Feminino	0	1	1	0	0	2	4
Total	2	2	1	1	1	4	11

Tabela 58 - Género x actividades de subsistência

Os onze elementos deste grupo subsistem de diferentes actividades ocasionais incluindo actividades laborais também a tempo parcial. O arrumo de viaturas, a distribuição de flyers e também os subsídios oficiais, constituem o sustento da maioria. Também aqui, e muito ocasionalmente, segundo afirma o próprio, apenas um elemento

revela praticar actividades delituosas quando não consegue dinheiro para os consumos de outra forma. Justifica-se com o síndrome de abstinência, com forte sofrimento.

## VII - Análise geral dos grupos observados

Nota prévia:

Apesar de existirem diferenças na constituição, organização e relações nos diferentes grupos observados, considerámos útil, para uma compreensão mais global do problema, proceder a uma análise global de todos os dados recolhidos em todos os grupos, já que sendo a problemática social e os objectivos dos grupos semelhantes, no meu ponto de vista, podem constituir um todo observado.

Pareceu-nos por isso importante fazer neste capítulo uma análise contextual dos grupos no seu todo quando por norma, se faz uma análise desterritorializada e individualizada. Nesta análise procura-se compreender as sociabilidades e as ligações ao território de uma forma mais abrangente.

## 7.1 - A constituição dos grupos

Reunindo as tabelas 2, 3 e 4 deste trabalho, podemos verificar, desde a observação inicial, que os grupos seleccionados se mostram heterogéneos na sua composição. Oscilando entre quatro a nove elementos, e com composições de género igualmente diferenciadas, o mesmo se passando acerca dos grupos etários, a observação destes grupos

**Tabela 59 Composição dos grupos sexo X idade**

	idade					Total	
	16 a 18	19 a 21	22 a 25	26 a 30	31 a 35		
sexo Masculino	Count	1	7	22	6	2	38
	% of Total	2,0%	13,7%	43,1%	11,8%	3,9%	74,5%
Feminino	Count	2	5	5	1	0	13
	% of Total	3,9%	9,8%	9,8%	2,0%	,0%	25,5%
Total	Count	3	12	27	7	2	51
	% of Total	5,9%	23,5%	52,9%	13,7%	3,9%	100,0%

permite perceber que se movimentam e motivam em contextos diferentes, que parecem interferir nessa composição.

**Tabela 60- sexo \* habilitações escolares frequentadas**

	habilitações escolares frequentadas					Total	
	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	secundário	Ens. superior		
sexo Masculino	Count	1	7	19	8	3	38
	% within sexo	2,6%	18,4%	50,0%	21,1%	7,9%	100,0%
	% within habilitações escolares frequentadas	100,0%	100,0%	76,0%	72,7%	42,9%	74,5%
	% of Total	2,0%	13,7%	37,3%	15,7%	5,9%	74,5%
Feminino	Count	0	0	6	3	4	13
	% within sexo	,0%	,0%	46,2%	23,1%	30,8%	100,0%
	% within habilitações escolares frequentadas	,0%	,0%	24,0%	27,3%	57,1%	25,5%
	% of Total	,0%	,0%	11,8%	5,9%	7,8%	25,5%
Total	Count	1	7	25	11	7	51
	% within sexo	2,0%	13,7%	49,0%	21,6%	13,7%	100,0%
	% within habilitações escolares frequentadas	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% of Total	2,0%	13,7%	49,0%	21,6%	13,7%	100,0%

Pela análise do quadro 59 pode verificar-se que os grupos são maioritariamente constituídos por indivíduos do sexo masculino (74,5%) sendo um dos grupos, o da Rua do Poço dos Negros, apenas constituído por elementos masculinos.

Este facto parece alterar a configuração que se atribui por senso comum, e que ignora a participação feminina em grupos de rua<sup>40</sup> consumidores de drogas. Aliás, os trabalhos efectuados em que participei desde 1995, vem mostrar que, progressivamente os elementos femininos se tem vindo a juntar e a aparecer cada vez mais nestes ambientes, embora pareçam desempenhar nos grupos papeis mais acessórios ou com características exclusivamente afectivas. Contudo, embora, nos grupos abordados esta exclusividade seja desmentida no grupo da Almirante Reis, junto ao Chafariz, onde a Mariana assume a liderança do grupo.

O quadro dá-nos também como leitura simples a constatação de que os grupos observados são constituídos maioritariamente por indivíduos situados na faixa etária dos 19 aos 25 anos de idade. Atendendo à leitura da tabela 5 deste trabalho, poderemos verificar que esta média se situa abaixo da média dos indivíduos em tratamento nas Equipas do IDT, para as mesmas freguesias que aponta para a maior percentagem dos indivíduos entre os 30 e os 45. Esta diferença, de acordo com a opinião dos técnicos dos serviços oficiais pode ser motivada pelo maior suporte social dos indivíduos referenciados em grupos o que permite um maior autocontrolo dos seus elementos e também pelo facto de, sendo mais novos, não se encontrarem ainda tão desorganizados. Segundo a mesma fonte, Quando o estágio de consumos e da própria dependência se agrava, o indivíduo perde a capacidade de se organizar e de assumir relações sociais, ou seja, só os indivíduos com menores tempos de consumo e de dependências, mantém alguma capacidade de se relacionarem com os seus pares.

No que concerne às habilitações escolares, consideraremos aqui o nível escolar mais elevado frequentado pelos indivíduos. Na leitura do quadro acima, pode ser verificado que a percentagem mais elevada frequentou ou frequenta o 3º ciclo de escolaridade(49%). Contudo a ideia de que estes indivíduos possuem baixos níveis de escolaridade, é contrariada nestes grupos observados. O somatório dos indivíduos que frequentam ou frequentaram o ensino secundário e superior (35,1%), é muito superior ao

---

<sup>40</sup> Relembre-se que este estudo se refere a grupos que incluem actores a residir em diferentes situações, sendo os sem-abrigo uma minoria dos seus elementos, sendo o elo de ligação não o sítio de pernoita mas a vivência e as práticas de sobrevivência a partir da rua. Vulgarmente, as estruturas que se dedicam ao Trabalho de Rua, designam dois tipos de actores: as crianças e jovens da rua e as crianças e jovens na rua (Lucchini, 2001).

dos indivíduos que abandonaram a escolaridade com o 1º e 2º ciclos (15,7%). Note-se que o número de indivíduos que frequentam ou frequentaram o ensino superior é igual ao dos indivíduos que se ficaram pela frequência do 2º ciclo.

Relativamente ao género, verifica-se que 53% dos elementos femininos frequentam ou frequentaram o ensino secundário ou superior, enquanto que apenas 29% dos masculinos frequentam ou frequentaram esses dois graus de ensino.

A baixa escolaridade aparece quase sempre nos estudos efectuados com toxicodependentes. Contudo, também este quadro conceptual aparece como progressivamente alterado. Talvez causado pelo aumento da escolaridade obrigatória, pelos programas alternativos ao ensino regular lançados nos últimos anos e vulgarizados em quase todas as escolas, ou ainda pelo facto de que o absentismo escolar e a repetência tenham as mesmas causas antecedentes que a entrada no circuito de consumos de drogas, a verdade é que encontramos na rua cada vez mais indivíduos habilitados com o ensino secundário ou mesmo frequência universitária e licenciados.

Os 35,3% de indivíduos abordados que frequentam ou frequentaram o ensino secundário ou superior, parecem apontar para a necessidade de ser prestada alguma atenção à evolução deste fenómeno.

**Tabela 61- Habilitações escolares dos indivíduos em tratamento nas ET's do IDT, para as mesmas freguesias**

	Nunca foi à escola/ N concluiu o 1º Ciclo	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	11º/12º Ano	Licenciatura	Total da População da ET
Santo Condestável	0	3	10	7	6	1	40
Santa Catarina	0	3	4	6	5	0	26
Anjos	0	4	9	8	15	1	50
Alcântara	1	18	26	16	15	0	95
Ajuda	1	11	15	11	12	1	81
São Paulo	0	4	7	7	3	0	23
<b>Totais</b>	<b>2</b>	<b>43</b>	<b>71</b>	<b>55</b>	<b>56</b>	<b>3</b>	<b>315,0</b>
Total Concelho	30	31	47	41	33	5	2037

Pese embora o que foi dito, em minha opinião, esta alteração dos quadros de habilitações dos indivíduos consumidores regulares de drogas ilícitas, pode verificar-se com maior significância no conjunto dos que se movimentam e consomem sob a protecção do grupo, já que, este grau de habilitações literárias surge com expressão reduzida nos inquéritos feitos aos toxicodependentes quando agindo isoladamente.

**Tabela 62 - sexo \* tempo com práticas de rua**

		tempo com práticas de rua			Total
		1 a 2 anos	+2 anos a 4 anos	> 4 anos	
sexo Masculino	Count	9	20	9	38
	% within sexo	23,7%	52,6%	23,7%	100,0%
	% within tempo com práticas de rua	60,0%	83,3%	75,0%	74,5%
	% of Total	17,6%	39,2%	17,6%	74,5%
Feminino	Count	6	4	3	13
	% within sexo	46,2%	30,8%	23,1%	100,0%
	% within tempo com práticas de rua	40,0%	16,7%	25,0%	25,5%
	% of Total	11,8%	7,8%	5,9%	25,5%
Total	Count	15	24	12	51
	% of Total	29,4%	47,1%	23,5%	100,0%

Tabela 63 - habilitações escolares frequentadas \* tempo com práticas de rua

		tempo com práticas de rua			Total
		1 a 2 anos	+2 a 4 anos	> 4 anos	
1º ciclo	Count	0	1	0	1
	% of Total	,0%	2,0%	,0%	2,0%
2º ciclo	Count	2	2	3	7
	% of Total	3,9%	3,9%	5,9%	13,7%
3º ciclo	Count	4	17	4	25
	% of Total	7,8%	33,3%	7,8%	49,0%
secundário	Count	5	2	4	11
	% of Total	9,8%	3,9%	7,8%	21,6%
ensino sup.	Count	4	2	1	7
	% of Total	7,8%	3,9%	2,0%	13,7%
Total	Count	15	24	12	51
	% of Total	29,4%	47,1%	23,5%	100,0%

Veja-se o exemplo da tabela 17 que reflecte números semelhantes para os indivíduos tratados nas Equipas de Tratamento do IDT e referentes às freguesias estudadas neste trabalho. Nele se verificam percentagens menos significativas do que as referenciadas no quadro anteriores para os indivíduos organizados em grupos. Repare-se que uma tentativa de comparação com os resultados idênticos do total do Concelho para os mesmos indivíduos em tratamento, produz resultados semelhantes.

As Tabelas 62,63 e 64, mostram o tempo que estes indivíduos tem de práticas de rua, quer sejam em condições de ausência do núcleo de pertença e de origem, quer seja, permanecendo neles mas utilizando a rua como meio de sobrevivência, encontro ou práticas de consumo.

Na análise da tabela 62, verifica-se que são os elementos femininos que surgem com menor tempo de práticas de rua, com especial significância entre o grupo de 1 a 2 anos (46,2%). Já a maioria dos elementos masculinos se situam no escalão de 2 anos a 4 anos (52,6%). Ainda assim, 30,8% dos elementos femininos tem um tempo destas práticas situadas entre 2 a 4 anos, o que indicia alguma estabilização e habituação a estas práticas, o que, segundo os técnicos de intervenção psicossocial em rua, pode indiciar maior dificuldade de abandono destas práticas e de regresso ao meio social ou ao retorno aos costumes e vida social familiar.

Ainda relativamente às vivências de rua, a tabela 62 mostra que 47,1% do total dos 51 elementos observados, estão na rua ou com práticas de rua entre 2 a 4 anos, sendo que, relativamente às habilitações escolares, quase metade destes frequentaram ou frequentam o 3º ciclo de escolaridade, verificando-se que 35,3% dos indivíduos frequentam ou frequentaram o secundário ou o ensino superior. Estes referenciais parecem induzir a conclusão de que indivíduos mais habilitados academicamente permanecem mais tempo na rua ou com práticas de rua.

Já relativamente à idade, podemos observar que, no universo dos indivíduos abordados, é o grupo de 22 a 25 anos, que mostram maior tempo destas práticas (tabela 64)

Assim, poderemos inferir que, no universo observado, são os indivíduos masculinos, com maiores habilitações e inseridos na faixa etária dos 20 aos 25 anos, os que acumulam maior tempo com práticas de rua. Uma parte importante destes (23,5%) registam tempos de permanência em práticas de rua superiores a 4 anos, sobretudo na faixa

etária compreendida entre os 19 e os 25 anos de idade, elementos masculinos e com habilitações académicas contidas na média geral dos grupos (3º ciclo e ensino secundário)-

**Tabela 64 - idade \* tempo com práticas de rua**

			tempo com práticas de rua			Total
			1 a 2 anos	+2 anos a 4 anos	> 4 anos	
idade	16 a 18	Count	1	1	1	3
		% of Total	2,0%	2,0%	2,0%	5,9%
	19 a 21	Count	4	4	4	12
		% of Total	7,8%	7,8%	7,8%	23,5%
	22 a 25	Count	6	16	5	27
		% of Total	11,8%	31,4%	9,8%	52,9%
	26 a 30	Count	3	2	2	7
		% of Total	5,9%	3,9%	3,9%	13,7%
	31 a 35	Count	1	1	0	2
		% of Total	2,0%	2,0%	,0%	3,9%
Total		Count	15	24	12	51
		% of Total	29,4%	47,1%	23,5%	100,0%

Naturalmente que, esta habituação à rua pode condicionar também o tempo de permanência no grupo. Considera-se apenas o tempo de permanência no grupo estudado, embora se saiba que alguns deles pertenceram já a outros grupos, embora em número pouco significativo.

			tempo de permanencia no grupo				Total
			< 1 ano	12 a 24 meses	24 a 36 meses	> 36 meses	
sexo	Masculino	Count	7	14	12	5	38
		% of Total	13,7%	27,5%	23,5%	9,8%	74,5%
	Feminino	Count	5	1	4	3	13
		% of Total	9,8%	2,0%	7,8%	5,9%	25,5%
Total		Count	12	15	16	8	51
		% of Total	23,5%	29,4%	31,4%	15,7%	100,0%

**Tabela 65 - sexo \* tempo de permanência no grupo**

Na tabela 65, podemos verificar que 53,9% dos elementos femininos permanecem no grupo há pelo menos dois anos. Já os elementos masculinos, 44,8% permanecem o mesmo tempo. Se considerarmos apenas os que permanecem há mais de 3 anos, embora o total de elementos não seja significativo, verificamos que também os elementos femininos

tem maior expressão percentual. A análise deste quadro parece referenciar, embora com pequena relevância estatística, uma maior estabilidade dos elementos femininos.

Na sua grande maioria, estes indivíduos permaneceram pouco tempo nas vivências de rua ou na rua antes de se juntarem ao grupo (dois a 12 meses).

**Tabela 66 - tempo com práticas de rua \* relações familiares**

		relações familiares					Total	
		inexistentes	amistosas	conflituosas	de ruptura	desinteresse		
tempo com práticas de rua	1 a 2 anos	Count	2	3	1	4	5	15
		% within tempo com práticas de rua	13,3%	20,0%	6,7%	26,7%	33,3%	100,0%
		% within relações familiares	22,2%	25,0%	16,7%	28,6%	50,0%	29,4%
		% of Total	3,9%	5,9%	2,0%	7,8%	9,8%	29,4%
	+2 anos a 4 anos	Count	5	5	4	7	3	24
		% within tempo com práticas de rua	20,8%	20,8%	16,7%	29,2%	12,5%	100,0%
		% within relações familiares	55,6%	41,7%	66,7%	50,0%	30,0%	47,1%
		% of Total	9,8%	9,8%	7,8%	13,7%	5,9%	47,1%
	> 4 anos	Count	2	4	1	3	2	12
		% within tempo com práticas de rua	16,7%	33,3%	8,3%	25,0%	16,7%	100,0%
		% within relações familiares	22,2%	33,3%	16,7%	21,4%	20,0%	23,5%
		% of Total	3,9%	7,8%	2,0%	5,9%	3,9%	23,5%
Total	Count	9	12	6	14	10	51	
	% within tempo com práticas de rua	17,6%	23,5%	11,8%	27,5%	19,6%	100,0%	
	% within relações familiares	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	17,6%	23,5%	11,8%	27,5%	19,6%	100,0%	

## 7.2 – as relações familiares X Permanência na rua

Não parecendo oferecer mais valias para o estudo dos lugares, as relações familiares mantidas pelos utilizadores toxicodependentes estudados, pode permitir uma maior compreensão das motivações para as práticas de rua.

Na verdade, muitos são os que acusam como causa da sua saída para a rua, as inexistentes relações com a família, o desinteresse familiar pela sua vida ou mesmo relações de conflitualidade permanente. Apesar disso, em muitas histórias contadas, parece evidente que a deterioração das relações familiares tiveram como causa inicial os consumos de drogas dos elementos do grupo ou, noutros casos, o consumo abusivo de álcool por parte de familiares ascendentes.

Ora, se é verdade que em três das situações observadas, as práticas de rua precedem a deterioração das relações familiares e, em dois desses casos estão mesmo na origem dessa deterioração, na grande maioria dos casos abordados, as práticas de rua são

		relações familiares				Total
		inexistentes	amistosas	conflituosas	de ruptura	
sexo Masculino	Count	15	10	3	10	38
	% within sexo	39,5%	26,3%	7,9%	26,3%	100,0%
	% within relações familiares	78,9%	83,3%	50,0%	71,4%	74,5%
	% of Total	29,4%	19,6%	5,9%	19,6%	74,5%
Feminino	Count	4	2	3	4	13
	% within sexo	30,8%	15,4%	23,1%	30,8%	100,0%
	% within relações familiares	21,1%	16,7%	50,0%	28,6%	25,5%
	% of Total	7,8%	3,9%	5,9%	7,8%	25,5%
Total	Count	19	12	6	14	51
	% within sexo	37,3%	23,5%	11,8%	27,5%	100,0%
	% within relações familiares	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% of Total	37,3%	23,5%	11,8%	27,5%	100,0%

**Tabela 67 - sexo\* relações familiares**

sequentes do agravamento das relações ou inexistência delas e tem como causa principal a impossibilidade sentida de as manter.

Ainda assim, 23,5% dos casos entenderam que mantêm com as famílias relações amistosas. Entenda-se que em cerca de metade desses casos, a família fragmentou-se e essas relações melhoraram um pouco, apenas em relação a uma fracção dessa família inicial.

No universo observado, são os elementos do sexo masculino que revelam maior percentagem de relações familiares inexistentes ou em ruptura (61,6%) , apresentando apenas 15,4% dos casos de relações consideradas amistosas. (23,1% são conflituosas)-

No caso dos elementos do sexo masculino a percentagem de relações consideradas amistosas é maior, atingindo os 26,3 % . (tabela 67)

Se regressarmos à tabela 21, verificaremos que são os indivíduos com maior tempo de rua que mantêm maior numero de casos de relações amistosas com a família.

### 7.3 -As Relações intragrupais

		relações dentro do grupo				Total
		afectivas	dependencia e sobrevivencia	amorosas	liderança	
sexo	Masculino Count	17	13	4	4	38
	% of Total	33,3%	25,5%	7,8%	7,8%	74,5%
Feminino	Count	3	0	9	1	13
	% of Total	5,9%	,0%	17,6%	2,0%	25,5%
Total	Count	20	13	13	5	51
	% of Total	39,2%	25,5%	25,5%	9,8%	100,0%

**Tabela 68 - sexo \* relações dentro do grupo**

A observação das relações intergrupais (tabela 68), parece poder definir o grupo enquanto tal, ou, pelo menos, como o defini para este trabalho. São estas relações que constroem os laços de coesão na maior parte dos grupos observados, embora, minoritariamente se observem relações construídas a partir dos interesses da procura do produto e da própria sobrevivência individual.

Nos casos de indivíduos do sexo feminino são as relações amorosas que predominam. Existem mesmo opiniões que garantem que as mulheres só entram nestes grupos e neles se mantêm quando estão ligados a um elemento do sexo masculino pertencente ao grupo.

*–... Quando existem pessoas femininas, normalmente estão... ou são namoradas ou têm uma ligação - Uma ligação amorosa, afectiva com... com um homem do grupo, isso sim. (Celestino Cunha- Associação Comunidade Vida e Paz)*

*-... Porque as mulheres que vivem na rua estão sujeitas também a muito mais... outros tipos de violência, não é ? Pronto, e muitas vezes elas submetem-se por exemplo: a manter uma relação – mesmo que também não seja a relação que elas... que elas querem para elas – mas sabem que dali há segurança, não é? (Carla – Associação Médicos do Mundo)*

Embora se possa deduzir que essas relações amorosas se misturam com as necessidades de pertença e segurança, em nenhum caso dos grupos observados isso foi admitido por elas.

Já no caso dos elementos masculinos, são as relações afectivas e as relações de subsistência e sobrevivência que predominam. Nos diálogos mantidos, é frequente o uso de expressões indiciadoras de amizades construídas, de companheirismo e de cumplicidades.

*(Amo esta malta...;*

*É muita fixe. Quando eu estou mal ela está sempre em cima...;*

*A malta ajuda-se, e isso...;*

*A mariana já ficou seca uma vez e a malta não deixou que ela flipasse...)*

Mesmo nos casos em que são amados por elementos do sexo feminino, em muitos casos verifica-se uma retribuição aparentemente menor desses afectos por parte do elemento masculino do casal.

A liderança, embora sem poderes hierárquicos fortes, é também procurada pelos elementos masculinos em maior percentagem (10,5%). Mas, por norma, esta liderança é mais atribuída pelo grupo do que conquistada ao grupo, estando muito relacionada com as capacidades que o grupo reconhece no indivíduo, e quase sempre assente na segurança que esse elemento oferece aos outros.

## 7.4 – As relações com os lugares e a construção de sentimentos de pertença

Uma das questões de partida deste trabalho prende-se com a tentativa de compreensão das ligações destes ocupantes da cidade com estes lugares de procura, de encontro, de consumo ou de subsistência.

Na tabela 69, reflecte-se, em auto percepção, se os elementos do grupo sentem existir identificação com os lugares que ocupam.

A maioria dos indivíduos inquiridos sobre esta questão admitem ou revelam nas suas expressões, identificarem-se com o lugar e construírem pertenças à volta deles.

Também os técnicos admitem a construção destas pertenças, embora à volta das suas necessidades primárias do momento:

*...- Sobretudo tem a ver com os lugares, sim, e com as defesas que encontram nesses lugares, estratégicos (Carla Fernandes – Associação Médicos do Mundo)*

*- ...acho que eles sentem muito isso, portanto o lugar, o lugar onde estão, acaba por ser quase a casa deles, entre aspas... (Cristina – Associação Crescer na Maior)*

**Tabela 69 - Genero x Identificação com o lugar**

		identificação com o lugar		Total
		sim	não	
sexo Masculino	Count	23	15	38
	% within sexo	60,5%	39,5%	100,0%
	% within identificação	69,7%	83,3%	74,5%
	% of Total	45,1%	29,4%	74,5%
Feminino	Count	10	3	13
	% within sexo	76,9%	23,1%	100,0%
	% within identificação	30,3%	16,7%	25,5%
	% of Total	19,6%	5,9%	25,5%
Total	Count	33	18	51

Da mesma forma, os indivíduos, na sua maioria (90,2%), expressam sentimentos de pertença ao grupo, não se registando diferenças estatisticamente significativas entre os géneros.

Mas, a existência destes sentimentos de pertença ao lugar, parece, no entender dos observados, não se

resumir apenas às necessidades materiais do momento e às oportunidades de angariação de recursos de subsistência. Adivinha-se também, nos seus discursos, as necessidades de sentir o território desses lugares, e mais concretamente os lugares restritos, como refúgio psicológico tanto como físico. Ambos os aspectos sujeitos a um conceito de segurança e protecção, embora nuns casos essa segurança esteja relacionado com os perigos eminentes da rua e, noutros casos tenha a ver com segurança afectiva ou seja *"o sítio onde pode contar com os amigos e, muitas vezes, os vizinhos"*.

Parece, pois, evidente que este sentimento de pertença está relacionado com contextos territoriais e sociais em simultâneo.

**Tabela 70 - sexo \* sentimentos de pertença ao grupo**

			sentimentos de pertença ao grupo		Total
			sim	nao	
sexo	Masculino	Count	34	4	38
		% within sexo	89,5%	10,5%	100,0%
		% within sentimentos de pertença ao grupo	73,9%	80,0%	74,5%
		% of Total	66,7%	7,8%	74,5%
	Feminino	Count	12	1	13
		% within sexo	92,3%	7,7%	100,0%
		% within sentimentos de pertença ao grupo	26,1%	20,0%	25,5%
		% of Total	23,5%	2,0%	25,5%
Total		Count	46	5	51

A construção destes sentimentos de pertença, assume, nestes grupos, importância significativa já que, como se viu (Tabela 70), as relações familiares estão de tal forma desqualificadas para eles que estas novas pertenças vem satisfazer a primeira das necessidades sociais apontadas por Mac Lallend, a necessidade de se sentir pertença de alguma coisa e de alguém.

No caso presente, parecem reunir-se aqui e com o grupo as condições para a construção deste sentimento.

Uma questão que parece importante perceber é que objectivos prosseguem estes grupos relativamente à escolha destes lugares. Percebendo que ela é feita sobretudo com base no ambiente que os envolve, na tranquilidade e aceitação que esses lugares lhes oferecem, e nos tais sentimentos de pertença que neles podem edificar, a Tabela 71 revela-nos a utilização (e de alguma forma também os motivos para a escolha) que cada elemento refere como mais relevante.

**Tabela 71 - sexo \* Objectivos de ocupação**

		Objectivos de ocupação					Total
		compra de produtos	Encontro	Encontro e consumo	Compra e consumo	consumo e pernoita	
sexo Masculino	Count	1	10	15	8	4	38
	% within sexo	2,6%	26,3%	39,5%	21,1%	10,5%	100,0%
	% within Objectivos de ocupação	100,0%	66,7%	68,2%	100,0%	80,0%	74,5%
	% of Total	2,0%	19,6%	29,4%	15,7%	7,8%	74,5%
Feminino	Count	0	5	7	0	1	13
	% within sexo	,0%	38,5%	53,8%	,0%	7,7%	100,0%
	% within Objectivos de ocupação	,0%	33,3%	31,8%	,0%	20,0%	25,5%
	% of Total	,0%	9,8%	13,7%	,0%	2,0%	25,5%
Total	Count	1	15	22	8	5	51

O termo consumo é muito referido pelos componentes dos grupos estudados, embora, por vezes associado a outro tipo de utilização. 68% dos indivíduos referem-no, sendo que 43,1% associado ao encontro com o grupo, 15,7% associado à compra e 9,8% associado à pernoita (sem abrigo).

Mas a utilização mais referida (72,3%) é o encontro com o grupo, embora em muitos casos seja associado ao consumo (43,1%).

Desta análise, podemos deduzir que a escolha do lugar e a necessidade de encontro com o grupo estão intimamente relacionados, sendo fortemente facilitadores de uma recuperação do sentimento de pertença.

## 7.5 -As relações com os residentes

Será, talvez, por esta necessidade, que as relações dos grupos frequentadores e de certa forma ocupantes dos lugares com os seus residentes, são menos conflituosas do que as relações destes com outros consumidores isolados e ocupantes esporádicos dos lugares.

Parece evidente, para quem contacta frequentemente estes grupos, que se esforçam por preservar os lugares que ocupam e por garantir relações minimamente tranquilas ou amistosas com os residentes.

**Tabela 72 - sexo \* relações com residentes**

		relações com residentes				Total	
		nenhuma	conflituosas	tranquilas	amistosas		
sexo	Masculino	Count	13	2	17	6	38
		% of Total	25,5%	3,9%	33,3%	11,8%	74,5%
	Feminino	Count	6	0	5	2	13
		% of Total	11,8%	,0%	9,8%	3,9%	25,5%
Total		Count	19	2	22	8	51
		% of Total	37,3%	3,9%	43,1%	15,7%	100,0%

Se olharmos para a tabela 72, podemos ler que 58,8% dos ocupantes declaram ter relações tranquilas ou mesmo amistosas com os residentes, sendo que apenas 3,9% assumem ter com eles relações conflituosas. Os restantes, afirmam não ter relações, nem boas nem más, com os residentes.

A existência de alguns elementos do grupo pertencentes ao lugar ou lugares próximos, poderá também interferir nestas relações tranquilas ou amistosas, o que de alguma forma acaba por beneficiar os restantes elementos, já que assim acabam por ter interlocutores privilegiados com a população residente, embora esse facto também sirva para exercer algum controle social sobre eles.

O que parece evidente nas declarações obtidas é a necessidade de criar estes laços com a população residente no lugar e as instituições e serviços que aí se sediam. É como nos diz Celestino Cunha da Comunidade Vida e Paz na entrevista exploratória:

*"A deslocação por exemplo aos serviços quer da comunidade Vida e Paz, quer à AMI, quer de algumas paróquias em particular da cidade de Lisboa é feita – “ Hoje vais lá tu porque ontem, fui lá eu” – mas a ideia é trazer para os 3 ou para os cinco ou para os 7. Estou a pensar ali nas pessoa da zona da Praça de Londres que funcionam muito neste registo. Para não tarem a forçar muito a relação ali com as pessoas da...da Mexicana ou, das áreas envolventes - até da junta de freguesia quando recorrem - procuram revezar-se para não serem sempre os mesmo a ir pedir, para não criarem um problema."*  
(Celestino Cunha)

Da mesma forma se compreende que muitos dos elementos destes grupo procurem apresentar-se no lugar de uma forma "menos chocante" do que os toxicodependentes que por ali passam. De alguma forma pretendem estabelecer a diferença, e isso parece resultar, já que nos discursos dos entrevistados residentes, a culpa é quase sempre atribuída *aos outros, aos de fora*. E nestas expressões parece admitir-se que *estes* não são perigosos e até não são de *fora*. Nas visitas que lhes fiz, verifica-se com frequência uma preocupação de cumprimentar quem passa e que os consumidores intitulam de *vizinhos*.

Como nos disse também Celestino Cunha, a higiene é um factor de aproximação ou repulsa pelos residentes. E nos grupos, isso parece ser assumido. Quando necessitam de um contacto ou de melhorar a sua relação com os residentes preocupam-se com a sua imagem, ou escolhem entre eles aquele que lhes parece oferecer menos resistências pelo seu aspecto. A sua linguagem e atitudes são também *adocicados* nestes contactos.

De um lado e outro, parecem assumir estas relações como difíceis ou delicadas. Do lado dos residentes procuram não conflitar as relações, por medo ou por pena, do outro procuram igualmente mostrar a sua face mais humana e menos *estranha* para que as relações sejam cada vez mais de proximidade e de vizinhança. Nestes casos, pode também estar em causa a necessidade de construir pertenças e isso só é possível com base em relações amistosas ou, pelo menos, não agressivas.

7.6 – Origens e movimentações

Igualmente importante será verificar se as notícias frequentemente veiculadas pela comunicação social sobre uma certa “invasão do centro da cidade” por populações que se deslocam dos bairros de realojamento dos concelhos periféricos, têm ou não fundamento relativamente aos grupos estudados.

A observação da tabela 73 Parece desmentir esta informação, pelo menos no que concerne a estes grupos estudados.

**Tabela 73 - sexo \* lugar de habitação**

			lugar de habitação				Total
			mesmo lugar ou vizinho	outros lugares centrais da cidade	lugares periféricos da cidade	concelhos periféricos	
sexo Masculino	Count		14	7	9	8	38
	% within sexo		36,8%	18,4%	23,7%	21,1%	100,0%
	% within lugar de habitação		77,8%	58,3%	69,2%	100,0%	74,5%
	% of Total		27,5%	13,7%	17,6%	15,7%	74,5%
Feminino	Count		4	5	4	0	13
	% within sexo		30,8%	38,5%	30,8%	,0%	100,0%
	% within lugar de habitação		22,2%	41,7%	30,8%	,0%	25,5%
	% of Total		7,8%	9,8%	7,8%	,0%	25,5%
Total	Count		18	12	13	8	51
	% within sexo		35,3%	23,5%	25,5%	15,7%	100,0%
	% within lugar de habitação		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% of Total		35,3%	23,5%	25,5%	15,7%	100,0%

De facto, dos 51 indivíduos abordados, apenas 8 (15,7%) provem dos concelhos periféricos de Lisboa.

Deste universo, o maior valor percentual é dos indivíduos que habitam o mesmo lugar ou lugares vizinhos, sendo que 23,5% tem origem em outros lugares do centro de

Lisboa e 25,5% dos lugares da cidade que ocupam posições mais periféricas. Ou seja, 84,3 % dos indivíduos estudados habitam a cidade de Lisboa.

Ao contrário do que o senso comum nos leva a pensar, 49% dos indivíduos habita com pelo menos um dos pais ou com outros familiares, sendo ainda que 29,4% habitam em casa própria (normalmente dividida com outros) ou em instalações arrendadas. Assim, 21,6% dos indivíduos não tem abrigo ou vive em instalações precárias (barracas, prédios devolutos e degradados) ou carros abandonados. (Tabela 74)

A observação desta tabela parece revelar que, não obstante o quadro de relações

	tipo de habitação						Total	
	habita com os pais	habita com outros familiares	habitação própria	habitação arrendada	habitação precária	sem abrigo		
sexo Masculino	Count	13	6	3	8	3	5	38
	% within sexo	34,2%	15,8%	7,9%	21,1%	7,9%	13,2%	100,0%
	% within tipo de habitação	81,3%	66,7%	100,0%	66,7%	100,0%	62,5%	74,5%
	% of Total	25,5%	11,8%	5,9%	15,7%	5,9%	9,8%	74,5%
Feminino	Count	3	3	0	4	0	3	13
	% within sexo	23,1%	23,1%	,0%	30,8%	,0%	23,1%	100,0%
	% within tipo de habitação	18,8%	33,3%	,0%	33,3%	,0%	37,5%	25,5%
	% of Total	5,9%	5,9%	,0%	7,8%	,0%	5,9%	25,5%
Total	Count	16	9	3	12	3	8	51
	% within sexo	31,4%	17,6%	5,9%	23,5%	5,9%	15,7%	100,0%
	% within tipo de habitação	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% of Total	31,4%	17,6%	5,9%	23,5%	5,9%	15,7%	100,0%

Tabela 74- sexo \* tipo de habitação

familiares estar deteriorando, pelo menos na autopercepção dos observados, a grande maioria continua a viver com pelo menos um dos pais, o que parece fazer acreditar que essas relações, mesmo não sendo gratificantes se situam, pelo menos, no domínio do suportável.

Os grupos só se reúnem à noite ou fim de tarde. O dia a dia de cada um, é passado sozinho ou em outros ambientes, quer seja em contextos de trabalho quer sejam em outras actividades de angariação de meios de subsistência. As movimentações que processam

para os lugares onde obtêm essa subsistência ou a compra e depois para o lugar de encontro são preferencialmente transportes urbanos (Tabela 75), sendo que apenas 7,8% utilizam meios próprios de deslocação. 49% prefere os transportes rodoviários pela sua versatilidade, embora um grupo também importante (43,2%) utilize preferencialmente o transporte ferroviário (metro ou comboio, de acordo com os lugares percorridos).

O modo mais frequente de utilização destes transportes é através de módulos pré-comprados, já que, na sua maior parte os modos de sobrevivência determinam a gestão apenas de cada dia e a compra do passe, apesar de mais barata, obriga ao pagamento mensal.

Tabela 75 - sexo \* transportes utilizados nas deslocações para o encontro

		transportes utilizados nas deslocações para o encontro				Total	
		TP rodoviário	TP ferroviário	metro	transporte próprio		
sexo	Masculino	Count	17	8	10	3	38
		% of Total	33,3%	15,7%	19,6%	5,9%	74,5%
	Feminino	Count	8	0	4	1	13
		% of Total	15,7%	,0%	7,8%	2,0%	25,5%
Total		Count	25	8	14	4	51
		% of Total	49,0%	15,7%	27,5%	7,8%	100,0%

#### 7.6 – As actividades de subsistência

Poucos são os que possuem rendimentos certos mensais. Exceptuando um elemento que subsiste de mesada dos pais e três que possuem rendimentos de renda de casas que herdaram dos pais, todos os outros encontraram forma de angariarem quer o seu sustento quer para custear os consumos de drogas.

Atenda-se à tabela 76

O maior grupo é o dos que mantêm actividades laborais a tempo parcial, embora com alguma regularidade (31,4%). Existe ainda um pequeno grupo que mantêm alguma actividade deste tipo mas sem qualquer regularidade, executando pequenos biscates de forma muito temporária, tais como abastecimentos (cargas e descargas) nas grandes superfícies ou mercados.

Um grupo estatisticamente relevante é também o que se dedica exclusivamente ao arrumo de viaturas (23,5%). No entanto se cruzarmos esta variável com a tabela 33 das actividades secundárias, veremos que 34,6% dos indivíduos, excluídos os que fazem do arrumo a sua actividade principal, utilizam o arrumo como actividade secundária e com carácter não regular, embora nalguns casos com bastante frequência.

	actividades de subsistencia											Total
	Arrumo de viatura	rendimentos patrimoniais	subsídios oficiais	distribuição de flayers	prostituição	picates	actividades delituosas	actividade profissional parcial	profissional a tempo inteiro	pais ou outros familiares	artesanato ou artes	
Masc ulino Count	12	2	2	0	0	3	2	12	4	1	0	38
% of Total	23,5%	3,9%	3,9%	,0%	,0%	5,9%	3,9%	23,5%	7,8%	2,0%	,0%	74,5%
Femi nino Count	0	1	2	3	1	0	0	4	1	0	1	13
% of Total	,0%	2,0%	3,9%	5,9%	2,0%	,0%	,0%	7,8%	2,0%	,0%	2,0%	25,5%
Total Count	12	3	4	3	1	3	2	16	5	1	1	51
% of Total	23,5%	5,9%	7,8%	5,9%	2,0%	5,9%	3,9%	31,4%	9,8%	2,0%	2,0%	100,0%

**Tabela 76 - Actividades de subsistência**

A distribuição de flayers, através de agências publicitárias ou directamente promovida pelas empresas ou pessoas singulares e os trabalhos a tempo parcial (limpezas e manutenção), ocupam uma parte importante dos elementos femininos. Já a prostituição parece, pela análise das tabelas, não ter relevância estatística nestes grupos, já que apenas um elemento a utiliza como actividade principal e outros dois como actividade secundária, sendo todos do sexo feminino.

Contudo, as informações obtidas nos grupos sobre este assunto, não me parecem muito fiáveis, embora não tenha suporte teórico para as recusar. Com efeito, mais pelos silêncios do que pelo afirmado, este assunto acabou por não ser suficientemente explorado, por entender que as suas reservas em falar sobre isto, se situam no plano do necessário respeito pela reserva de vida privada e o direito a intimidade.

Também as actividades delituosas (furtos, roubos etc...) não apresentam expressão estatisticamente significativa no quadro dos grupos estudados. O mesmo acontece relativamente à mendicidade e `venda de artesanato e artes, embora o único elemento que

se dedica a esta actividade (pintura e venda de pequenas telas) se tenha apresentado como um caso interessante a merecer estudo de caso individual.

Ainda no âmbito das subsistências, ficam por revelar os apoios familiares que alguns ainda mantêm. Sobretudo os que pertencem ou provêm de agregados familiares economicamente mais abastados.

Com frequência se ouvem referencias a pequenas entregas de dinheiro ou géneros, roupas sobretudo, que recebem de um dos familiares próximos, quase sempre as mães, mesmo que tal facto aconteça num plano de confidencialidade familiar.

		actividade de subsistência secundária							Total
		biscates	artes	mencididad es	venda ambulante	prostituição	arrumo de viaturas	distribuição de flyers	
Arrumo de viatura	Count	3	0	0	0	0	0	2	5
rendimentos patrimoniais	Count	0	1	0	0	0	2	0	3
subsídios oficiais	Count	1	0	0	0	0	2	1	4
distribuição de flyers	Count	0	0	0	1	0	0	0	1
prostituição	Count	0	0	0	1	0	0	0	1
actividades delituosas	Count	0	0	0	0	0	1	0	1
actividade profissional parcial	Count	1	1	0	1	1	3	0	7
actividade profissional a tempo inteiro	Count	0	1	1	0	0	0	0	2
dependencia dos pais ou outros familiares	Count	0	0	0	0	0	1	0	1
venda de artesanato ou artes	Count	0	0	0	0	1	0	0	1
Total	Count	5	3	1	3	2	9	3	26
	% of Total	19,2%	11,5%	3,8%	11,5%	7,7%	34,6%	11,5%	100,0%

**Tabela 77 - actividades de subsistência \* actividade de subsistência secundária**

Também neste plano me interrogo sobre o grau de relação, ou corte de relação com o agregado familiar de origem, ficando-me dúvidas sobre a possibilidade real de reatamento destas relações a médio ou longo prazo.

## VIII - Conclusão

*“A cidade vivida é também uma cidade imaginada com os seus espaços de culto, os seus altares e, inversamente, os seus interditos. Desta forma torna-se um elemento central na definição das identidades sociais.” Pinheiro, M; Baptista, L; Vaz, M. 2001 ).*

Na tentativa de encontrar os nossos grupos de estudo, pudemos conhecer realidades diferenciadas de jovens consumidores de drogas ilícitas no *junkie* diário. São vivências, em muitos casos sobrevivências, centradas na rua, onde desenvolvem as suas estratégias com vista ao consumo.

Na maioria dos casos observados, estes actores utilizam estas estratégias de forma mais ou menos individualizada e, pelo menos aparentemente, nada os liga aos outros consumidores que encontra nenhum tipo de relações, ou apenas relações esporádicas e circunscritas aos encontros de ocasião. Outros porém, enquadram-se em grupos, algumas vezes de curta duração, e centram nele toda a sua actividade diária.

Neste trabalho não pretendemos fazer um relato dessas estratégias de consumo, mas sim efectuar uma abordagem a grupos de toxicodependentes que se constituem em grupo, tal como os definimos na análise, e que na rua desenvolvem formas de angariação de recursos para o consumo e constroem com o grupo e com os lugares que ocupam referenciais de pertença.

Alguns dos elementos descritos nesta investigação vivem na rua, fazendo dela o seu abrigo de pernoita. Outros habitam a casa de família ou outro tipo de alojamentos arrendados ou cedidos por amigos, mas o que os liga é a sua vivência a partir da rua, onde angariam os recursos, adquirem e consomem drogas ilícitas e se reúnem com o grupo, peça importante que parece satisfazer as suas necessidades de relação e de pertença.

Numa tentativa de enquadrar numa tipologia os indivíduos e grupos observados, poderemos caracteriza-los através dos aspectos mais importantes e estatisticamente significativos que os quadros dos capítulos anteriores nos mostram. Assim, teremos:

São indivíduos maioritariamente do género masculino, essencialmente contidos dentro de um grupo etário dos 19 aos 30 anos, com especial relevância para o grupo dos 22 aos 25 anos. Têm habilitações escolares maioritariamente distribuídos pela frequência do 3º ciclo e secundário. A sua grande maioria têm mais de dois anos de permanência em actividade de subsistência ou sobrevivência na rua, tendo também mais de um ano de permanência nos grupos estudados, onde mantêm relações interpessoais sobretudo de carácter afectivo e/ou amoroso. Identificam-se com os lugares que ocupam e com o grupo a que pertencem, desenvolvendo através destes dois ambientes, sentimentos de pertença. A ocupação dos lugares tem, sobretudo, uma finalidade de encontro, consumo e pernoita,

utilizando outros ambientes para a compra ou angariação de subsistências. Com os residentes procuram, na sua maioria, relações tranquilizantes ou mesmo amistosas, considerando-se vizinhos. Em percentagem elevada, habitam com pelo menos um dos pais ou outros familiares ou sozinhos em instalações arrendadas (quartos ou pequenos apartamentos divididos, embora exista ainda uma percentagem estatisticamente significativa de indivíduos sem abrigo ou com abrigo precário.

A realização deste estudo, para além de contribuir para um maior conhecimento dos grupos e dos ambientes urbanos em que muitas vezes me movimento, ofereceu também algumas descobertas que me surpreenderam, por contrariarem as “certezas” que os nossos censos comuns vão construindo.

Desde logo, a aceitação que me foi oferecida para invadir os “seus” espaços e as suas vidas, mesmo que, por vezes tenham sido necessários grandes tempos de aproximação. Mas a confiança e até o respeito de que fui alvo, superaram claramente as mais optimistas expectativas. É que, por vezes as regras da ética e deontologia interpunham-se entre o desejo de ser correcto na acção e a vontade de entrar mais profundamente nas vidas daqueles que me aceitaram. Um exemplo desta situação prende-se com o facto de nunca se terem injectado ou *snifado* à minha frente. E mesmo quando a vontade de consumir era maior, eram-me dados sinais claros para que me afastasse.

Esta abordagem de campo revestiu-se de algumas dificuldades iniciais. Desde logo a escolha do método. A necessidade de respeitar a vontade de anonimato dos componentes dos grupos, impedia a realização de entrevistas formais e as abordagens passariam necessariamente por estar presente longos tempos e de registar o que observava e os diálogos que iam surgindo, sem recurso a gravação magnética ou digital.

A escolha de uma metodologia etnográfica permitiu uma observação muito rica mas com menor capacidade de recolha de dados objectivos. Ainda assim, a riqueza do conhecimento obtido, validou a tentativa de um melhor conhecimento destes pequenos mundos e culturas. Como referiu Maria do Carmo Carvalho, “*o etnógrafo, quando vai ao encontro do mundo social que eleger, faz o exercício socrático de só saber que nada sabe – é ir e ver, ir e ouvir e sentir, ir para o que der e vier.*” (Carvalho, 2007; pp 11).

Foi isso o que tentei fazer nesta observação. Por isso, em parte, não será possível generalizar a um universo mais alargado, as observações e conclusões deste trabalho.

Ainda assim, permitiu perceber o lado de trás das coisas, compreende-las à luz de outros conhecimentos científicos, mais do que avalia-las ou julga-las.

No domínio dos consumos das drogas, da sua tipologia e mesmo do conhecimento sobre as drogas, os seus usos e efeitos, existem variadíssimos estudos na bibliografia científica de várias áreas das ciências sócias. Mas o conhecimento que resulta do contacto directo e do convívio com estes actores, quer no domínio das suas relações inter-pares, quer das suas relações com os residentes e os lugares utilizados para as suas actividades, consumo, reunião e pernoita ou subsistência, não têm merecido dos investigadores tanta atenção. Este facto, contribuiu também para dificultar a abordagem que aqui faço, pela quase ausência de outras fontes e de uma bibliografia adequadamente específica.

Também, por esta razão, tomei contacto com factos, acções e emoções para as quais não estava previamente preparado, despertando aqui, também no observador, emoções nem sempre fáceis de encerrar num conteúdo de investigação científica.

Como conclusão deste trabalho poderia ficar-me pelo resumo dos resultados e do tratamento dos dados obtidos, mas perder-se-ia certamente esse aspecto mais empírico da observação que considero, pelo menos para quem foi habituado, profissionalmente e ao longo da vida, a mergulhar tão profundamente quanto possível nos problemas que a sociedade actual cria ou facilita, que são estas observações voltadas para o convívio com as problemáticas sociais e os seus actores, que completam os saberes que a formação académica e o treino profissional me ofereceram.

Apesar do que afirmei atrás, importará perguntar se este trabalho acrescentou, de forma relevante, alguma contribuição para o conhecimento da cidade e dos seus ocupantes.

De facto, a observação feita parece validar a ideia de que, embora a cidade possa ser vista por múltiplos olhares diferenciados pelas culturas e tradições de cada actor, a interacção que estes actores promovem e de que também são alvo, existem no interior da vida geral das cidades e mais especificamente sobre os lugares.

O senso comum parece determinar, ou pelo menos condicionar, uma dicotomia entre a *nossa* e cidade *deles*, acabando por rotular alguns lugares como malditos, perigosos ou mesmo como territórios de crime e de violência. Mas, para um observador atento, surgirá sempre a questão levantada por Luis Fernandes de que " *a cidade não é o mero palco do delito, mas seu produtor e multiplicador sendo capaz de um efeito moral sobre os indivíduos.*" (Fernandes, 2003; pp54).

No decorrer deste trabalho pude observar que, com efeito, a escolha dos lugares que ocupam, tem quase sempre por base as oportunidades e condições que esses lugares da

cidade oferecem, quer no campo da tranquilidade e anonimato que procuram, quer nas oportunidades de subsistência para suporte de vida e de consumos. Destas condições procuradas não está de todo afastada a relação que cada grupo consegue manter com os residentes.

Embora cada grupo mantenha uma espécie de sub-cultura diferenciada, em muitos casos observados quer nos consumidores, quer nos residentes, verificam-se algumas mestiçagens culturais entre estes dois tipos de actores, traduzidos pela aquisição de novos conhecimentos específicos destas vivências e de vocabulário de calão ou regionais que cada um importa da cultura do outro. Até mesmo algumas formas de expressão artística, como o Rap, o Break, o graffiti e outros, usados por estes grupos de ocupantes, encontram admiradores, e às vezes seguidores, nos residentes, sobretudo nos mais novos.

Aliás, na investigação efectuada, aparece claramente expresso que os sentimentos observados nos residentes, está longe de ser um claro sentimento de repulsa, exclusão ou revolta, misturando-se por vezes, com solidariedades mal assumidas e sentimentos de pena ou mesmo de cumplicidade disfarçada.

Também frequentemente são assumidos nos grupos consumidores, sentimentos de pertença aos lugares que ocupam. A utilização de expressões como *meu canto*, *meu sítio* ou *nosso lugar*, são frequentes na conversa destes utentes da cidade.

Mais do que estranhos, invasores ou predadores, imagens frequentes nos discursos sobre os toxicodependentes, estes consumidores de drogas organizados em grupos parecem fazer parte da própria cidade e dos lugares que ocupam, tal como as imagens metafóricas da ecologia da Escola de Chicago nos transmite: várias espécies habitando um mesmo espaço, desempenhando cada um o seu papel e relacionando-se com os outros e com os espaços de forma própria.

A mais relevante observação deste trabalho parece ser a de que a insegurança sentida pelos residentes, e tantas vezes verbalizada também pelos discursos e artigos de opinião, parece não ser sistematicamente sustentada pelas histórias destes grupos, embora outros consumidores de drogas que não se fixam num lugar mas a ele recorrem frequentemente de forma isolada, pareçam despertar maiores receios, talvez porque se situam no anonimato.

A existência de práticas perturbadoras, muitas vezes delituosas ligadas ao consumo ou actividades de subsistência, apesar de pouco reconhecida pelos próprios, podem, ainda assim oferecer receios e distanciamentos. Contudo, no discurso dos residentes são, quase

sempre os *outros, os que vem de fora*, que trazem a violência e os conflitos, reconhecendo estes grupos como menos perturbadores.

Parece, por isso, necessário desconstruir os mitos. Cabe à cidade, e a cada lugar por si, trabalhar estas relações entre estes actores, os que o habitam os lugares e os que os ocupam ou utilizam, qualquer que sejam os objectivos desta utilização, enquanto tal for possível, num quadro de regulação social.

Tendo em conta o baixo conhecimento que estes membros dos grupos têm dos sistemas de apoio e tratamento e (adianto-o) o desconhecimento que os sistemas têm destes grupos, parece importante reflectir sobre novas construções da identidade e morfologia urbanas, trabalhando menos com os indivíduos isoladamente e mais com estes sistema espaço-relação que os lugares oferecem, de modo a conseguir-se um crescimento de sentimentos de segurança e de pertença que faça intervir todos sobre todos. já que, como dizia Goeth, *só pela massa pode a massa ser fermentada*.

E será, porventura, necessário observar mais e conhecer para além das realidades concretas do consumo das drogas, que não está isolado dos estilos e culturas de cada grupo e de cada lugar.

As observações feitas neste trabalho levam-me à convicção de que o trabalho de intervenção sobre consumidores regulares de drogas, passa menos pelos grandes projectos, do que pela intervenção criteriosa no planeamento e recuperação dos espaços urbanos e pela intervenção directa junto de grupos, forçando cada um à necessidade de construírem relações mais constantes e assertivas, através de sociabilidades que diferentes condições urbanísticas e de relação permitiriam.

Por fim, valerá a pena referir que, embora a recolha e análise dos dados deste trabalho possam dar força a algumas ideias para a revitalização ou reconstrução de alguns lugares, é fundamentalmente uma proposta para a análise cuidada das conversas havidas com os vizinhos de um e outro lado, e que nos transportam para os meandros da sobrevivência física e, sobretudo, afectiva e de pertença, que nos pode ajudar a perceber que a cidade é hoje um complexo de relações entre diferenciados actores em diferentes papeis, mas também um complexo mundo de relações com os lugares que se querem fomentadores dos sentimentos de pertença.

## Epílogo

*Chega-se assim ao fim desta jornada.*

*Ou talvez não...*

*Muitas dúvidas substituem agora às iniciais. Fica por fazer a intervenção psicossocial sobre os grupos estudados. Há que fazê-la, sobretudo depois de termos sido ajudados por todos eles nesta investigação, em que cada um contribuiu com as suas histórias de vida e mnos ofereceu a sua confiança e em muitos casos até, mais do que isso: a intimidade das suas histórias de vida, a confiança das suas emoções, sentimentos e medos.*

*Os conhecimentos adquiridos ao longo deste trabalho, as leituras, com a descoberta do pensamento de alguns autores que ainda não conhecíamos, e os saberes que a própria vivência no meio dos grupos nos proporcionou, poderão ajudar a uma intervenção mais adequada, mais dirigida a cada problemática, mais consistente.*

*A sociologia, foi desde o mestrado, o instrumento de busca de conhecimento mais amplo do "porquê das coisas", embora a investigação e as tarefas com ela relacionadas, tenham um convívio difícil com a necessidade de agir, oferecendo opções credíveis e verdadeiramente alternativas, que é função de qualquer agente de intervenção social. Ainda assim, foi o estudo da sociologia, nas suas diferentes especialidades, que nos proporcionou a compreensão mais objectiva dos fenómenos encontrados no terreno.*

*Apesar desses benefícios, ficou-nos, neste trabalho, algum amargo de boca. Se mais cedo tivesse procurado esse conhecimento, mais e melhor poderíamos ter feito na concretização das acções ditadas pela vida profissional. Ainda assim, fica a esperança de que, se pela idade já não nos for possível melhorar muito as intervenções, talvez outros possam usar os descritivos desta "aventura", para as suas próprias tarefas.*

*Como disse Muchielli, "O pensamento que não encarne no acto, é um o pensamento moribundo". Importa, por isso, passar do saber ao saber-fazer, não olvidando que essa prática trará, seguramente novas dúvidas e novas necessidades de saber. Por isso, creio, os nossos livros terão apenas um curto descanso.*

*Em jeito de conclusão queríamos dizer que há coisas que o saber e a prática tem dificuldade em explicar: Nunca acreditaria, apesar de outros trabalhos anteriores, que iria poder verificar a existência, no meio destes actores abordados, de sentimentos e*

*valores tão arreigados como os que encontrei ao longo deste trabalho. A solidariedade para além da cumplicidade dos consumos, e os cuidados revelados pelos seus pares mais aflitos, foi um exemplo constantemente presente.*

*Ainda um pensamento de tristeza pelas duas vidas que se perderam enquanto durou esta investigação. Eram pessoas, e foram cuidados generosamente pelos seus pares até ao último alento, como se de uma família se tratasse,... e talvez tenha sido .*

*Bem hajam por essa manifestação da humanidade que existe em cada um de vós.*

*Recordaremos gratificado os momentos que passámos convosco.*

---

**Bibliografia**

- Augé, M. – 1994- “*Não-lugares – Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*”  
– Lisboa, Bertrand
- Balsa, C.; Boneti, L. e Soulet, M. (org.) – 2006 – “*Conceitos e dimensões da pobreza e e da exclusão social*” – Lisboa, CEOS, FCSH, Universidade Nova de Lisboa
- Baptista, L. , 1996 - "A cidade em reinvenção : crescimento urbano e emergência das políticas sociais de habitação, Lisboa século vinte", Lisboa, Tese de doutoramento em Sociologia, FCSH
- Baptista, L. Vicente; Pujadas J. Josep – 2000 – “*Confronto e entreposição: O efeito da metropolização na vida das Cidades*” – Revista Fórum Sociológico 3 e 4 – Lisboa, IEDS/UNL\
- Barbichon, Guy -1977 - "*Patrimoine et pouvoir symboliques des agriculteurs dépossédés*", in *Études Rurales*, n.º 65, Paris/Haia; Mouton (consulta por cópia incompleta, por estar esgotado em Portugal e em França)
- Bastos, J. (org.) – 2002 “ *Antropologia dos processos identitários*” – Revista *Ethnologia* (ns), 12-14, Lisboa FCSH / Fim de Século,
- Becker, Howard 1973, "*Outsiders - studies in the sociology of deviance*", New York, The Free Press
- Benjamin, Walter – (1992) "*Rua de Sentido Único e Infância em Berlim por volta de 1900*"; Relógio D'Água Editores, Lisboa;
- Bhabha, H.K. – 1998 –“*O local da cultura.*” Belo Horizonte: Ed. UFMG,.
- Bonnet, Michel ; Patrice Aubertel - 2006 "*La ville aux limites de la mobilité*", Paris, PUF,
- Bourdieu, P. - 2001 "*Razões práticas sobre a teoria da acção*" 2ª Edição - Oeiras, Celta Editora
- Bourdieu, P. 1979. "*La distinction : critique sociale du jugement*". Paris; Minuit.
- Cabral, M.V.; Silva F.; Saraiva, T. - 2008 - "*Cidade e cidadania*" - Lisboa; ICS
- Canotilho, G. 1998 . "*Direito Constitucional*", 3ª Ed.- Coimbra, Almedina
- Carvalho, M. 2007, “Culturas Juvenis e novos usos de drogas em meio festivo”, Porto, Campo das Letras

- Carvalho, F. - 2006 - *o lugar dos negros na imagem de lisboa*" Sociologia, Problemas e Práticas, n.º 52, 2006, pp. 87-108
- Castells, M -1996 - "*The Rise of the Network Society*". Oxford: Blackwell.
- Castells, M. - 1974 - "*La Cuestión Urbana*". México: Siglo XXI Editores
- Castro, José L. – 1997 – “*Socialização das crianças de Rua e lógicas de intervenção das redes de suporte social*” –Lisboa, CEJ
- Chaves, M. (1997), «*Estrutura de oportunidades ilegais e formas de argumentação no Casal Ventoso*», in *Toxicodependências*, n.º 2, Junho, pp. 7-13.
- Chaves, M.- 1999 - "*Casal Ventoso: da Gandaia ao Narcotráfico. Marginalidade Económica e Dominação Simbólica em Lisboa*," Lisboa, ICS,.
- Chaves, M 2000 - "*Dar à fuga: comunidade e sujeito num contexto de narcotráfico*"; *Análise Social*, vol. XXXIV (153), 2000, 893-932
- Chaves, M., - 2001 - “*Investigação etnográfica em territórios psicotrópicos: notas de terreno e comentário*”, Educação, Sociedade & Cultura, nº16, 2001, pp. 171-202 (com Luís Fernandes e Tiago Neves)
- Cordeiro, G.; Baptista, L.; Costa,F. (orgs.), "*Etnografias Urbanas*", Oeiras: Celta Editora (pp.93-101).
- Cordeiro, G. ;Vidal, F. (org.) 2008 "*A Rua, espaço, tempo, sociabilidade*" - Lisboa; Livros Horizonte
- Costa, A. – 1999 – “*Sociedade de Bairro – Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*” , Oeiras, Celta Editora
- Costa. A - 2003 - *Etnografias Urbanas*, Graça Índias et all, (org) pp125
- Costa, B.; Joana e Sérgio de Araújo Soares (2002), "*O Gang e a Escola (agressão e contra-agressão nas margens de Lisboa*", Lisboa. Colibri.
- Cruz, M. - 2004 - "*Teorias sociológicas - Os fundadores e os clássicos*" ; Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
- Cunha, M.I. - 2002, “*Entre o bairro e a prisão: tráfico e trajectos*”, Lisboa, Fim de Século-edições,.
- Dantas, A. Maia, A. Gameiro J. Sanches M. (Coordenação) – 1995 – Revista Olhares, Ano II nº 2 - Lisboa – Gabinete de prevenção e toxicodependência da C.M.L.
- Ethnologia nº 12-14, 2001-2002 – Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

- Fernandes, L. 1997 – “*A Imagem Predatória da Cidade*” in *Etnografia urbana das drogas e do crime*, Coleção Droga-Crime, Estudos Interdisciplinares, Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga
- Fernandes, L. 1994 “*Topografia urbana do medo : os espaços perigosos*” Revista do Ministério Público nº 59
- Fernandes, L. 2002 – “*O sítio das Drogas*” – Lisboa, Editorial Notícias
- Fernandes, L. 2007 “*Pelo Rio Abaixo*” Porto, Legis Editora
- Fernandes, L. Neves, T. e Chaves, M. - "*Investigação etnográfica em territórios psicotrópicos: notas de terreno e comentário*", in *Educação, Sociedade & Culturas*, nº 16.
- Fernandes, L.; Catarina, R. - 2002 - "*Rredução de riscos, estilos de vida junkie e controlo social*" - *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 39, 2002, pp. 57-68
- Fernandes, L, Neves & Chaves, M. - 2001 - "*Investigação etnográfica em territórios psicotrópicos: notas de terreno e comentário*". In *Educação, Sociedade & Culturas*, 16, pp. 171-201.
- Fortuna, C. (org.) -2001 – “*Cidade Cultura e Globalização*” – Oeiras, Celta Editora
- Giddens, A . – 2001, “*O mundo na era da Globalização*” – 3ª edição.– Lisboa, Presença
- Godinho, J. 1995, “*Ecstasy (MDMA) e outras designer drugs*”, *Toxicodependências*, ano 1 (1), pp. 63-66
- Goffman, E – 1966, “*Behavior in Public Places*” – New York, The Free Press
- Guerra. I - 2001, "*Intervenções face à exclusão social urbana: uma luta inglória?*" in *Cidades: comunidades e territórios*, Junho de 2001, nº2, pp.47/56
- Harvey, David. -2003, 12ª ed -"*Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*". São Paulo, Ed. Loyola,
- Henriques, S. 2002, “*Risco cultivado no consumo de novas drogas*”. *Sociologia*, sep., no.40, p.63-85. ISSN 0873-6529
- Hespanha, P. e Carapinheira, G. - 2002.– *Risco Social e Incerteza* – Lisboa, Afrontamento,
- Howard Becker; *Outsiders – studies on sociology of deviance*, New York: Free press , 1969

- Instituto Nacional de Estatística, (2003) *"Movimentos pendulares e organização do território metropolitano : área metropolitana de Lisboa e área metropolitana do Porto : 1991/2001"* - Lisboa : I.N.E., 2003. - 215 p.
- Ledrut, R. – 1968 – “*L’espace social de la ville*”, Paris, Editions Anthropos
- Ledrut, R. – 1973 – “*Sociologie Urbaine*”, Paris, PUF
- Lefèbvre, H. - 1991 - "*O direito à cidade*". 1 ed. São Paulo: Moraes,.
- Levi-Strauss, C. – 2007, “*Mito e Significado*” – Lisboa, Edições 70
- Lucchini, R. – 2001 - “*Crianca da Rua, e drogas*” – Revista Infância e Juventude nº 91.3 - Lisboa -Instituto de Reinserção Social
- Lucchini, R. – 2001 - “*Crianca da Rua: realidade complexa e discursos redutor*” – Revista Infância e Juventude nº 00.1 – Lisboa - Instituto de Reinserção Social
- Maffesoli, M. – 1988 – “*Les Temps dès Tribus – Le déclin de l’individualisme dans les sociétés de masse*” – Paris, Meridiens Klincksieck
- Mclaren, P. – 1997 – “*Multiculturalismo Crítico*”. São Paulo: Cortez,.
- Mela, A. - 1999 - "*A sociologia das cidades*" Lisboa, Editorial Estampa
- Mohammed, M. e Mucchielli, L. (coord) - 2007 - "*Les bandes des jeunes - Des Blusons noirs à nos jours*", Paris, La découverte.
- Neves, Tiago (2000), "*Economia subterrânea e cultura de resistência*", *Colectânea de Textos das Taipas*, vol. XII
- Ogien, A. -2000 - "*Sociologie de la déviance et usages de dogues. Une contribution de la sociologie américaine*". , Paris: CNRS,
- Pais, J.– 2002 - "*Sociologia da Vida Quotidiana*"; Lisboa, ICS/Imprensa de Ciências Sociais;
- Pais, J. (org.) – 2001 - “*Ganchos, Tachos e Biscates*” - Porto, Ambar
- Pinheiro, M. ; Baptista, L. e Vaz, M. (org.)- 2001,- “*Cidade e metrópole – Centralidades e Marginalidades*” – Oeiras, Celta Editora
- Pinto, M. e Peixoto, S. – 2003 - “*Trabalhos de Rua com Consumidores de Drogas – Obstáculos sentidos no Norte de Portugal*”, Revista Toxicodependências Volume 9, Número 2 – Lisboa, Edição IDT
- Pinto, M. - 2009 - "*Gunas, Transgressão e Tensões Centro-Margem, Notícias de uma etnografia urbana*" Tese policopiada, FPCE-UP

- Pujadas, J. (2008) *"A rua como espaço público de sociabilidade: um olhar comparativo"*, in *"A rua, espaço tempo e sociabilidade"*; Cordeiro, G. e Vidal, F.(coord); Lisboa, Livros horizonte (pp 144 e 145).
- Queiroz, M.; Gros Marielle – 2002 – *"Ser jovem num bairro de habitação social"* – Porto, Campo das Letras.
- Quivy, R.; Campenhoudt, L.; 1992 - *"Manual de investigação em ciências sociais"* Lisboa, Gradiva
- Remy, J.; Voyé,L. - 2004 - *"A cidade rumo a uma nova definição"* 3ª Edição; Porto; Afrontamento
- Santos, B. - 1989- *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal,.
- Sebastião, J. – 1998- *"Crianças da Rua – Modos de vida marginais na cidade de Lisboa"*, Edições Celta,
- Selosse, J. - 1976 - *"As causas da Delinquencia Juvenil"* Revista Infância e Juventude nº3 Jul-Set; PP24,28; Lisboa, Ministerio da Justiça.
- Simmel, G. - 2006 -*Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,
- Selosse, J. -1976 - *"As causas da delinquencia Juvenil"* - Infância e Juventude nº 3, Jul-Set - Lisboa, IRS Min. da Justiça
- Solá-Morales, I. - 2002– *"Terrain Vague"* in *Territórios*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili,
- Vala, J. – 1985 – *Contribuições para uma análise psicosocial da delinquência* – Revista Infância e Juventude, 2.53-65 – Lisboa Instituto de Reinserção Social
- Vasconcelos, L. – 2003 – *« Heroína, Lisboa Como Território Psicotrópico nos Anos Noventa »* Estudos e Investigações nº 29, Lisboa, Imprensa das Ciências Sociais
- Wacquant, Loic – 2006 - *"Parias urbains"* Paris, Ed. La Découverte.



**Anexos**

*Anexo 1*

*Entrevista com Celestino Cunha – Associação Comunidade Vida e Paz*

Hora : 8H30 - Data: 13-7-09

- O Objecto deste trabalho são grupos que, sendo apesar de tudo consumidores regulares de drogas ilícitas, não são tão vistos como tal mas como utilizadores da cidade e, é a sua relação com os lugares, a sua relação intergrupala, a sua relação com outros grupos, etc., que interessa para este trabalho. Nesse sentido gostava que, de uma forma breve, me disse-se se tem contacto com grupos destes, grupos que funcionem enquanto tal - não, pessoas isoladas - se tem contacto na rua com pessoas... deste...deste tipo ou que se caracterizem como tal e, como é que os caracterizaria genericamente : gente mais jovem, gente menos jovem, gente sem abrigo gente, gente com... com outras pertenças domiciliárias etc..

- A realidade que eu conheço melhor da cidade de Lisboa são as pessoas sem abrigo. Logo assim à partida salta-me um grupo, que, está na zona do Cais do Sodré, Junto do Cais da Marinha. É um grupo bastante interessante na maneira como está organizado no seu quotidiano. Depois também, o grupo ali da... da Praça de Londres. São pessoas essencialmente sem abrigo com alguns estrangeiros, mas que se organizam muito em função da... da resposta que é dada à noite pelas equipas que vão distribuir alimentos e que... ou que estão a fazer contacto com as pessoas sem abrigo. é muito interessante e - estou a tentar identificar a zona da cidade- Depois também descendo a Almirante Reis, há lá um grupo de 3, 4 pessoas junto à Portugália, mais abaixo um bocadinho onde era mesmo antigamente a cerveja Portugália - a fábrica salvo erro- também há ali umas 4 ou 5 pessoas que se organizam de forma curiosa em relação à obtenção de, enfim, do seu quotidiano, arrumar os carros, ir às compras – “quem vai quem não vai” - há uma espécie de escala até como funcionam. Descendo também há o Martim Moniz. A zona do Martim

Moniz - alguns idosos e também, juntamente com um casal, da zona de cima do Martim Moniz, (hum...) - do Cais do Sodré já falei- tinha vá, mais locais...(hum...) Ah! A zona de... da Praça de Espanha. Não é propriamente um grupo muito grande são 3 pessoas mas, elas já estão juntas há muito tempo e, estão muito organizadas...enfim na lógica de funcionamento ali da área com os teatros - e ao nível de relação próxima com os teatros (hum...) Depois - eu não sei se identificava assim estes locais ou se caracterizaria - A minha experiência tem mais a haver com o contacto de final de dia e de noite e que se percebe que durante o dia eles estiveram organizados de uma forma muito específica que é: essencialmente para obter os bens de sobrevivência – alimentação e alguns agasalhos. A maneira como estão organizados para conseguir isso, é bastante curiosa e, há aqui um aspecto essencial...

– Em Função dos apoios que surgem nessas zonas, é isso?

- Exactamente, ou até mesmo a procura de alguns apoios específicos noutras áreas que não aquela onde costumam estar. A deslocação por exemplo aos serviços quer da comunidade Vida e Paz, quer à AMI, quer de algumas paróquias em particular da cidade de Lisboa é feita – “ Hoje vais lá tu porque ontem, fui lá eu” – mas a ideia é trazer para os 3 ou para os cinco ou para os 7. Estou a pensar ali nas pessoa da zona da Praça de Londres que funcionam muito neste registo. Para não tarem a forçar muito a relação ali com as pessoas da...da Mexicana ou, das áreas envolventes - até da junta de freguesia quando recorrem - procuram revezar-se para não serem sempre os mesmo a ir pedir pa não criarem um... um problema. Há aqui um denominador comum mais ou menos em quase todos que é: o consumo ou de álcool ou de substâncias. Quase todos têm esse problema. Um ou outro caso de doença mental que é protegido pelo.. pelo.. pelo grupo - nomeadamente ali na Praça de Espanha há uma pessoa... há inclusive um... um casal e que um é mais... - um casal que são dois homens mas que se assumem como casal - e um deles é um bocadinho mais frágil e os outros de facto assumem uma postura muito protectora e, isso em termos genéricos é muito...é aquilo que eu conheço da realidade da cidade.

- E domina muito o género masculino?

- Predomina essencialmente o género masculino. Sim, sim. Quando existe pessoas femininas, normalmente estão... ou são namoradas ou têm uma ligação - Uma ligação amorosa, sim. afectiva com... com um homem do grupo, isso sim.

- Muito bem. Noto nalguns grupos, que o grupo se organiza - como disse também aqui relativamente a essa fragilidade mental - também para indivíduos mais novos, às vezes bastante novos, e o grupo organiza-se numa certa protecção a esse indivíduo. Isso é-lhe familiar?

- Sim. Por exemplo no Cais do Sodré - não sei dos mais novos - quando aparecem miúdos...há sempre alguma atenção especial e até muito daquele discurso de - “ Tu não devias estar aqui, tu... tu”- ou seja: há uma protecção da pessoa mas no sentido de evitar que ela permaneça (-Hum, sim), há muito aquele discurso de “ Tu devias ir procurar ajuda, vai, vai, vai para a comunidade vai para (- És muito novo para isto), és muito novo para isto, exacto - há uma tentativa de que a pessoa se desloque. Mas de qualquer das formas, isto é em si uma... uma protecção, ou seja: criar, logo maneira da pessoa sair. Por outro lado, quando há alguma vulnerabilidade específica - pessoas que têm dificuldade em andar ou que ficaram doentes por algum motivo - estou-me a lembrar no Cais do Sodré - naquele grupo ouve uma altura que uma pessoa ficou com... com hepatite (-Hum hum), ficou toda amarela e aquilo gerava alguma aversão de quem passava ou... e o grupo, pelo contrário. Preocupou-se e arranjam lá uns chá que eles faziam, iam ao Centro de Saúde pedir ajuda para ele, pedir coisas, no sentido... - nunca o abandonaram, pelo contrário eles foram o grande... é a grande protecção da pessoa porque ele estava muito fragilizado e eles continuaram sempre a apoiá-lo. Sempre. (-Hum hum) A melhor alimentação era para ele, havia aquele cuidado de... de o tratar como doente

- Disse que a sua grande experiência é com pessoas sem abrigo. (- Hum hum) Mas nesses grupos - nesses grupos que referenciou como... como exemplo - são todos sem abrigo ou eles misturam-se com pessoas que não...que têm outro tipo de sobrevivência à noite?

- A minha percepção é que eles são essencialmente sem abrigo (-Hum hum) – Ah... não... se eventualmente existem outras ligações eu não me cheguei a aperceber, embora,

por exemplo: haja relações privilegiadas com alguns vizinhos ( -Sim) em que, por exemplo: há senhoras de alguns bares- nomeadamente ali na Praça de Londres e até na Almirante Reis- pessoas que diariamente, se deslocam, a ir ter com as pessoas e lhe levam um bocadinho do seu jantar ou, algum...algum miminho- isso acontece. Pessoas que sabem quando são os aniversários, por exemplo, e não se esquecem e vão lá levar.... Isso eu percebo de algumas pessoas que vivem ali. Agora, de forma continuada e quotidiana nunca me apercebi assim...

- Essa questão que põe é curiosa porque me apercebi noutros grupos que não referenciou que, a relação entre os residentes e estes ocupantes da cidade não... não é verdadeiramente conflituosa na maior parte dos casos. Eu diria que a maioria dos que encontrei seriam tolerante. Nalguns casos, é mesmo de apoio?

- É. O problema dos vizinhos tem... tem aqui um... - o que gera conflito não é tanto a pessoa e a condição de sem abrigo - é a higiene. Normalmente está relacionado com a higiene - Se de facto as pessoas são cuidadosas com a higiene obtêm a simpatia do... é mais um vizinho. Haverá com certeza um ou outro pormenor, uma ou outra pessoa que reage menos bem mas, por norma estabelecem-se boas relações agora, se a pessoa não é cuidadosa com a higiene, aí sim, aí desenvolve um... a relação torna-se hostil e as pessoas tendem a chamar a polícia, a envolver outras coisas. Agora, quando as pessoas e... e estes grupos - nomeadamente ali na Almirante Reis - ou ficam em locais onde podem estar à vontade e a relação mantém-se o mais afastada possível- e aí favorece porque a pessoa não se choca diariamente com isso à porta - eles vão dormir e vão fazer as suas refeições e tudo mais longe, estão mais à vontade - essa relação é mais fácil porque se estiverem mesmo à porta, quer queiramos quer não haverá sempre lixo, haverá sempre algumas coisas e isso desfavorece a proximidade mas... - não sei se me perdi no raciocínio mas de qualquer das formas - o que favorece mesmo é: os cuidados com a higiene. E as pessoas têm muito essa atenção e por exemplo: se a pessoas deu uma camisola fazem questão de a usar para ela ver, se a pessoa ... e isso

- De alguma forma aprenderam a viver com este (- Exactamente), este tipo de expedientes e (- Claramente) numa tentativa de proximidade das pessoas

(- Claramente), não de guerrear as pessoas.

- Pelo contrário exactamente, cativá-las. Mesmo por exemplo em relação aos seguranças dos..dos..dos hipermercados - neste caso do Pingo-Doce, daqueles mais pequenos- é uma relação difícil. Um sem abrigo, um... utilizam a mesma estratégia “- Hoje vais lá tu amanhã vou lá eu”- diversificar a ida ao... faz com que o segurança não esteja tão centrado na... naquela pessoa. Porque normalmente o que é que eles vão buscar quase sempre? É vinho... é cerveja... é pão... são enlatados - é quase sempre a mesma coisa - e, lá pelo meio vêm algumas tentativas para levar sem pagar, e então, geram sempre uma enorme atenção por parte dos seguranças. A ideia é: procurar cativar o segurança no sentido de – Ele diz-se que na Almirante Reis eles são ( - Sim, sim) coeríssimos com a relação com o senhor do Pingo-Doce: já o conhecem e tal, primeiro conversam com ele só depois é que entram na loja - há uma tentativa de o amenizar logo á partida e não hostilizar a relação porque sabem que vão perder.

- Exactamente. Estes desvios portanto, para si, não são propriamente comportamentos criminais mas comportamentos de sobrevivência?

(- Sobrevivência, claramente) - É isso que me está a dizer?

- Até porque a crítica que fazem sobre isso - as pessoas quando conversamos mais a fundo - é algum desgosto por terem que recorrer a esse... a estes artefacto - digamos assim. É que, por norma, preferiam não ter que depender e como tal aquilo é uma necessidade e só roubam o essencial - só retiram o essencial - nunca vêm os chocolates - nunca são apanhados com um gelado - é com enlatados, é com alguma coisa – “O dia correu mal, vamos tentar buscar ali...”- só sobrevivência. E por norma também, nesses locais não se chama a polícia, não... também há aqui um nível... uma tolerância com isso. Se a pessoa quer levar por exemplo: vinho - aí sim - ou outra bebida mais cara - Isso aí, envolve logo uma questão... e aí também já, digamos que há um código que é rompido porque se forem só alimentos, a única coisa que acontece: o segurança tira-lhes os alimentos e manda-o embora ...E é até ele lá voltar, com certeza, mas é... a estratégia é essa.

- Estes grupos utilizam alguns lugares da cidade de Lisboa com fins diferentes. Alguns com fins de pernoita, outros lugares com fins de encontro, outros lugares com fins de sobrevivência e de angariação de recursos, não é!? Quase sempre, esses lugares são próximos ou nem sempre isso acontece?

- Quase sempre são próximos, a ideia que eu tenho é que são próximos.

- A escolha dos lugares já tem a haver com ( – Sim) todas essas – Sim, é estratégico, a relação é boa por exemplo: no Cais do Sodré a relação com o senhor do talho, com... por exemplo: eles todos os dias cozinham - com aquelas latas de 25 litros das azeitonas que eles vão buscar ao Lidl ou ao Pingo-Doce, fazem...levam aquelas madeiras das paletes e assim- fazem sempre uma fogueira - fazem uma grande panelada todos os dias para toda a gente. Às vezes com as obras que há ali no Cais do Sodré, a polícia vem, faz uma limpeza, depois eles dispersam-se um pouco, regressam a seguir, enfim - há ali aqueles movimentos mas por norma eles vão dividindo as tarefas também – um traz o sal, outro vai aos legumes, vai ali ao Mercado da Ribeira, sempre há umas senhoras que ajudam e tal e, juntam os ingredientes todos e fazem ali uma boa... uma boa refeição quente - mas boa mesmo! Naturalmente também, bem regada com muitos pacotes de vinho – que eles dizem uma coisa curiosa lá em baixo quando nós por exemplo os confrontávamos com a ideia que: - “ porque é que não bebem água? Vocês precisam de se hidratar” – e eles dizem assim “- Água? Um litro de água custa à volta de 60 a 70 cêntimos. No Lidl o vinho custa 45 cêntimos - um litro de vinho- nós tamos na rua, é óbvio que optamos pelo mais barato!” (risos).

- Nesta população que encontra sem abrigo, a permanência na rua dura muito tempo? Como é que poderia retractar isso?

- Ah. Aquilo que se percebe é que quanto... à medida que o tempo vai passando se torna cada vez mais difícil (- O regresso) a reabilitação, digamos - a saída da rua- isso é evidente. A pessoa que já está 2, 3, 4 anos vai... vai de facto estabelecendo um quotidiano e um.. uma vinculação àquilo- a dificuldade em sair é maior. Agora, por norma, chegará sempre, sei lá - é uma estimativa muito pessoal e empírica minha mas – a grande maioria nos primeiros tempos digamos que se debate muito. Se obtiver sucesso, Ok! Se não, entrará aqui num processo mais... mais depressivo, mais... mais de cansaço e aí, a adequação à lógica de rua aparece se calhar ao fim de 3, 4 meses e aí sim, depois prolongará por se calhar, passando a anos. Os primeiros 2, 3 meses é sempre de uma luta tremenda. É quase que, aquela pessoa que cai e pronto, naturalmente muito desconfortável com essa condição - mas seja, luta não é? Se obtém alguma ajuda e algum ponto de apoio e avança, naturalmente que as coisas correm não é? Mas se passa essa barreira dos 3, 4 meses - digamos assim - a tendência depois é para ( - Continuar), para passar para os anos. É a minha perspectiva.

- Estes grupos que encontra, consegue englobá-los todos numa lógica de cultura de rua? Isto é, há comportamentos semelhantes nos diferentes grupos?

- Ah... não sei, é aquilo que passa a ser um denominador comum é...é a questão da sobrevivência ou seja, as necessidades básicas acabam por criar uma união importante entre as pessoas. E – “se eu hoje estou com fome... eu sei que alguém me vai ajudar e se eu hoje me correu melhor o dia vou ajudar alguém” - Anda muito à volta desta questão de sobrevivência – “ Se tenho frio, se tenho mais um cobertor ” - Também para as questões dos consumos? - Para a questão dos consumos também, essencialmente. Há aqui esta sobrevivência porque, no fundo são as ligações que têm. Se não preservarem essas 2 ou 3, isso não lhes vai... amanhã sabem que pode correr mal e dia e, de facto vão ficar muito vulneráveis e então a ideia é: protegerem-se disso. Eu sinto que isso é um denominador comum. A questão tem a haver com: o que também é comum, é estas relações não serem o tão duradouras assim. Ou seja, elas iniciam-se, se calhar têm um... um pico muito interessante num espaço de dias, mas depois também, se zangam e iniciam novamente outras. Isto... há algumas mais estáveis, há bocadinho eu disse - Praça de Londres, a Almirante Reis, Cais do Sodré - talvez sejam aquelas que são mais estáveis, porque depois... e aqui já vemos pessoas ali juntas há algum tempo. Agora...

- De qualquer forma, as semelhanças entre grupos diferentes em zonas diferentes é difícil de estabelecer?

- É. – Tem culturas próprias? – Tem culturas próprias mas, a sobrevivência é a única coisa que é comum, depois é muito próprio, tem a haver com o local, sim.

- Muito bem. Relativamente a projectos de vida. Disse-me há bocadinho que nos primeiros tempos eles tentam a todo o custo sair e isso passa naturalmente pela idealização de sonhos ou de projectos de vida, ainda que pouco consistentes não é!? É vulgar que eles manifestem essas vontades, que construam de facto - pelo menos em termos de vontade dita, falada – os projectos de vida ou abandonam rapidamente essa construção?

- Numa primeira abordagem a tendência é falar sobre questões muito genéricas e pouco pessoais: - Se são capazes de evidenciar alguns sonhos, algumas fantasias – “ Oh! Quem me dera ter dinheiro! Quem me dera ter isto, ter aquilo. Uma casa”- enfim, há muito esses discurso de desejos de obter. Passando para uma lógica mais individual e mais íntima... ah... há... vem a questão da família – as questões das ligações afectivas . O projecto de vida passa muito por ok: ter o seu espaço, mais protegido, menos vulnerável –

no fundo ter uma casa, ter o seu trabalho e depois ter uma família, aí sim. O projecto de vida passa muito por isso – A nova família deles ou a família a que pertenceram? – Muitas vezes a família a que pertenceram, mas muitas vezes também... já sem esperança disso, uma nova família. E que pode passar muitas vezes por...por institucionalização e há casos por exemplo na Vida e Paz que isso acontece. Em que pessoas se organizam em pequenos grupos e ainda hoje mantêm... vivem juntos, trabalham, têm a sua lógica funcional assente nas novas relações que estabeleceram a partir dali. Mas intimamente aquilo que me parece é que têm sempre ali um enorme desejo de: ter o seu cantinho, ter... as suas relações mais de vinculação no fundo, a sua auto-sobrevivência ou seja, assegurada por um trabalho. No fundo, diluir-se novamente na sociedade sem ter este lado periférico evidente – que é estar na rua, o estar dependente da ajuda das instituições e das pessoas. Esse é um desejo que... que, acho que é transversal.

- Ok! Obrigado por esta colaboração.

– De nada, tenho todo o gosto em ajudar

## *Anexo II*

### *Entrevista com Carla Fernandes – Médicos do Mundo -*

Data: 13-07-09 Hora: 10h00

- Eu gostava de lhe agradecer, em primeiro lugar, este seu tempo e depois de lhe pôr algumas questões relacionadas com a vossa actividade junto de grupos de rua.(- Certo) E gostava de ter em primeiro lugar uma opinião genérica sobre se, a vossa organização de facto, toca estes grupos - grupos mais ou menos formais ( pondo aqui os formais entre aspas) - mas grupos com algumas relações entre si e que sejam regulares em determinados lugares da cidade de Lisboa, sobretudo da parte mais central de Lisboa.

- Eu...bem, primeiro se calhar é interessante - mas isso já deve ter pensado que temos a falar de relações não é? Que... têm as suas características muito próprias desta população. Em relação - relações dentro de um grupo - se calhar diria que a maior parte das pessoas chega até nós - e também às características do estar na rua – são situações mais individuais do que propriamente de grupo mas sim, temos situações de grupo- que nós às vezes apercebemo-nos que as pessoas andam em grupo, durante muito tempo e, muitas vezes os próprios grupos formam-se a partir do momento em que as pessoas escolhem um local de pernoita, pronto.

- Na sua opinião a formação dos grupos tem a haver com os lugares?

- Sobretudo. – Sim, e com as defesas que encontram nesses lugares, estratégicos!?! – Sim, porque... sem dúvida, sem dúvida. Táva a pensar na nossa realidade e... sim, acho que sim - as leis da sobrevivência, as estratégias de rua, os objectivos comuns que têm não é? Acho que isso os leva a constituírem-se enquanto um grupo

- Sendo que a vossa organização toca pessoas na rua, mas não especificamente toxicoddependência, a percentagem destes indivíduos que estão na rua e que também consomem regularmente produtos ilícitos, é grande?

- Diria que neste ano de 2009 temos... temos abrangido um maior número de pessoas que consomem... Ah, drogas. Posso-lhe explicar porquê - não sei se é importante se não - Nós estávamos em determinados locais que, até à nossa chegada - nós apoiamos as pessoas em horário nocturno - e até à nossa chegada havia apoios complementares, ou seja: haviam 3 equipas que estavam anteriormente no terreno. A partir do momento em que essas equipas deixaram de ter financiamento, estas equipas deixaram de ir para o terreno, portanto acabamos por estar só nós em determinadas zonas. Isso faz com que as pessoas tenham muito, maior... quer dizer, têm procurado muito mais a nossa equipa portanto, a nossa estatística diz-nos que se calhar 40% consomem drogas, dos nossos... das pessoas que nós atendemos, não é?

- São sobretudo pessoas sem abrigo ou nem por isso?

- Nem por isso. Há muitas pessoas que estão sem abrigo - e agora aí temos que pensar na definição que queremos ( - exactamente) para sem abrigo - e se... portanto, estamos a falar - Eu diria que não têm um local de pernoita que lhes seja pertença, que seja lhes familiar, etc.. Incluindo nisto abrigos provisórios, rua, tudo isso. - A maioria das pessoas... a maior percentagem - diria eu - são pessoas que têm de alguma forma um local - seja ela uma pensão ou mesmo um anexo - mas que elas chamam dela, pronto. E também... é interessante também percebermos que 2008 é uma realidade, ao final de 2008 começa a ser outra realidade que 2009. Temos não sei quantas pessoas que - pensamos nós que têm uma casa ou que têm... sim, uma casa - e depois para terem os bens básicos recorrem às equipas de rua. Nós temos muito esse caso. Temos o caso por exemplo ao nível do apoio da medicação em que algumas pessoas, algumas delas até um médico de família, até têm o seu hospital de referência, até têm a sua casa mas depois não têm possibilidades de comprar os seus medicamentos, têm uma doença crónica e não conseguem comprar, não é? E recorrem muito ao nosso apoio. À partida essas pessoas não estão a viver na rua, não é? Diria que temos assim 2... 2 grupos que poderemos chamar, não é? - São as pessoas que estão realmente a viver na rua, - sejam eles em abrigo e centros de acolhimento e temos outros que estão realmente nesta - A sobreviver ( - A sobreviver ) da rua ,um pouco - Exactamente, sim, diria eu - Hum, muito bem.

- Encontram frequentemente estes grupos nos mesmo lugares ou eles variam (...) Se calhar de acordo com as suas necessidades?

Sim, Ah... nós... só há um grupo que eu me lembro de encontrar em sítios... em sítios ( - diferentes) - diferentes. É um grupo de jovens que antes encontrávamos sobretudo

na zona de Sta. Apolónia e que agora encontramos... o grupo recorre a nós na zona de - no Campo das Cebolas. – Também não muito distante, portanto – Não, não não não.

- Tem a noção de que a procura desses lugares, se centra – já o disse- se - se centra muito na ajuda que faz. Não é? Ou na ajuda que a organização faz e portanto, recorrem a vocês nesses lugares. Mas na pesquisa que fiz com alguns grupos, estes grupos situam-se em lugares diferentes de acordo com as horas do dia e as necessidades do momento. Nalguns casos para encontro, apenas - encontro com o seu grupo - noutros lugares para consumo ou para outro tipo de actividades e noutros lugares para angariação de recursos, não é? Ou para arrumar carros, ou para... ou estão em zonas de supermercados onde podem (- Hum hum ) naturalmente fazer alguma sobrevivência, não é?

Isso acontece também convosco? É generalizado ou, não tem conhecimento – Nós sabemos que... há casos que – não- diria quase todos, que as pessoas se movem durante o dia, sim. Por aquilo que acabou de dizer, é essa a ideia que nós temos, que as pessoas... nós quando perguntamos a uma pessoa que recorre a nós à noite, e que está num determinado sítio mas que nós perguntamos –“ Então mas onde é que almoça”- e a pessoa diz –“Ah, costumo almoçar ou jantar ao Refeitório dos Anjos”. Portanto a pessoa vai ter que se... movimenta-se - vai para aquela zona, não é? E nós sabemos...pronto, as equipas de rua na zona de Lisboa trabalham todas em equipa, não é? (- Sim ) Portanto algumas trabalham até durante o dia, há outras que trabalham à noite e nós percebemos muitas vezes que as pessoas se movimentam, não é? Portanto, aquela pessoa que nós contactámos na freguesia X outra equipa é contactada na freguesia Y, não é? Portanto nós percebemos e - faz todo o sentido não é? Quer dizer, as pessoas - como eu disse à pouco - as pessoas durante o dia têm que se mobilizar para os seus recursos, os seus consumos.

- E dentro destes grupos constatam que existem de facto relações interpessoais entre eles? São meramente conjunturais da necessidade que sentem no momento? Ou existe de facto alguma estabilidade que os levam a sentir o grupo como pertença, um pouco?

- Eu não quero ser pessimista. Se calhar hoje, por ser segunda-feira, se calhar, a minha tendência é ser um bocadinho mais pessimista. Bem, eu diria que não. A nível de relações interpessoais, pelo menos enquanto eu as concebo, não é? Eu estava a pensar mesmo nas relações afectivas que se estabelecem nas ruas, eu estou a pensar de casais que se formam, pronto, e que mantêm uma relação. Não sei se realmente essas relações nós podemos dizer - relações interpessoais ou relações amorosas, não é? – Mas encontram-nas com frequência nestes grupos? – Algumas vezes, sim. Algumas vezes mas, que duram, têm

o seu tempo, há ali uma protecção sem dúvida, não é? E depois, passado uns meses, aquele homem pode já tar com outra mulher, se calhar no mesmo grupo, não é? Onde está a outra pessoa que foi deixada, pronto e depois aquilo também é sempre logo um motivo de, muito conflito, não é? Pronto, como pode imaginar – Quer-me dizer que o tempo, tal como os lugares da cidade são muito mutáveis para estas... têm uma dimensão diferente da ( - Ah! Sem dúvida ) da comunidade de cidadão, não é? – Sim. Sim sim sim.

- Muito bem. Esses lugares. O senso comum diz-nos muitas vezes – e as leituras de jornais, etc. – dizem-nos que se trata... dão-nos uma imagem dos lugares sempre degradados, zonas de prédios devolutos, dão-nos muito esta imagem de senso comum. Na rua isso é verificável ou nem por isso?

- Eu acho que tenho o privilégio – e é isso que eu costumo dizer aos que estão mais perto de mim - que é: a cidade é a mesma. A cidade onde estas pessoas dormem, onde estas pessoas vivem é a mesma que a nossa. E quando nós dizemos que temos muito orgulho na cidade que temos – “A nossa cidade é bela” – e é sem dúvida, não é? Mas é esta que também é a deles. Não vejo por aí, pronto, não vejo por aí. Se nós pensarmos que um grande número de pessoas neste momento dorme na Praça do Comércio, que é uma praça que neste momento é o nosso... a nossa autarquia está, portanto ali a ... ( - A reabilitar? ) a reabilitar, porque realmente aquilo é uma zona muito bonita - e é – portanto, não diria que eles escolhem só, esse tipo de construções, não é? Claro que existe! Mas não diria que.. acho que isso é a maneira fácil de – Caracterizar isto, não é? – Exactamente.

- Dá-me às vezes a noção – e não sei se esta noção é correcta , gostava de ouvir a sua opinião sobre isso – de que independentemente de - são lugares isolados, lugares escondidos - quer-me parecer que a maior parte destes grupos procura meter-se no meio da multidão para não estar com gente nenhuma. Não sei se isto lhe faz sentido.

- Acho que, há esses grupos. Por isso é que nós muitas vezes ouvimos a expressão “dos invisíveis” não é? Em que... Aquela zona da Praça do Comércio é muito típica, que é - passa ali uma série... imensas pessoas durante o dia não é? Para apanhar o barco, para entrar na cidade e as pessoas se calhar – se fizer hoje uma entrevista a alguém se calhar vamos ouvir – “Ah...” - Se calhar repararam uma vez. Mas por outro lado acho que também que há a outra vertente que é daqueles que realmente se isolam e que procuram locais que, eu própria às vezes a passar no meu carro e olho, e vejo, isso... nunca me lembraria que alguém pudesse estar aqui a dormir. Porque também há aqui um sentimento de vergonha, não é? E estar nesta situação para algumas pessoas é temporária portanto... e

há que realmente procurar um sítio escondido, que seja de pouca visibilidade para que “ninguém me veja”. Mas... mas... essa expressão que utilizou também me faz todo o sentido, não é? Estarmos com todos, estarmos com ninguém, estarmos ao pé dos outros e ninguém nos ver, não é?

- Nos contactos que tem, com pessoas que vivem da rua ou que subsistem da rua, não é? Com as suas estratégias de sobrevivência. Parece-lhes que existem percentagens significativas de pessoas que têm de facto projectos de vida e para quem efectivamente essa permanência, ou essa sobrevivência, é encarada como temporária? Ou esses projectos de vida são de facto abandonados pelas as vivências da rua?

- Bem, enquanto técnica não posso acreditar que eles não tenham projectos de vida, não é? Eu acho é que – e isto é uma questão que é... às vezes nós falamos muito na minha equipa e acho que isto é importante porque, os nossos projectos de vida não têm que ser obrigatoriamente... os projectos de vida que nós queremos para aquela pessoa não têm que ser o projecto de vida dela. E em relação aos timings. Para mim claro, eu gostava de resolver um problema que tenho hoje amanhã, ou se possível ainda hoje, não é? Mas se calhar aquela pessoa precisa mais tempo, precisa de um mês, não é? E por isso, esta questão de falarmos muito em equipa no sentido de, também de nós enquanto técnicos, não termos tantas frustrações. Porquê? Vamos diminuir um bocado as expectativas que é: “Vamos ouvir o que é que a pessoa quer, vamos dar tempo”- não é? E vamos dar tempo para que ela venha ter connosco e diga – “Olha, a partir de hoje quero” – ou - “Eu preciso de mais tempo para”- não é? Portanto eu acho que passa muito por ouvir a pessoa. Eu acho que nós muitas vezes técnicos - em comum – nós temos uma tendência antes de a pessoa nos dizer o que é que quer, nós já estamos a dizer ( - A adivinharmos) – “vai fazer isto e aquilo e é isso que quer, não é? É isso que quer, não é?”- Pronto, acho que temos realmente... ter calma, ouvir a pessoa e perceber realmente o que é que ela quer. Porque eu também tenho... tenho consciência - embora isto a nós técnicos mais uma vez nos custe – mas que pelo menos... - uma pessoa com quem nós trabalhamos há não sei quantos anos, se me perguntar – “Ela tem um projecto de vida?” – Eu digo-lhe “Sim, ela tem um projecto de vida que é viver na rua o máximo de tempo que se aguentar “ – Iremos fazer tudo para que a pessoa não morra, por questões de saúde por exemplo. Porque o projecto passa mesmo por aí, aquela pessoa já não... eu acho que se nós a colocássemos se calhar nalguma estrutura – que para nós seria o ideal – acho eu aquela pessoa se calhar não queria. Ela já tem aqueles rituais, aqueles hábitos como nós temos! O acordar de manhã - ele também

acorda de manhã. Só que nós depois entretanto... tomamos o nosso banho, vimos trabalhar, o pequeno almoço – ele também faz isso! Portanto as estruturas...e adaptam-nas - O tempo deles é portanto diferente do nosso e os ritmos também.

- As relações que eles estabelecem com pessoas dos lugares que frequentam, ou as relações que as pessoas dos lugares residentes - dos lugares que eles frequentam estabelecem com eles - são sempre caracterizadas pela conflitualidade? Existem casos detectados por vocês em que há um clima de tolerância ou encontram mesmo – como outras organizações já me referenciaram – situações em que a própria população os apoia?

- Há de tudo. – De tudo um pouco – De tudo, de tudo, sim. Há... nós perguntamos – “Então mas almoçou?” ou – “Jantou?” – Mas como é que conseguiu?” – “Ah, o vizinho... aquele senhor que mora aqui deu o almoço”- ou – “ O comerciante disse-me que eu posso ir buscar os bolos se ele não os vender” – Há de tudo. Mas depois também há os particulares que não fazem a mínima ideia, pronto, porque têm o problema à porta deles, não é? E que, pronto... e tomam logo outras medidas – telefonam para equipas de rua, telefonam pá polícia porque realmente não querem aquela pessoa ali ao pé da porta deles. Pronto, há de tudo. Eu acho é que, fala-se muito deste... desta ques... deste fenómeno - das pessoas sem abrigo - e há a uma estratégia nacional, há um plano agora para a cidade de Lisboa. Portanto estamos a dar passos muito imp..( - Ao ritmo deles, também, não é?) – Exactamente. (- Devagar ) Vê. Mas eu acho que também era importante, sobretudo, informar a sociedade civil, pronto. Porque as pessoas, pronto. Trabalhando numa O.N.G, eu percebo isso, as pessoas são muito solidárias, os portugueses são muito solidários. Os portugueses podem tar na crise mas se houver uma O.N.G que faz um pedido, o português mesmo assim ajuda, não é? Portanto eu quero acreditar que neste fenómeno também – nestas pessoas que encontram – também se mobilize. Só que muitas vezes não sabes como fazer. Não é? E isto... pessoas que mesmo próximas de mim, se calhar se tiverem uma pessoa sem abrigo ao pé da casa delas, não sabem o que é que hão- de fazer, não é? Por isso essas relações... penso que existem de todo o género.

- Falta-me apenas, tentar perceber uma questão - para comparar com o olhar de outras organizações que estão também evidentemente no terreno - Este fenómeno visto há uns anos atrás , era visto sobretudo para pessoas do género masculino. E hoje?

- Hoje continua a ser, predominantemente, do género masculino. Mas cada vez mais, do género feminino também. Eu há pouco lembrei-me – e depois entretanto passou-me – que tinha a haver com aquela questão anterior que me colocou das relações- eu ter-

Ihe dito que há casais que vivem na rua. Porque as mulheres que vivem na rua estão sujeitas também a muito mais... outros tipos de violência, não é ? Pronto, e muitas vezes elas submetem-se por exemplo: a manter uma relação – mesmo que também não seja a relação que elas... que elas querem para elas – mas sabem que dali há segurança, não é? E depois a questão da saúde mental, há algumas mulheres na rua, a viver na rua, com problemas de saúde mental e pronto, e que nós sabemos que... com certeza que devem ser vítimas de... de violência não é?

- Também me parece que sim

Muito o brigado por este seu tempo.

### ***Anexo III***

#### ***Entrevista com:***

##### ***- Cristina - Associação Crescer na Maior***

- como ocupação - técnica de equipas de rua

- Começava por que explicar um pouco melhor os objectivos deste trabalho. Isto vem na sequência de uma licenciatura, de um mestrado e agora de um doutoramento a terminar. Prosseguindo sempre na mesma linha com grupos de rua - primeiro crianças depois jovens na área da toxicodependência sobretudo - e agora – até porque... em virtude do cargo que ocupava no I.D.T- não me apeteceu fazer sobre toxicodependência mas de qualquer forma, também não a queria abandonar. Aqui a perspectiva é fazer algum trabalho de investigação sobre a relação de grupos – entendendo como grupo um conjunto de pessoas que têm relações fortes ou, enfim, ( pondo estas relações e este fortes entre aspas ) com alguma duração, também aqui relativa, obviamente, entre si e que frequentam a rua, quer como local de pertença quer como local de sobrevivência. Muito nesta perspectiva. Nesta óptica eu gostava de lhe pedir, em primeiro lugar que me dissesse se as vossas equipas de rua, se têm se facto contacto, não com conjuntos de pessoas que acorrem a um lugar mas com grupos, dentro desta perspectiva de grupo. Sim, Ah... – Toxicodependentes ou não.

- Portanto a equipa de rua – não percebi muito bem a questão mas – que dizer... desde o início - eu vim para a associação há 5 anos- e desde o início nos bairros nós constatamos que existem grupos de pessoas. Não sei se passa muito por aí a questão? – (Sim sim sim, sim) – Portanto, existem grupos de pessoas. A equipa tenta... tenta chegar a todos enquanto grupo mas também individualmente. (- Sim ) Portanto mais... portanto a conversa depois, para criar relação passa muito pela pessoa individualmente, não é? Mas sim, na rua existem vários grupos de pessoas.

- Nestes grupos vocês encontram sem abrigo, outros que não são mas que entre si, mantêm algumas relações entre eles e com os lugares onde circulam ou ( - Sim sim sim sim sim sim) – ou aparecem apenas por acaso?

- Não, existem os grupos já formados, todos os dias se encontram naquele local e... e entre eles , por exemplo: no Intendente - que foi uma zona onde eu trabalhei muito - notava-se muito as relações memo... entre eles existiam várias relações e... depois existem os consumidores ocasionais, portanto, que se deslocam aos sítios, já conhecem as pessoas que lá estão todos os dias ( - E juntam-se a eles) juntam-se a eles mas não... ( - com uma perspectiva diferente) com aquela relação de proximidade com que aquelas pessoas que vivem naqueles lugares têm – porque dormem juntos, porque consomem juntos, porque passam o dia todo juntos.

- Existem relações de interajuda dentro desses grupos, isto é em situações de maior fragilidade - alimentar, de vestuário ou de consumos? Eles socorrem-se mutuamente dentro dos grupos?

Eu acho que sim. Eu acho que sim. Mais do que por exemplo: às vezes se ajudarem a ... no próprio consumo – quando um já não consegue picar o outro pica – portanto já têm aqueles esquemas montados – há aquela pessoa no Casal Ventoso que... porque tem mais... Ah... agilidade p’ra fazer isso, ou... mas entre... entre eles próprios, quando vêm falar connosco, muitas vezes falam da preocupação com o outro, portanto vêm ter connosco – “ Ó Cristina vê lá, não sei quê, aquela pessoa tá mais doente, tá a tossir muito” – portanto eles próprios falam ( - Cuidam uns dos outros ) uns dos outros.

- Isso é interessante... interessante até porque se associa uma certa imagem de sentimento de protecção que eles possam ter nesses grupos, isso... vocês sentem isso?

- Sim – Quer nos cuidados da saúde quer nos outros, não é? – Sim

– Nesses grupos, visto à luz de há 10 anos atrás, seria estranho por exemplo: encontrar alguém, mulher ou rapariga. Era estranho. Neste momento, como é que as coisas são?

- Neste momento vêem-se bastantes. Não tanto como homens ( - Continuam a predominar os homens?) – Exactamente mas, sim. Ainda são bastantes.

- Que relações é que as mulheres ou jovens estabelecem com o resto do grupo? E faço-lhe isto porque as outras organizações detectaram sempre um tipo de relações. Quase sempre quando existem mulheres têm relações de namoro ou de vivência comum com alguém do grupo. Isto também – é uma curiosidade que tenho - Isto acontece?

- Eu acho que, há... há... Primeiro as mulheres são muito mais complicadas que os homens quando estão a consumir, eu acho. Pelo menos noto isso na relação que elas têm. Porque se tornam muito mais manipuladoras e muito mais, portanto... criam dentro delas alguma coisa que faz com que sejam diferentes. Eu acho que há aquelas mulheres que... ficam quase (entre aspas) homens, não é? E portanto esquecem completamente... quase seres assexuais, não é? Portanto, não são nem mulher nem homem, tão ali um bocadinho assexuados não sei se diz-lhe ( -Sim )E Depois existem as outras mulheres que se valem do serem mulheres para poder manipular um bocadinho as coisas para o interesse delas ( - São estratégias de sedução) – Exactamente. Portanto, muitas delas sim, têm um companheiro, as que não têm companheiro são estas que eu me refiro – tou a lembrar-me agora de algumas por alto – que são mulheres que, que... uma pessoa já não consegue quase olhar para elas como mulheres, portanto, não têm características femininas, não...

- Que têm a haver com os consumos ou não? Ou com degradação da vida que levam?

- Eu acho que tem a haver com as duas coisas e tem a haver com o facto, por exemplo: estas mulheres por não se prostituírem porque vendem...droga e isso tudo, acabam por sair um bocado de... portanto, elas próprias levam uma vida que não é uma vida feminina, não é?

- Sim, muito caracterizada pelo risco, por alguma aventura

- Sim, tornam-se elas próprias muito brutas, muito – como estratégia também se calhar de sobrevivência ou não? – Sim, eu acho que sim – Portanto não deve ser fácil – (- Sim, eu acho que sim) – uma mulher viver nestes meios, não é? Nestes mundos, portanto...

- Estes grupos encontram-se quase sempre nos mesmos lugares, as equipas de rua vão-nos encontrando e situando. Contudo, outros pareceres, levaram a pensar que existem deslocações ao longo do dia conforme as necessidades do momento, isto é - se precisam de se alimentar estão num sítio, se precisam de ajuda fornecida por exemplo, pelas vossas equipas estão noutra e se precisam de comprar estão noutra, ou a consumir e se precisam de angariar sustento como arrumar carros ou outras actividades ou a prostituir-se etc., estão noutra. Vocês verificam, conseguem verificar estes movimentos (- sim sim sim sim ) -

Têm esta noção? – Temos, temos esta noção, sim. –encontram-nos em vários sítios ou apenas porque outras equipas vos referenciam?

Não, nós encontramos em... Por exemplo, essa realidade não acontece tanto, por exemplo: no Casal Ventoso, é um sítio onde eles estão mais fixos.

- Mas também têm ali tudo o que precisam?

- Tudo o que precisam, exactamente, porquê? Porque a venda de tudo ou mais alguma coisa passa-se na rua principal e as pessoas descem para o morro para consumir e portanto, há um ritual que é – sobe e desce- não é? E depois há aqueles ocasionais que vão arrumar carros, apanham um autocarro , voltam, portanto há esta coisa. Por exemplo: no Intendente, nos notamos sempre muito esse movimento e também esse movimento é muitas vezes feito porque eles são corridos dos sítios onde estão a consumir - ou pelos moradores, ou pela polícia - portanto acabam por se deslocar sempre muito em grupo.

- As relações com os residentes locais, como é que as caracterizaria? Eu pergunto isto porque já tenho alguma dificuldade de partir do pressuposto, daquela ideia pré-feita de que são sempre corridos e depois encontrei ambientes, de facto assim, agressivos, ambientes de alguma tolerância e ambientes até de alguma protecção. Como é que... qual é a vossa visão sobre isto?

- Eu ao princípio no Intendente fazia-me alguma confusão as pessoas saírem de casa e portanto – ali na Rua dos Anjos – as pessoas saíam de casa e praticamente tinham que pedir licença para passar. (- Exacto) –Portanto aquilo era... para quem não vive nesta realidade e leva assim com isto, fiquem assim um bocado, bem – “como é que é possível estas pessoas” e portanto acabam por desprezar, eu acho que elas próprias já estão tão habituadas àquilo que acabavam por desprezar um bocado e - “com licença” – passavam e não, não ligavam o suficiente de... de pedir ajuda ou vir ter com a equipa e dizer qualquer coisa, não é? Mais - “Saíam daqui” ou... mais neste discurso do que propriamente de proteger ou de...

- Portanto sentiram muito mais o ambiente agressivo (- Sim) propriamente (- Sim ) do que outro tipo de ambientes. Muito bem.

- E com os lugares, acha que eles estão apenas ali e que o lugar não lhes interessa para nada? É apenas o sítio onde se encontram? Ou é onde arranjam sustento, ou onde são ajudados? Ou de facto eles sentem alguma pertença por aquele lugar?

(...) – Eu acho que já sentem, sim. Eu acho que sentem. Mesmo quando por exemplo um grupo desloca-se do Intendente pó Casal, ou do, ou do... nós notámos por

exemplo muito no casal um Boom que foi acabar as Marianas e deslocou-se muita gente pó Casal mas acho que eles sentem muito isso, portanto o lugar, o lugar onde estão acaba por ser quase a casa deles, entre aspas.

- Será exemplo - já falou aqui duas ou três vezes no Casal Ventoso - que supostamente, pela história, seria um sítio que terá deixado de ser um sítio psicotrópico, não é? Um lugar psicotrópico. Contudo, referências e visitas ao local mostram que há como que um voltar ao lugar. Tem a percepção de que pode ser por este sentimento de pertença, ou acha que apenas aquilo foi tomado de assalto outra vez? De facto parece que o movimento está a crescer outra vez em direcção ao Casal Ventoso.

- Eu acho que sim. Acho que o Casal Ventoso, para a maior parte dos Toxicodependentes é sempre aquele local onde, se houver, eu acho que é o primeiro local onde eles vão. Mesmo, notamos muito isso em pessoas que, ou vêm do Alentejo e chegam a Lisboa e dizem que já estão a chegar a Lisboa e que não sabem como, vão automaticamente ali, como quase que uma coisa inconsciente que os puxa para ali. Eles nem percebem o quê mas... porque é que, porque é que existe este movimento? Temos uma utente por exemplo que chegou agora de Londres e em vez de ir direita para Oeiras, diz que não sabe como. Que foi ali parar de imediato, é uma coisa quase psicológica. Acho que, penso tem a haver com isso, com – O sentimento de pertença – Pertença. – Se calhar também de alguma impunidade que se gerou noutros tempos, de alguma falta de controlo social, não sei não é, todos.. – Eu acho que tem muito a haver com as vivências que eles passaram ali, são muitas histórias ali passadas, histórias que eu acho que noutros lados não se verificam, não se verifica mesmo. Pelo menos já ouvi histórias do Casal Ventoso e eles todos têm memórias e... de um passado tão forte no Casal Ventoso que acho que eu não têm, noutros locais de consumo, não existe essa história.

- Não obstante aquela população foi, digamos sectorizada, foi dividida pela cidade em empreendimentos como este como a Quinta do Cabrinha e outros, não é? Onde de facto estão a residir mas parece haver de facto um refluxo relativamente a estes lugares, de consumo - ao Meia Laranja, ao Casal Ventoso - de concentração de pessoas. Tem a noção que essas pessoas estão... é uma população mais envelhecida do que (– Sim sim sim sim) - se verificou, e portanto pode ser de facto um retorno ao passado, e às suas histórias e às suas memórias, é isso? – Eu acho que sim. A maior parte deles são pessoas que vêm do Casal antigo, sem dúvida.

- Falámos já de relações - relações dentro do grupo, relações com a população. E com as associações que estão na rua, os técnicos que estão na rua e que acorrem à.. Como é que caracterizaria a relação deles convosco?

(...)- Eu acho que depende muito do bairro. Ah... Por exemplo no Intendente nós tínhamos uma relação tão próxima dos utentes, porquê? Porque a equipa tava lá todo o dia e portanto nós chegávamos ao local onde eles estavam a dormir, acordávamos-os, estávamos o dia todo na conversa com eles, a trocar... portanto, havia uma proximidade de tal forma que penso que muitos deles já nos viam quase como uma família que não, que não existe, uma coisa utópica mas que na cabeça deles, nós éramos pessoas que estavam ali para cuidar deles – pelo menos eram pessoas muito próximas – tínhamos uma maneira de falar com eles que se calhar não têm ninguém que fale assim com eles, naquele contexto. Depois, no Casal Ventoso já é uma... uma relação, Ah... Já não é esta relação de quase família porque não.. não acordamos as pessoas, não tamos ali o dia todos com elas, portanto é uma relação de... quando as pessoas vêm ter com equipa conversamos com elas mas não há aquela proximidade que eu acho que existia muito no Intendente. Eu acho que tem a haver com isso, tem a haver com o facto de, quando nós chegávamos ao local estavam a dormir, tínhamos a preocupação muitas vezes, estávamos preocupados - porque havia pessoas muito doentes naquela altura , de ver se a pessoa... se táva bem, como é que táva. Às vezes até ficávamos um bocado angustiados de saber se a pessoa estava viva se não estava. Por tanto havia assim muito, essa proximidade. E eu acho que as pessoas também eram muito mais degradadas. As pessoas que estavam naquela altura no Intendente. Muito degradadas mesmo. Depois, no Bairro da Cruz vermelha por exemplo, noto que: o facto de eles consumirem dentro de um ... eles consomem dentro de um– não sei se o doutor sabe – Sim – dentro de um armazém muito antigo –Sim – e portanto... são pessoas que eu noto que tão menos habituadas a equipas de rua do que por exemplo as pessoas do Casal Ventoso, ou do intendente - que são mais ou menos as mesmas. Mas as da Cruz Vermelha têm uma maneira de ser mais... mais abrutalhada, mais... com menos... têm menos... nem sei explicar, parecem quase uns bichinhos que não... nunca tiveram... muito contacto com equipas.

- Pensa que perderam os seus próprios valores? – acho que sim – ou se calhar nunca os tiveram? – sim sim sim sim – se calhar mais... – São pessoas mais pobres – Sim – mais pobres. Penso que sim.

Muito bem. Contudo a vossa relação parece fácil com eles, quem vos observa, eu vi-vos muitas vezes na rua, grupos, enfim, na minha primeira observação à distância, vi-vos a chegar aos locais, aliás, a escolha dos lugares de observação inicial antes de entrar em contacto com os grupos, foi feita através dos vossos relatórios, da vossa organização e de outros que nos identificavam os sítios onde seria mais provável encontrar... encontrar estas pessoas. E portanto vi-vos estar muitas vezes e a vossa relação é uma relação muito directa, uma relação muito – É – uma relação muito pouco institucional, aparentemente quem observa à distância é muito pouco institucional. De qualquer forma esse é um trabalho que vocês já encaram com profissionalismo e não propriamente com amadorismo, ou com relações fáceis, não é? Leva-nos a estar muito próximos – Eu acho que é importante não nos esquecer-mos disso, não é? Porque o contacto e a linguagem usada é uma linguagem tão fácil e tão... tão... tão simples, não é? Tentamos chegar a eles de uma maneira tão pouco elaborada e institucional como estava a dizer que eu acho que é importante nós próprios não nos esquecermos que não estamos ali como amigos, mas como técnicos.

- A articulação entre vocês, entre – não é dentro da equipa – mas com outras equipas que perseguem embora sob olhares diferentes – ao nível da saúde, ao nível da alimentação, ao nível da higiene, ao nível dos custos de vida- mas com outras organizações que frequentam os mesmos lugares o vosso contacto é fácil entre organizações? Contactam umas com as outras ou não?

- Eu penso que era importante... contactarmos ainda mais, no sentido de podermos comunicar muito mais uns com os outros para, ajudar o utente e, se houvesse mais troca de informação muitas vezes eu acho que o trabalho era muito mais facilitado mas eu penso, que as coisas estão muito melhores nesse sentido ao nível de – por exemplo: nós contactamos muito com os gabinetes todos e isso pronto, é... é quase o nosso trabalho, não é? Mas por exemplo: penso que contactamos muito e falamos muito com as pessoas que trabalham nos albergues, não é? Temos a preocupação de ligar a perguntar como é que tá o utente, como é que... se ele está lá, como é que tá a ser acompanhado, mas eu acho que, a nível de rua, não é? Penso que falamos pouco uns com os outros. Quando estamos no local cumprimenta-mo-nos, mas eu acho que também não... – Há determinados locais dentro da cidade de Lisboa - penso que tem consciência disso – onde a horas diferentes passam ajudas diferentes (- hum, hum ) - no mesmo local e parando até no mesmo local eventualmente socorrendo as mesmas populações, não é? (- hum, hum) Esse contacto,

também sentem que isso pode ser uma questão de não-contacto e portanto as pessoas não... escolhem os seus percursos, digamos escolhe os seus percursos sem ouvir os outros – ou tem a haver mesmo com a diversidade, diversificação das ajudas? Isto é, vocês conhecem esses outros companheiros, vossos de rua, que trabalham nas mesmas zonas, ou, e portanto articulam como eles, ou de facto esse contacto tem sido difícil?

- Não. Conhecemo-nos e articulamos, andam por exemplo de... há várias, mas... Os médicos do Mundo que trabalham no Casal Ventoso - nós por exemplo seguimos um utente que tem uma ferida e que realmente é uma pessoa muito complicada, tentamos mobilizá-lo para ele ir ao hospital tratar da ferida e, se vimos realmente que aquela pessoa não vai e ... é daquelas pessoas teimosas – não vai. Não vai, não vai, não vai – nós tentamos fazer com que ele saiba que àquela hora vão ali os Médicos do Mundo e que eles estão lá para fazer isso - para fazer os cuidados básicos - apesar de ser importante que ele vá na mesma ao hospital mas já que ele não vai, ele deve saber que existe aquela equipa que está ali para ajudá-lo. Eu penso que sim, acho que, podíamos falar mais uns com os outros mas penso também como temos horários diferentes acabamos por não nos encontrar muitas vezes. Quando nos encontramos temos um cumprimento –“ Boa tarde, nanana, tudo bem?” – mas se calhar podíamos trocar mais informações entre nós, penso que sim.

- Estas pessoas que encontram na rua, têm projectos de vida? Projectos para a sua própria vida ou são inconsistentes?

- Eu penso que, a maior parte deles tem. A dificuldade é eles depois conseguirem, cumprir, com os projectos deles. Porque eu acho que às vezes, para conseguirem fazer as coisas há ainda uma série de burocracias que se torna complicada - aquela pessoa poder chegar mais, mais porque... Memo que a pessoa entre num programa de redução de riscos, não é? Depois primeiro que entre em comunidade, ou que desenvolva qualquer coisa é preciso tantas coisas que uma pessoa que está a consumir, mesmo entrando em metadona está muito desorganizada para poder cumprir com estes objectivos e portanto não há quase, uma entrada directa com menos coisas a tratar, com menos... E depois também há aqueles que realmente não querem por enquanto. Nós tentamos deixar sempre a porta aberta – “ Muito bem, mas, nós estamos cá na mesma”.

- O tempo é o deles, não é o vosso?! – Exactamente. Tentamo-lhes transmitir o que é que ele poderá fazer mesmo tando tão desorganizado e que - ”Nós podemos ajudar nisto, nisto e nisto “- e que mesmo que não sendo hoje, ele tem formato para saber que existe aquilo. Depois tem tempo para pensar e nós vamos – não todos os dias, para também não...

estragar a relação, não é? Mas tentando, todos os dias – é uma forma de lembrar-lhe isso – Sim.

( - Muito obrigado pela sua ajuda – Não sei se fui clara nas minhas respostas, eu acho que às vezes é um bocado complicado tar a – é claro que esta entrevista ouvida há 15 anos atrás, seria absurda, não é?. Depois muitas ideologias, as formas etc. tem de facto evoluído. Eu penso que não há muita consciência do que se está a passar na rua, ao nível do trabalho de rua e de intervenção directa e, depois estão-se a fazer, há de facto coisas muito boas na cidade de Lisboa e em Portugal de uma forma geral. Há 15 anos atrás algumas destas suas perspectivas eram absolutamente absurdas, não é? Ou pelo menos era tomadas como tal. E verifica-se de facto uma evolução nestes conceitos e na forma de estar na rua, completamente, diferente. Foi bom... foi bom... Tê-la ouvido e (– Obrigada) – ter comparado esta sua visão com outros. Muito obrigado, um bom trabalho. – Muito obrigada também.

*Anexo 4*

*Entrevistas com residentes*

4.1

Av. Maria Pia

Entrevista com Amália

13/08/09

Sempre que ia ao encontro do grupo, ia mais cedo, e passava algum tempo no café habitual.

Por norma trago sempre o caderninho de apontamentos e era vulgar entreter-me a escrever. Ao mesmo tempo ia observando. Mas nunca fiz tentativas para abordar residentes mais velhos. Até porque ali, eles se confundem com consumidores e mesmo com alguns traficantes- consumidores.

Mas desta vez, parece ter sido a curiosidade de um deles sobre a minha presença e “tanto escrever”, coisa que não é hábito por ali, que criou a oportunidade para uma conversa em três momentos diferentes.

Estava sentado na mesa de café e tinha à minha frente o caderninho onde escrevia, uma chávena de café já vazia e um copo com água ainda meio.

Numa outra mesa, uma mulher (45 anos, talvez), estava também sentada com uma cerveja e um copo meio de leite. Perto um rapazito (talvez de 5 anos ou menos) brincava com o cão preto. Verdadeiramente agitado, de vez em quando corria pelo pequeno café, até que acidentalmente chocou com uma cadeira encostada à minha mesa, fazendo tombar o copo com água. Instintivamente “salvei” o caderno e levantei-me depressa, sem conseguir evitar molhar as calças.

A mulher levantou-se com um grito e correu para o garoto, dando-lhe uma palmada no rabo.

- Já te tinha avisado (e mais outra palmada, desta vez na mãozita que agarrava na sua)

- Deixe lá, é só água... seca.

- Desculpe... ele é muito traquinas, desculpou-se enquanto tentava limpar a mesa com minúsculos guardanapos de papel.

- Desculpe! Estragou-lhe o trabalho? (apontou para o caderno)

- Não, não. Não é trabalho, são só uns escritos.

Pelos dois lá limpamos a mesa.

A mulher, agarrando no neto com força, insistia para que ele pedisse desculpas.

- Nelo, Nelo... Já te avisei muitas vezes... Pede desculpa ao senhor.

Fiz uma festa no cabelo do Nelo e murmurei para não o envergonhar mais:

- Estás desculpado, deixa lá... Quantos anos tens?

- Responde ao senhor, vá!

O rapazito murmurou um “quatro” quase imperceptível ao mesmo tempo que me mostrava os quatro deditos gordos da mão esquerda (a outra não largava a da avó)

- E andas na escolinha?

Acenou negativamente com a cabeça.

- Fica comigo... É a minha companhia. Só vai para casa da mãe à noite.

A minha mesa continuava húmida, pelo que aproveitei e mudei para a mesa do lado da da mulher e do neto. E a conversa continuou... banalidades.

Dentro em pouco o garoto estava sentado na minha mesa com o rosto lambuzado pelo “rim” que eu lhe oferecera. Gosto de garotos mas aquilo foi mais um pretexto para falar mais com a avó.

Pouco consegui adiantar sobre o que queria, pelo que, pouco depois, despedi-me e fui embora.

...

- Três dias depois, 5 horas da tarde.

...

Voltei a encontrar-me no café, com a mulher e o garoto que veio logo sentar-se na minha mesa, apesar das reprimendas da avó.

- Nelo sai daí, já. Deixa o senhor. Ainda lhe estragas o trabalho outra vez. Sai daí.

- Deixe-o estar... É um miúdo engraçado.

- E parece que engraçou consigo... Não é habito...

- É. Os miúdos costumam gostar de conversar comigo, mas o seu neto fala pouco.

- Fala, fala! Deixe-o estar aí mais um bocadito e vai ver. Também não tem mais ninguém para falar sem ser comigo... Infelizmente se queremos sair um bocadito para tomar ar, tem que ser para aqui... (fez um gesto indicando o café, e olhando-me nos olhos, encolheu os ombros, indicando-me talvez que o ambiente não era bom)

- É ir até ao parque infantil com ele... Não há por aqui um?

- Há, ali mais acima, mas olhe que lá também não é melhor (tinha baixado o seu tom de voz)

Apontei mais estas informações.

- Sempre a escrever!

- É para uma espécie de livro que estou a fazer sobre os bairros.

- Ah! Olhe, tenho lá um livro em casa que fala aqui do bairro... Mas é muito antigo.

- Não sabe o nome do escritor?

- Não. Mas se vier cá amanhã posso trazer-lho.

- Se fizesse isso ficava-lhe muito grato.

- Mas amanhã vou ali para o outro café. Conhece? Logo aqui na Rua dos Prazeres?

(fez-me um piscar de olhos que não entendi)

- Conheço. A esta hora?

- Pode ser.

- Despedi-me, fiz um carinho ao Nelo e fui-me embora.

...

Dia seguinte, de novo à mesma hora.

...

O ambiente deste café é mais tranquilo.

Nas mesas apenas alguns idosos. Fala-se mais baixo e as relações entre os clientes e também com o dono parecem antigas.

Quando cheguei já lá estava a Mulher e o Nelo.

Soube logo que se chamava Amália, ou pelo menos era assim que a tratavam.

Desta vez, Amália tinha na sua frente um sumo. Soube depois que não gostava de beber cerveja ali e que quando lhe apetece vai a outro.

Falamos um pouco e expliquei-lhe “ a minha escrita” e as razões porque estava ali. Assumi um ar de conhecedora que pela primeira vez era entrevistada por alguém e falou daquele sítio (Meia- Laranja).

- Desde que aqui vivo que foi sempre assim. Dantes era mais ali em baixo no Casal, mas quando o João Soares<sup>41</sup> deitou mãos aquilo, até aqui ficou mais calmo. Mas depois voltou tudo ao mesmo. Vem aqui gente de todo o lado.

A gente já nem dá conta. Muita gente por aqui vive disso... E é aqui a nossa casa, o que é que se há-de fazer?

Sabe? O mal não está aqui! O mal está noutros sítios mais importantes... mas a esses ninguém deita a mão, não é? Isto dá muito dinheiro a muita gente. E alguns importantes também vem cá... Há-de ver os carros que param aí. Isto são todos iguais.

O pior é quando agarra os nossos filhos. (Fez um gesto para o miúdo). Já se foi... (os olhos de Amália ficaram subitamente brilhantes)

- Overdose?

- Sida. Mas o pequeno, graças a Deus, é são. Agora já não se ouve dizer, mas aqui há uns anos, morreram por aqui muitos com Sida.

Ninguém tomava cuidados, e depois...

Só quando vieram para aqui os assistentes para o Casal é que então as coisas começaram a mudar alguma coisita.

E depois esta malta não se resguarda, como no meu tempo.

Então elas são piores. Parece que andam sempre aguar por eles... e eles também não podem ver um rabo de saias...

A gente também namorava, mas não é preciso ir assim com qualquer uma... foi isso que o matou... e deixou cá este amiguinho (Nelo)... Sei lá... Se calhar acaba no mesmo... Com o que se vê por aqui.

Se eu tivesse dinheiro fugia daqui com ele.

- Mas não tem que ser assim...

- Oh! Senhor. Eles até lhes metem a droga pelos olhos dentro.

A partir daqui, a conversa foi um lamento permanente.

Adivinhava-se um misto de revolta, de medo... e de pena.

Quando se calou, estendi-lhe a mão e apertei-a com carinho. Apesar de tudo, tinha respeito por aquela avó- mãe e os seus medos... pelo neto

4.2

Encontro com o Sr. RAMOS  
CHAFARIZ da Rua da PALMA  
10/08/09 – 17h30m

Poucos lhe conhecem o nome, e a história.

É conhecido pelo “Chafariz do Intendente”, mas na inscrição gravada na pedra branca consta “AGOAS LIVRES”.

E foi essa questão que deu início à conversa provocada com o Sr. Ramos, um funcionário de uma cervejaria ali mesmo ao pé.

É um estabelecimento, misto entre café, restaurante e marisqueira e chama-se “BARCABELA”.

Foi mais uma das “Plataformas espaciais” que utilizei.

Depois de pedir, e de comer uma sandes de queijo e um refrigerante, e de esperar a vinda de um residente, sem sucesso, aliás como já acontecera outras duas vezes, decido atrever-me a pedir informações sobre o monumento do chafariz, perguntando como é que era conhecido. O empregado repetiu a minha pergunta ao Balconista, homem de cerca de 45 anos, conversador, que interrompeu a conversa com o cliente à sua frente, no balcão.

- Chamam-lhe Chafariz do Intendente, mas o seu nome é Chafariz da Rua da Palma. Mas lá está outro nome: AGOAS LIVRES.

- É muito antigo, tem mais de 200 anos. E pouca gente sabe que ele não estava aqui... estava ali do outro lado. Depois quando fizeram as obras, desmontaram-no pedra a pedra e montaram-no aqui...

Viveu lá um casal muitos anos e teve ali dois filhos. Ela era empregada num lavadouro da C.M. Depois fizeram aquelas obras no quintal... mal empregadas... para quê? Para aquilo ali que o Sr. Vê... (aponta para as escadinhas, por trás do monumento cheio de indivíduos jovens que, àquela hora e à vista de todos consumiam, quer fumando, quer injectando.

- É todo o dia?

- Todo o dia e todos os dias. Nem descansam ao fim de semana.

Dantes aquilo era uma casinha, modesta e ali havia um quintal com uma figueira grande, onde a malta ia jogar cartas e beber uns copos, já se vê.

- E agora ainda lá vão muitos (apontei para os bancos à frente do monumento, repletos de idosos (certamente reformados).

- É diferente. Já não podem estar descansados. Nessa altura isto era outra coisa...

Olhe aqui, onde o Sr. Está sentado, era o primeiro coliseu de Lisboa, há 115 anos... vem nos livros...

- Da *Marina Ramos* – murmurou com ar entendido o cliente com quem o balconista falava antes. Tomei nota do nome... – Está nos arquivos da câmara, mas não sei... não me lembro, qual é o volume.

Aguardei um pouco enquanto ele atendia outro cliente, baixito, com face avermelhada, mãos trémulas, sugerindo alcoolismo...

Quando ficou livre voltou a centrar em mim a sua atenção.

- Isto aqui... (voltou a apontar os consumidores) só apareceu aí há uns quinze anos... p'raí...

- Criaram perturbações aqui?

- Senhor!! Às vezes é cada guerra!... mas é mais os de fora, vêm aí... e metem-se com estes... e pronto...

E a gente não gosta de ver isto aqui, prontos...

- Por causa de consumirem?

- Isso... e deixam tudo sujo, no chão... com porcarias da droga e urinam ali e tudo... não se pode...

- Antes ainda vinham só à noite... mas agora é todo o dia... As escadas é para a gente subir, mas se reparar ninguém lá sobe, vão todos à volta... E se a gente quiser subir, pensa que eles se levantam?... Isso é que era bom. Ficam sempre ali a chutar... (faz o gesto de quem pica o braço)... E depois misturam tudo. Ele é droga, ele é cerveja... e vinho. Depois as latas e as garrafas ficam todas ali.

- Mas se as pessoas quiserem passar, eles tratam-nos mal?

- Não... isso não... mas nem se mexem. E as pessoas evitam. Já houve aí chatices, mas é entre eles.

Às vezes a Polícia vem cá, sabe? Mas não faz nada. Eles já não tem medo.

Saem dali, dão a volta e vem outra vez.

- Mas se eles não vêm aqui para comprar, porque é que acha que eles ficam aqui todo o dia?

- Não... Eles vão ao Martim Moniz comprar... toda a gente sabe... E a polícia também sabe.

Eles consomem ali e passam ali todo o dia nisto. Aquilo ali que o senhor vê é a casa deles. Às vezes até colam ali cartazes e anúncios para vender coisas... mas não são sempre os mesmos... Às vezes vão uns, vem outros...

Acabei de comer a sandes, agradei as informações, paguei e saí.

Propositadamente atravessei o pequeno espaço por trás do chafariz e subi as escadas. De facto ninguém se levantou. Lá fui procurando espaços livres nos degraus para pôr os pés. Cumprimentei com um “bom dia”, fui respondido por vários da mesma forma.

- Oh chefe, não tem um cigarro que me dê?

Olhei para o que falava e depois para os outros.

- Só um, que tenho poucos. (disse sorrindo)

- Só um, confirmou.

Tirei um cigarro estendi-lho. Agradeceu-me. Pôs o cigarro na boca.

Saí dali. A tarde estava no fim. Preciso de me afastar um pouco e escrever tudo o que observei, e ouvi.

4.3

Miradouro de Santa Catarina

11/08/09 – 11 Horas

Conversa com o Sr. Júlio

O miradouro está anormalmente deserto a esta hora da manhã. Há obras no quiosque. A C.M.L retirou o antigo e está a acabar de montar um outro em ferro forjado, semelhante aos outros que distribuiu por Lisboa. Verde garrafa a condizer com a verdura dos jardins. Apenas um operário.

De resto, apenas o “Rui”, um doente mental bem conhecido na zona. Inofensivo, dizem-me. Logo à entrada, sobre a relva, uma mala, dois sacos plásticos e um cobertor quase incolor, dão conta do local onde este homem passou a noite.

Olha para mim, levanta os dois braços e cumprimenta-me efusivamente, como se me conhecesse desde sempre.

Um outro homem chega ao patamar cimeiro. Fala alto para dois turistas que passam na rua. É um linguajar estranho. Presto atenção e percebo que ele imita sons parecidos com a pronuncia alemã. Mas não diz nada, pelo menos que corresponda a qualquer vocábulo nesta ou noutra língua qualquer. Percebe-se que, também ele é portador de doença mental. Cada vez são mais pela rua de Lisboa.

Um terceiro homem aproxima-se dos balneários. Os dois anteriores acorrem a ele. Vê-se que o conhecem bem. Depois os dois entram nos balneários. Pareciam esperar por isto.

- Vejam lá como é que deixam isto... (diz o terceiro homem para os outros).

- Aproximo-me dele. Veste uma camisa solta, sobre uns calções. Nós pés, uns chinelos de praia. Tudo a condizer com o calor que já se faz sentir.

Cumprimento-o, peço desculpa pelo incómodo, pergunto-lhe se ele vive aqui na zona. Um aceno afirmativo. Aproveito para desfazer uma confusão que ainda tenho.

- Sabe-me dizer se este lugar onde estamos, aqui mesmo, pertence à freguesia de Santa Catarina ou de S. Paulo? É que já tive as duas informações.

- Mas eu esclareço. Por acaso vivo aqui e sou da freguesia de S. Paulo, da Junta.

Dali da borda daquela rua, para lá... é Sta. Catarina. Para cá é S. Paulo. Todos pensam que isto pertence a Sta. Catarina, mas não. É assim como lhe digo.

- Desculpe tê-lo abordado, mas como vê, já me ajudou. É que estou a fazer um estudo... Expliquei-lhe sucintamente o meu interesse pelo local, e perguntei-lhe pelas obras ali no jardim do miradouro.

- A junta fez uma reunião com a polícia por causa disto... dessa malta que vem para aí. E então decidiram fazer obras e a polícia agora está sempre a aparecer... Agora essa gente já não vem para aqui... não resolve nada, mas enfim... não estão aqui mas foram ali para a Rua do Almada, que 'inda é pior e lá para baixo para a Calçada do Combro. Alguns ainda passam por aqui, mas só de passagem... Isto faz-lhe falta sabe... e tinham aqui os balneários.

Estes balneários não são para eles... mas eu deixava-os lavarem-se e tomar banho... sempre andavam melhor... mas ensinei-os a limparem tudo... 'inda ontem estes dois que entraram foram lá e depois eu fui lá ver... estava tudo limpinho... agarram na esfregona e limpam tudo.

Lá o chefe não sabe... mas eu não estou a fazer mal a ninguém... e assim não tem tão mau aspecto...

- E as pessoas aqui, como é que sentem isto tudo, Sr...

- A malta daqui, conhece-os bem. Dizem que ainda bem que saíram daqui... mas depois ajudam-nos ali na Rua do Almada... até lhes guardam as coisas... percebe?

Muitos são daqui... e isto dantes conheciam-se todos. São vizinhos, por assim dizer... É mais o aspecto deles, porque aqui não têm feito mal a ninguém... E dão-lhe comida às vezes roupas...

Mas é uma pena... São mais uns desgraçados do que outra coisa... Dantes isto aqui era um bairro que parecia uma aldeia e aqui à volta, sabe? Tudo tem tradição... aqui o Bairro da Bica... O Bairro Alto... você não vê nas marchas?

Agora é que isto esta um pouco... estragado, é isso mesmo... mas se a gente não os tratar mal eles não fazem mal a ninguém... é só o início, prontos...

- Aqui na Zona é mais o problema das drogas?

- Isso... e o álcool. Eles bebem até cair... Meu Deus é cada Bezana!... Misturam tudo... e depois ficam por aí... ao Deus dará...

- Dormem na Rua?

- Muitos dormem... Já estão habituados... no Verão qualquer sítio serve... depois no Inverno ficam aí nuns becos e lá em baixo no Combro debaixo das arcadas... é onde dá... mas muitos tem casa, e dormem lá.

Sabe, se fossem só os de cá!... o pior é que vem muita malta de fora... mas esses só vem comprar e consumir... e depois desaparecem. Só voltam no outro dia...

- Vende-se muito aqui?

- ,, Jesus! Isto hoje é em todo o lado... desde que limpam o Casal Ventoso... e ali os Portais de S. Bento, que agora já não tem lá nada... eles vêm subindo... subindo.

Tira-los de um sítio não resolve nada... eles vão pra outro sítio e prontos.

Alguns agora esta a voltar para lá... aquilo parece que tem azougue<sup>i</sup>...

- E miúdos mais novos também vem para aqui?

- Não... essa malta mais nova vão mais para as discotecas... e os bares e nem consomem estas drogas... é mais o charro e as pastilhas...

Mesmo estes mais velhos não os querem ao pé deles...

Sabe? A malta nova do meu tempo também ía assim para estes sítios, mas era mais para fumar... e beber, as vezes (um sorriso)... Mas depois também se divertia... olhe, ali na Rua do Almada havia sempre festas... o que a malta se divertia...

... Agora a “festa” é outra. Ali na Rua do Almada é do piorio, sabe lá! É todos os dias até às tantas...

Bom! Tenho que ir ao “trabuco”...

Agradei, despedi-me...

Fiquei sem saber o nome dele... por duas vezes deixei reticências para que me dissesse. Penso que quis ficar anónimo... Respeito isso.

Fiquei mais um pouco ali. Desci à plataforma inferior, sentei-me num dos bancos voltado para o Tejo. Estava a pensar no que me disse a funcionário da Junta de Freguesia... e recordei o que escreveu *Graça Indias Cordeiro* sobre o Bairro da Bica e as marchas e festas na Rua do Almada (*Cordeiro, G. 1997*) e como o “retracto cultural” terá mudado naquela zona, ou se se trata apenas dos mesmo efeitos relacionais aplicados a contextos temporais e vivenciais diferentes.

De facto parece sentir-se nas palavras do funcionário da junta, um misto de crítica aos novos consumos, mas também uma complacência pelos indivíduos, manifestado em apoios dados pela população residente, completamente dissonantes das críticas que fazem.

4.4

Quinta do Cabrinha

Entrevista com o Sr. Tó Zé

11/08/09 - 17h

No pátio esquerdo da Qta. do CABRINHA, circulam pessoas sem pressas. Umam chegam. Outras partem. Outras ainda permanecem, um pequeno grupo ao fundo, um outro mais jovem sentado no café. Cenas da vida quotidiana, de um bairro voltado para dentro de si mesmo. Nada que faça pensar que ali também existiam problemas com drogas, tal como nos outros lugares da cidade.

Já tinha constatado isto mesmo em anteriores observações. Ainda assim, fui tentar ali encontrar residentes que me falassem sobre isto. Apesar das tentativas, ninguém se predispões a isso. Só os técnicos das diferentes instituições, mas não era esse o olhar que eu procurava hoje.

Saí do café e do Pátio. Atravessei a Avenida e entrei num outro pertencente a uma associação do bairro.

Ali o ambiente é outro.

Por detrás do balcão uma mulher de meia idade, vestida de escuro e com uma bata já debutada, e um homem mais novo. Uma T-shirt preta com desenhos brancos, as mangas enroladas até aos ombros, deixando ver duas grandes tatuagens.

Nas prateleiras, de tudo um pouco, mas sobretudo, bebidas brancas.

Duas salas: uma mais recatada do lado esquerdo e outra voltada para a rua com várias mesas ocupadas por algumas pessoas com características que me fizeram supor que ali talvez tivesse mais sorte.

Pedi um café, e enquanto o saboreava lentamente, observei o movimento.

Um homem, sentado na mesa mais perto do balcão, de vez em quando, murmurava coisas que não entendi, para a mulher do balcão. Presumo que é um cliente habitual. Fico atento.

Depois de algum tempo, o homem levanta-se, vai até à porta, puxa por um cigarro, sai para o passeio. Espero um pouco. Faço o mesmo que ele e vou fumar lá para fora.

Um pouco depois, finjo olhar para dentro e murmuro, tentando a minha oportunidade.

**- Não tinha reparado que se pode fumar lá dentro...**

O homem encolheu os ombros, o olhar sempre distante e murmurou.

- Pode... e não pode – voltou a encolher os ombros.

**- Porquê?**

- Antão, se eles vierem e o apanharem lá dentro, comem eles e come você...

**- Ah, pois é... também, já quase ninguém liga a isso...**

- Nem a isso, nem a nada... É por isso que isto não anda. Fazem-se as leis e ninguém cumpre... São as modernidades... Ah, Salazar. Volta que estás perdoado...

**- Uhm! Aquilo também eram tempos... maus.**

- E agora? Tem-se mais coisas!... Coisas a mais, e respeito a menos... Desculpe, não o conheço...

- **Adelino** (apresso-me a estender-lhe a mão à espera que diga o nome)

- Pois, não o conheço nem sei o que você pensa...

**- Olhe, vê? Se fosse noutro tempo, não dizia isso a quem não conhece...**

- Isso é verdade... mas havia respeito! Agora ninguém respeita nada. Até se mata por dois tostões...

**- Mas aqui deve ser sossegado, não?**

- Aqui?! Venha cá mais logo que logo vê o sossego. Oh , amigo! Isto aqui é do piorio... a esta hora é que está tudo a dormir... menos quem trabalha. Venha cá à noite e vai ver o que se passa aqui. Se fosse noutro tempo a polícia já os tinha prendido, mas agora... fazem as coisas e ainda gozam connosco.

**- A droga?**

- A droga e a malandragem. A noite, aqui por trás, é preciso ter cuidado! Eu nem saio de casa. Passeio o cão à tardinha para não ter que sair à noite. Se quero fumar um cigarro tem que ser à janela..

**- Mas a malta daqui também consome muito?**

- Daqui e dos outros lados. Vem cá comprar, chateiam as pessoas, roubam quem passa e ninguém faz nada, se não...

Olhe! Tenho um compadre, que vinha a chegar aqui a casa dele e um garoto... que era mesmo um garoto, quis roubar-lhe a carteira com uma faca. Ele deu-lhe tantas que teve que vir uma ambulância, e agora é ele que tem problemas... Já foi uma data de vezes ao tribunal... e não sei se se vai safar, não sei não!

- ...

A conversa estava a adiantar-se e achei por bem, esclarecê-lo dos meus interesses.

- Ah! A gente já está habituados. Vem cá muita gente, mas são... (olhou para a minha cara)

- **Mais novos?**

- Quase todos. É malta que anda a estudar.

- **Eu também ando.**

Expliquei-lhe as minhas necessidades para este trabalho. Convidei-o para outro café. Ele aceitou ajudar-me e entrou.

Falámos cerca de meia- hora mais, mas pouco adiantou. Tudo se resumia à sua revolta contra as drogas e os consumidores.

- **Mas já foi pior.**

- Não. Teve aí uma altura que abrandou. Quando vieram aí para o Casal (Ventoso), deram cabo disso tudo. Mas não tardou tudo a começar... Só se espalhou mais, mas de resto... é mesma coisa. Está tudo na mesma.

Trocámos ainda mais algumas impressões, mas pouco adiantou.

Agradei e fui-me embora.

#### 4.5

**Relato da conversa com “Josué” residente na CALÇADA DO COMBRO há “mais de 40 anos”**

**13/08/09 - 11h**

Cheguei cedo. Eram 8h e 30m da manhã. O pequeno café da R. do Poço dos Negros tinha acabado de abrir as portas, a mulher que me atendera na última vez, dava os últimos retoques na limpeza do balcão. Cumprimentei com um aceno de cabeça e sentei-me na mesa mais próxima à vitrine.

Lá fora o movimento de carros é intenso.

Entra um casal de idosos. Ele coxeia apoiado a uma bengala antiga. A companheira vigia-lhe cuidadosamente os passos. Sentam-se e pedem uma “meia de leite e um queque”, para cada um.

A simpatia da mulher, indica que são velhos clientes. Quanto a mim, peço um café e um copo de água que ela não demora a servir.

- P’ra comer, quer alguma coisa?

- **O que me aconselha?**

- Sei lá! Cada um... Não é daqui?

- **Não. Por isso quero experimentar uma coisa boa.** Claramente para meter conversa... resultou. A simpática Senhora aconselhou-me umas rosquinhas, receita da sua avó.

- É de longe?

- **Leiria... mas estou cá a trabalhar.**

...

- E então...? (as rosquinhas)

- **Excelentes... receitas de outros tempos... Agora já não se faz disto.**

- Pois,... agora é tudo à pressa. Não há tempo... Quando ela as fazia (as rosquinhas)... era dia de festa...

- **Aqui neste lugar (arrisco)... a vida também mudou muito?**

- Oh! (olhar a brilhar). Não se compara... Com licença!

(afastou-se e foi atender um rapaz ao balcão. Pediu uma cerveja. Serviu-o e voltou para ao pé de mim.)

- O senhor trabalha em quê?

- **Várias coisa... agora estou aqui para fazer uma pesquisa para a universidade.**

- É professor?

Porque será que ninguém me acha com cara de aluno?

- Não, estou a estudar... Sabe, é mais para entreter... reformei-me... Estou a fazer um doutoramento. (arrisco contar-lhe uma parte dos meus interesses).

- Ah!... A minha filha também está, mas é no Estrangeiro. Está em Lion... Ela estudou aqui e já se formou... em Biologia. Mas depois quis ir estudar mais. Não sei para quê... ela aqui também se safava bem...

Entra outro cliente. Vai ao balcão. O casal de idosos paga, contando as moedas. Sai tão lentamente como entrou.

A mulher demora algum tempo a preparar uma sandes para o homem que entrou. Serve-lhe um copo de leite também. Ele pede cigarros. Ali não há máquina. Mas há tabaco na prateleira por detrás do balcão que já viu melhores dias.

Pouco depois, ela volta. Aparentemente gosta de conversar, e o meu aspecto, barba branca, cabelo pouco e da mesma cor... pareceu dar-lhe confiança. Reinício a conversa:

- Neste meu trabalho também preciso de estudar este lugar.

- ...Pois, o que não falta aí... é dessa gente (consumidores)... É mais à noite...

- Olhe, quem pode falar consigo é este senhor. Já cá vive há muitos anos... (aponta o homem do balcão que acaba de comer a sandes... e responde com um aceno de cabeça, sem se voltar.

- Oh! Josué! Este Senhor anda a escrever sobre o bairro e a malta da droga... (fala alto. Todos olham para mim)

- ... (Olha de soslaio) O que mais há aí é disso...

... disso e doutras coisas... Ali Travessa dos pescadores,...

Convido:

- Não se quer sentar aqui?

- Agora não dá... Vou trabalhar. Só depois das cinco (da tarde, claro).

- Posso vir cá logo?... Convido-o para lanchar...

- Pode ser. (paga e sai com um aceno)

- Até logo, (despeço-me).

- Ele tem muitas histórias. Vai gostar de falar com ele...

- Ok. Logo venho cá. Obrigado. Quanto devo?

Pago, despeço-me agradecendo de novo.

...

Cinco horas da tarde, em ponto.

...

Entro no café, sorrio para a mulher e sento-me.

Espero pouco tempo. Josué entra, tira o boné e vem ter comigo. Convido-o a sentar-se.

Agradeço-lhe ter vindo e conto-lhe um pouco dos meus objectivos.

Pedimos cada um uma sandes, eu um café e ele uma cerveja.

- Fale-me do bairro... noutros tempos.

- O que é que quer que eu lhe diga?... Era tudo diferente. Isto era um sítio sossegado, a malta conhecia-se toda. Toda a gente trabalhava... e divertia-se...

- Onde?

- Não faltavam sítios. Quando era gaiato brincava aqui nas ruas, com os outros...

- Aí sempre houve muitos carros... não eram tantos. Ali atrás a miudagem jogava à bola nuns terrenos que havia ali... depois do trabalho... que a malta aqui começava a trabalhar muito cedo... tinha que ser... nós éramos sete irmãos, com o meu pai só a trabalhar para a gente todos não dava... Eu fui o primeiro... fui trabalhar para as obras... não faltava trabalho.

Depois, já crescido, ainda andei em França, mas só cinco anos. Aquilo já não era a mesma coisa. E o meu pai morreu e eu tive que vir tomar conta da família... ainda tinha três irmãos pequenitos... Dei duro... mas a gente sempre se aguentou... e sempre juntos...

- Viviam todos aqui?

- Todos... menos o meu irmão a seguir a mim, que estava na tropa em Angola... também passou das boas...

- É à noite, como era?

- A noite... Tudo a jantar à mesa... todos juntos. Assim é que era bonito... não era como agora...

- E depois do jantar?

- A malta saía... às vezes ia beber um copo com os amigos... ou via-se um bocado de televisão. Ao Domingo, às vezes, ia ao futebol... ou a alguma festa... e passava-se o tempo.

- Nesse tempo já havia drogas?

- Ouvia-se falar... mais do pessoal que vinha de África... mas assim, na malta... não havia nada disso... também não havia dinheiro... como agora... esta malta tem dinheiro a mais.

... dizem que há crise... tangas.

Quando eu tinha 16 anos, o meu pai dava-me dinheiro para eu ir aprender a arte (pedreiro)... que eles no princípio não pagavam nada... não é como agora que ainda pagam para eles aprenderem... tenho um filho em casa que está num desses cursos... não sei de quê... e ganha quase tanto como eu.

- **O seu pai dava-lhe dinheiro?** (tentando recentrara conversa)

- Nessa altura o meu pai dava-me 30 escudos por mês... era para o autocarro... Quando eu queria, assim... ir ao cinema, ou outra coisa, ía a pé para o trabalho, e depois já tinha dinheiro... ou para o tabaquito...

- Já fumava?

- Quando tinha dinheiro, havia ali uma tasca atrás... que vendia cigarros avulso... Kentucky... três cigarros custavam dois tostões... mas era só às vezes.

- Agora, aqui há muita droga?

- Oi, Senhor... é o que se queira. Ali nestas travessas, é vê-los a cair, à noite... São uns desgraçados... não tem onde cair mortos, mas para aquilo (droga) não faltam.

... Se calhar nem comem... Depois vêm as carrinhas e dão-lhes um chá e uma sandes... e chega... É uma desgraça.

- Eles criam-vos problemas?

- ... Não! ... Não! São uns desgraçados, mas aqui eles não na tem feito mal... O pior são os outros... os que veem para aí vender... às vezes a polícia anda aí e eles... Já sabem... vão pelo outro lado... mesmo nas barbas da polícia. Ali em S. Bento era sempre o gato e o rato com a polícia.

- Vocês, os que vivem aqui, conhecem-nos?

- ... Antão, não? Alguns passam aqui todas as noites... São tantos que às vezes até há porrada.

A polícia já cá veio muitas vezes... uma vez até houve tiros... Desses é que eu tenho medo... Andam sempre a rondar... e eu tenho filhos em casa... Já são grandes, um também tem dois filhos... é por isso...

- Eles convivem com os que se drogam?

- Olhe!... andam aí dois todos os dias que andaram com o meu filho na escola... a gente conhece-os bem... esses até foram muitas vezes a minha casa... Às vezes até lhes dou cigarros,... coitados... também tiveram cá uma vida... Jesus!...

Peço um café e convido-o para outra bebida. Vem mais uma cerveja. Com a conversa, o resto da outra já aqueceu.

- Mas como é que as pessoas reagem ao facto de estes jovens estarem por aqui tanto tempo e a consumirem à vista de quem passa?

- Ninguém gosta,... ninguém gosta! Mas o que é que vamos fazer? Olha: os que eu conheço nem têm casa para onde ir. Alguns dormem por aí, nos cantos... Dos que são de cá... a gente conhece-os, não nos fazem mal. Alguns que a gente não conhece... é que a gente tem medo. Ainda a semana passada deitaram um velhote ao chão para lhe tirarem oito euros... oito euros. E ficou sem os documentos... coitado. Só tinha ido para ali apanhar sol e ficou sem as coisas... e magoado num braço... calha a qualquer um.

Deviam tirá-los daqui... e doutros lados e tratá-los.

- Mas eles não querem ser tratados, ou querem?

- Alguns já andaram a tratar-se... que eu sei... mas aquilo está agarrado a eles... é difícil. Às vezes, vou para ali sentar-me e chegam alguns... vê-se mesmo que estão à marca... Ora (folha 6) última, até parece que vão morrer. Depois espetam a seringa e acalmam... É pior que o vinho.

- Há muito vinho também?

- Agora é menos. Mas noutro tempo havia muitos que abusavam. De manhã, quando a gente ía para o trabalho, ainda havia alguns que dormiam aí nos passeios. Agora é mais malta nova que passa aí. Às vezes à noite acordam toda a gente com o barulho. Vão p'rás discotecas... e quando voltam já vêm encharcados.”

Abanava a cabeça constantemente. Os olhos fitos na rua. Olhou o relógio.

- Já são seis e meia, vou ter com a patroa (esposa) ve-se ela precisa de ajuda para a janta...

Quis pagar. Disse-lhe que não, que o convite era meu. Agradeceu.

- Se quiser, outro dia...

- **Obrigado**

- Então Adeus, e bom trabalho.

- **Adeus e obrigado, se calhar venho outro dia.**

- Quando quiser... venho sempre aqui...

Afastou-se lentamente. Esperou na berma e atravessou a rua. Passou ao lado de dois jovens com aspecto de quem aguardava pela droga.

Abanou a cabeça. Fez um gesto com a mão e desapareceu em direcção à Calçada do Combro.

Fiquei mais um pouco. Um pouco mais de conversa com a mulher do café.

Soube que há por ali a morar muita gente de fora. Emigrantes. Muitos brasileiros, alguns cabo-verdianos.

Ela acha que eles é que trouxeram para cá as “desgraças”. Ainda assim, procura dar-se bem com eles aqui no café. Sempre são clientes, e é disto que ela vive.

As tradições mudaram. Agora ouve-se muita música africana e, na rua, algumas línguas estrangeiras: Crioulo, vozes do leste e brasileiro, é claro.

4.6

**R. Regueirão dos Anjos –**

**Encontro com o Sr. ANSELMO**

**9/8/09 – 16 horas**

Como é normal, em observações deste tipo, utilizo quase sempre locais de observação que a facilitem, pelo menos na fase inicial. São “plataformas espaciais” como lhe chamou *Luís Fernandes*.

Neste caso, como já o fizera antes, entrei na Leitaria Portugal, na Av. Almirante Reis, mesmo em frente da entrada da Rua do Regueirão dos Anjos.

Sentei-me na mesa do meio perto da porta.

É uma espécie de comedor com cinco mesas, e que desemboca ao fundo numa sala maior.

Ao balcão, velhos clientes, a julgar pela familiaridade com que tratam o dono, bebem e comem de pé. Falam alto e os temas tem a ver com aventuras vividas em comum.

Enquanto bebo um chá, entram duas mulheres e um bebé. Claramente mãe filha e neta.

A mãe com aspecto de mulher sofrida, fala asperamente com a filha, enquanto a criança chora, talvez assustada com a voz da avó. A filha escuta impávida enquanto balança exageradamente o bebé. Tem um ar desleixado, ou mesmo degradado. Os dentes comidos pela droga identificam claramente os percursos de vida daquela mulher, enquanto o olhar vazio, revelam futuros sem sonhos.

Sentam-se ao fundo, na sala grande, e deixo de os ouvir.

Espero pacientemente, na tentativa de poder conversar com algum residente.

No balcão a conversa desenrola-se bem perto de mim. Falam, melhor criticam a “volta a Portugal”, que não é nada...

“Nem passa pelo Algarve nem por Alcobça (?) nem vai à maior parte do país... não lhe chamem volta a Portugal... prontos!

- Meto-me na conversa.

**- Nem lhe chamem volta, porque as etapas não tem ligação!**

Olham para mim com ar espantado mas o primeiro reage de imediato:

- Vês, não vos digo? Ele também vê a coisa assim... (aponta para mim). E olha que ele deve saber muito...

... Está farto de escrever.

Interpela-me directamente:

- Então o senhor não acha que a volta é uma vergonha?

- **A volta e outras coisas (provoco-os)**

- Pois, pois... olha isto, (aponta lá para fora) é que não tem volta... Esta malandragem toda... (soltava a revolta enquanto abanava a cabeça) O que havia aí, no Regueirão... e o que é agora...

Fez-se silêncio. Os três pareciam ter mergulhado nas suas memórias. Poderia ter sido o momento de uma boa abordagem, mas o café estava cheio, e com alguns clientes a quem não queria expor esta conversa.

Levantei-me, pedi a conta e paguei.

Saí lentamente e á porta, já no passeio parei a olhar para a Rua do Regueirão.

O homem que me interpelava, veio também à porta. Tentei não perder esta segunda oportunidade e perguntei:

- **Diga-me por favor Sr...**

- Anselmo (N.F!)

- Sr. Anselmo, esta Rua, afinal como é que se chama? Do Regueirão dos Anjos ou Rua dos Anjos?

- Esta é a do Regueirão dos Anjos. A rua dos Anjos é aquela que passa por cima, depois das escadinhas.

- Ah! Desculpe, mas no mapa isto vem tudo trocado.

- Mas é assim como lhe digo.

Eu sei porque tive ali uma oficina quase quarenta anos. Agora não... agora estou reformado. Vi esta Rua que era uma alegria. Todos se conheciam, dávamo-nos bem. Nas festas...

- Havia festas aqui?

- Se havia festas? Oh, senhor aquilo é que eram festas ali no largo do Regueirão, depois das escadinhas... Era outro tempo. Os miúdos brincavam aí... e não havia azar. Eu lembro-me que enquanto o sol não se pusesse, a rua estava cheia de miúdos. Depois iam todos para casa e à noite eram os namorados aí nas portas das casas... eram bonito!

Parece mesmo agora... Ninguém pode passar por aí à noite... e até de dia. Olhe! As empregadas ali da Sopa dos Pobres, (centro de acolhimento da Sta. Casa da Misericórdia, na Almirante Reis uns metros mais acima) têm uma porta de saída para a Rua do Regueirão. Acredite que havia um polícia,... que era pago por eles... e que as acompanhavam até aqui ao princípio da rua, porque elas tinham medo... E não se respeita nada. Chagaram a cagar... desculpe a palavra... mas é mesmo assim, a cagar na minha entrada... da oficina.

- Mas dizem que a Polícia limpou a rua!

- O quê? Eles que me digam isso a mim. Eu é que vejo... estou aqui todos os dias. Vieram aí, vieram, mas sabe o que aconteceu ? ... Eles fugiram um bocadinho mais para a frente e ficaram ali nas escadinhas da Rua dos Anjos. No dia seguinte já estavam aí outra vez.

... Então! Eles dormem aí... aqui há tempos até morreu um aí... veio com a irmã, ela foi ali ao Martim Moniz comprá-la e ele... pumba. Meteu-a toda... e foi-se. Coitado, estava ali no chão estendido como um cão... Vidas!

- Mas eles são daqui, ou são passantes?

- Alguns são daqui... e os outros também... Já estão aqui há tanto tempo... há anos... Praticamente vivem aqui. Olhe, se vier aqui logo a partir das oito eles começam a chegar. Olhe!... está a ver esta tabacaria que está ali na esquina... que vende tabaco, não é?... (sorria) Se vier ali logo à noite só vê eles aí a comprarem cerveja à janela e a bebê-las cá fora... e não podem vender cervejas... mas toda a gente sabe... olhe para ali! (aponta para uma casa em frente) olhe o que diz ali...

Olhei. Numa pequena varanda com vasos de flores secas, pendurada nas barras torcidas da grande varanda, uma tabuleta afirma: “Compram-se Jóias e ouro usados”

- Vê? É tudo assim. Olhe ali. Naquela porta com o toldo vivem dois... andam no gamanço.

A mim não me fazem mal... conhecem-me bem. Mas deram cabo disto tudo. Comem aí, alguns até tiram coisas do caixote do lixo. Dormem aí... Logo por volta das nove horas começam a chegar as carrinhas com comida... Não deviam fazer isso. Deviam levá-los daqui para um sítio com condições onde os tratassem...

Por causa deles o pessoal, foi-se quase todo embora. Olhe o café do Largo! Está fechado. Há uma data de anos e não consegue alugar. Logo aqui à entrada... agora é uma

garagem. Mas dantes era um ferro-velho. Até isso fechou... e havia oficinas e tudo... fecharam todos.

Aquele prédio ali no Beco da Índia,... conhece?

Está quase a cair. Só não haverá uma tragédia porque já quase ninguém lá mora... (pareceu reflectir um pouco) Desculpe, senhor... estou para aqui a empatá-lo... E o senhor deve ter mais que fazer...

- Nada disso, foi muito bom conversar consigo, e agradeço-lhe.

Contei-lhe então porque me interessava por aquele lugar.

- Eu bem me parecia que o Senhor tinha Estudos.

- Todos sabemos muitas coisas... Eu não sabia as coisas que o Senhor me acabou de contar e, como vê, são saberes que eu preciso. Agradeço-lhe muito.

- O Senhor havia de gostar de falar é com a Senhora do ferro-velho... Ela é que sabe histórias... às vezes ela vem por aí... Diga-me lá:

O Sr. Não acha que a polícia os devia tirar daqui?

- Eles também são vítimas... e são doentes. São outros que lhas vendem e se servem deles.

- Pois, pois. Eles (a polícia) às vezes apanham-nos mas a justiça deita-os logo para fora... no dia seguinte já estão aí outra vez. E mesmo esses tem outros grandes atrás deles... e esses... estão bem protegidos...

- Há sempre alguém acima... é a nossa forma de viver.

- (uns segundos em silêncio) ... Sabe? Eu gostava mesmo deste sítio e tenho pena... Assim não é para nós nem é para eles...

Pus-lhe a mão no ombro e em jeito de despedida disse-lhe:

- Talvez um dia volte a ficar um sítio bonito. A cidade é assim mesmo, transforma-se. Quem sabe se os seus netos, ou os filhos deles não voltam a brincar ali...

- Era bom, era.

- Obrigado Sr. Anselmo. Um dia volto para me contar mais histórias...

Estendeu-me a mão que apertei.

Passei a Avenida para o outro lado. Voltei-me. Continuava ali. Voltou a acenar-me.

**Anexo 5 - Quadro referencial dos indivíduos observados**

Nota: Todos os nomes inscritos no quadro seguinte, tal como os inscritos nos textos do trabalho, são correspondentes, embora obviamente fictícios.

---